



engenharias veladas

Ernesto Dias de Castro
e a formulação de redes
sociais, comerciais e
profissionais em
São Paulo (1895-1955)

Carlos Thaniel Moura

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

CARLOS THANIEL MOURA

**ENGENHARIAS VELADAS:
ERNESTO DIAS DE CASTRO E A FORMULAÇÃO DE REDES SOCIAIS,
COMERCIAIS E PROFISSIONAIS EM SÃO PAULO (1895-1955)**

**GUARULHOS
2021**

CARLOS THANIEL MOURA

**ENGENHARIAS VELADAS:
ERNESTO DIAS DE CASTRO E A FORMULAÇÃO DE REDES SOCIAIS,
COMERCIAIS E PROFISSIONAIS EM SÃO PAULO (1895-1955)**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em História
Universidade Federal de São Paulo
Área de concentração: História e
Historiografia
Orientador: Fernando Atique

**GUARULHOS
2021**

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da FAPESP e da CAPES.

Esta pesquisa contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Processo 2018/05032-1, bem como de uma Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior - FAPESP (Processo 2019/22855-4).

MOURA, Carlos Thaniel.

Engenharias veladas : Ernesto Dias de Castro e a formulação de redes sociais, comerciais e profissionais em São Paulo (1895-1955) / Carlos Thaniel Moura. – 2021. – 168 f.

Dissertação de Mestrado em História. – Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Orientador: Fernando Atique.

Título em inglês: Veiled Engineering: Ernesto Dias de Castro and the making of social, commercial and professional networks in São Paulo (1895-1955).

1. Ernesto Dias de Castro. 2. Casas Comerciais. 3. Comércio. 4. Cidade. 5. São Paulo. I. Atique, Fernando. II. Engenharias veladas: Ernesto Dias de Castro e a formulação de redes sociais, comerciais e profissionais em São Paulo (1895-1955).

CARLOS THANIEL MOURA

**ENGENHARIAS VELADAS:
ERNESTO DIAS DE CASTRO E A FORMULAÇÃO DE REDES SOCIAIS,
COMERCIAIS E PROFISSIONAIS EM SÃO PAULO (1895-1955)**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em História
Universidade Federal de São Paulo
Área de concentração: História e
Historiografia

Aprovação: ____/____/_____

Prof. Dr. Fernando Atique
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Janes Jorge
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dra. Cristina Mehrtens
University of Massachusetts Dartmouth

*À minha mãe, Edineide e ao meu anjinho
na terra, Sniffer, com muito carinho.*

AGRADECIMENTOS

Por mais que este trabalho seja fruto de uma pesquisa individual, considero que nada se constrói sozinho. Nessa perspectiva, acredito no trabalho que é realizado em grupo, seja por meio de reuniões, congressos, leituras compartilhadas ou por tantas outras atividades possíveis na vida de um(a) pesquisador(a).

No que se diz respeito à realização da pesquisa e sua inserção em diversas frentes do conhecimento científico, agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP, por meio do convênio com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, a concessão de bolsa de mestrado para a realização desta dissertação (Processo 2018/05032-1). À FAPESP agradeço, ainda, a concessão da Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior, (Processo 2019/22855-4). O financiamento foi essencial para alcançarmos os objetivos traçados no projeto de pesquisa *Engenharias discretas: Ernesto Dias de Castro e a formulação de redes sociais, comerciais e profissionais em São Paulo (1895-1955)*.

Meu agradecimento ao querido amigo e orientador Prof. Dr. Fernando Atique que pacientemente me conduziu no processo de pesquisa durante os três anos de mestrado, e antes mesmo ainda na graduação em História, quando iniciava meus estudos em História Urbana. Sua orientação foi fundamental para os resultados dessa dissertação e para a vida. Agradeço pelo carinho, quando as tempestades da vida caíram sobre mim; pelos conselhos, nas horas em que eu não encontrava o caminho e as soluções; pela dedicação, em dispor de seu tempo para me guiar no mundo acadêmico e me apresentar novos horizontes; pela paciência ao me ver crescer e desenvolver através dos meus textos e apresentações na minha jornada acadêmica e por cada oportunidade a mim ofertada, pois enxergava em mim um potencial que muitas vezes eu mesmo não percebia. Obrigado querido amigo e orientador. Só tenho a agradecer pela História ter sido o elo que nos conectou neste espaço-tempo de nossas vidas.

Agradeço ao Professor Janes Jorge pelo apoio ao meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em História da UNIFESP e por sua contribuição nas recomendações de textos fundamentais dos temas abordados em minha pesquisa.

À *Professor* Cristina Mehrrens, agradeço também, por ser minha supervisora durante meu período como *Visiting Scholar* na *University of Massachusetts Dartmouth*, USA e seu cuidado para comigo, na minha estadia em Providence, RI, USA. Carrego comigo cada conselho, risadas e nossas caminhadas pelo *Blackstone Boulevard*.

Agradeço à Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, pelo suporte e acesso ao ensino superior e público de qualidade. Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História e aos colegas da turma de mestrandos de 2018, que fizeram parte dessa minha trajetória no mestrado em História ser mais amena, meus sinceros agradecimentos.

Agradeço à minha querida amiga Michele Dias, que sem dúvidas esteve ao meu lado em todos os momentos dessa jornada no mestrado. Seja comemorando cada etapa concluída, ou me auxiliando semanalmente com suas orientações para minha pesquisa no exterior. E chegando lá, mesmo distante, seu apoio se tornou presente em todos os momentos. Sua paciência e carinho para comigo é de uma delicadeza sem igual. Também agradeço por sempre me motivar e o tempo dedicado à revisão do texto dessa dissertação.

“Vai um docinho aí?”. Foi assim que minha querida amiga Paula Broda perguntava quando o desânimo aparecia. E com muito carinho transformava minha tarefa de escrita mais doce. Agradeço por mergulhar comigo na vida de Ernesto Dias de Castro e me auxiliar no processo de revisão do texto. A vida fica mais leve com amigas como você.

Agradeço à minha amiga Raissa Marcondes, que assim como eu, da turma de mestrandos de 2018, estive no processo exaustivo da escrita da dissertação e mesmo assim, sempre se dispôs a me auxiliar quando precisei.

Sou muito grato também à minha amiga Vanessa Lima, que sempre estendeu a mão para me auxiliar em várias frentes da minha vida, fosse ela pessoal, profissional ou acadêmica. Seu ombro amigo foi fundamental para que hoje eu compreendesse melhor o significado de generosidade.

Agradeço à Renata Gerassati que mesmo distante pela pandemia do Coronavírus, se tornou presente por meio nas chamadas de vídeo para tratar das nossas angústias e conquistas cotidianas.

Agradeço ao grupo de pesquisa Cidade, Arquitetura e Preservação em Perspectiva Histórica (CAPPH), com menção especial ao Diógenes Sousa, Osvaldo Meca, Paola Pascoal, Cristiane Gonçalves, Hennan Gessi, Philippe Reis, Leonardo Novo e Jaíne Diniz. Obrigado a todos os colegas por serem essa rede de apoio sempre que possível.

Agradeço o apoio da minha família e dos meus amigos que nunca deixaram de acreditar no amor que sinto pelo meu ofício de historiador.

A todos os funcionários das instituições arquivísticas e bibliotecas que atenciosamente auxiliaram nos mais diversos percalços que a pesquisa acadêmica nos impõe, abrindo caminhos outrora impossíveis de se ter acesso.

No mais, viva à Universidade Pública.

*A biografia é o lugar por excelência da
pintura da condição humana em sua
diversidade, se não isolar o homem ou não
exaltá-lo às custas de seus dessemelhantes.*

Philippe Levillain, Os protagonistas: da
biografia

RESUMO

A Casa Comercial e Importadora *Ernesto de Castro & Cia.*, sucessora da *Azevedo, Bueno & Cia.*, administrada pelos sócios Ernesto Dias de Castro (1873-1955) e Francisco de Paula Ramos de Azevedo (1851-1928), passou a funcionar na capital paulista em 1903, situada à Rua do Rosário, 17, no centro comercial da cidade à época. Estabelecida com objetivo de fornecer ao mercado da construção civil materiais e artigos nacionais e importados, a empresa operou em diferentes cenários econômicos, apresentando bastante relevância nas transformações da paisagem urbana de São Paulo até a sua dissolução em 1967. O estudo da companhia enseja o entendimento sobre as mudanças urbanas ocorridas em São Paulo na primeira metade do século XX, processo que se vincula à trajetória de um empresário do urbano que atuou significativamente em outros empreendimentos ligados ao mercado imobiliário: Ernesto Dias de Castro. Engenheiro civil, diplomado pela Escola Politécnica de São Paulo, comerciante e professor, Castro atuou no processo de expansão da urbanização da cidade, e é uma figura central para a história urbana de São Paulo. Sua biografia, elaborada a partir do levantamento de fontes em suas múltiplas tipologias, permite compreender a inserção deste ator social na rede de sociabilidade e espaço urbano paulista, seja em micro ou macro análise. A partir das redes conformadas por este indivíduo, o comércio se consolida como importante peça para as análises referentes ao intercâmbio de ideias – trocas nacionais e internacionais – estabelecendo uma compreensão de casas comerciais e importadoras no âmbito da construção civil em São Paulo, para além de suas alianças nacionais.

Palavras-chave: Ernesto Dias de Castro. Casas Comerciais. Comércio. São Paulo.

ABSTRACT

The Trade Market *Ernesto de Castro & Cia.*, successor to Azevedo, Bueno & Cia., was managed by the partners Ernesto Dias de Castro (1873-1955) and Francisco de Paula Ramos de Azevedo (1851-1928). It started to operate in São Paulo capital in 1903, located at 17, Rosário Street, in the commercial area. Established with the objective of supplying domestic and imported materials and articles to the civil construction market, the company operated in different economic scenarios and was an agent in the transformations of the São Paulo's urban landscape until its dissolution in 1967. The company's study entails the understanding of the urban changes that took place in the city during the first half of the 20th century. This process is linked to the trajectory of an urban entrepreneur who has worked significantly in other projects related to the real estate market: Ernesto Dias de Castro. Graduated by Escola Politécnica de São Paulo as civil engineer, he was also a merchant and a teacher. Castro had an important presence in the process of expanding the urbanization of the city, as was well a central figure in the urban history of São Paulo. His biography, drawn from the survey of sources in their multiple typologies, allows us to understand the insertion of this social actor in the network of sociability and urban space in São Paulo, whether in micro or macro analysis. Based on the networks formed by this individual, commerce consolidates itself as major for analyzes related to the exchanges of ideas - national and international - establishing an understanding of commercial and import houses in the scope of civil construction in São Paulo.

Keywords: Ernesto Dias de Castro. Trade Market. Commerce. Sao Paulo.

LISTA DE FIGURAS

Capa. Aquarela do Edifício “Casa Ramos de Azevedo” c. 1922. *Fonte:* REIS FILHO, Nestor Goulart. *Aspectos da História da Engenharia Civil em São Paulo: 1860-1960.* São Paulo: CBPO-Kosmos, 1989; Ernesto Dias de Castro. *Fonte:* Arquivo Histórico de São Paulo. Processo 11956.

Figura 1. Aquecedor a gás importado pela Ernesto de Castro & Cia, na residência de Felisberto Ranzini.....	25
Figura 2. Elíbia Maciel e Pedro Dias de Castro	39
Figura 3. Ernesto Dias de Castro. Pormenor do quadro de fotografias dos comerciantes paulistas, c. 1913..	39
Figura 4. Árvore genealógica das famílias Dias de Castro e Ramos de Azevedo.....	40
Figura 5. Primeira estação de Bagé da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (V.F.R.G.S.), 1884.	42
Figura 6. Ataliba Batista de Oliveira Valle, s/d.....	44
Figura 7. Izabel Dias Valle.....	45
Figura 8. Colégio Militar do Rio Grande do Sul, atual Colégio Militar de Porto Alegre..	46
Figura 9. Trincheira na Praça da Matriz, em Bagé. 1893.....	47
Figura 10. Itinerário do paquete Rio Pardo.	51
Figura 11. Aída de Castro Valle, Lúcia de Castro Valle, Ataliba Batista Oliveira do Valle, Izabel de Castro Valle, Elíbia Antunes Maciel (Castro).	54
Figura 12. Primeira turma de engenheiros civis formados pela EPSP em julho de 1899	57
Figura 13. Ernesto Dias de Castro e Lúcia Azevedo Dias de Castro, s/d.	59
Figura 14. Casas geminadas construídas para Lúcia e Laura Ramos de Azevedo situadas à Rua Pirapitingui, no bairro da Liberdade.	60
Figura 15. Residência de Mário Dias de Castro situada à Avenida Paulista, 186.....	63
Figura 16. Mário e Izabel Dias de Castro, no jardim de sua residência na Avenida Paulista..	64
Figura 17. Planta com corte longitudinal da Residência de Mário Dias de Castro, 1914	65

Figura 18. Planta com corte longitudinal da Residência de Mário Dias de Castro, 1914	65
Figura 19. Planta alta da Residência de Mário Dias de Castro na Avenida Paulista	66
Figura 20. Fachada Lateral do projeto para Residência do Dr. Ernesto de Castro à Avenida Paulista, 186.	68
Figura 21. Mansarda do projeto para Residência do Dr. Ernesto de Castro à Avenida Paulista, 186	69
Figura 22. Residência do Dr. Ernesto de Castro à Avenida Paulista, 37	70
Figura 23. Detalhe do <i>hall</i> de entrada da residência do Dr. Ernesto de Castro.....	71
Figura 24. Palacete Dias de Castro na Avenida Atlântica, 510.....	72
Figura 25. Palacete Dias de Castro à esquerda e Edifício Ernesto Dias de Castro à direita..	72
Figura 26. Projeto de apartamentos de Ernesto Dias de Castro pelo Escritório Severo & Villares.	73
Figura 27. Anúncio Fúnebre, com destaque para a morte de Ernesto Dias de Castro comunicada pelos funcionários da casa comercial	73
Figura 28. Rua do Rosário em 1903.....	78
Figura 29. Largo do Rosário, com destaque para a Rua São Bento, e a Chapelaria Alberto, Confeitaria Castellões e a <i>Bon Marchè</i> (Casa Mathias)	79
Figura 30. Anúncio da firma <i>Azevedo, Bueno & Cia.</i> com destaque para a frase “Casa fundada em 1889”.....	80
Figura 31. Rua do Rosário em 1904.....	81
Figura 32. Filtro <i>Chamberland</i> – Sistema <i>Pasteur</i>	84
Figura 33. Aparelho de desinfecção tipo P-2 importado da Geneste, Herscher & Cie. pela Azevedo, Bueno e Cia no ano de 1896.....	85
Figura 34. Nota fiscal referente ao fornecimento de dobradiças e fechaduras para a obra do Ginásio do Estado, 1896.....	87
Figura 35. Propaganda da <i>Azevedo, Bueno & Cia.</i> anunciando a cerveja Javali	89
Figura 36. Anúncio produzido pela <i>Azevedo, Bueno & Cia.</i> descrevendo a lista de alimentos e bebidas para o atacado	89

Figura 37. Recorte da propaganda da Cia. Mc. Hardy anunciando a <i>Ernesto de Castro & Cia.</i> como um de seus agentes na cidade de São Paulo.....	93
Figura 38. Fotografia da construção do Theatro Municipal de São Paulo cercado pelos andaimes em 15 de março de 1905.....	95
Figura 39. Fotografia do <i>Theatro</i> Municipal de São Paulo e o Vale do Anhangabaú, sem as moradias do início do século, c. de 1920-1930	96
Figura 40. Planta anexada ao requerimento de construção de pavimento aos fundos do prédio da <i>Ernesto de Castro & Cia.</i> , 17.	98
Figura 41. Edifício Dr. Pádua Salles	99
Figura 42. No térreo a casa comercial <i>Ernesto de Castro & Cia.</i> e no balaústre do segundo andar, placa da Companhia Iniciadora Predial	100
Figura 43. Anúncio dos produtos comercializados pela <i>Ernesto de Castro & Cia.</i> , bem como a representação de suas marcas. Destacamos o final do anúncio com menção à Serraria central com dois endereços.....	101
Figura 44. Projeto de prolongamento dos Armazéns da <i>Ernesto de Castro & Cia.</i>	102
Figura 45. Projeto de prolongamento dos Armazéns da <i>Ernesto de Castro & Cia.</i>	103
Figura 46. Fachada atual dos antigos armazéns da <i>Ernesto de Castro & Cia.</i>	104
Figura 47. Vista aérea por satélite da região onde foi instalado os galpões da <i>Ernesto de Castro & Cia.</i> , com destaque para a marcação em vermelho da sua localização atual na região do Brás.....	104
Figura 48. Edifício “Casa Ramos de Azevedo”, situado a Rua Boa Vista, com destaque para as propagandas da Casa de Importação <i>Ernesto de Castro & Cia.</i> na empena cega do prédio, c. 1922	105
Figura 49. Propaganda da <i>Ernesto de Castro S/A – Comercial e Importadora</i> em uma caixa de fósforos	107
Figura 50. Recorte da página de anúncios de Homenagem da Indústria e Comércio ao 1º de Maio.....	109
Figura 51. Anúncio da <i>Ernesto de Castro & Cia.</i> com destaque para a <i>United States Steel Products Company</i>	117

Figura 52. Nota fiscal da <i>Ernesto de Castro & Cia</i>	122
Figura 53. Propaganda sobre o Cal de Lililand	136
Figura 54. Planta da Bacia Calcária da Fazenda Lilyland.....	137
Figura 55. Anúncio de abertura da Empresa de Eletricidade São Paulo e Rio	138
Figura 56. 1º Conselho de Administração do Banco Mercantil de São Paulo.	139
Figura 57. Anúncio da Azevedo, Miranda & Cia.....	140
Figura 58. Inauguração da Lar Nacional	140
Figura 59. Anúncio da Lar Nacional S/A.....	141
Figura 60. Rua Ernesto de Castro.....	146

LISTA DE TABELAS

Quadro 1. Síntese dos anúncios e informes dos materiais comercializados pela <i>Azevedo, Bueno & Cia.</i> entre os anos de 1889 e 1899. Sistematização: Carlos Moura.	82
Quadro 2. Sistematização dos informes do Correio Paulistano sobre os produtos importados pela <i>Ernesto de Castro & Cia.</i>	112
Quadro 3. Ernesto Dias de Castro e seus negócios entre 1900 e 1910.	127
Quadro 4. Ernesto Dias de Castro e seus negócios entre 1911 e 1920.	128
Quadro 5. Ernesto Dias de Castro e seus negócios entre 1921 e 1930, parte I.	129
Quadro 6. Ernesto Dias de Castro e seus negócios entre 1921 e 1930, parte II.....	130
Quadro 7. Ernesto Dias de Castro e seus negócios entre 1931 e 1940.	131
Quadro 8. Ernesto Dias de Castro e seus negócios entre 1941 e 1950, parte I.	132
Quadro 9. Ernesto Dias de Castro e seus negócios entre 1941 e 1950, parte II.....	133
Quadro 10. Ernesto Dias de Castro e seus negócios entre 1951 e 1955	133
Quadro 11. Ernesto Dias de Castro e seus negócios sem data de sua entrada.	134

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Sociedades comerciais de Ernesto Dias de Castro	135
---	-----

LISTA DE MAPAS

- Mapa 1.** Mapa esquemático. Malha Ferroviária do Rio Grande do Sul, 189843
- Mapa 2.** Pormenor do Mapa Topográfico do Município de São Paulo, executado pela empresa SARA Brasil S/A. Folha 52-21, 1930 68
- Mapa 3.** Pormenor da Planta da Cidade de São Paulo de 1895 com detalhe para a localização da firma *Azevedo, Bueno & Cia.* na antiga Rua do Rosário, região central da cidade..... 88
- Mapa 4.** Pormenor da Planta da Cidade de São Paulo de 1895 com destaque para a localização da *Azevedo, Bueno & Cia.* no número 53 da legenda da planta, pelas ruas da Alfândega e Paula Souza.90
- Mapa 5.** Países que importavam pela *Ernesto de Castro & Cia.* à EPSP (1903 a 1933)... ..115

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AHEP - USP	Arquivo Histórico da Escola Politécnica – Universidade de São Paulo
AHM	Arquivo Histórico Municipal - São Paulo
APESP	Arquivo Público do Estado de São Paulo
ATJSP	Arquivo do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo
BEPE	Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior
BMA	Biblioteca Mário de Andrade – São Paulo
CONDEPHAAT	Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo
CONPRES	Conselho do Patrimônio Histórico de São Paulo
DOESP	Diário Oficial do Estado de São Paulo
DOU	Diário Oficial da União
EDC	Ernesto Dias de Castro
EPSP	Escola Politécnica de São Paulo
F.B.R.	Ficha de Breve Relato
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FAU - USP	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo
FFLCH-USP	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo
IPT	Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo
JUCESP	Junta Comercial do Estado de São Paulo
PRP	Partido Republicano Paulista
PRR	Partido Republicano Rio-grandense
UMassD	<i>University of Massachusetts Dartmouth</i>
V. F. S.	Vara da Família e Sucessões
VFRGS	Viação Férrea do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

Introdução, ou de como biografar é valer-se de um periscópio da História	22
Capítulo 1 - Ernesto Dias de Castro: conexões entre engenharia o comércio na Pauliceia (1873 - 1955).....	38
1.1 Ernesto Dias de Castro: os nós e os fios de suas redes.....	38
1.2 Ernesto Dias de Castro em São Paulo: a expansão de suas redes sociais e familiares a partir de 1895.....	51
1.3 Os anos depois da Politécnica: o empreendedor do urbano	60
Capítulo 2 - Uma casa comercial em ascensão: Percursos da <i>Ernesto de Castro & Cia.</i> na construção civil (1903 - 1967)	76
2.1 Precedentes, caminhos e sociedades: a Azevedo, Bueno & Cia. (1889 - 1902)	76
2.2 <i>ERNESTO DE CASTRO & CIA.</i> : uma nova sociedade familiar	92
Capítulo 3 - Construção civil entre redes: atores sociais e suas conexões no comércio de importação e distribuição de materiais de construção em São Paulo.....	120
3.1 O Complexo da construção civil pela via do comércio	120
3.2 Espacializando empreendimentos: entrecruzamentos de comércio e construção por meio de Ernesto Dias de Castro.....	123
Referências	148
Apêndice	162
Anexo(s)	184

Introdução, ou de como biografar é valer-se de um periscópio da história

A investigação e escrita da História, por muitas vezes, se assemelha a observar alguém por um periscópio. Esse instrumento, utilizado em submarinos ou dentro das trincheiras em períodos de guerras, auxiliava soldados a observarem o seu alvo por meio de sua imagem refletida em dois espelhos paralelos, a uma distância segura e imperceptível. O trajeto da luz entra pela estrutura que possui uma forma semelhante à letra Z, alcança o primeiro espelho, que reflete para o segundo. O observador, ao olhar pela outra extremidade do periscópio, consegue enxergar tudo o que estava fora da sua visão, aprendendo sobre os movimentos e estratégias do seu alvo, de modo imperceptível. O uso do periscópio e a proposta desta dissertação partiram de um ponto em comum: observar uma figura em meio a tantos personagens que compõem a sociedade paulistana do início do século XX. Esta figura é o engenheiro civil e empreendedor do urbano, Ernesto Dias de Castro (1873-1955).

O primeiro contato com o nome “Ernesto Dias de Castro” se deu ainda na graduação em História, por meio de uma pesquisa de iniciação científica sobre os projetos residenciais desenvolvidos pelo Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo¹ na virada do século XIX para o século XX. O objetivo da pesquisa foi compreender o espaço doméstico da cidade de São Paulo e identificar os logradouros dessas residências. Com os resultados obtidos, foi realizada uma segunda pesquisa, na qual tinha por objetivo identificar os desdobramentos das alianças

¹ O Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo foi um escritório de projetos de arquitetura que exerceu suas atividades durante 94 anos (1886-1980) na cidade de São Paulo (BUENO, 2015). Segundo Beatriz Bueno, é possível identificar duas fases no escritório: a primeira que consolida o *Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo* (também conhecido por *Ramos de Azevedo & Cia.*) sob o comando de Ramos de Azevedo junto aos seus associados; a segunda fase se iniciou após a morte de seu fundador em 1928, configurando outra diretoria que seria ocupada por Ricardo Severo da Fonseca e Arnaldo Dumont Villares (genro de Ramos de Azevedo) sob a razão social *Escritório Técnico “Ramos de Azevedo”, Severo e Villares & Cia. Ltda.* O nome de Ramos de Azevedo aparecia em destaque na nova denominação da empresa em homenagem ao engenheiro-arquiteto e fundador do escritório. Em 1946, mesmo ano do falecimento de Ricardo Severo, Arnaldo Dumont Villares assume como diretor presidente o escritório com nova denominação, alterada para *Severo & Villares – Projetos e Construções S/A*. Com a morte de Arnaldo Dumont Villares em 1965, a diretoria do empreendimento passou para Roberto Batista Pereira de Almeida e Affonso Iervolino. As atividades que até então eram desempenhadas pela firma foram encerradas em 1980, quando os acionistas a transformaram em *Severo & Villares – Projetos e Construções Ltda.* e passaram a exercer outras atividades (JUCESP, F.B.R., 24 de dezembro de 1946). Atualmente sua razão social é *Severo & Villares – Projetos e Construções S/A* (Sociedade por Ações). Para mais informações acessar: <<https://www.severovillares.com.br/>> Acesso em 28 de abril de 2021.

profissionais de Francisco de Paula Ramos de Azevedo² no setor de construções pela cidade³. Foi então que Ernesto Dias de Castro, seu genro, apareceu como um potencial elo nas atividades exercidas por Ramos de Azevedo. Ao buscar por informações sobre este profissional, a bibliografia existente até aquele momento indicava sua participação em atividades comerciais na cidade de São Paulo como diretor de uma casa comercial e importadora para materiais de construção. Esta informação despertou questões sobre sua atuação na formação da cidade, tal como compreender o processo de obtenção dos materiais de construção utilizados nas obras espalhadas pela cidade. Uma parcela dessas construções foi registrada em fotografias no Álbum do Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo, um catálogo publicado com os principais projetos do escritório sob o comando de Ramos de Azevedo até 1900, em que retrata uma São Paulo em processo de transformação de sua paisagem urbana, como apontado pela historiografia corrente, mas que não lidam com a dicotomia da demolição e construção pela perspectiva de companhias relacionadas à essas atividades.

O estudo biográfico e histórico de Ernesto Dias de Castro trazia muitos desafios e como dito anteriormente, foi pela pesquisa voltada às relações profissionais de F. P. Ramos de Azevedo que foi possível construir caminhos possíveis para uma investigação mais detalhada.

² Francisco de Paula Ramos de Azevedo (1851-1928), nasceu em São Paulo no dia 8 de dezembro de 1851, filho de Ana Carolina Azevedo e João Marins de Azevedo. Residiu na cidade de Campinas durante uma parcela significativa da sua infância e juventude. cursou o ensino secundário pela Escola Militar do Rio de Janeiro, mas retornou à Campinas em 1875, sem completar os anos que lhe restavam para seguir na carreira militar. No mesmo ano de seu retorno do distrito federal, prosseguiu rumo à Europa e iniciou seus estudos em engenharia e arquitetura na cidade de Gante, Bélgica, diplomando-se então em Engenheiro-Arquiteto no ano de 1878. Regressou ao Brasil no ano seguinte, iniciando as atividades de seu escritório de projetos em Campinas. Mesmo atuando em Campinas, ele esteve na direção das obras do Edifício do Tesouro a partir de 1886, que já contava com um projeto inicial e o lançamento da pedra fundamental desse mesmo edifício em 1881. A obra foi inaugurada em 1891 no largo do Palácio, atual *Pátio do Colégio*. No ano seguinte, lhe é confiado o projeto da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, finalizado em 1896. Estas obras impulsionaram sua atuação em outros projetos ligados ao poder público e a particulares na cidade de São Paulo. Ainda em 1891 fixou residência na região da Liberdade, em um palacete situado à Rua Pirapitingui. A marca de sua profissão ficou reconhecida pelo seu escritório, conhecido por Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo, o que muitas vezes na história da arquitetura é confundido com o próprio engenheiro, pois ainda que este escritório fosse composto por muitos profissionais, a prática exercida de identificar o(s) autor(es) do projeto se dava pelo reconhecimento do escritório e não individualmente. Isto, porém, possibilitava a Ramos de Azevedo remeter à sua própria imagem. Para além deste *bureau*, o engenheiro-arquiteto esteve envolvido nos negócios da cidade por intermédio de outras empresas, criando assim uma rede de negócios urbanos envolvendo estrategicamente empresas relacionadas a loteamentos, projeção de casas de elite e de setores médios, atividades bancárias, comércio e importação de materiais de construção civil e entre outras. Em 1928 veio a falecer no hotel que seu escritório projetou no Guarujá, cidade balneária paulista. Sobre a biografia de Francisco de Paula Ramos de Azevedo destacamos os seguintes autores que se debruçaram na trajetória desse engenheiro-arquiteto pela cidade e estado de São Paulo: LEMOS, 1993; CARVALHO, 2000; FICHER, 2005; MENDONÇA, 2010 e BUENO, 2015.

³ Sobre esta análise verificar em: MOURA, Carlos T. *Ramos de Azevedo e Ernesto Dias de Castro: Alianças domésticas e espaciais em São Paulo*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado e Licenciatura em História) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2017.

Em uma aula de campo ministrada em março de 2017 pelo orientador desta pesquisa, Prof. Dr. Fernando Atique, para o Centro de Pesquisa e Formação do SESC São Paulo, a Casa Ranzini, situada na Rua Luzia, no bairro da liberdade foi objeto de estudo naquela tarde pela turma de estudantes, que teve o privilégio de serem guiados por Waldir Salvadore⁴, por cada cômodo da casa florentina, onde Felisberto Ranzini, colaborador de F. P. Ramos de Azevedo, morou por décadas após tê-la construído (SALVADORE, 2015).

Cada detalhe daquele vasto universo do morar paulistano das primeiras décadas do século XX, despertava o olhar e a curiosidade de quem observava com mais atenção cada cômodo. Dentre os artigos que compunham aquele espaço, sobretudo no banheiro do andar de cima, o aquecedor a gás, sobrevivente do tempo da construção deste espaço, indicava uma inscrição em detalhes da provável marca “Cosmos”⁵ do produto e a empresa responsável por distribuí-lo: *Ernesto de Castro & Cia*⁶.

Foi então que a potencialidade do estudo dos materiais de construção e artigos destinados aos interiores de residências e edifícios no geral ganharia fôlego para modelar um projeto de mestrado e encaminhar o processo de historiar a biografia do engenheiro cuja casa comercial apresentava indícios de ser uma das maiores de seu gênero.

⁴ Waldir Salvadore é formado em História (1985), mestre em Sociologia (2002) e autor do livro *Italiano e nosso: Felisberto Ranzini e o “estilo florentino”*, publicado pela Cultura Acadêmica em 2015. À época da visita, também era proprietário da residência que pertenceu a Felisberto Ranzini, transformada em um “laboratório de pesquisa de técnicas fotográficas do século XIX”, conhecida por Casa Ranzini (SALVADORE, 2015, p. 26).

⁵ Em nossas pesquisas realizadas *in loco* nas instituições arquivísticas ou em seus bancos de dados disponíveis eletronicamente, não foi possível identificar o histórico dessa marca, que possivelmente representava um dos fornecedores internacionais da Ernesto de Castro & Cia.

⁶ Nos referiremos à esta empresa conforme seu primeiro registro na Junta Comercial do Estado de São Paulo: *Ernesto de Castro & Cia*. (JUCESP, F.B.R., 1 de janeiro de 1903). Ao longo do texto, será possível perceber que a razão social da firma foi alterada no decorrer das décadas de sua existência.



Fig. 1. Aquecedor a gás importado pela Ernesto de Castro & Cia, na residência de Felisberto Ranzini. **Fonte:** Acervo do autor, 2017.

Consolidada a estrutura do projeto de pesquisa, o objetivo traçado foi de compreender a relação de Ernesto Dias de Castro com os processos de urbanização da cidade de São Paulo, por meio de sua casa comercial e importadora, compreendendo o ano de sua chegada a São Paulo (1895) e o de seu sepultamento no Cemitério da Consolação em 1955. Como parte disso, sua biografia, que até então se fazia velada – como que coberta por um véu nas entrelinhas da História Urbana – tornou-se um desafio no que se refere ao levantamento de fontes. Ernesto Dias de Castro não possuía acervo pessoal que permitisse a entrada em tipologias como diários, cartas, fotografias, projetos e entre outros documentos que auxiliasse a compreender as relações sociais do engenheiro e comerciante rio-grandense. Do mesmo modo pode se dizer das instituições das quais era sócio e fundador: não havia documentação dos registros de seus clientes ou catálogos de seus produtos.

A escrita da biografia de Ernesto Dias de Castro, amparada em suas relações sociais em menor escala, nos instigou a investigar suas conexões na sociedade paulista, em três atos: o social, o profissional e o comercial. Para cada um deles, direcionamos nossa investigação histórica à uma parcela de instituições arquivísticas que nos auxiliaram no processo de lidar com as dificuldades apresentadas anteriormente. Nos valemos de uma tipologia diversa de fontes (plantas de projetos de arquitetura, entrevista com familiares, requerimentos, licitações, notas fiscais, fotografias, manuais de terceiros, cartografia etc.), que se apresentavam muitas vezes como *rastros, pistas e fios* (GINZBURG, 2007) desse engenheiro pela história urbana.

Inicialmente foi realizado um levantamento de dados a partir de algumas plataformas de bases de dados *online*: a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital do Brasil⁷; o acervo do jornal O Estado de São Paulo; o Diário Oficial da União⁸ e Diário Oficial do Estado de São Paulo⁹. Esses acervos digitais constituídos por fontes disponibilizadas *online* e com possibilidades de buscas por palavras-chaves pela tecnologia OCR (*Optical Character Recognition*)¹⁰, nos permitiu trabalhar com um volume significativo de dados que cotejamos com as fontes dos arquivos e instituições de pesquisas.

⁷ Na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, concentramos nossas buscas em diversos periódicos dentre os quais destacamos, *A Federação*, onde foi possível obter informações sobre os anos de formação de Ernesto Dias de Castro no Rio Grande do Sul; e *Correio Paulistano* que possibilitou averiguar a trajetória do engenheiro na capital paulista. A Federação foi um jornal brasileiro, fundado em janeiro de 1884, como órgão oficial do Partido Republicano Rio-grandense (PRR). Impresso na cidade de Porto Alegre, sua circulação na época era de suma importância para veicular os ideários republicanos, como por exemplo, o combate à escravidão e ao regime monárquico. Dentre os seus diretores estava Júlio de Castilhos, que esteve no cargo de 1884 a 1891 quando veio a ocupar a presidência da província do Rio Grande do Sul em julho daquele ano. (SILVA, I. 2011). Em relação ao Correio Paulistano, sua primeira publicação consta a partir de 26 de junho de 1854 em São Paulo, com impressões diárias, sob a direção de Joaquim Roberto de Azevedo Marques, seu primeiro proprietário. As páginas desse jornal serviram aos interesses do Partido Republicano Paulista (PRP) e segundo Bruno Brasil, “foi ainda um órgão de sustentação das oligarquias rurais e urbanas durante a República Velha e de oposição a Getúlio Vargas” (2015). O periódico teve o seu fim em 1963, após completar mais de cem anos do primeiro exemplar publicado (BRASIL, 2015). Endereço eletrônico para acesso à plataforma da Hemeroteca Digital: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

⁸ Endereço eletrônico para acesso à plataforma JusBrasil: <https://www.jusbrasil.com.br/home>.

⁹ Endereço eletrônico para acesso à plataforma da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: <https://www.imprensaoficial.com.br/#24/07/2021>.

¹⁰ O OCR é uma tecnologia que permite o reconhecimento óptico de caracteres em arquivos de imagem, sejam eles manuscritos, digitados ou outras formas que não arquivos de textos abertos. Para mais informações sobre pesquisa em bases de dados que utilizam desse recurso para realizar suas buscas em seus acervos ver: BRASIL, Eric; NASCIMENTO, L. F. História Digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e o uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. *Estudos Históricos*, v. 33, p. 196-219, 2020.

Nesse sentido, no Arquivo do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo (ATJSP), foi possível ter acesso aos inventários de Ernesto Dias de Castro¹¹, Ernesto Dias de Castro Filho¹², Orlando Ferreira da Rosa¹³ e Eugênia Lacaze Ramos de Azevedo¹⁴, sendo fundamentais para análise das informações de “ordem social, econômica, cultural, educacional, religiosa, política, administrativa etc.” cada indivíduo constituiu em vida (FLEXOR, 2009). Nesta entidade foi possível realizar a consulta dos processos requeridos, porém, em algumas situações, não foi possível encontrar a documentação física mesmo com a referência, como foi o caso do inventário de Arnaldo Dumont Villares¹⁵.

Com o objetivo de angariar à pesquisa, documentação referente à família de Ernesto Dias de Castro, foi planejada uma viagem de campo para as instituições de guarda do Estado

¹¹ No inventário de Ernesto Dias de Castro foi possível ter acesso ao seu testamento datado de 29 de maio de 1936 e revisto em 29 de novembro de 1949. Neste documento foi possível identificar as datas e o local de nascimento de seus filhos, Laura Dias de Castro e Ernesto Dias de Castro Filho, bem como a partilha de seus bens destinados a eles e sua mulher, Lúcia Azevedo Dias de Castro (ATJSP, 6º V.F.S., Inventário, Processo 15934/1956).

¹² Ernesto Dias de Castro Filho (1903-1986), nasceu na cidade de São Paulo em 1 de agosto de 1903, filho do casal Ernesto Dias de Castro e Lucia Azevedo Dias de Castro. Na EPSP - USP diplomou-se em engenheiro-arquiteto em 1929 e participou como sócio nas empresas da família (FICHER, 2005). Seu primeiro casamento foi com Heloisa Ribeiro de Castro, findado em 1941. Posteriormente ao desquite, casou-se com Anna Rosa Menezes com quem viveu até os seus últimos dias na residência da família, situada à Avenida Paulista, 37, em 19 de setembro de 1986, com 83 anos (ATJSP, 9ª V. F. S., Inventário, Processo 1497/1986).

¹³ Orlando Ferreira da Rosa (1890-1962), foi um engenheiro civil que participou como sócio de alguns empreendimentos das famílias Dias de Castro, Ramos de Azevedo e Dumont Villares. Seu casamento com a sobrinha de EDC, Célia de Castro Ferreira da Rosa, aconteceu em 1922 (ATJSP, 2ª V. F. S., Inventário, Processo 265/1963).

¹⁴ Eugênia Lacaze Ramos de Azevedo (1862-1952), era filha do casal Eulálio Eugênio Constâncio Lacaze e Rosa Iria Ferreira de Meneses, que de acordo com Carlos Lemos, “pertencia à grande família dos Ferreira da Rosa, com propriedades em Batatais e Cajuru” (1993, p. 10). Devido à proximidade com a família do General Francisco Glicério, Ramos de Azevedo e Eugênia Lacaze se casaram em 17 de julho de 1891 na Matriz de Santa Cruz (atual Basílica do Carmo) em Campinas. Tiveram três filhos, a primogênita, Lúcia Lacaze Ramos de Azevedo (1881-1966), Laura Lacaze Ramos de Azevedo (1884-1964) e o caçula, Francisco de Paula Ramos de Azevedo (1890-1957). Após a morte de Francisco de Paula Ramos de Azevedo, a senhora Eugênia Lacaze Ramos de Azevedo se tornou a herdeira dos bens do engenheiro-arquiteto. Residiu no palacete projetado pelo Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo, situado à Rua Pirapitingui, 111, na região da Liberdade, até sua morte em 18 de agosto de 1952. (ATJSP, 2ª V. F. S., Inventário, Processo 984/81)

¹⁵ O engenheiro Arnaldo Dumont Villares (1888-1965), natural de Ribeirão Preto, foi de uma importante família que esteve ligada ao comércio e exportação do café. Na *London Crystak Palace Engineering School*, diplomou-se em engenheiro civil e elétrico no ano de 1905, e quando voltou ao Brasil trabalhou no escritório de arquitetura de F. P. Ramos de Azevedo, onde seu tio, Ricardo Severo da Fonseca era sócio. Em 1910 associou-se à F. P. Ramos de Azevedo nas atividades comerciais do escritório e dois anos mais tarde se casou com Laura Lacaze Ramos de Azevedo. Cristina Mehrrens (2010) faz uma divisão que permite entendermos o escritório pela perspectiva de Arnaldo Dumont Villares, em três momentos. O primeiro deles seria com a inauguração das atividades do escritório em 1886 até o ano de 1928 com a morte de F. P. Ramos de Azevedo; em um segundo momento, de 1928 à 1940, quando juntamente com Ricardo Severo da Fonseca assumiram a direção do escritório passando a ser reconhecido por *Escritório Técnico “Ramos de Azevedo”, Severo & Villares & Cia. Ltda.*; por último, com a morte do tio, Villares assumiu a direção do escritório com outros sócios passando a razão social para *Severo & Villares – Projetos e Construções S/A*. Arnaldo Dumont Villares morreu no ano de 1965.

do Rio Grande do Sul, que foi cancelada devido à pandemia do COVID-19, iniciada em março de 2020.

No que tange à formação de Ernesto Dias de Castro, foi consultada a documentação do Arquivo Histórico da Escola Politécnica (AHEP - USP), no fundo de ex-alunos, que constava com os registros acadêmicos de Ernesto Dias de Castro e de Ernesto Dias de Castro Filho. Atualmente o acervo está digitalizado e disponível *online*¹⁶. Na pesquisa realizada pelo site do AHEP - USP encontramos cerca de 31 documentos no Dossiê 1 – Nota fiscal, fatura, recibo e duplicata, para a empresa *Ernesto de Castro & Cia.* que auxiliou a considerar a expansão e as atividades importadoras dessa empresa; bem como, cerca de 20 documentos na subsérie Prontuário de alunos, o Dossiê 55, referente a Ernesto Dias de Castro no período em que foi aluno no curso de engenharia civil.

A atuação de Ernesto Dias de Castro como funcionário público e sua agência por meio de sua casa comercial e importadora a partir das obras na cidade de São Paulo foram levantadas no Arquivo Histórico Municipal de São Paulo (AHM - SP) no Fundo Prefeitura Municipal de São Paulo, no Grupo Diretoria de Obras e Viação, na série Receita e Despesa; na série Obras Particulares; Lançamentos de Impostos nos volumes encadernados da Diretoria da Receita com o livro de Lançamento de Indústrias e Profissões; Livro de Registro de Profissionais Engenheiros e Arquitetos, requerimentos e processos relacionados à empresa *Ernesto de Castro & Cia.* Em relação aos processos, foram realizadas consultas no Portal de Processos Administrativos da Cidade de São Paulo, em que elencamos os principais nomes ligados ao engenheiro Ernesto Dias de Castro, porém somente uma pequena parcela desses estavam disponíveis para consulta¹⁷.

Outra instituição que nos auxiliou a compreender as demandas das atividades comerciais do engenheiro Ernesto Dias de Castro foi o Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP), onde consultamos o fundo Secretaria da Agricultura – Obras Públicas, Secretaria de Transportes e os Fundos Notariais/Cartoriais, bem como arquivos no banco de fotografias e cartográfico disponível no site da instituição. Para o fundo cartorial foi realizado apenas o levantamento dos

¹⁶ A consulta ao Arquivo Histórico da Escola Politécnica de São Paulo pode ser realizada através do seguinte endereço eletrônico <http://arquivohistorico.poli.usp.br/>.

¹⁷ Para o acesso aos demais documentos a partir de 1928 era necessário solicitar vistas dos processos no departamento de gestão documental do arquivo geral. O pedido foi encaminhado para a seção responsável do arquivo, que ficou de agendar nossa visita em suas dependências, mas, novamente em decorrência da pandemia de COVID-19 não foi possível efetivar as tratativas para a pesquisa presencial. Até o fechamento do texto dessa dissertação não foi possível termos acesso à essa documentação.

processos relacionados às empresas que mantinham sociedade com EDC¹⁸, uma vez que o arquivo esteve sem atendimento ao público deste março de 2020.

Ainda, em consulta à base de dados da Junta Comercial do Estado de São Paulo (JUCESP), foi possível realizar a consulta das Fichas de Breve Relatos (FBR) e Fichas Cadastrais Completas (FCC) relativas às empresas associadas ao nome de Ernesto Dias de Castro e de seus pares. Ainda que o acervo físico fosse de difícil acesso, por apresentar uma organização acumulativa de processos anuais e não por denominações sociais das empresas ali registradas, o recurso de busca *online* possibilitou a verificação de informações essenciais de casa empresa a partir do resumo de suas atas contidas nas FBRs.

No que se refere a difusão em forma de propaganda e anúncios da empresa *Ernesto de Castro & Cia.* consultamos o acervo de Obras Raras da Biblioteca Mario de Andrade (BMA), onde tivemos acesso à revista *A Construção em São Paulo*, que circulou na cidade entre os anos de 1923 e 1926, com conteúdo voltado para o comércio de materiais para construção civil, engenharia, arquitetura, habitação e temas relacionados, com um Indicador Profissional na sua última seção.

A respeito dos principais projetos que estavam intrinsicamente ligados à imagem de Dias de Casto, procuramos no Acervo da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, no Fundo de Negativos de Vidro do Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo, no Fundo Samuel da Neves, e no acervo geral, plantas, projetos e fotografias de edifícios relacionados ao engenheiro, bem como o de sua residência, situada na Avenida Paulista, 37 e seu edifício de apartamentos na Avenida Atlântica, no Rio de Janeiro. Para uma análise sobre os logradouros das empresas que pertenceram a Ernesto Dias de Castro, consultamos no Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, na coleção João Baptista de Campos Aguirra, fichas de ruas que este levantou ainda em vida e que compõem essa coleção, bem como imagens correspondentes à Avenida Paulista nas primeiras décadas do século XX. No decorrer da pesquisa ainda nos deparamos com outras instituições e suas fontes para contrastar com os dados que já haviam sido recolhidos, como a Biblioteca Florestan Fernandes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), o Museu Casa das Rosas – Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura, o Conselho do Patrimônio Histórico de São Paulo (CONPRESP) e o Sistema de Consulta do Mapa Digital da Cidade.

¹⁸ Doravante, salvo específicas situações, nos referiremos a Ernesto Dias de Castro como EDC

A respeito das empresas internacionais que exportavam para São Paulo por intermédio da *Ernesto de Castro & Cia.*, foi concedida uma Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE)¹⁹ na *University of Massachusetts Dartmouth* (UMassD) sob a supervisão da *Professor Cristina Mehrrens* entre os meses de fevereiro a maio de 2020. O objetivo deste estágio era angariar à pesquisa as conexões aparentes entre Brasil e Estados Unidos da América, durante as primeiras décadas do século XX, com a importação de materiais para a construção civil em São Paulo, bem como de agentes e empresas parceiras atuantes nos EUA pela *Ernesto de Castro & Cia.* No entanto, a BEPE foi interrompida por conta da propagação do Coronavírus em território estadunidense no início de março de 2020 e o fechamento das fronteiras entre os países. O cronograma de pesquisa foi parcialmente interrompido nos acervos da UMassD, da *Brown University*, das Bibliotecas nas cidades de Boston e New York não foi cumprido, uma vez que retornamos ao Brasil no final de março do mesmo ano. Deste período como *visiting scholar*, participamos do curso *Landscapes of Portuguese Influence*, ministrado pelo Prof. Dr. Walter Rossa²⁰ e promovido pelo Center for Portuguese Studies & Culture da UMassD, de reuniões na Brown Univeristy e consultas ao acervo de *Journals* da Claire T. Carney Library da UMass Dartmouth.

Após o retorno ao país, como apontado, a situação não foi diferente. O cronograma previsto após a BEPE tinha como objetivo continuar as consultas em algumas instituições arquivísticas em São Paulo e no Rio Grande do Sul, que inevitavelmente precisaram cumprir os decretos que impediam a presença de público em suas dependências. Desta forma, a pesquisa se deu por meio de buscas em banco de dados digitais aqui já citados.

Biografia Histórica

Para alcançarmos os objetivos desta dissertação, nos debruçamos sobre alguns estudos sobre biografia histórica. Podemos dizer que a escrita da vida de alguma personalidade se dá pelos registros materiais que tenha deixado para sua posteridade como cartas, diários,

¹⁹ Processo BEPE-FAPESP 2019/22855-4, atrelado ao Processo 2018/05032-1 de bolsa no país.

²⁰ É mestre em História da Arte pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (1991), PhD. e agregado em Arquitetura pela Universidade de Coimbra (2001-2013). Investigador no Centro de Estudos Sociais (CES) e professor no doutoramento Patrimônios de Influência Portuguesa da Universidade de Coimbra. Também é professor no departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Tem publicado sobre planejamento urbano, história da arquitetura e do urbanismo, sobre o Patrimônio Colonial Português, e outras temáticas.

fotografias, bibliotecas inteiras, imóveis e outros bens para seus herdeiros, conformando um arquivo pessoal. No estudo biográfico de Ernesto Dias de Castro, como dito anteriormente, o desafio de narrar sua trajetória configurou uma grande questão: sem a existência de uma instituição de guarda dos documentos históricos (e privados) atrelados a esse ator ou à sua família, quais outros caminhos seria preciso realizar para compreender a atuação de EDC na História Urbana? A partir da metodologia de Carlo Ginzburg²¹, a análise dos indícios e rastros das ações desse indivíduo ao longo das décadas, por meio do levantamento em periódicos publicados no Rio Grande do Sul, em São Paulo e no Rio de Janeiro, configurou a possibilidade de, ainda que fragmentada, realizar minuciosamente, pesquisas em instituições e repartições públicas a fim de solucionar as lacunas e vazios da trajetória desse engenheiro e comerciante.

A biografia, do grego *bios* (vida) + *graphé* (escrita), se revela como uma ferramenta capaz de auxiliar no processo de percepção de diferentes ângulos de uma vida. Nesse processo, quanto cabe de história em uma vida? O caminhar de um indivíduo e suas ações na sociedade é repleta de densidades biográficas. A historiografia, de maneira recente, vem adotando uma nova ênfase tanto para a construção de biografias, quanto para a compreensão de fatos históricos (SCHMIDT; AVELAR, 2018). A biografia, assim como o uso do periscópio, possibilita observar por uma lente informações que antes passavam despercebidas na macro-história. A mudança de escala e o observar à distância, descortinam aspectos importantes da vida urbana, apresentando a cidade como um campo de percepção e como objeto pelos agentes históricos biografados.

Dentro destas relações, compreendemos a biografia como método privilegiado para observação e compreensão de agentes do urbano, dado que a cidade é compreendida aqui como fruto da ação humana, entrelaçada a conflitos, tensões e, sobretudo a serviço da vida social.

Muito se criticou acerca do gênero biográfico aplicado à história, pois era sinônimo de uma dinâmica em que a projeção de uma figura ilustríssima era *modelo* e *inspiração* para os leitores, levando às celebrações de figuras da elite. Hoje, contudo, já encontramos uma perspectiva que tenta entrelaçar a história-problema com o gênero narrativo da biografia. Benito Schmidt, neste sentido, indica:

²¹ O historiador italiano Carlo Ginzburg, por meio de seu paradigma indiciário (2007), está inserido no grupo responsável por conduzir os estudos referente à micro-história, que tem por objetivo realizar um recorte, a partir de uma escala reduzida, em que são exploradas diversas fontes, sem que isso comprometa a sua relação com o contexto mais amplo.

Entretanto, outros historiadores – com o uso de muita criatividade na localização e leitura de novas fontes ou na releitura de documentos conhecidos – têm conseguido iluminar as vidas de indivíduos comuns, de populares. Isso vem ocorrendo sobretudo por inspiração da micro-história italiana (Ginzburg), mas também em alguns trabalhos de historiadores franceses (SCHMIDT, 2003, p. 67).

Tal alerta de Benito Schmidt tem sido perceptível em trabalhos como o que Renata Geraissati Castro de Almeida têm feito. Na produção da biografia de Rizkallah Jorge Tahan, a historiadora revelou o que é necessário para não se cair nas armadilhas da escrita biográfica:

A relação entre as escalas deve ser feita de modo com que ao intentar, a partir da perspectiva do micro, chegar ao macro, isto é, com a análise do individual chegar à sociedade mais ampla, deve-se abordar o espaço social do particular sem perder de vista as estruturas sociais mais complexas em que o mesmo se insere. Ao se criar a relação circular entre o micro e o macro, há a armadilha de abordar o indivíduo como autônomo da sociedade, utilizando-a apenas como pano de fundo ou cenário para o desenrolar de suas ações, ou identificar que todas as decisões dos agentes são determinadas por estruturas que escapam de seu controle. (ALMEIDA, 2018, p. 34)

Alinhado à essas variadas trilhas percorridas pelo indivíduo a ser biografado, tomamos as reflexões de Rodrigo Santos de Faria para destacar a biografia profissional como uma estratégia historiográfica importante, em especial para o crescente estudo de engenheiros, arquitetos e urbanistas na história das cidades (CARPINTÉRO; CERASOLI, 2009, p. 61-101):

a vida contém a trajetória profissional, que está contida na biografia, mesmo não sendo a vida em si, mas parte dela. Até porque ninguém nasce atuando profissionalmente, mas são percursos da vida pessoal que geralmente informam sobre a contínua construção profissional desde a formação acadêmica. E mesmo essa construção profissional (do objeto) não pode mais que informar sobre as possibilidades e alternativas a quem empreenderá (o biógrafo) o ofício da escrita biográfica. Tanto é assim que as possibilidades e alternativas estão no documento, e pelo documento o autor-biógrafo delinea na sua trajetória interpretativa. (FARIA; CERASOLI; LIRA, 2014, p. 62)

Para Faria, não é possível dividirmos a vida de uma pessoa em duas “partes”, isto é, escrever sobre sua vida profissional e deixar de lado sua vida pessoal (FARIA, 2013, p. 14). As diversas facetas de sua vida cotidiana são inerentes a qualquer ser humano. Portanto, para o autor, ao analisar a vida de um profissional, o termo correto seria *biografia profissional* e não *trajetória profissional*. Como colocado por Faria, Pierre Bourdieu já demonstrava essa articulação entre o público e o privado na investigação acerca de agentes históricos. Assim, Bourdieu questionava a produção do biógrafo apenas como a “apresentação oficial” do retratado que, desta maneira, produzia uma distinção que não diz respeito às transformações que regem seu espaço pessoal e social (BOURDIEU, 1996, p. 188-189).

São vários os autores que têm se dedicado ao estudo de personagens para compreender relações e questões sobre a cidade e o urbano²². Destacamos aqui, alguns trabalhos que foram base metodológica para compreendermos a trajetória de Ernesto Dias de Castro, como o trabalho de Fernando Atique (2016), sobre Conrado Jacob Niemeyer, considerado fundador do Clube de Engenharia. O autor, por meio de pesquisa sobre o Clube de Engenharia e dos seus sócios, mas principalmente da biografia de Niemeyer construiu um sociograma relacional, que “indicou uma rede de influências, reciprocidades, negociações e acordos que desnudam alguns dos pilares sobre os quais se assentou a República brasileira, em especial com relações aos negócios urbanos” (ATIQUE, 2016, p. 3) que apontaram este indivíduo como um articulador de vários setores relacionados ao urbano, e que observava a cidade como negócio.

Apontamos também o trabalho de Cristina de Campos (2010), que realiza um estudo da vida de Antônio Francisco de Paula Souza com entradas para sua formação profissional, os projetos por ele coordenados na esfera pública e seu papel na infraestrutura da cidade. Outra autora que contempla essa relação entre cidade e indivíduo, é Cristina Mehrrens (2010), que propõe a formação dos setores médios e seus empreendimentos do espaço urbano pelo entrelaçamento de profissionais, empresas e poder público. Dentre estes, Mehrrens percorreu a biografia de Arnaldo Dumont Villares, o concunhado de Ernesto Dias de Castro, e responsável por administrar o *Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo*, após a morte de seu fundador em 1928; destacando suas realizações junto ao poder público municipal de São Paulo. Seguindo com esta mesma percepção, também temos o trabalho de Paulo César Garcez Marins (2016), com seu estudo sobre o empreendedor germânico Frederico Glette e Luís Fernando Simões (2019) com sua pesquisa sobre Victor Nothmann, sócio de Glette.

É nessa discussão que apresentamos Ernesto Dias de Castro como um importante agente de transformação da cidade de São Paulo, mas que por muito tempo foi apenas mencionado ocasionalmente nos estudos sobre Ramos de Azevedo, devido sua relação de parentesco. Os estudos sobre a biografia desse engenheiro e da sua atuação na cidade de São Paulo, podem ser introduzidos a partir da obra do arquiteto Carlos Alberto Cerqueira Lemos, intitulada *Ramos de Azevedo e seu escritório*, publicada em 1993 pela editora Pini. Neste livro, Lemos analisou as atividades do escritório técnico de arquitetura dirigido por Ramos de Azevedo, ao mesmo tempo que produziu uma narrativa biográfica do arquiteto, com a apresentação de outros agentes que

²² Entre os autores que lidam com essa reflexão e propõem análises biográficas para compreender o espaço urbano, listamos aqui uma pequena parcela deles: COSTA, 2011; SEGAWA, 2016; BRESCIANI, 2010; SALGADO, 2010; MELLO, 2006; FARIA, 2013.

firmaram alianças e contribuíram para o desenvolvimento de seu escritório no Estado de São Paulo. Neste grupo, estava o engenheiro Ernesto Dias de Castro com sua casa comercial, principal sociedade entre Ramos de Azevedo e seu genro:

Ernesto Dias de Castro foi genro de Ramos de Azevedo, além de genro, grande amigo, sócio dedicado e, inclusive, subalterno do sogro na Guarda Nacional que, vinda do Império, ainda vingou nos dias da República velha. [...] Dentre os tenentes que chefiava, estava, em 1897, o genro Ernesto Dias de Castro, então estudante na Escola Politécnica, onde se formou em junho de 1899. Nasceu em Bagé, Rio Grande do Sul, em 13 de março de 1873. Logo depois de formado, foi funcionário público, mas, a partir de 1903, seu trabalho foi gerir a grande loja criada pelo sogro. Tornou-se comerciante influente, tendo sido eleito duas vezes presidente da Associação Comercial de São Paulo. Interessante, seus afazeres no comércio e a fortuna que amealhou não impediram que fosse, durante 25 anos, professor de matemática no Ginásio do Estado. Faleceu em 1955 na residência que Ramos lhe projetara em vasto terreno na Avenida Paulista, por volta de 1926, mas inaugurada só nos primeiros anos da década de 30. Residência no estilo Luiz XVI, hoje tombada pelo Condephaat e chamada de “Casas das Rosas” (LEMOS, 1993, p. 43).

Deste relato, elencamos algumas informações sobre a vida de Ernesto de Castro, como seu local de nascimento, sua formação de engenheiro civil pela Escola Politécnica de São Paulo, sua passagem como tenente no Exército, funcionário público, professor no Ginásio da Capital e sócio “dedicado” nas atividades comerciais com seu sogro Ramos de Azevedo. Este relato foi um disparador para tentarmos compreender a figura de Dias de Castro que, como já apontamos, permaneceu até então apenas nas entrelinhas da historiografia sobre a cidade de São Paulo do início do século XX.

Estrutura da dissertação

Assim, pretendemos a partir da análise de fontes levantadas de diversas instituições e acervos arquivísticos de São Paulo e do Brasil, apresentar as conexões de Ernesto Dias de Castro considerando os aspectos sociais, comerciais e profissionais na formação de sua biografia exposta em três capítulos²³.

23 O desenvolvimento de cada capítulo foi elaborado a partir de três fatores: os aspectos sociais da vida de Ernesto Dias de Castro, compreendidos no primeiro capítulo; a perspectiva comercial relacionada à Casa Comercial Ernesto de Castro & Cia, como parte do segundo capítulo e a dimensão profissional do biografado pela expansão de seus negócios evidenciadas no último capítulo.

No primeiro capítulo, *Ernesto Dias de Castro: conexões entre engenharia e o comércio na Pauliceia (1873-1955)*, trataremos da construção da biografia de Ernesto Dias de Castro pelas fontes recolhidas de diversas origens. Neste sentido, os primeiros anos de sua vida foram marcados pelos seus estudos na Escola Militar do Rio Grande do Sul e seu ingresso junto às forças do Exército na Revolução Federalista entre 1893 e 1895, que ficou conhecida pelas degolas dos inimigos, praticadas tanto pelos “maragatos”, quanto pelos “pica-paus”²⁴. Com o término do conflito, EDC partiu em direção a cidade de São Paulo, onde sua irmã, Izabel Dias de Castro e o cunhado, Ataliba Batista de Oliveira Valle, já residiam desde 1894. Sua chegada na capital em 1895 foi marcada por sua matrícula no curso de engenharia civil da Escola Politécnica de São Paulo. Após quatro anos, em 1899 lhe foi outorgado o título de engenheiro civil, como parte da primeira turma de engenheiros da EPSP. Alguns meses depois, em dezembro, estava de casamento marcado com Lúcia Lacaze Ramos de Azevedo, a filha primogênita de Francisco de Paula Ramos de Azevedo. Como será possível averiguar, EDC ingressou no serviço público, como professor do Ginásio da Capital e como segundo-engenheiro da Diretoria de Obras da capital. Em 1903 exonerou-se de seu cargo na prefeitura e em sociedade com seu sogro, esteve na direção da *Ernesto de Castro & Cia.* por 52 anos. Durante o período que este ativamente nos negócios, a documentação inédita que trazemos a luz sobre este indivíduo, nos direcionou para uma sorte de outros empreendimentos dos quais articulou a trama do comércio pela cidade de São Paulo e no Rio de Janeiro²⁵.

O capítulo dois, *Uma casa comercial em ascensão: percursos da Ernesto de Castro & Cia. na construção civil (1903-1967)*, analisa o histórico da firma *Azevedo, Bueno & Cia.* estabelecida na Rua do Rosário, 11 e antecessora à *Ernesto de Castro & Cia.* Nesta perspectiva foi possível averiguar rupturas e continuidades na distribuição dos artigos importados ao longo das décadas, em decorrência das alterações na composição da diretoria por seus sócios, bem como da razão social na praça. Com a sistematização de dados coletados na seção de *importação* e pelas notícias do jornal *Correio Paulistano* foi possível identificar uma parcela

²⁴ Os “maragatos”, designação dada aos federalistas por seus adversários, advinha de uma região para além das fronteiras do Rio Grande do Sul. Tal expressão indicava serem estes “invasores estrangeiros”. Já do lado adversário, os pica-paus, eram conhecidos por seus inimigos pela alcunha de “pica-paus”, devido “ao uniforme das tropas do Exército que lutaram no estado em auxílio a Castilhos e que constava de roupa azul e quepe vermelho”. (PESAVENTO, 1983).

²⁵ Embora reconheçamos a importância do contexto político federal e estadual, especialmente a relevância da Revolta Paulista de 1924, a Revolução Constitucionalista de 1932 e a instauração do Estado Novo em 1937 por Getúlio Vargas, a análise aqui empreendida privilegiou eventos que estavam diretamente vinculados à trajetória de Ernesto Dias de Castro, enfatizando seus posicionamentos políticos explicitados nas fontes coletadas.

dos produtos que chegavam pelo porto de Santos destinados tanto à *Azevedo, Bueno & Cia.*, quanto à *Ernesto de Castro & Cia.* As alianças comerciais com o poder público foi outro ponto importante que apontou a inserção desses primeiros sócios no fornecimento de produtos e materiais para instituições e obras públicas, seja em instância municipal ou estadual. Posto isso, ainda veremos como o comércio de importação de materiais está imbricado aos estudos de história transnacional, quando este claramente promove uma transformação da técnica e uso dos materiais para o interior e exterior das residências e demais edifícios.

No terceiro e último capítulo, *Construção civil entre redes: atores sociais e suas conexões no comércio de importação e distribuição de materiais de construção em São Paulo*, analisamos as redes comerciais estabelecidas por Ernesto Dias de Castro para além de sua casa comercial, porém a consideramos basilar para compreender a expansão de seus negócios nas cidades do estado de São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro. Para tanto, foi a partir das redes profissionais e familiares de EDC, já apresentadas no capítulo 1, que consideramos seu papel frente aos novos empreendimentos e sociedades, que formulam neste sentido, o conceito de “complexo da construção civil”. Destarte, apresentamos o expressivo número de sociedades das quais Ernesto Dias de Castro era sócio, revelando sua atuação como empreendedor do urbano.

Posto essa breve apresentação, voltemos nossa atenção para a região Sul do país nas próximas páginas.

Capítulo 1

Ernesto Dias de Castro: conexões entre engenharia e o comércio na Pauliceia

Há muito tempo, com efeito, nossos grandes precursores, Michelet, Fustel de Coulanges, nos ensinaram a reconhecer: o objeto da história é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens. (...) Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, (os artefatos ou as máquinas,) por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça (BLOCH, 2001, p. 54.)

1.1 Ernesto Dias de Castro: os nós e os fios de suas redes

Era quinta-feira quando em Bagé, cidade localizada na província do Rio Grande do Sul, no dia 13 de março de 1873, nasceu Ernesto Dias de Castro, filho de Pedro Dias de Castro (1842-1909) e Elíbia Antunes Maciel (1837 - 1923). A família era composta por mais cinco irmãos, sendo eles: Mario Dias de Castro (1871-1953), Adriana Dias de Castro, Germana Dias de Castro, Izabel Dias de Castro e Sarah Dias de Castro²⁶.

Pedro Dias de Castro²⁷ exerceu o ofício de administrador da mesa de rendas de Bagé, conforme autorização de reintegração deste cargo e o de escrivão – ocupado por Pedro Romero Brito – após os cidadãos nomeados, José Alberto Froés e José Maria Pereira, não se habilitarem para o exercício de suas funções (A Federação, 21 de dezembro de 1889, p. 2). Sua passagem por esse cargo foi de 1889 a 1890²⁸, de acordo com as informações do jornal *A Federação*.

²⁶ Os registros da família de Ernesto Dias de Castro podem ser acessados no *website FamilySearch*, a partir de um cadastro na plataforma. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/tree/pedigree/landscape/GMNF-L97>> Acesso em 01 de fevereiro de 2021.

²⁷ De acordo com entrevista realizada em 17 de outubro de 2020 via aplicativo WhatsApp com José-Adolpho Gordo (descendente da família Dias de Castro, por parte de sua avó Izabel de Castro Valle), seu bisavô “era dono do Cartório de Pelotas e participou de várias Assembleias Provinciais” (GORDO, 2020).

²⁸ Conforme notícia: “Dia 1º de junho / Despacho, julgando liquidada a conta do ex-coletor de Bagé, Pedro Dias de Castro, do exercício de 1889, quanto ao tempo decorrido de 1ª de janeiro a 11 de outubro de 1889 e de 25 de janeiro a 31 de março de 1890; e mandando passar-se quitação, desde que o exactor recolha ao tesouro do Estado a importância de seu alcance.” (A Federação, 08 de junho de 1891, p.2.)



Fig. 2. Elíbia Maciel e Pedro Dias de Castro. **Fonte:** Acervo pessoal de José-Adolpho Gordo.

As informações encontradas sobre seus familiares estavam nas páginas da imprensa à época, especificamente pelo jornal *A Federação*, por intermédio de seus nomes presentes nas listas de passageiros dos vapores que percorriam as cidades do litoral gaúcho, e por alguns documentos oficiais da Igreja Católica, como registros de casamentos e de nascimentos, por meio do website *FamilySearch*. Nas buscas por mais informações relacionadas ao estabelecimento da família na região de Bagé, foram realizadas consultas neste *website* que possibilitaram traçar a árvore genealógica (Figura 4) de Ernesto Dias de Castro, apontando sua ancestralidade remontando a Antônio Dias de Castro, seu bisavô, nascido em 1775, em Portugal.



Fig. 3. Ernesto Dias de Castro. Pormenor do quadro de fotografias dos comerciantes paulistas, c. 1913. **Fonte:** Lloyd, Reginadl (dir.) *Impressões do Brasil no século Vinte: Sua História, Seu Povo, Comércio, Indústrias e Recursos*. Londres: Lloyd's Greater Britain Publishing Company, 1913, p. 711.

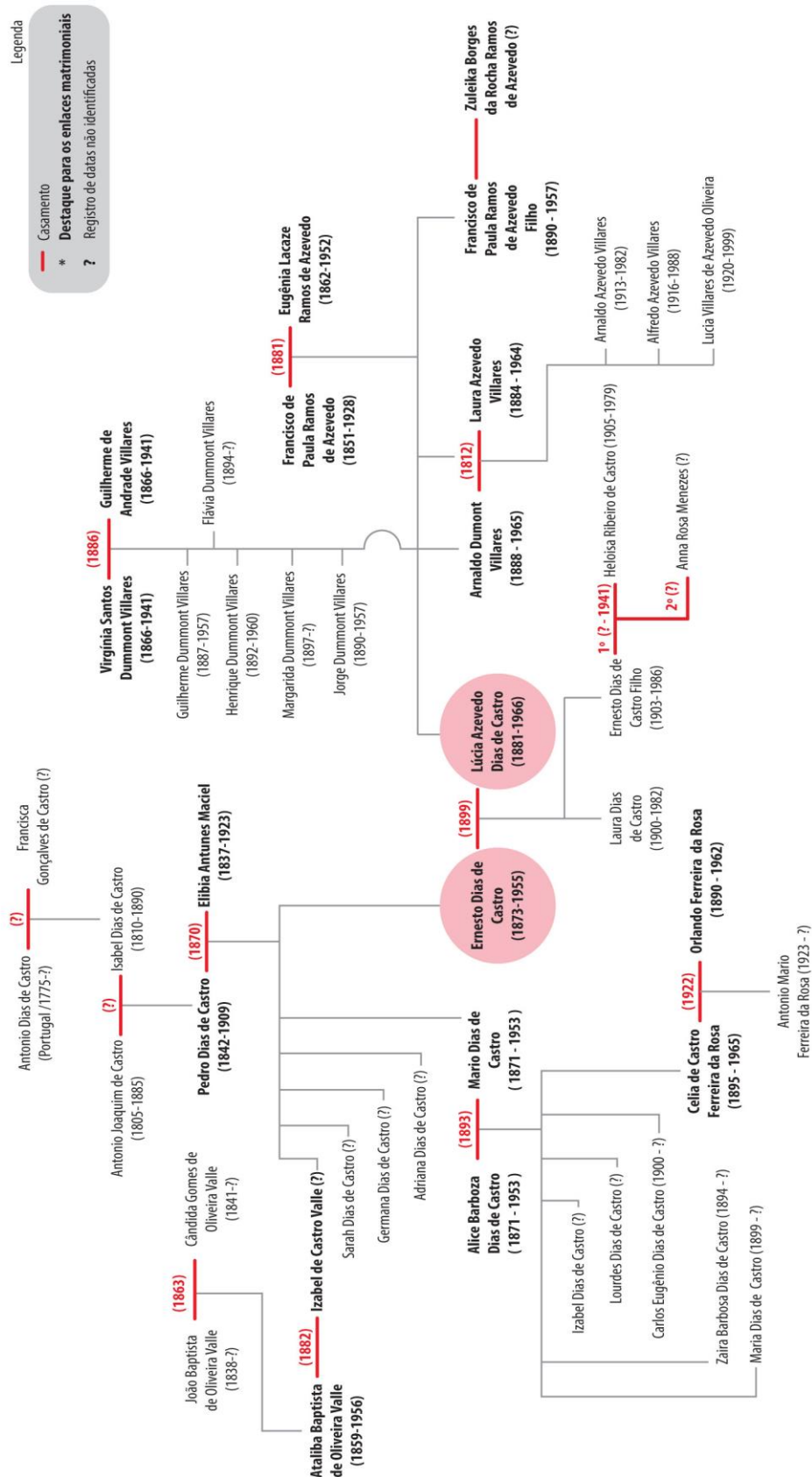


Fig. 4. Árvore genealógica das famílias Dias de Castro e Ramos de Azevedo. **Sistematização:** Carlos Thaniel Moura. **Fontes:** *Correio Paulistano*; *A Federação*; *website FamilySearch*; Inventários do TJSP de Eugénia Lacaze Ramos de Azevedo, Ernesto Dias de Castro, Ernesto Dias de Castro Filho e Orlando Ferreira da Rosa; MERTHENS, 2010.

Ainda no início do século XX, a presença dos portugueses era notória na sociedade daquela província sulista, junto aos alemães e italianos, como descreve o historiador Joseph Love na citação a seguir:

Do volume total da produção de 1915, as firmas industriais com sobrenomes alemães eram quase tantas quanto as que tinham sobrenomes portugueses; os italianos formavam, mais ou menos, um grupo quase tão importante quanto os outros dois. O charque e a erva-mate continuavam a ser controlados por lusobrasileiros, o vinho e a manteiga, por italianos; em todos os demais campos predominavam os alemães. Os grupos de colonos também estavam partindo para o comércio em larga escala (LOVE, 2006, p. 123).

Levando em consideração as atividades comerciais que cresciam na região, interessa-nos indicar a implantação da malha ferroviária no Rio Grande do Sul ainda nos Oitocentos, que permitiu a distribuição de mercadorias entre os principais centros comerciais do Estado, como foi o caso do município de Bagé:

A primeira estrada de ferro da Província iniciou as suas operações em 1874, cobrindo a pequena distância entre Porto Alegre e a maior das colônias alemãs, São Leopoldo. Uma extensão dos trilhos ligou o Rio Taquari ao Rio Pardo e Cachoeira em 1883, e dois anos depois a linha se prolongou na direção do Oeste, rumo a Santa Maria, no coração da Província. *Em 1884, abriu-se uma estrada de ferro entre o Rio Grande e Bagé, centro comercial da Campanha.* Inauguraram-se também linhas no Oeste, ligando as cidades fronteiriças de Uruguaiana e Itaqui, ao longo do Rio Uruguai. Por volta de 1889, o derradeiro ano do Império, trens diários ligavam Rio Grande a Bagé e Barra do Quaraí a Itaqui (LOVE, 2006, p 115, grifo nosso).

A partir dessa citação, percebemos que a construção da estação na cidade de Bagé tinha o objetivo de seguir com a distribuição de mercadorias na região, por se tratar de um entreposto comercial de destaque na Campanha²⁹. A estação de Bagé, que pertencia à linha Rio Grande-Bagé-Cacequi, foi construída em 1884 seguindo o mesmo padrão arquitetônico das outras estações dessa linha (IPHAE, 2002, p.29).

²⁹ De acordo com Joseph Love, “os geógrafos distinguiram seis regiões no Rio Grande do Sul, mas cultural e economicamente se aceita uma divisão em três regiões”, sendo elas o Litoral, a Campanha e os Campos de Cima da Serra. A primeira dessas regiões, o Litoral, é a menor de todas correspondendo à faixa litorânea e as “áreas de aluvião banhadas pela Lagoa Mirim; estende-se de Torres, ao norte, até Santa Vitória do Palmar, ao sul, e inclui o vale do Jacuí até Cachoeira, a oeste.” A Campanha, “é a área que fica ao sul da linha leste-oeste traçada pelos Rios Jacuí e Ibicuí, desde o Litoral até a confluência do Uruguai e do Ibicuí”; região marcada pela presença de criação de gado, em que ainda no século XVIII, “os primeiros habitantes da região cortaram-na em imensas propriedades pecuárias – estâncias – que ainda preponderam.” A região dos Campos de Cima da Serra, “compreendem a área que se estende ao norte e a oeste de Porto Alegre até o Rio Uruguai, limitada ao sul pela linha Ibicuí-Jacuí”, sendo também a zona mais fria do Estado (LOVE, 2006, pp. 112 e 113).

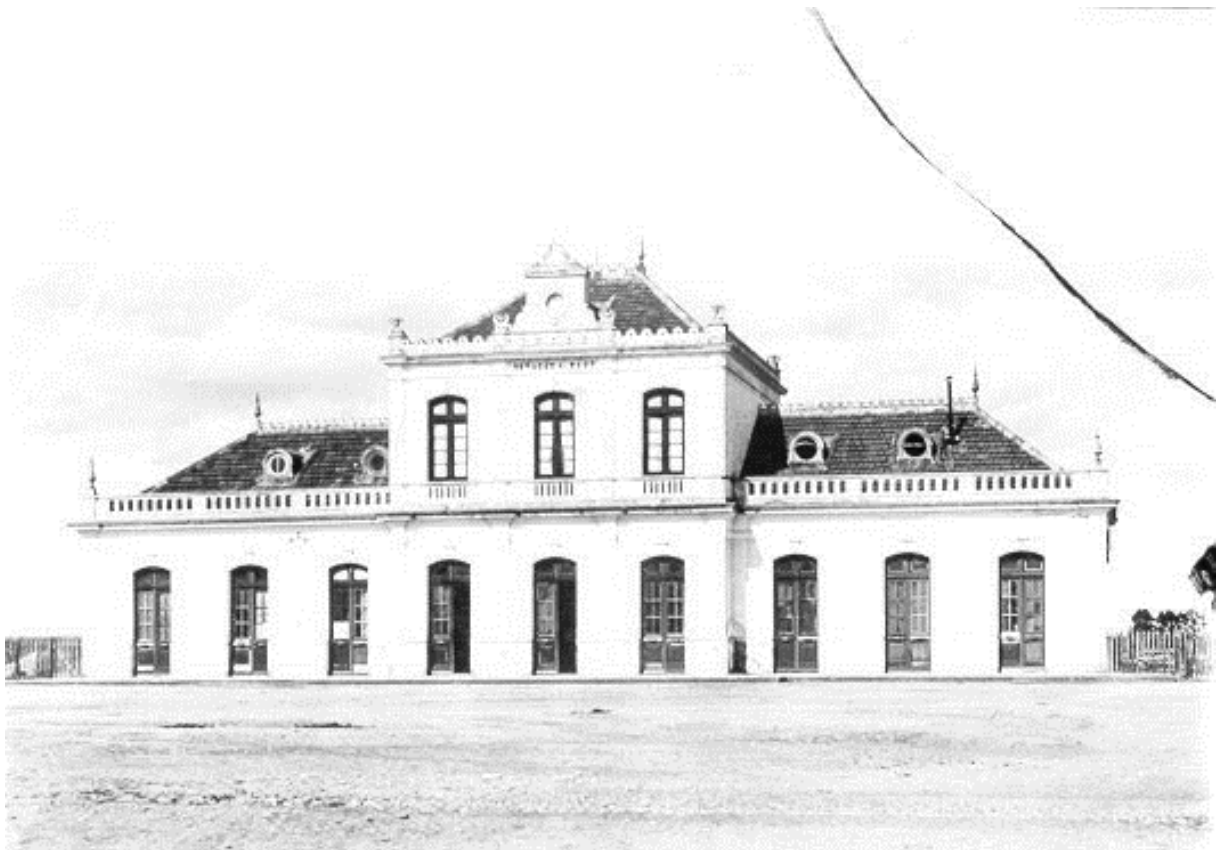


Fig. 5. Primeira estação de Bagé da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (V.F.R.G.S.), 1884. **Fonte:** IPHAE, 2002, p.30.

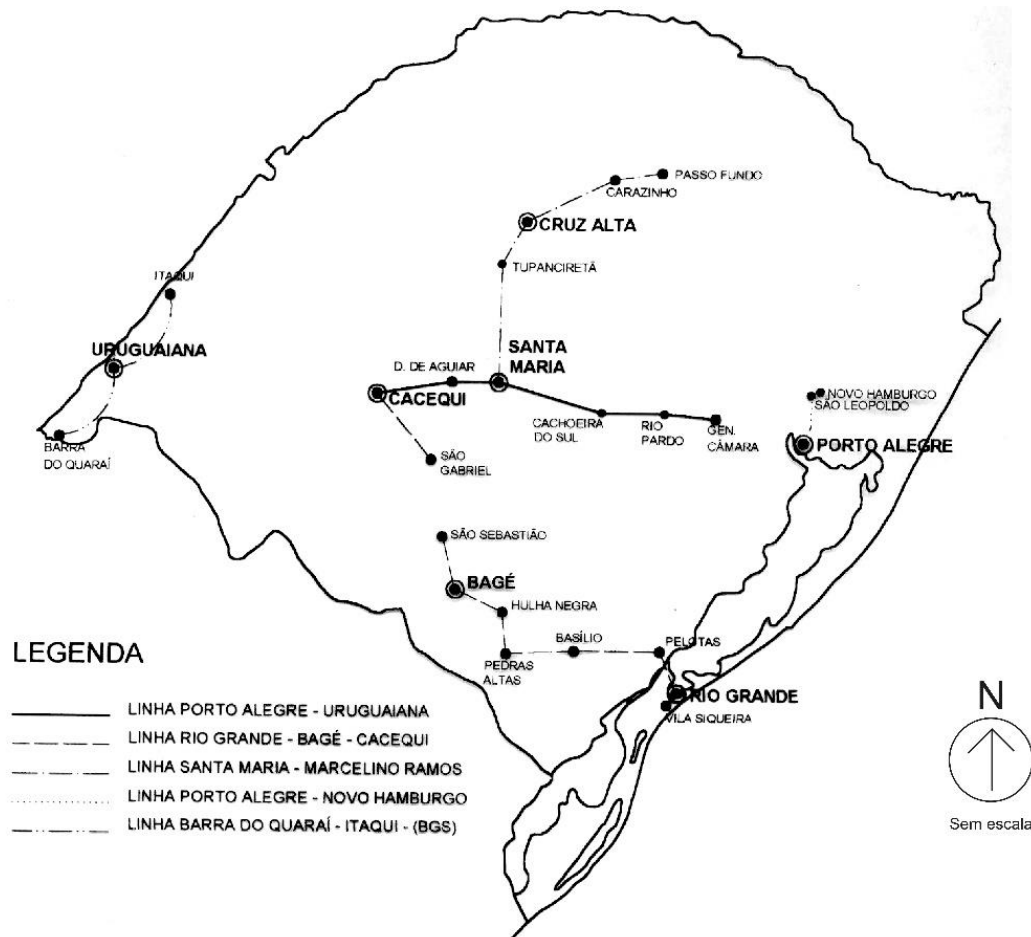
Destacamos os detalhes arquitetônicos que compreendiam as edificações das estações dessa linha no trecho a seguir:

São prédios longitudinais com corpo central em dois pavimentos, onde se situa o acesso principal, protegido por marquise de ferro. Apresentam platibanda vazada com balaústres e frontão central, cunhais e pilastras. As aberturas têm verga em arco abatido, caixilhos de vidro e bandeira fixa. Os quatro prédios possuíam águas furtadas com cobertura curva nas alas laterais, para iluminação e ventilação de espaços pertencentes à residência do agente, situados sob o telhado em forma de mansarda (IPHAE, 2002, p. 31).

O primeiro edifício da estação de Bagé foi destruído em 1926 por um incêndio. Tal incidente resultou em projetos para a construção de uma nova estrutura, com dimensões e características idênticas da anterior. O edifício atual possui uma cobertura diferente daquela primeira destruída pelo incêndio e semelhante ao modelo da estação de Rio Grande (IPHAE, 2002, p. 31).

Com efeito, as obras de implantação dos ramais da Viação Férrea do Rio Grande do Sul e a expansão dos novos trechos que ligariam Porto Alegre a Cacequi e Bagé a Uruguaiana foram parar nas páginas do jornal *A Federação*. Em tal notícia, podia-se ler tanto os trechos em obras, como também os responsáveis por coordenar aquele empreendimento, que porventura nos

coloca novamente nos trilhos da escrita da vida de EDC: “por proposta do engenheiro chefe das estradas de ferro de Porto Alegre a Cacequi e Bagé a Uruguaiana foi nomeado ajudante de 1ª classe da última d’estas estradas o ajudante de 2ª classe engenheiro Ataliba Batista de Oliveira Valle” (A Federação, 07 de dezembro de 1889, p. 2).



Mapa 1. Mapa esquemático. Malha Ferroviária do Rio Grande do Sul, 1898. **Fonte:** IPHAE, 2002, p 22.

O funcionário nomeado, promovido de segundo para primeiro ajudante no empreendimento da V.F.R.G.S., como consta na notícia já citada, Ataliba Batista de Oliveira Valle (1859-1956)³⁰, era filho de João Baptista de Oliveira Valle e Cândida Gomes de Oliveira Valle³¹. Segundo Sylvia Fischer, Ataliba B. O. Valle cursou engenharia civil na Escola

³⁰ Segundo o livro de Registro de Óbitos do Cemitério da Consolação (35A, pg. 429) sob guarda do Arquivo Histórico de São Paulo, Ataliba Batista de Oliveira Valle, era natural de Bagé, e faleceu no dia 31 de maio de 1956, com 97 anos, vítima de insuficiência cardíaca.

³¹ Informações obtidas pelo website *Family Search*. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/tree/pedigree/landscape/9NFV-J9D>> Acesso em 15 de set de 2020.

Politécnica do Rio de Janeiro³² no ano de 1882, e de lá ingressou nas atividades das construções das estradas de ferro do Rio Grande do Sul (2005, p. 84). Após exatos 20 dias da nomeação como ajudante de primeira classe, Ataliba Batista de Oliveira Valle – residente na cidade de Porto Alegre – segundo os registros de seu matrimônio³³ se casou com Izabel Dias de Castro, irmã de EDC, na cidade de Bagé.

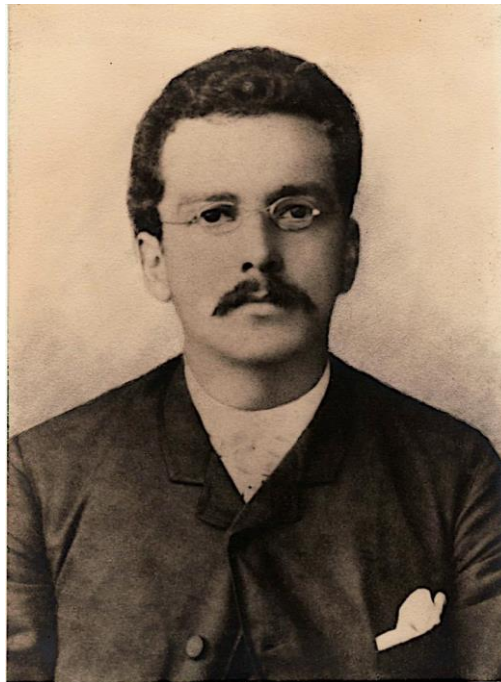


Fig. 6. Ataliba Batista de Oliveira Valle, s/d. **Fonte:** Acervo pessoal de João-Alfredo Gordo.

³² O ensino de engenharia no Brasil tem suas raízes na *Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho* criada em 1792 na cidade do Rio de Janeiro. Posterior a ela, foi fundada em 1810 a *Academia Real Militar*, situada na mesma cidade, mas não carregava o *status* de sucessora da primeira academia (TELLES, 1994, p. 87). Muitas foram as transformações ocorridas em seu nome e/ou em reformas no que diz respeito ao ensino oferecido por essa instituição. Em 1823 o instituto passou a se chamar *Academia Militar da Corte*, com aumento no número de suas disciplinas ofertadas tanto para militares, quanto para civis. Já em 1831 foi autorizado o funcionamento dos cursos de “Matemáticas, Pontes e Calçadas e de Construção Naval”. Segundo Telles, “O curso de Pontes e Calçadas teria sido a primeira tentativa de ensino da engenharia civil independente da militar” onde pela primeira vez “seriam concedidos títulos de ‘engenheiro’, e não de ‘oficial engenheiro’” (1994, p. 100). O decreto nº 2.116, de 1º de março de 1858, apresentou a nova organização das escolas militares, dividindo o ensino militar do civil, em que o primeiro ficaria a cargo da “Escola de Aplicação do Exército, agora denominada *Escola Militar e de Aplicação do Exército*, na Praia Vermelha (Rio de Janeiro) – criada nessa mesma data [1858] – com a *Escola Militar do Rio Grande do Sul*, no prédio do Largo de S. Francisco passaram a funcionar a Escola Central e a Escola de Estado Maior do Exército (TELLES, 1994, p. 106 e ARASAWA, 2008, p. 41 e 42). Em 1874, a Escola Central passou a ser nomeada por Escola Politécnica e a partir de 1937 foi incorporada pela Universidade do Brasil, designada como Escola Nacional de Engenharia. Somente em 1965 foi intitulada como Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CERASOLI, 1998, p. 98).

³³ Brasil, Rio Grande do Sul, Registros da Igreja Católica, 1738-1952, Cartório de Bagé, Registro de Matrimônios. p. 38. Disponível em: <<https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QSQ-G9L5-Q37K>> Acesso em 23 de fevereiro de 2021.



Fig. 7. Izabel Dias Valle. **Fonte:** Website *FamilySearch*. Disponível em <https://www.familysearch.org/photos/artifacts/106997030?cid=mem_copy> Acesso em 20 de janeiro de 2021.

O ano de 1889 não foi especial apenas pelo enlace matrimonial entre Izabel e Ataliba Batista de Oliveira Valle para a família Dias de Castro. Para EDC, este foi o ano em que ingressou na Escola Militar do Rio Grande do Sul³⁴, como atestam os primeiros registros sobre este agente histórico na imprensa. De acordo com o jornal *A Federação*, o jovem partiu rumo à capital da província, Porto Alegre, para ingressar na Escola Militar do Rio Grande do Sul pelo paquete Rio Pardo e permaneceu vinculado à esta instituição militar até o ano de 1895.

³⁴ A Escola Militar do Rio Grande do Sul tem sua origem com a criação do curso de Infantaria e Cavalaria de São Pedro do Rio Grande do Sul em 1851, como uma instalação de instrução para ingresso no Exército Imperial Brasileiro. No decorrer do século XIX, passou por algumas transformações na sua denominação, tais como: Escola Preparatória Militar (1858), Escola Militar Auxiliar (1860) e de Escola Militar da Província do Rio Grande do Sul (1883) instalada no edifício conhecido por Casarão Várzea (Figura 8). Devido a Revolução Federalista que ocorreu entre os anos de 1893-1895, a instituição permaneceu fechada e reabrindo após o término do conflito (MEDEIROS, 1992, p. 33). Os anos posteriores também foram de mudanças a respeito das instituições que ocuparam o edifício, como a Escola Preparatória e de Tática (1898 e 1903-05), a Escola de Guerra (1906-1911), o Colégio Militar de Porto Alegre (1912-1938), a Escola Preparatório de Porto Alegre (1939 – 1961) e, seguindo com o nome atual de Colégio Militar de Porto Alegre, desde o ano de 1962. Disponível em <<http://www.cmpa.eb.mil.br/sobre-o-cmpa>> Acesso em 27 de setembro de 2020.



Fig. 8. Colégio Militar do Rio Grande do Sul, atual Colégio Militar de Porto Alegre. **Fonte:** IBGE. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=440956>> Acesso em 21 de janeiro de 2021.

A publicação jornalística que informa do ingresso de EDC na Escola Militar não foi a única localizada. No período entre 1890 e 1895, encontramos notícias relacionadas ao tempo em que ele se dedicou à carreira militar. Em 10 de janeiro de 1890, por exemplo, verificamos um despacho do governo para o comandante da Escola Militar do Rio Grande do Sul, expedido pelo jornal *A Federação*, com referência a Ernesto Dias de Castro, na situação de “encaminhado”. Em março daquele ano, faltando apenas seis dias para completar 17 anos, foi concedida licença para que ele, soldado do 4º regimento de artilharia, pudesse se matricular³⁵ na Escola Militar (Jornal do Comércio, 07 de março de 1890, p. 1).

Até o ano de 1893, alguns dos registros de formação de EDC no curso geral foram publicados no jornal *A Federação*, que revelaram seu histórico parcial de disciplinas cursadas, bem como sua progressão de patente, chegando a de Tenente do 4º regimento. Também foi

³⁵ É importante frisar que em março de 1890, um novo regulamento entrou em vigor para reger as Escolas Militares. Para mais informações sobre o Decreto nº330, de 12 de abril de 1890, veja em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D330.htmimpressao.htm> Acesso em 13 de junho de 2020.

noticiado, em janeiro daquele ano que EDC obteve aprovação com distinção nos exames finais do 1º ano do curso geral.



Fig. 9. Trincheira na Praça da Matriz, em Bagé. 1893. **Fonte:** Museu Dom Diogo de Souza, Diários da Revolução de 1893 Vol.1. Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:1893trincheira.jpg#filehistory>> Acesso em 15 de março de 2020.

Em 2 de fevereiro de 1893, a hostilidade entre Republicanos e Federalistas pelo controle do governo no estado do Rio Grande do Sul resultou na “primeira invasão, quando os revoltosos [federalistas], vindos do Uruguai, pretenderam tomar a cidade de Bagé³⁶” (PESAVENTO, 1983, p. 86). A partir deste evento, deu-se início à Revolução Federalista, conflito este que assolou o Rio Grande do Sul até 1895.

A Escola Militar foi uma das instituições atingidas por este conflito. Segundo Laudelino Medeiros, o governo mobilizou “os oficiais-professores e mesmo os alunos, para servirem como oficiais inferiores” e determinou “o fechamento da escola em 3 de outubro de 1893” (1992, p.33). Destarte, a Escola esteve presente simbolicamente ao convocar seus alunos para as fileiras do campo de batalha, como veremos mais adiante com EDC e seu papel no confronto. Sobre esta revolução, Joseph Love destaca a crise instaurada pelos dois lados deste combate:

³⁶ Foi em Bagé, que Gaspar Silveira Martins, retornando de seu exílio na Europa, articulou a fundação do Partido Federalista no ano de 1892 (PESAVENTO, 2014, p. 77).

Em parte alguma foi a instabilidade política nos anos iniciais da República maior do que no Rio Grande do Sul. Entre a queda do Império e a segunda posse de Castilhos, em janeiro de 1893, o Governo estadual mudou de mãos 18 vezes. A mobilização política, as perseguições movidas pelos Republicanos, as contra perseguições [sic] desfechadas pelos Federalistas trouxeram ao Estado as agruras da guerra civil em 1893-95 (LOVE, 2006, pp. 124 –125).

A guerra civil instaurada no Rio Grande do Sul nos direciona a revisitar as alianças realizadas para a instauração da República no país, sobretudo, do papel do Exército:

Dentre os novos grupos de pressão surgidos na sociedade brasileira, o Exército se apresentava como o mais importante. Esta instituição vinha desenvolvendo, a partir da Guerra do Paraguai, em 1870, a formação de um “espírito de corpo”, que foi essencial para sua revalorização perante seus próprios membros e o conjunto da sociedade. Ao contrário da Marinha, cujos membros eram recrutados entre a aristocracia, o Exército não era uma organização composta pela elite, surgindo como alternativa para aqueles que não gozavam do sistema. A Monarquia contava com o seu corpo de defesa paralelo, constituído pela Guarda Nacional, que era objeto de mais atenção por parte da Coroa (PESAVENTO, 1993, p.18).

O Exército tornou-se um dos grupos mais críticos ao regime Monárquico e, tanto o foi, que sua queda em 15 de novembro de 1889, ocorreu por um golpe militar. A presença dos militares no governo sob a liderança dos Marechais Deodoro (1889-1891) e, depois, Floriano Peixoto (1891-1894), foi fundamental para a implantação do novo regime e a preparação do “caminho para a ascensão de Prudente de Moraes (cafeicultor³⁷, paulista e ‘republicano histórico’)” (PESAVENTO, 1993, 20).

O predomínio de grupos oligárquicos em São Paulo – os grandes proprietários de terras e os industrialistas – presentes em uma ala do Partido Republicano Paulista (PRP), cuja relação ao pacto federativo, sobretudo na Constituinte de 1891, estendia aos estados maior autonomia, configurou a estes, a realização de seus interesses políticos e econômicos à nova ordem vigente. Posto isso, Sandra Pesavento considera que, ademais, os cafeicultores “reivindicavam a descentralização política, no que era acompanhado pelos grupos oligárquicos regionais” e a partir disso, constatou-se que o seu poder já muito presente na Monarquia, foi “ampliando com a República” (PESAVENTO, 1983, p. 34).

³⁷ O grupo dos cafeicultores paulistas, segundo Pesavento foi de fundamental importância no processo de implantação da República e esse alinhamento ao Exército auxiliou à união não só desses dois grupos, mas de outros, pelo ideal republicano (PESAVENTO, 1983, pp. 32 a 34).

No Rio Grande do Sul, o processo de governabilidade, a partir da Constituinte Estadual de 1891, com Júlio de Castilhos a frente, se deu com a diminuição dos poderes do legislativo estadual e o aumento do poder do executivo. A Constituinte ainda permitia que o “vice-presidente [fosse] nomeado pelo presidente estadual e que este p[udesse] continuamente reeleger-se uma vez obtidos 3/4 partes dos votos” (PESAVENTO, 2014, p.76). Sendo assim, o presidente do estado poderia permanecer no poder por muitos anos. Pesavento, no tocante ao pleito, diz que “por ocasião das eleições para a constituinte estadual em 1891, republicanos dissidentes, ex-liberais e ex-conservadores formaram o Partido Republicano Federal que concorreu com o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR)” criando duas frentes de disputa pelo poder no Estado (PESAVENTO, 2014, p. 76).

Júlio de Castilhos retornou ao poder em 1892 com o auxílio dos militares. Esse apoio é revelado nas palavras de Love sobre as alianças do exército com o Partido Republicano Rio-Grandense³⁸:

A propensão das Forças Armadas para estabelecer íntimas conexões com o PRR converteu-se em algo semelhante a uma aliança quando os gaúchos começaram a pretender ao poder nacional. A República continuou a prática imperial de manter de um quarto a um terço do Exército estacionado no Rio Grande do Sul, e o Comando do Distrito Militar do Rio Grande (III Região, a partir de 1919) representava uma das atribuições mais importantes do Exército; oito Comandantes dessa região foram Ministros de Guerra na República Velha. Além disso, a única academia militar profissional importante que havia no Brasil, fora da capital federal, localizava-se no Rio Grande do Sul. Em 1907, eram mais numerosos os cadetes em Porto alegre do que no Rio de Janeiro. (LOVE, 2006, p. 128).

A Revolução Federalista iniciada em 1893 e estendida até 1895, deflagrou horrores (como as degolas) por ambos os grupos, federalistas e republicanos (apoiados pelo Exército como já mencionado acima), culminando com a vitória deste último, na “promessa de que seria revista a constituição, no sentido de que se impedisse a reeleição sucessiva do presidente do Estado” (PESAVENTO, 2014, P. 77-78). A historiadora Sandra Pesavento ainda conclui:

A República se achava consolidada, o PRR monopolizava o governo. Filiados a um partido extremamente disciplinado e organizado, os “coronéis” gaúchos,

³⁸ A historiadora Emília Viotti, diz sobre o partido republicano: “Embora difundido por todo o país, ele [Partido Republicano] não contava grande número de adeptos, com exceção dos núcleos de São Paulo, Minas, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.” (2016, p. 459). Para mais informações sobre o Partido Republicano Rio-Grandense ver em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-republicano-rio-grandense-prr>> Acesso em 22 de novembro de 2020.

que ocupavam os principais cargos políticos, eram homens de confiança do presidente do Estado. Entretanto, a Revolução Federalista demonstrara a cisão presente no interior da classe dominante estadual: “maragatos” eram “os de fora”, “pica-paus” eram “os de dentro” (PESAVENTO, 2014, p. 78).

Em 1895, um telegrama foi expedido ao jornal *O País*, solicitando a repatriação de EDC e seus colegas de serviço que se encontravam em Montevideo, como pode ser visto a seguir:

Telegrama expedido de Montevidéu para O País refere que solicitaram do dr. Vitoriano Monteiro repatriação dos alunos militares Augusto Benet, Manoel Peres da Silva Guimarães, Moysés Alves da Silva Reis, Alencastro Antonio Netto, Alfredo Lourival de Moura, Ernesto Dias de Castro e Juscelino Dias (A Federação, 7 de fevereiro de 1895, p. 1).

De certa forma, EDC estava alinhado aos ideários positivistas presentes nas fileiras do Exército. Nesse episódio de sua repatriação, cabe destacar nossa hipótese de que ele fazia parte da *legação brasileira*³⁹, instalada no Uruguai a fim de proteger a fronteira na região de Bagé dos federalistas no conflito (PESAVENTO, 2014, p. 77). Nós firmamos essa hipótese, uma vez que, em posterior publicação no Jornal *A Federação*, noticia-se outro telegrama direcionado às legações brasileiras em Montevideo e Buenos Aires, formalizando como seria realizada a repatriação dos oficiais e praças do exército, marinha, guarda nacional, polícia e corpo de bombeiros “que tendo tomado parte na revolta da esquadra ou na luta civil do Rio Grande, pretenderem voltar ao Brasil” deveriam passar pelo consulado, comunicando todas as despesas de transporte aos seus respectivos ministérios (A Federação, 17 de junho de 1895, p. 1). O comunicado continua dizendo que a legação promoveria “todas as garantias legais e assegurando aos repatriandos que o governo procederá com justiça equidade, sendo seu intento o conagraçamento dos brasileiros sob a Constituição da República” (A Federação, 17 de junho de 1895, p. 1). Posto isso, encontramos as razões para compreender a repatriação de EDC, uma vez que fazia parte do Exército e alinhado às fileiras do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR).

³⁹ A Legação, era considerada uma embaixada, com o propósito de realizar missões diplomáticas nos países em que estavam instaladas.

1.2 Ernesto Dias de Castro em São Paulo: a expansão de suas redes sociais e familiares a partir de 1895

O jornal *A Federação* também indica que EDC deixou a cidade de Porto Alegre em 26 de fevereiro de 1895 no paquete Rio Pardo⁴⁰. Deve-se observar que esta nota ocorre 21 dias após o telegrama citado acerca de sua repatriação. Ou seja: EDC teve menos de um mês para organizar sua migração para outra região brasileira. Em que condições teria ocorrido tal organização e com quais objetivos?

Em alguns anúncios de jornais, como *O Mercantil* e *O Commercio de São Paulo*, na primeira página, observou-se que o paquete Rio Pardo fazia o trajeto da capital federal, Rio de Janeiro, até Porto Alegre, com paradas nas cidades de Santos (São Paulo), Paranaguá (Paraná), Desterro (atual cidade de Florianópolis, em Santa Catarina) Rio Grande e Pelotas (ambas, no Rio Grande do Sul).



Fig. 10. Itinerário do paquete Rio Pardo. Fonte: *O Commercio de São Paulo*, 11 de abril de 1895, p.4

⁴⁰ O paquete Rio Pardo fazia parte da frota de vapores que pertencia à companhia de navegação, Lloyd Brasileiro. No Arquivo Nacional existe uma relação de passageiros que aportaram tanto no porto de Santos, quanto no porto do Rio de Janeiro, vindos de diversas regiões do país e do mundo. Infelizmente, a lista de passageiros do paquete Rio Pardo não constava na lista correspondente ao ano de 1895, impossibilitando de averiguar o nome de EDC como um dos passageiros.

A partir desses indícios, compreendemos que Ernesto Dias de Castro tinha como destino a cidade de São Paulo, uma vez que nos baseamos em seus registros pela imprensa da época, a próxima notícia, desta vez encontrada no jornal *Correio Paulistano*, mostrava seu nome em uma lista dos aprovados nos exames do 1º ano do curso geral na Escola Politécnica de São Paulo (EPSP)⁴¹, em 31 de agosto de 1895. Os documentos relativos à sua matrícula na EPSP estão organizados no Arquivo Histórico da Escola Politécnica (AHEP - USP), em que é possível averiguar que EDC pediu convalidação dos créditos já cursados na Escola Militar do Rio Grande do Sul, de acordo com a descrição do documento encaminhado à direção da EPSP:

A certidão anexa passada pelo Comendador da E. Militar do Rio Grande do Sul prova que o peticionário prestou de 1890 até 1892 os exames necessários para completar o curso preliminar do curso preparatório, bem como o exame do 1º ano do curso geral daquela escola, que compreende geometria analítica e álgebra superior, cálculo diferencial e integral e geometria descritiva (AHEPUSP, DOSSIE 1 – Prontuário de Alunos, Ernesto Dias de Castro, 28 de junho de 1895, p. 2).

Advindo de uma guerra, repatriado, tenente do 4º regimento do Exército, Ernesto Dias de Castro enquanto aluno da EPSP, fez parte de uma instituição ligada aos ideários republicanos de corrente positivista, na figura de seu diretor, Antônio Francisco Paula Souza⁴² (CERASOLI, 1998). Sua aproximação com o Partido Republicano Rio-Grandense demonstrou-se evidente durante seu percurso na Escola Militar e sua passagem pelo campo de batalha contra os “maragatos”. Não há dúvidas que estes acontecimentos o colocaram diante dos debates políticos que preencheram sua época. Em São Paulo, não obstante, emergia “uma cultura republicana própria”, onde “os paulistas apoiaram-se em precedentes clássicos, em exemplos estrangeiros mais recentes, mas não menos exóticos” que tinha como “objetivo explícito de muitos dos

⁴¹ A Escola Politécnica de São Paulo foi criada pelas leis nº 26 de 11 de maio de 1892 (Diário Oficial de São Paulo, 17 de maio de 1892, p. 2.887) e nº64 de 17 de agosto de 1892 (Diário Oficial de São Paulo, 19 de agosto de 1892, p. 3.869), em que a primeira autorizava a criação de uma escola superior de agricultura e outra de engenharia e a segunda, a criação de um Instituto Politécnico. A sua instalação ocorreu no dia 15 de fevereiro de 1894 em cerimônia solene no palacete do Barão de Três Rios com as adaptações concluídas para abrigar a nova instituição de ensino (NADAI, 1987, pp. 37-66; Diário Oficial de São Paulo, 15 de fevereiro de 1894, p. 9329).

⁴² Antônio Francisco Paula Souza (1843-1917), natural de Itu, São Paulo, cursou engenharia na Escola de Grão Ducado de Baden, na Alemanha. Retornou ao Brasil em 1867, dando início às suas atividades profissionais na Inspetoria Geral de Obras Públicas da Província de São Paulo. Realizou uma viagem de estudos práticos para os Estados Unidos da América em 1869, e partiu para a Europa. Em 1870 retornou ao Brasil uma segunda vez. Chegando aqui, trabalhou na Companhia Ituana de Estradas de Ferro, dirigida pelo seu avô Antônio Paes de Barros. Atuou politicamente ao lado dos ideários republicanos e a partir de 1889 foi inserido dentro da administração pública, como diretor da Superintendência de Obras Públicas do Estado de São Paulo. Também foi responsável, enquanto Presidente da Câmara dos Deputados de São Paulo, pelo projeto de um instituto Politécnico, que viria se concretizar com a inauguração da Escola Politécnica em 1894. Para mais informações sobre a vida profissional de Antônio Francisco Paula Souza, ver a obra de CAMPOS, 2010.

líderes envolvidos” a criação de “uma linguagem comum do republicanismo e um corpo de símbolos culturais”, permeados pela ideia da “ordem e progresso” (WOODARD, 2019, p. 72 e 73). Diante disso, EDC, como aponta James P. Woodard, adentrou às redes que o ligaram a estes ideais descritos acima:

Assim como sob o império, interesses clientelistas e laços personalistas formavam uma “rede conectiva” que se estendia desde as casas de humildes funcionários do interior do país até as sedes do poder no Rio de Janeiro, a capital nacional. Posição social, colocação profissional, favores administrativos, melhoras locais, controle sobre a terra e a mão de obra, e, não menos importante, “prestígio” eram os nós que davam a essa rede sua força e coerência. (WOODARD, 2019, p. 49)

A respeito dos objetivos que trouxeram EDC a São Paulo, apresentaremos suas conexões familiares residentes na capital, pois elas explicarão sua inserção no território paulista. A irmã de EDC, Izabel Dias Valle, e o cunhado, Ataliba Batista de Oliveira Valle, são peças fundamentais neste sociograma. Não há dados exatos sobre quando o casal passou a residir na cidade de São Paulo⁴³, porém em comunicado ao secretário da Fazenda e ao chefe da Comissão de Saneamento, foi expedido a exoneração para os cargos de ajudante e auxiliar da mesma comissão, “e nomeados para essas vagas os engenheiros Francisco Gonçalves Pereira Filho e Ataliba Batista de Oliveira Valle”, sendo que este último ocuparia o cargo de ajudante (DOESP, 22 de setembro de 1894, p. 11.434). Desta forma, temos como hipótese, de que já estabelecidos em São Paulo, o casal Ataliba e Izabel Valle, receberam o recém-chegado Ernesto Dias de Castro como hóspede em sua residência até 1899, quando constituiu família própria e passou a residir em outra região da cidade.

Os registros da Escola Politécnica informam que em 21 de fevereiro de 1896, Ataliba de Oliveira Valle passou a integrar o corpo de lentes daquele instituto (AHEPUSP, Dossiê Registro de Pessoal, Relação de Professores Segundo Antiguidade). Segundo Ficher, Ataliba de Oliveira Valle foi:

⁴³ Ao nos depararmos com as conexões familiares de Ernesto Dias de Castro e Ataliba Batista de Oliveira Valle em um primeiro momento, consideramos importante compreender outras redes estabelecidas com este último profissional na cidade. Sendo assim, a firma *Valle, Rodrigues & Ramos*, uma das sociedades entre Ataliba Batista de Oliveira Valle e Ferreira Ramos, constava na relação dos cargos e profissões descritos para o estado de São Paulo, na obra *Impressões do Brasil* de 1913. Além dos detalhes dessa sociedade, a publicação destinou algumas linhas à vida desses sócios, bem como do próprio Ataliba Batista de Oliveira Valle, a quem gostaríamos de chamar a atenção para o seguinte trecho a seu respeito: “Em 1895, foi nomeado professor da Escola Técnica para Estradas de Ferro, posto que ocupa até hoje” (LLOYD, Reginald, 1913, p. 674). Não sabemos qual seria a referência a essa escola, e tão pouco que Ataliba Batista de Oliveira Valle exerceu outro cargo como professor além da Escola Politécnica. Ao que vemos aqui nesta publicação, e seguindo o caminho das fontes pelo AHEPUSP, seu contato com essa instituição seria apenas em 1896, conforme as informações apontadas no decorrer desta dissertação.

lente substituto da 4ª Seção de Artes, regendo a cadeira de ‘Aplicações de Geometria Descritiva e Generalidades de Arquitetura’ do 2º ano do curso geral. No ano letivo de 1897-1898, foi nomeado catedrático, responsável também pela cadeira de ‘Estética das Artes do Desenho’, do 3º ano do curso de engenheiro-arquiteto. Permaneceu na regência dessas duas cadeiras até 1902, quando foi transferido para a 8ª Seção de Obras Públicas e Administração, como catedrático de ‘Estradas, Pontes e Viadutos (parte descritiva)’ e ‘Estradas de Ferro (tráfego)’. Aposentou-se em abril de 1932. (FICHER, 2005, P. 84)

Além de sua atuação como professor da Escola Politécnica, Oliveira Valle também participou de sociedades com Francisco de Paula Ramos de Azevedo e EDC, que serão abordadas com mais detalhes no terceiro capítulo desta dissertação. Mas é necessário destacar que compreendemos Ataliba Oliveira do Valle e sua esposa, Izabel de Castro Valle, como figuras fundamentais para que EDC se estabelecesse em São Paulo e, principalmente, adentrasse ao círculo de ações da Escola Politécnica.



Fig. 11. Da esquerda para a direita, Aída de Castro Valle, Lúcia de Castro Valle, Ataliba Batista Oliveira do Valle, Izabel de Castro Valle, Elfbia Antunes Maciel (Castro). **Fonte:** Acervo pessoal de João-Alfredo Gordo.

Em entrevista concedida por João-Alfredo Gordo⁴⁴, neto de Ataliba Batista de Oliveira Valle, nos foi informado que seus avós moraram em uma casa de aluguel⁴⁵ construída pelo escritório de Francisco de Paula Ramos de Azevedo na região da Bela Vista e que este teria convidado seu avô para participar junto a ele da Escola Politécnica. Nesta residência, a mãe de Izabel de Castro Valle, Elíbia Antunes Maciel Dias de Castro, viajou de Bagé até São Paulo para então morar com o jovem casal após o falecimento de seu marido, Pedro Dias de Castro, em 1909 (A Federação, 8 de março de 1909, p.2).

Ao que nos é mostrado, a inserção de EDC no universo social paulistano foi rápida, já que no mesmo ano – em 1895 – ele ocupou a função de engenheiro condutor na Comissão de Saneamento organizada pela Secretaria do Estado de São Paulo (O Comércio de São Paulo, 25 de outubro de 1895, p.10). Nesta mesma época, seu cunhado Ataliba Batista de Oliveira Valle foi promovido de ajudante para chefe de seção dessa mesma Comissão (APESP, Relatório da Secretaria da Agricultura, 1895, p. 25).

Anterior à abertura desta Comissão, o estado das várzeas da capital (do Carmo e do Glicério), com enchentes recorrentes e acúmulos de lixo, apresentavam riscos à saúde pública dos que circulavam por aquela região e viviam próximos às suas margens. Para a elite paulistana, a situação cada vez mais problemática, gerou um incômodo para este grupo que trabalhava para que a capital fosse reconhecida aos moldes das cidades europeias (CAMPOS, 2010, p. 208).

Com João Theodoro (1828-1878) na presidência da província entre 1872 e 1875, o primeiro gesto de *melhoramento* daquela região foi a construção da ilha dos Amores no rio Tamanduateí, mantendo ainda a configuração da região para a circulação da população que ocupava os seus arredores, como caipiras, negros e lavadeiras (OLIVEIRA, 2005).

Na década de 1880, foram realizados estudos pelo engenheiro Bianchi Bertoldi para a retificação dos rios Tamanduateí e Tietê, porém a proposta não seguiu adiante. Já em 1890 foi apresentado um plano para a Câmara Municipal de São Paulo – como parte de um concurso - por dois empresários, A. C. Miranda e Samuel Malfatti, que tinham como objetivo “acabar com as enchentes” por meio do saneamento e da urbanização daquela área.

⁴⁴ Entrevista realizada em 17 de outubro de 2020 via aplicativo de mensagens (WhatsApp).

⁴⁵ No dia 14 de novembro de 1911, na *Coluna Chic* da revista *A Vida Moderna*, foi estampado nas páginas desse periódico o casamento de Aida Valle e Delphino de Oliveira Piza, na residência dos pais da noiva, situada à Avenida Higienópolis (A Vida Moderna, 30 de setembro de 1911, p. 20). Em outra notícia, a respeito do falecimento da mãe de Izabel de Castro Valle, no dia 4 de dezembro de 1923, o velório se passou na residência da filha à Avenida Higienópolis, 15 (Correio Paulistano, 6 de dezembro de 1923, p.5).

Essas propostas, que seguiam cada vez mais uma adição de outros grupos privados interessados, culminou com a anulação do concurso pelo governador do estado, Prudente de Moraes (1841-1902), dando ao poder público a execução das propostas e obras para as várzeas. Na manifestação do governador, foi criada uma comissão que ficou responsável pela produção de um estudo das várzeas, formada pelos engenheiros Antônio Francisco de Paula Souza e Theodoro Sampaio⁴⁶.

Com aquelas áreas em condições apropriadas de serem ocupadas – a partir do plano de saneamento e urbanização que seria elaborado – e a população pobre retirada desses territórios “estavam, enfim, liberando uma grande porção de terra que se prestaria à expansão urbana da capital paulista” (CAMPOS, 2010, p. 210).

Já no que diz respeito ao trabalho conjunto entre Antônio Francisco de Paula Souza e Theodoro Sampaio, a atuação desses dois engenheiros, estava vinculada no princípio de que tal obra era de responsabilidade do poder estadual, e não de interesses particulares. O relatório contendo os estudos realizados pela comissão foram entregues ao governador do Estado em 1891, sendo que os trabalhos iniciais dataram de 1890. Dividido em quatorze capítulos, o relatório apresentou informações sobre as características da cidade de São Paulo, em seus mais diversos aspectos, tais como, geográfico, geológico, climático, urbano, econômico e entre outros (CAMPOS, 2010, pp. 210-222). Os apontamentos realizados sobre o saneamento das várzeas, culminou com a criação da Comissão de Saneamento de 1892 do Estado de São Paulo, tendo como organizadores, os engenheiros, Theodoro Sampaio e Antônio Francisco de Paula Souza. Esta mesma comissão fora extinta em 1898 e subordinada à Repartição Técnica de Água e Esgoto do Estado. As obras no Tamanduateí foram iniciadas em 1896 e concluídas em 1914 (CAMPOS, 2010, p. 224).

Deste sociograma relacional, tomando como estudo de caso a Comissão de Saneamento do Estado de São Paulo, a elite técnica, representada por esse microgrupo de engenheiros -

⁴⁶ Segundo Luiz Augusto Maia Costa, Theodoro Fernandes Sampaio (1855-1937) foi um negro baiano que se diplomou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1877. Trabalhou no Museu Nacional a partir de 1875 e em 1879 compôs a Comissão Hidráulica do Império, como segundo engenheiro. Voltando à Bahia em 1881, fez parte do escritório técnico responsável pelo prolongamento da Estrada de Ferro da Bahia ao São Francisco até 1883, quando foi convidado a participar da Comissão de Melhoramentos do Rio São Francisco como primeiro engenheiro. Em São Paulo (1886) ocupou o cargo de primeiro engenheiro e chefe de Topografia da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo. No governo de Prudente de Moraes realizou estudos de Saneamento de São Paulo ao lado de Antônio Francisco de Paula Souza, como chefe dos Serviços de Água e Esgoto da cidade de São Paulo. Participou da comissão responsável pela organização da Escola Politécnica de São Paulo a partir de 1890, mas seu nome não consta como um dos fundadores da Escola e nem mesmo fez parte do corpo docente. Avançando as décadas, regressou para a Bahia para ser Deputado Federal em 1927 e presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia de 1922 a 1936 (COSTA, 2003, pp. 3-27).

EDC, Ataliba Batista de Oliveira Valle, Antônio Francisco de Paula Souza e Theodoro Sampaio – que estavam conectados fosse por alianças familiares ou profissionais, indicam a princípio o alinhamento do poder do Estado, frente aos ideários positivistas da instituição que levantava o estandarte da Cruzada ao progresso: a Escola Politécnica de São Paulo (CERASOLI, 1998).

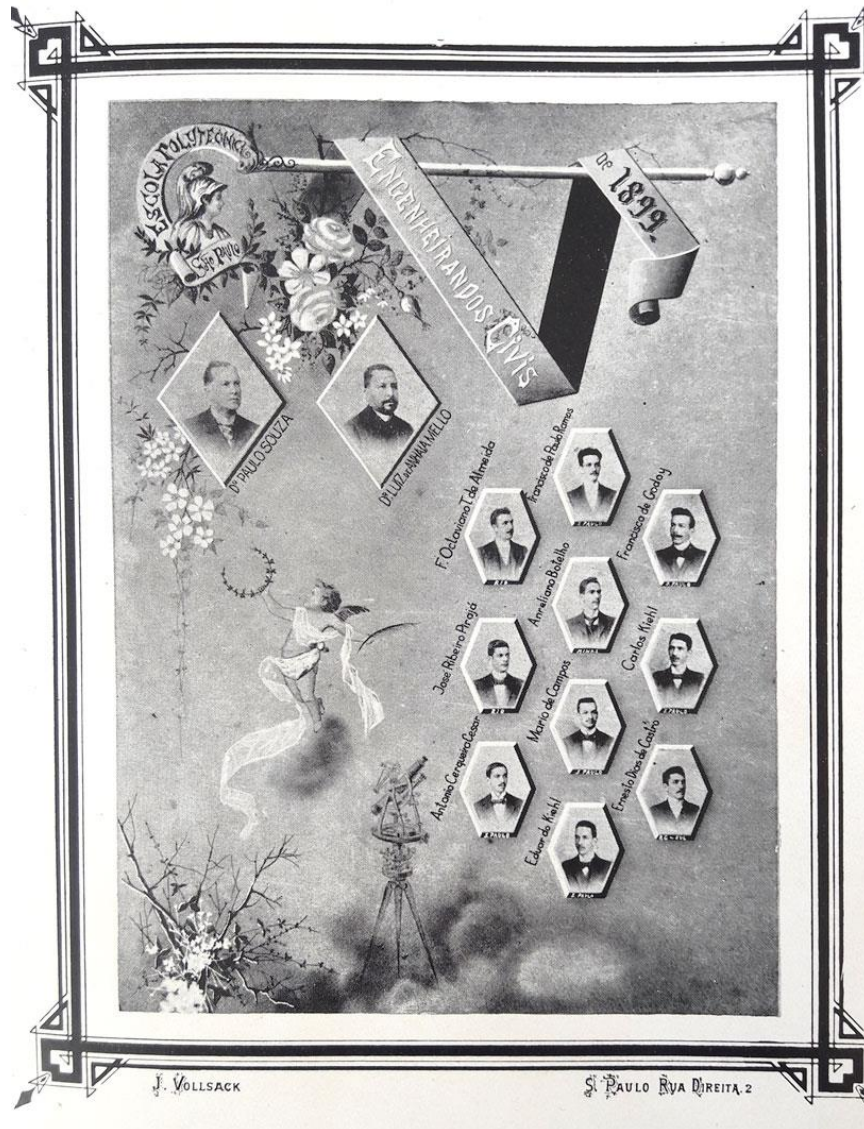


Fig. 12. Primeira turma de engenheiros civis formados pela EPSP em julho de 1899. Da esquerda para direita: os diretores, Dr. A. F. Paula Souza e Dr. Luiz de Anhaia Mello, seguidos pelos estudantes, F. Octaviano T. de Almeida, Francisco de Paula Ramos de Azevedo Filho, Francisco de Godoy, José Ribeiro Pirajá, Anreliano Botelho, Carlos Kiehl, Antônio Cerqueira Cesar, Mario de Campos, Ernesto Dias de Castro e Eduardo Kiehl.

Fonte: Anuário da Escola Politécnica para o ano de 1934, III ano, 2ª Série.

Foram, no total, quatro anos dedicados⁴⁷ aos estudos para o curso de engenharia civil na EPSP, e na tarde de julho de 1899, EDC graduou-se na primeira turma de engenheiros civis da

⁴⁷ Como já dito anteriormente, EDC esteve familiarizado com os temas relacionados à questão sanitária na cidade. No *Almanak do Estado de São Paulo: Administrativo, Commercial e Profissional* de 1897, há um registro seu,

instituição. Esta cerimônia ocorreu no salão nobre das dependências da EPSP, junto de seus colegas de turma Carlos Kiehl, Francisco de Paula Ramos de Azevedo (Filho), Antônio Cerqueira Cesar, Mario Campos, Eduardo Kiehl, Francisco Godoy Moreira Costa, Aureliano Ignacio Botelho, Francisco Octaviano Teixeira de Almeida e João Moreira Maciel⁴⁸, que obteve o título de arquiteto. Na ocasião, os diplomados presenciaram o discurso do diretor Paula Souza a respeito da importância daquela solenidade para os anos vindouros da cidade:

Encontramos facilmente quem discorra sobre os mais variados assuntos, quem mostra a mais invejável erudição; todavia é bem raro encontrarmos quem possa executar mesmo as mais simples coisas. Sendo assim o estado mental da nossa pátria só por um verdadeiro milagre deveríamos esperar que ela tivesse uma indústria adiantada e não se visse obrigada a tudo importar do estrangeiro. Ora, é claro, que se precisava reagir contra esse estado de coisas: - e esta escola é a expressão material dessa reação. Ela, tem em mira fornecer uma instrução científica que habilite seus alunos a não praticarem empiricamente, educando-os ao mesmo tempo na prática daqueles trabalhos que terão mais comumente de executar. Seu objetivo primordial é, portanto, antes criar cidadãos que saibam executar e praticar do que discorrer e discutir. (O Estado de São Paulo, 25 de junho de 1899, p. 2)

As palavras de Paula Souza, publicadas na imprensa da época, transmitiram o desejo do diretor de estabelecer em São Paulo uma indústria “adiantada”, a partir dos profissionais com formação pela Escola Politécnica. A ênfase de seu discurso, no papel desses profissionais para o progresso de São Paulo, revelou o valor à técnica e à experiência que a escola ofertava aos seus alunos. Em sua fala, ainda é possível destacar que o nascimento dessa indústria auxiliaria, parcialmente, na independência do Estado com as importações.

O ano de 1899 evidencia muitas conexões importantes para a escrita biográfica profissional de EDC. Concentramos nossas hipóteses nas alianças sociais e comerciais que apareceram nesse ano, que o auxiliaram a criar seu espaço como comerciante na cidade de São Paulo. Neste sentido, em dezembro de 1899⁴⁹, o casório do recém diplomado com Lúcia Lacaze

onde foi apresentado como engenheiro, filiado à uma empresa de saneamento a qual prestava seus serviços, na rua Bento Freitas, 20. (Almanak do Estado de São Paulo: Administrativo, Commercial e Profissional, 1897, p. 237)

⁴⁸ João Moreira Maciel (1877-?) ingressou na Escola Politécnica em 1894, onde recebeu em 1896 o título de engenheiro-geógrafo e em 1899 o de engenheiro-arquiteto (Escola Politécnica, 1993, p. 3). Segundo Sylvia Ficher, ele “foi o primeiro egresso da Politécnica a receber o prêmio de viagem ao exterior por seu desempenho acadêmico”, mas pela falta de registros dos relatórios que deveria apresentar, não foi possível afirmar que realizou o percurso Itália-França-Alemanha-Áustria. Dos poucos registros de sua atividade profissional, constam o plano que apresentou para a “Comissão de Melhoramentos e Embelezamento da Intendência Municipal de Porto Alegre, primeiro projeto urbanístico daquela cidade” e sua atuação como professor no Liceu de Artes e Ofícios (2005, pp. 90 e 91).

⁴⁹ O casamento realizado em 16 de dezembro de 1899 pelo cônego José Valois de Castro, contava com a presença das testemunhas, Ataliba Batista de Oliveira Valle e Alfredo Maia, em uma cerimônia particular habilitada pela

Ramos de Azevedo, a filha primogênita de F. P. Ramos de Azevedo, no auge de seus 18 anos, participou deste contrato social, do qual uniria as duas famílias em negócios futuros.

Da união entre Ernesto Dias de Castro e Lúcia Azevedo Dias de Castro, nasceu a primogênita do casal, Laura Dias de Castro (1900-1982) e o caçula, Ernesto Dias de Castro Filho (1903-1986).



Fig. 13. Ernesto Dias de Castro e Lúcia Azevedo Dias de Castro, s/d. **Fonte:** Acervo pessoal de José-Adolpho Gordo.

A residência do novo casal situava-se no mesmo terreno em que o sogro construiu seu palacete e as duas casas geminadas (terreno ocupado pelo seu antigo jardim) para suas filhas, na Rua Pirapitingui, na região da Liberdade. Em uma delas, no número 15, a família Dias de Castro residiu até a década de 1930. Segundo o processo de tombamento do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT), a planta de construção das casas geminadas situadas no terreno da residência de Ramos de Azevedo, está no volume 20, de 3 de julho de 1896, das Obras Particulares do Arquivo Histórico de São Paulo (CONDEPHAAT, Processo 22.104, p. 78).

Portaria da Cúria Episcopal (Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Livro de Casamento da Paróquia de Cambuci, cota: 5-1-6, p. 29). O registro civil do casamento foi realizado no dia 23 de dezembro de 1899, na presença do Juiz de Paz do distrito da Liberdade (ATJSP, 6º V.F.S., Inventário, Processo 15934/1956).



Fig. 14. Casas geminadas construídas para Lúcia e Laura Ramos de Azevedo situadas à Rua Pirapitingui, no bairro da Liberdade. **Fonte:** Acervo do autor, 2015.

1.3 Os anos depois da Politécnica: o empreendedor do urbano

O ingresso de Ernesto Dias de Castro como funcionário público na instância municipal (já que atuou nas obras de saneamento do Estado de São Paulo) se dá nos primeiros anos de exercício do mandato do prefeito Antônio da Silva Prado⁵⁰ na capital paulista. Segundo Cândido Malta Campos, no ano de 1899:

⁵⁰ A gestão de Antônio da Silva Prado (1840-1929) se deu entre os anos de 1899 e 1911 como prefeito da cidade de São Paulo. No mesmo período que Francisco Pereira Passos (1836-1913), prefeito do Rio de Janeiro, realizava grandes reformulações urbanas na cidade, Antônio Prado também realizou seus projetos urbanísticos na Pauliceia. De acordo com Cândido Malta Campos, suas “realizações paulistanas foram consideráveis, começando por projetos de cunho paisagístico: remodelação do Jardim da Luz, urbanização e arborização da Avenida Tiradentes, ajardinamento da Praça da República (1902 a 1905), novo arranjo do largo do Arouche, acerto das margens do Tamanduateí, na várzea do Carmo com o plantio de grama e árvores.” (CAMPOS, 2002, p. 82-83) No encaminhamento desses melhoramentos, Prado ainda participou da reorganização do centro da cidade, com a alargamento da Rua Quinze de Novembro em 1901, a remodelação do largo do Rosário, com a demolição da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e a transferência da comunidade negra para o Largo do Paissandu onde seria erigida outro templo, dando lugar para a praça que levaria seu nome: Praça Antônio Prado. (CAMPOS, 2002, p. 83). Seguindo as reformas que aconteciam no Rio de Janeiro com o “bota-abixo” promovido por Pereira Passos (ABREU, 1987), em São Paulo, Antônio da Silva Prado esteve à frente das demolições de dois quarteirões na área da Praça da Sé (CAMPOS, 2002, p. 84).

Antônio Prado transformou a Intendência de Obras em Seção de Obras, ampliando-a em seguida para formar a Diretoria de Obras Municipais, contando com oito engenheiros: o diretor, Vítor Freire [...]; o vice-diretor, Eugênio Guilhem; Joaquim Nébias, Luís Bianchi Bertoldi, Lúcio Martins Rodrigues [...], Francisco Rodrigues, Ernesto Dias de Castro [...] e João Ribeiro da Silva. Pouco depois, ingressaria no corpo funcional outro politécnico, Luís Pedrosa, formado em 1902 (CAMPOS, 2002, p. 80).

Como dito na citação acima, o comando da Diretoria de Obras estava a cargo de Victor da Silva Freire⁵¹, que mantinha laços estreitos com a EPSP, conectando ainda mais EDC a essas redes formuladas pela instituição. Conforme os relatórios de prefeito consultados, à época, o engenheiro civil tinha ações de fiscalização na diretoria. Pudemos detectar as obras aprovadas e não-aprovadas sob sua responsabilidade, que podem ser consultadas na seção de anexos dessa dissertação (APÊNDICE B).

EDC também atuou como lente no Ginásio da Capital, e, de acordo com o *Almanak Laemmert*,⁵² foi o responsável pela 10ª cadeira no ensino e aplicação de geometria e trigonometria para os estudantes, exercendo a profissão até 1923, quando se aposentou (Correio Paulistano, 6 de julho de 1923, p. 5).

Em 1903, EDC foi exonerado⁵³ do funcionalismo público e partiu para o primeiro empreendimento privado de que temos nota. Ele entrou em sociedade com seu sogro, Ramos de Azevedo, dando sequência às atividades da casa comercial *Azevedo, Bueno & Cia.*, da qual era administrador desde 1891 (Correio Paulistano, 01 de fevereiro de 1891, p. 3). Com a entrada do novo sócio, a firma foi rebatizada para *Ernesto de Castro & Cia*, revelando que, de fato, tratava-se de uma nova razão social da empresa que Ramos de Azevedo já fazia parte. A Ernesto de Castro e Cia. existiu por um período de aproximadamente 64 anos (1903-1967). Nesse

⁵¹ Victor da Silva Freire Júnior (1869-1951), filho de Victor da Silva Freire e Dona Leopoldina Coimbra Freire (COSTA, 2012, p. 6), foi um engenheiro diplomado na Politécnica de Lisboa (1888), completando os estudos na *École de Ponts et Chaussées* de Paris (1891). Ainda na Europa, trabalhou em Paris, na província de Almeida (Espanha), Lisboa, Bélgica, e com participação na *Société Internationale des Travaux Publics* (COSTA, 2012, p. 7 e CAMPOS, 2002, p.80). Chegou ao Brasil em 1895 onde passou a trabalhar na Intendência de Obras Públicas da cidade de São Paulo, fundada por Antônio Francisco Paula Souza, sob a direção de André Rebouças. Na comissão de Saneamento estadual, Freire chefiou o distrito de Santos entre 1897 e 1898 (CAMPOS, 2002, p. 80). Em 1899, Antônio Prado como prefeito, nomeou Victor da Silva Freire como “chefe e depois como diretor da Seção (depois, Diretoria) de Obras de Prefeitura, cargo que ocupou até 1926” (COSTA, 2012, p. 9). Após 27 anos, passando por quatro mandatos na administração da Diretoria de Obras da capital, Freire se aposentou em 1926 (CAMPOS, 2002, p. 81).

⁵² *Almanak Laemmert*, edição de 1901.

⁵³ Conforme registro de pagamento dos funcionários das repartições pelo Tesouro Municipal à época: “Foi a 7 de Março de 1903 aproveitado [Mario W. Tibiriçá] para o cargo de engenheiro da diretoria de obras na vaga deixada pelo dr. Ernesto Dias de Castro”. Arquivo Histórico de São Paulo, Fundo Prefeitura Municipal de São Paulo, Tesouro Municipal, Vol. 760, p. 157.

período, sua maior contribuição para a cidade de São Paulo foi a de distribuição de materiais das mais variadas tipologias, como ferro, artigos sanitários, cimento, azulejos, acabamentos de interiores, dentre vários outros. Esteve localizada sempre no centro de São Paulo, sendo o seu primeiro endereço na Rua do Rosário, 17, em um edifício de dois andares. Depois, foi transferida para um prédio de três pavimentos, onde o *Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo* e a Companhia Iniciadora Predial funcionavam, sob a direção de Ricardo Severo⁵⁴, na Rua Boa Vista, 26. Em 1920 um projeto foi elaborado para a construção do edifício “Casa Ramos de Azevedo”, que destinou o térreo, e os três andares de sobreloja para o funcionamento da *Ernesto de Castro & Cia.*, com endereço na Rua Boa Vista, 2. A inauguração do novo edifício, em 1922, abrangeu outras empresas da família e do círculo empresarial próximo de F. P. Ramos de Azevedo. Neste edifício, imóvel tombado pelo Conselho de Preservação da Prefeitura de São Paulo (CONPRESP) – res. 17/07-28 | NP. 2 – a firma operou até o ano de 1952, depois foi transferida para outros endereços, finalizando sua operação em 1967. No ano anterior, em 1966, em uma assembleia com os acionistas reunidos nos antigos galpões da empresa, na Rua André de Leão 3, na Mooca, iniciou-se o processo de liquidação das atividades comerciais que EDC exerceu por décadas, e que o guindou a tantas outras iniciativas, como veremos nos capítulos dois e três. (DOESP, 02 de novembro de 1966, p. 3). Enquanto esteve em completo funcionamento, a casa comercial atraiu investimento de outros sócios. De acordo com as fichas de breve relato⁵⁵ da Junta Comercial do Estado de São Paulo (JUCESP), um desses sócios foi Mário Dias de Castro, o irmão mais velho de EDC.

⁵⁴ Ricardo Severo da Fonseca e Costa (1869-1940) nasceu em Lisboa, Portugal, mas viveu desde sua infância na cidade do Porto com sua mãe Mariana Cruz da Fonseca e Costa e o pai, José Antônio da Fonseca e Costa, comerciante e responsável por promover caravanas e expedições portuguesas para a África Oriental (MELLO, 2007, p. 25). Severo ingressou na Academia Politécnica do Porto em 1884 e diplomado em Engenharia Civil de Obras Públicas (1890) e em Engenharia Civil de Minas (1891). Atuou também na direção da Revista de Ciências Naturais e Sociais e Portugal, com publicação de artigos de assuntos ligados à produção científica e questões nacionais (MELLO, 2007, p. 35). Forçado a vir para o Brasil, por razões políticas (como outros portugueses), Severo se enquadrou como “um representante bem-sucedido dessas camadas médias portuguesas de imigrantes” (MELLO, 2007, p. 44). Em solo brasileiro, no ano de 1908, Ricardo Severo, passou a residir na capital paulista e tão logo se associou ao Escritório Técnico Ramos de Azevedo e aos empreendimentos que este administrava em São Paulo. Esteve à frente do escritório de arquitetura de Ramos de Azevedo junto a Arnaldo Dummont Villares, após o falecimento do seu diretor-chefe em 1928.

⁵⁵ As Fichas de Breve Relato (FBR) apresentam informações relativas ao histórico da empresa, como denominação social, endereço, tipo social, gênero de comércio, capital social, prazo de duração, nome dos sócios e o registro das atas daquela empresa. Na JUCESP existem duas FBR atreladas a casa comercial Ernesto de Castro & Cia., a primeira delas, data de sua criação em 1903, e a segunda devido a alteração da sua denominação social em 1953 para Dias de Castro S.A Comercial e Importadora.



Fig. 15. Residência de Mário Dias de Castro situada à Avenida Paulista, 186. **Fonte:** Acervo da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, Fundo de Negativos do Escritório Técnico Ramos de Azevedo.

Ainda nos primeiros anos de atividade da casa comercial e importadora, o diretor-presidente, EDC, embarcou rumo à Porto Alegre no paquete Itaipava, em 2 de junho de 1908, ao que tudo indica, para uma viagem de negócios (O País, 1 de novembro de 1908, p. 3). Sua ida à capital do Rio Grande do Sul foi estratégica, com o propósito de angariar seu irmão Mário para o time de sócios da *Ernesto de Castro & Cia.* em São Paulo.⁵⁶

Acha-se nesta capital o nosso patrício dr. Ernesto Dias de Castro, que há quinze anos tem residência em S. Paulo, onde é chefe da importante firma Ernesto de Castro & C. Está hospedado com seu irmão nosso correligionário Mario Dias de Castro, comerciante desta praça (A Federação, 20 de outubro de 1908, p. 2).

⁵⁶ No período da visita, Mário trabalhava como comerciante na *Loja João Aydos & Cia* conforme notícia no jornal *A Federação*, de 20 outubro de 1908. Esta loja importava “gêneros de estiva e outras mercadorias, em grande escala, da Europa, da América do Norte e dos Estados do Norte do Brasil, - de vendas em Porto Alegre e em todo interior do Estado do Rio Grande do Sul, por meio dos seus caixeiros viajantes e dos seus comissionários.” In: MONTE DOMEQ' & Cia. *O Estado do Rio Grande do Sul*. Barcelona: Thomas, 1916, p. 136.

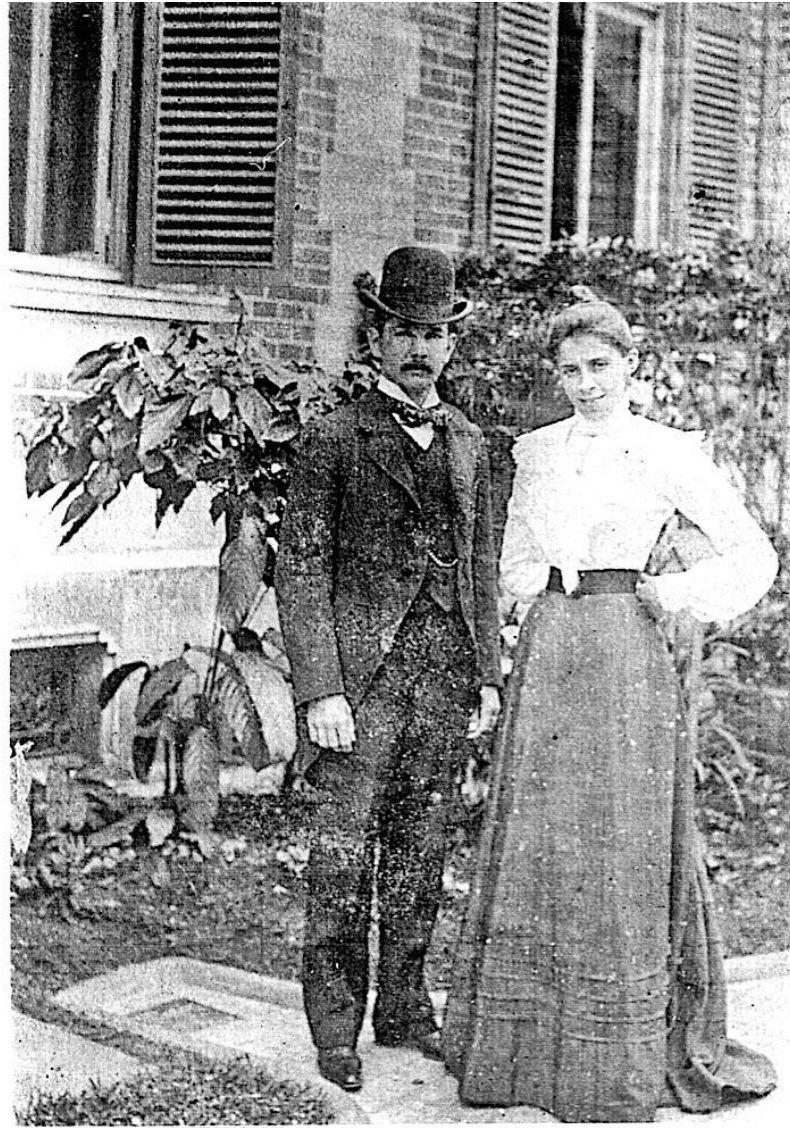


Fig. 16. Mário e Izabel Dias de Castro, no jardim de sua residência na Avenida Paulista. **Fonte:** Acervo pessoal de João-Alfredo Gordo.

Firmada a sociedade, Mário Dias de Castro passou a residir próximo ao terreno que foi transferido para titularidade de EDC na Avenida Paulista em 1913⁵⁷ (ANEXO A). Foi próximo de tal área que foi construído uma casa térrea com projeto do Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo, em que levantamos a hipótese de que a *Ernesto de Castro & Cia.* tenha sido responsável pelo fornecimento de materiais para construção. A seguir apresentamos as plantas que correspondiam à residência de Mário de Dias de Castro, e que, hoje, corresponde ao lote ocupado pelo SESC Avenida Paulista.

⁵⁷ Escritura lavrada no Livro 006, à página 047Vº. 11º Tabelião de Notas - São Paulo – SP, Comarca de São Paulo – Estado de São Paulo – Tabelião Paulo Augusto Rodrigues Cruz.



Fig. 17. Planta com corte longitudinal da Residência de Mário Dias de Castro, 1914. **Fonte:** Arquivo Histórico de São Paulo. Casa do Ilmo. Sr. Mário Dias de Castro, 186. Diretoria de Obras e Viação, Obras Particulares, Caixa 237, 1914.

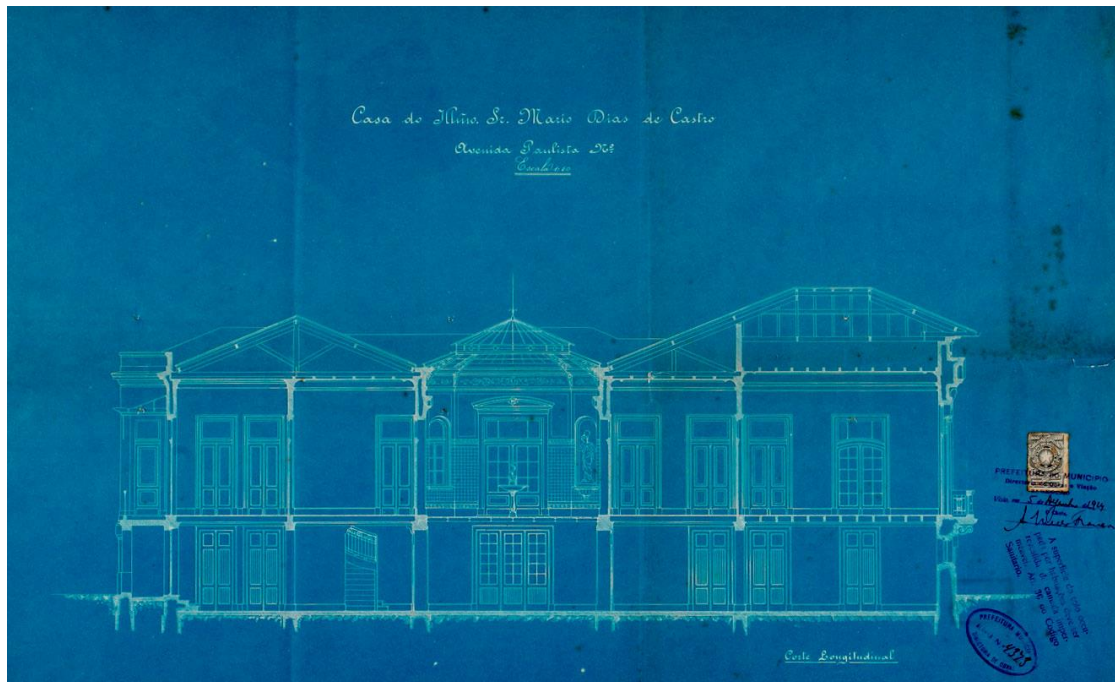


Fig. 18. Planta com corte longitudinal da Residência de Mário Dias de Castro, 1914. **Fonte:** Arquivo Histórico de São Paulo. Casa do Ilmo. Sr. Mário Dias de Castro, 186. Diretoria de Obras e Viação, Obras Particulares, Caixa 237, 1914.

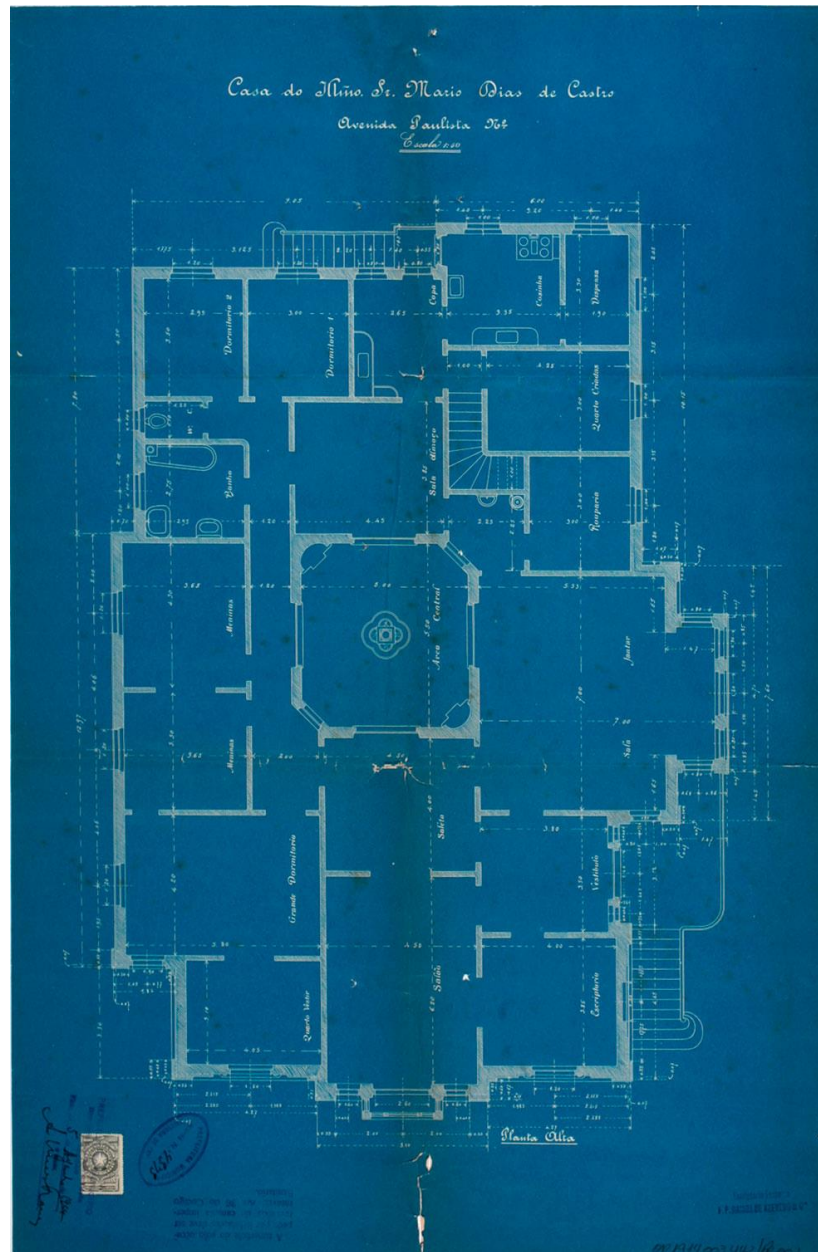


Fig. 19. Planta alta da Residência de Mário Dias de Castro na Avenida Paulista. **Fonte:** Arquivo Histórico de São Paulo. Casa do Ilmo. Sr. Mário Dias de Castro, 186. Diretoria de Obras e Viação, Obras Particulares, Caixa 237, 1914.

Mário Dias de Castro esteve ao lado do irmão em outros empreendimentos como sócio. Chegou a ser primeiro tesoureiro do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo⁵⁸ (DOESP, 9 de janeiro de 1943, p. 21) e diretor da Siderúrgica Belgo-Mineira (DOESP, 22 de abril de 1941).

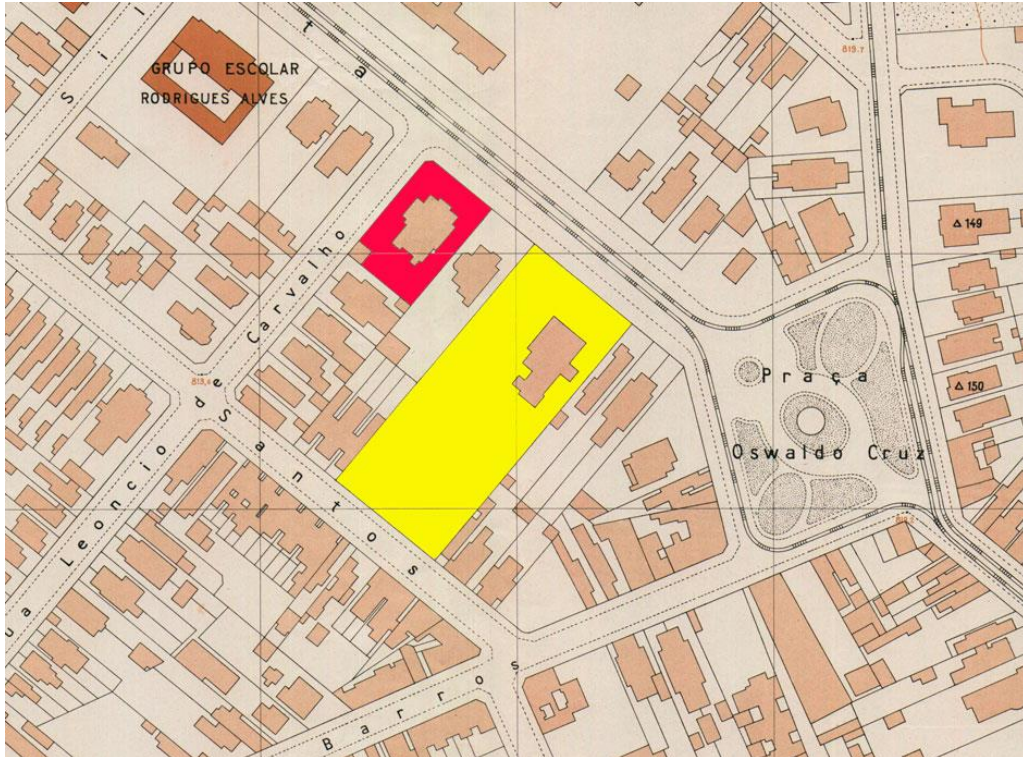
⁵⁸ O Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo é posterior a fundação da Sociedade Propagadora da Instrução Popular por Carlos Leôncio da Silva Carvalho em reunião realizada no dia 14 de dezembro de 1873, juntamente com seus sócios. Esta instituição foi criada com a finalidade de promover aulas gratuitas destinadas à formação de aprendizado de disciplinas elementares, tais como línguas e cálculos. Mas o registro de funcionamento se deu, oficialmente, apenas no dia 5 de janeiro de 1874 (SEVERO, 1934, p. 9). Somente em 1º de setembro de 1882, a sociedade passou por um processo de ampliação e reorganização, alterando sua denominação social para Liceu de

Nesse ínterim, cabe destacarmos a notoriedade de EDC na sociedade paulista, quando ocupou um dos cargos do alto escalão do comércio, já que assumiu a presidência da Associação Comercial de São Paulo no ano de 1917 e novamente em 1920. Dois momentos conturbados de crises que permearam o cenário da economia paulista. No primeiro deles, ocorreu a mobilização dos operários por melhorias nas condições de trabalho, paralisações parciais e greves⁵⁹. O segundo, EDC foi eleito para um mandato em que aumentavam as tensões no cenário paulista, como a eclosão da greve “que se abatia sobre a Cia. Docas de Santos”, o que “era preocupante, pois afetava sensivelmente a atividade comercial paulista, situação que também era agravada com o desvio de mercadorias” (ASSUNÇÃO; GHOBIL, 2014, p. 36). Nos anos seguintes, EDC fez parte do Conselho Fiscal e foi homenageado em diversas ocasiões nas comemorações dessa instituição.

Em 1928, após a morte de F. P. Ramos de Azevedo, o Escritório Técnico “Ramos de Azevedo”, Severo & Villares iniciou os projetos para a construção da futura residência de EDC e sua esposa, Lúcia Azevedo de Castro, na avenida Paulista, vizinha à residência de Mário Dias de Castro. Neste processo, de 1928 a 1935, cada detalhe da construção dessa residência foi documentado com notas fiscais e plantas compondo um vasto acervo da época de sua construção, que podem ser consultados no Acervo da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.

Artes e Ofícios de São Paulo. A grade de ensino foi reorganizada com cursos específicos para as ciências práticas, artísticas e profissionais. Em 1895, a diretoria do LAO passou para a administração de Francisco de Paula Ramos de Azevedo (SEVERO, 1934, p. 13-14).

⁵⁹ Para os dois anos em que Ernesto Dias de Castro ocupou o cargo de presidente da Associação Comercial, consultar a obra de BIONDI, 2011 que propõe analisar os conflitos e movimentos dos trabalhadores italianos em São Paulo. Sobre o contexto da época também ver a obra de BERTUCCI, 2004 que diz respeito à epidemia da Gripe Espanhola e às medidas tomadas pelo comércio e o governo da época.



Mapa 2. Da esquerda para direita, o terreno com destaque em vermelho, pertenceu a Mário Dias de Castro, com residência no número 182 da Avenida Paulista, seguido por outro terreno com destaque em amarelo, de propriedade do seu irmão, Ernesto Dias de Castro, no número 186 da mesma avenida. **Fonte:** Pormenor do Mapa Topográfico do Município de São Paulo, executado pela empresa SARA Brasil S/A. Folha 52-21, 1930 (Os destaques não constam no original).



Fig. 20. Fachada Lateral do projeto para Residência do Dr. Ernesto de Castro à Avenida Paulista, 186. **Fonte:** Acervo da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.

A própria empresa de EDC, a *Ernesto de Castro & Cia.* era a responsável pelo fornecimento de materiais para erigir a mansão, mas também outras firmas e profissionais que mantinham uma relação de negócios com os proprietários e a família no geral. Dentre eles

temos, o *Liceu de Artes e Ofícios*, a *Azevedo, Miranda e Cia.*, *Paulo Giannini* (Serviços de Carpintaria), *Nuncio Ciampaglia*, *Sebastião Sparapani*, *Irmãos Tonetti*, *Rodolpho Monetti*, *Alberto Troise & Cia.*, *Pirie, Villares & Cia.* etc.

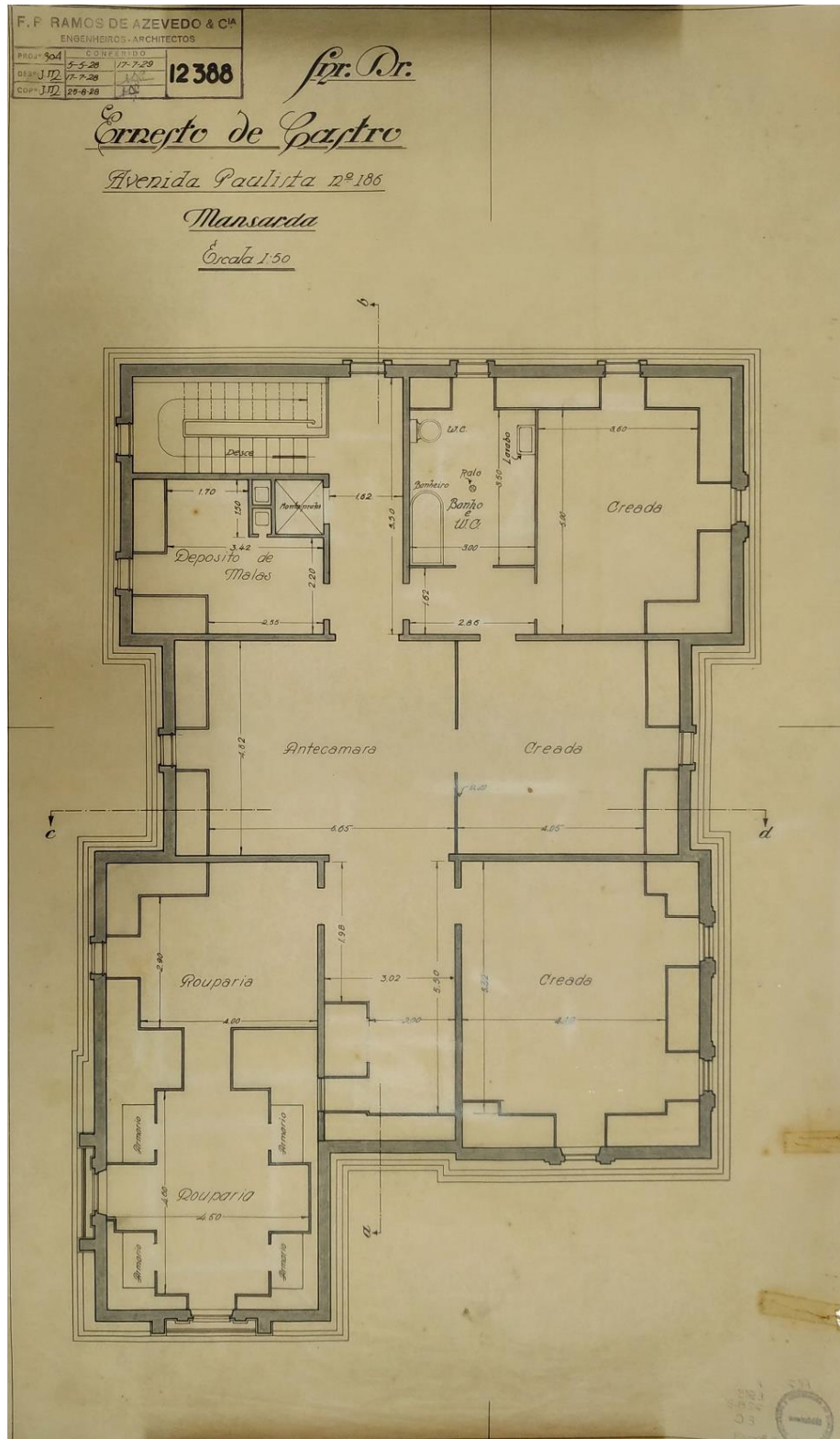


Fig. 21. Mansarda do projeto para Residência do Dr. Ernesto de Castro à Avenida Paulista, 186. **Fonte:** Acervo da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.

Esta residência, atualmente conhecida por Casa da Rosas – Espaço Haroldo de Campos de Poesia e de Literatura, passou por um longo processo jurídico até que fosse tombada pelo órgão de preservação estadual CONDEPHAAT⁶⁰.



Fig. 22. Residência do Dr. Ernesto de Castro à Avenida Paulista, 37. **Fonte:** Acervo da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.

⁶⁰ CONSELHO DE DEFESA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARQUITETÔNICO E TURÍSTICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Processo de Tombamento nº 22.104, São Paulo, 1982.



Fig. 23. Detalhe do *hall* de entrada da residência do Dr. Ernesto de Castro, com destaque para o quadro de F. P. Ramos de Azevedo ao centro e à direita, em cima da lareira, a fotografia do proprietário. **Fonte:** Acervo do Educativo da Casa da Rosas – Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura.

Como já dito, a *Ernesto de Castro & Cia.* foi o primeiro dos empreendimentos de EDC na capital. Ele teve uma profícua participação em muitos outros empreendimentos, quer como sócio, quer por ter sido detentor de ações; também foi fundador ou membro de conselhos fiscais, dentre uma outra gama de ocupações. Sua atuação comercial estendeu-se até a cidade do Rio de Janeiro, que culminou com a construção de um palacete (Figura 24) situado à Avenida Atlântica, 510 (Jornal do Brasil, 16 de agosto de 1928, p. 16 e Diário Oficial da União, 4 de fevereiro de 1932, p. 2187) ao lado de um edifício de apartamentos que leva o seu nome até hoje⁶¹ (Figura 25).

⁶¹ Acervo da Biblioteca de Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, Edifício de apartamentos para Sr. Ernesto Dias de Castro à Avenida Atlântica, P ES19/728.1 APE V.1 P14657.



Fig. 24. Palacete Dias de Castro na Avenida Atlântica, 510. **Fonte:** Acervo do Museu Casa das Rosas – Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura.



Fig. 25. Palacete Dias de Castro à esquerda e Edifício Ernesto Dias de Castro à direita. **Fonte:** Facebook Rio – Casas & Prédios Antigos. Disponível em: <<https://www.facebook.com/RioCasasePrediosAntigos/posts/1823417337805438>> Acesso em 15 de julho de 2020.



Fig. 26. Projeto de apartamentos de Ernesto Dias de Castro pelo Escritório Severo & Villares. **Fonte:** Acervo da Biblioteca de Arquitetura e Urbanismo da USP.

Porém, foi na residência da Avenida Paulista, 37, que no dia 15 de novembro de 1955, EDC morreu aos 82 anos, vítima de arteriosclerose generalizada e sepultado no cemitério da Consolação, segundo sua certidão de óbito⁶².



Fig. 27. Anúncio Fúnebre, com destaque para a morte de Ernesto Dias de Castro comunicada pelos funcionários da casa comercial. **Fonte:** O Estado de S. Paulo, 16 de novembro de 1955, p. 16.

⁶² Arquivo do Tribunal de Justiça, Ernesto Dias de Castro, Inventário, 6ª Vara da Família e Sucessões, Processo: 0817448-88.1956.8.26.0100, p. 39.

Sendo assim, gostaríamos de chamar a atenção para a atuação de EDC na cidade de São Paulo como um *empreendedor do urbano*. A formulação desta expressão nos auxilia a pensar a multiplicidade de funções que assumiu, sempre pautadas, contudo, pela ação das funções típicas da cidade, como lotear, construir e incrementar o mercado rentista de imóveis. Para isso, o verbo empreender, pode parecer anacrônico, porém seu uso auxilia no conjunto de negócios que este indivíduo e outros também foram capazes de organizar com o fim de investir seus recursos para ampliar seu patrimônio particular.

Concentrando nosso estudo na vida de Ernesto Dias de Castro, é possível perceber que este engenheiro civil pouco atuou na sua profissão, em seus aspectos mais imediatos, passando menos de uma década exercendo seu ofício, mas apresentando bastante influência como negociante na Pauliceia durante esse período. A engenharia foi responsável por conectá-lo a outros setores ainda não delimitados pelos saberes profissionais da época, permitindo compreendermos esse indivíduo em uma chave multifacetada devido a suas diversas entradas nos empreendimentos que manteve em vida.

Capítulo 2

Uma casa comercial em ascensão:

percursos da Ernesto de Castro & Cia. na construção civil

Onde está o dinheiro, aí estão os negócios – diz, se não nos enganamos, um provérbio norte americano. Ora, S. Paulo é de todo o Brasil o Estado mais rico: aí estão os maiores e as mais numerosas fortunas do país. Por isso aí também é mais intensa a atividade dos negócios. Com efeito, o “grande Estado” – como o costuma chamar a imprensa carioca – é de todos os Estados brasileiros o que mais exporta, tanto para os mercados estrangeiros, como para os mercados nacionais; é ainda o que mais produz e, depois do Rio de Janeiro, o que mais importa. As suas duas maiores praças – Santos e S. Paulo, distantes entre si apenas duas horas de viagem – são por isso, com a capital da República, os mais importantes empórios comerciais do Brasil e os seus mais importantes mercados distribuidores de mercadorias de toda a sorte.¹

2.1 Processos, caminhos e sociedades: precedentes da Ernesto de Castro & Cia.

Três era o número de ruas responsáveis por movimentar o comércio na cidade de São Paulo: a Rua XV de Novembro (antiga Rua da Imperatriz), Rua Direita e Rua de São Bento. Estas ruas fizeram parte da pesquisa de história urbana sobre o microterritório do comércio que movimentou a capital na virada do século XIX para o XX, realizada pela historiadora Heloisa Barbuy em seu livro *A Cidade-exposição: Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914*. A conformação dessas ruas, resultava em um triângulo comercial, devido às diversas tipologias de produtos e serviços oferecidos na região (BARBUY, 2006).

Segundo o dicionário de ruas da cidade de São Paulo², a atual Rua Quinze de Novembro, já foi conhecida por Rua do Rosário e Rua da Imperatriz. No *Álbum Comparativo da cidade de São Paulo (1862-1887)* de Militão Augusto de Azevedo³, é possível observar as mudanças de

¹ *Société de publicite sud-américaine Monte Domecq et cie*. O Estado de São Paulo. Barcelona: Graphico Tomas, 1918, p. 138.

² Disponível em: <https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/logradouro/rua-quinze-de-novembro>

³ Militão Augusto de Azevedo (1837-1905), nasceu na cidade do Rio de Janeiro, filho de Antonio Ignácio e Lauriana Augusta de Azevedo. Em 1862 chegou à cidade de São Paulo como ator da Companhia Dramática Nacional, porém não é sabido se ele já possuía algum conhecimento em fotografia, isto é, se os já tinha no Rio de Janeiro ou os adquiriu na capital paulista. (FERNANDES JUNIOR, 2012, p. 9). Do percurso dele como ator, Rubens Fernandes Junior diz que “atuou como cantor e ator no Rio de Janeiro entre 1858 e [18]60 na Companhia Teatral Joaquim Heleodoro, e entre 1860 e [18]62 na Companhia Dramática Nacional. Em São Paulo, continuou nesta última companhia até 1863 e depois excursionou em 1866, pela Europa na Companhia Teatral”

logradouro dessa mesma via entre os anos de 1862 e 1887. O início dessa rua se dava pela Igreja do Rosário dos Homens Pretos⁴ e seguia em direção à Igreja da Sé.

Com isso, as imagens que temos neste álbum se referem à Rua Quinze de Novembro, e não a atual Rua João Brícola, que também já foi conhecida por Travessa⁵ e depois, Rua do Rosário até o ano de 1914 e será fundamental para o nosso entendimento a respeito do início das atividades comerciais da *Ernesto de Castro & Cia.* Com o advento da República após sua proclamação em 1889 os nomes das ruas do centro da capital foram alterados⁶, configurando nova toponímia na cidade (BARBUY, 2006).

(FERNANDES JUNIOR, 2012, p. 12). Militão A. de Azevedo foi o responsável pelo único registro fotográfico da cidade de São Paulo no século XIX, com a produção do *Álbum comparativo de S. Paulo 1862-1887*. Na vida profissional, em 1875 a *Photographia Academica*, o estabelecimento de que era sócio, passou a ser de propriedade do próprio Militão A. de Azevedo, com novo nome na praça: *Photographia Americana*. Viveu seus últimos anos com o filho, responsável por seus negócios na capital. Morreu no dia 24 de maio de 1905 (FERNANDES JÚNIOR, 2012, p. 19).

⁴ Com a organização da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em 1718, a construção da igreja iniciou em 1730, que dava de encontro com as várzeas do Tamanduateí e do Tietê. O templo foi finalizado ainda no século XVIII, sem uma data definida. Segundo Miguel Angelo Barros Ferreira, “Domingos de Melo Tavares aparece como administrador perpétuo e fundador da igreja”, sendo reservada uma área destinada para o cemitério dos negros, que passava por rituais fúnebres ao longo da noite. Barros ainda descreve que os festejos religiosos da Igreja eram famosos, dando destaque para suas danças e cânticos (FERREIRA, 1971, p.36-38).

⁵ É possível averiguar na *Planta da Cidade de São Paulo de 1868*, de Carlos Frederico Rath (disponível em <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Planta_da_Cidade_de_S%C3%A3o_Paulo_\(1868\).jpg?uselang=pt](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Planta_da_Cidade_de_S%C3%A3o_Paulo_(1868).jpg?uselang=pt)>) que no índice, número 28, a indicação do logradouro é da Travessa do Rosário (de esquina com a Igreja do Rosário dos Homens Pretos), uma vez que a Rua do Rosário era a atual Rua Quinze de Novembro. Sobre o histórico dessa planta ver o informativo do Arquivo Histórico de São Paulo em <<http://www.arquiamicos.org.br/info/info20/i-intro.htm>>.

⁶ Veja também em: <<https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/logradouro/praca-da-republica>> Acesso em 14 de abril de 2021.



Fig. 28. Rua do Rosário⁷ em 1903. **Fonte:** Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo (1862-1910-1916) organizado pelo Dr. Washington Luiz Pereira de Souza. / Biblioteca Mário de Andrade.

O largo do Rosário, que se formava justamente pelo entroncamento da Rua de São Bento, XV de Novembro e do Rosário, era um espaço compreendido pela circulação de pedestres, bondes e outros meios de transporte (charrete, carroças etc.), além da presença marcante da Igreja do Rosário, que potencializava ainda mais a circulação na região com seus fiéis. Sendo assim, desde a instalação de pequenos comerciantes⁸ e de casas comerciais na

⁷ À esquerda da fotografia nos deparamos com parte do antigo edifício da Igreja do Rosário. Na sequência é possível identificar um conjunto de sobrados com suas pequenas varandas e outros edifícios comerciais, como o caso do nº17, que pertenceu aos proprietários da Azevedo, Bueno & Cia. nos anos 1890. Já no início do século XX, como consta a data da fotografia, a firma alterou sua razão social para Ernesto de Castro & Cia. O fluxo da rua segue em direção à Rua Boa Vista.

⁸ Segundo a 20ª edição do Manual Mercantil, datado de 1909, para ser um comerciante: “É necessário que a pessoa esteja na sua livre administração, ou ter passado 21 anos, ou que esteja emancipado por seus pais, ou pelo efeito do matrimônio. / Podem negociar os filhos-família com autorização de seus pais, as mulheres com a de seus maridos e aquelas que se constituírem livres pelo divórcio. / São expressamente proibidos de negociar: / Autoridades civis e militares; / Funcionários públicos; / Clérigos regulares; / Os negociantes falidos não reabilitados. / É contudo, permitido dar dinheiro a prêmio, contanto que se não faça disso uma profissão ativa, nem se lhe dê um caráter comercial (Cod. Com. , Arts. 1, 2 e 3). / Para que o negociante possa gozar da proteção que a Legislação Comercial do Brasil dispensa ao comércio, é necessário matricular-se em qualquer das Juntas

região, promovia-se nessas ruas um enorme fluxo de potenciais clientes que transitariam pelas vias adjacentes, como a Rua do Rosário em direção ao lado leste da cidade.



Fig. 29. Largo do Rosário, com destaque para a Rua São Bento, e a Chapelaria Alberto, Confeitaria Castellões e a *Bon Marchè* (Casa Mathias)⁹. **Fonte:** Gaensly, Guilherme (1843-1928). Lembranças de São Paulo. c. 1902, sob guarda da Biblioteca Nacional. Disponível em <http://acervo.bn.digital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=39888> Acesso em 7 de outubro de 2021.

Sendo assim, em 1889, foi fundada a firma Azevedo & Bueno na rua do Rosário, 10, por João Azevedo e Eugenio Pereira Bueno¹⁰. Esta rua estava associada ao gênero de comércio de comissões, consignações e importação, isto é, pela compra e venda de materiais para construções e outros artigos como veremos adiante. O anúncio de abertura da firma à praça e aos setores do comércio tributários da ação da *Azevedo & Bueno* foi realizado apenas no início

Comerciais da República. / O negociante matriculado goza de privilégios que não são concedidos àquele que não o é.” (MANUAL MERCANTIL, 1909, p. 3).

⁹ A respeito desses comércios no largo do Rosário ver em BARBUY, 2006, p. 196.

¹⁰ Não foi possível averiguar quem foram essas duas personalidades para a época, pelas estratégias que utilizamos para o desenvolvimento desta pesquisa.

de 1891 (Correio Paulistano, 01 de janeiro de 1890, p. 3). Ainda sobre a empresa, não foi possível encontrar registros que apresentassem sua abertura nos livros da Junta Comercial do Estado de São Paulo - como constava no Manual Mercantil¹¹ - e, portanto, os anúncios foram fundamentais para identificarmos o ano da fundação da empresa:



Fig. 30. Anúncio da firma *Azevedo, Bueno & Cia.* com destaque para a frase “Casa fundada em 1889”. **Fonte:** A Nação, 20 de agosto de 1897, p. 3.

Em 1 de fevereiro de 1891, o registro da empresa foi alterado por seus proprietários para a razão social *Azevedo, Bueno & Cia.* Posteriormente, foram incluídos novos sócios, constituindo, portanto, uma sociedade em comandita¹², composta por Francisco de Paula Ramos de Azevedo e Joaquim Franco de Camargo Junior¹³ (Correio Paulistano, 01 de fevereiro de 1891, p. 3). F. P. Ramos de Azevedo¹⁴, foi incorporado na sociedade a partir da aplicação de um montante de capital, porém não ocupou o *status* de gerente da empresa, já que, segundo o

¹¹ “Para que o negociante possa gozar da proteção que a Legislação Comercial do Brasil dispensa ao comercio, é necessário matricular-se em qualquer das Juntas Comerciais da República”. (MANUAL MERCANTIL, 1909, p. 3)

¹² Segundo o Manual Mercantil, uma sociedade comanditária é “aquela celebrada entre diversas pessoas, uma das quais (ou mais) entra com um capital sob condição de não se obrigar por mais desse capital referido no contrato. / É desnecessário inscrever no Registro do Comércio o nome do sócio (ou sócios) comanditário; todavia é mister declarar precisamente a importância dos fundos empregados. / Os sócios comanditários não podem, mesmo como procuradores da firma, encarregar-se de negócios dela. / As mais obrigações a que estão sujeitos os negociantes ou sócios comanditários estão designados nos arts. 312, 313 e 314 do Código Comercial.”, pp. 4 e 5.

¹³ Joaquim Franco de Camargo Junior foi um rico fazendeiro do município de Araras, filho do Alferes Franco, e tio de Antônio Lacerda Franco e Joaquim Lacerda Franco. Foi sócio na casa comissária e exportadora J. F. de Lacerda & Cia., com filial em Santos e em Havre (SILVA, 2011). Seu filho, Olavo Lacerda de Camargo, tinha o pai como o seu procurador para realizar matrícula no curso preparatório da Escola Politécnica de São Paulo (AHEPUSP, Prontuário de aluno, Olavo Lacerda de Camargo, Item 24 – Procuração).

¹⁴ Ainda que o sobrenome “Azevedo” aparecesse na razão social da firma, a referência era ao sócio solidário João Azevedo e não a F. P. Ramos de Azevedo, que era o sócio comanditário.

código comercial, os sócios comanditários “não podem praticar ato algum de gestão nem ser empregados nos negócios da sociedade, ainda mesmo que seja como procuradores, nem fazer parte da firma social [...]”, contudo, poderiam “tomar parte nas deliberações da sociedade” e “fiscalizar as suas operações e estado”¹⁵.

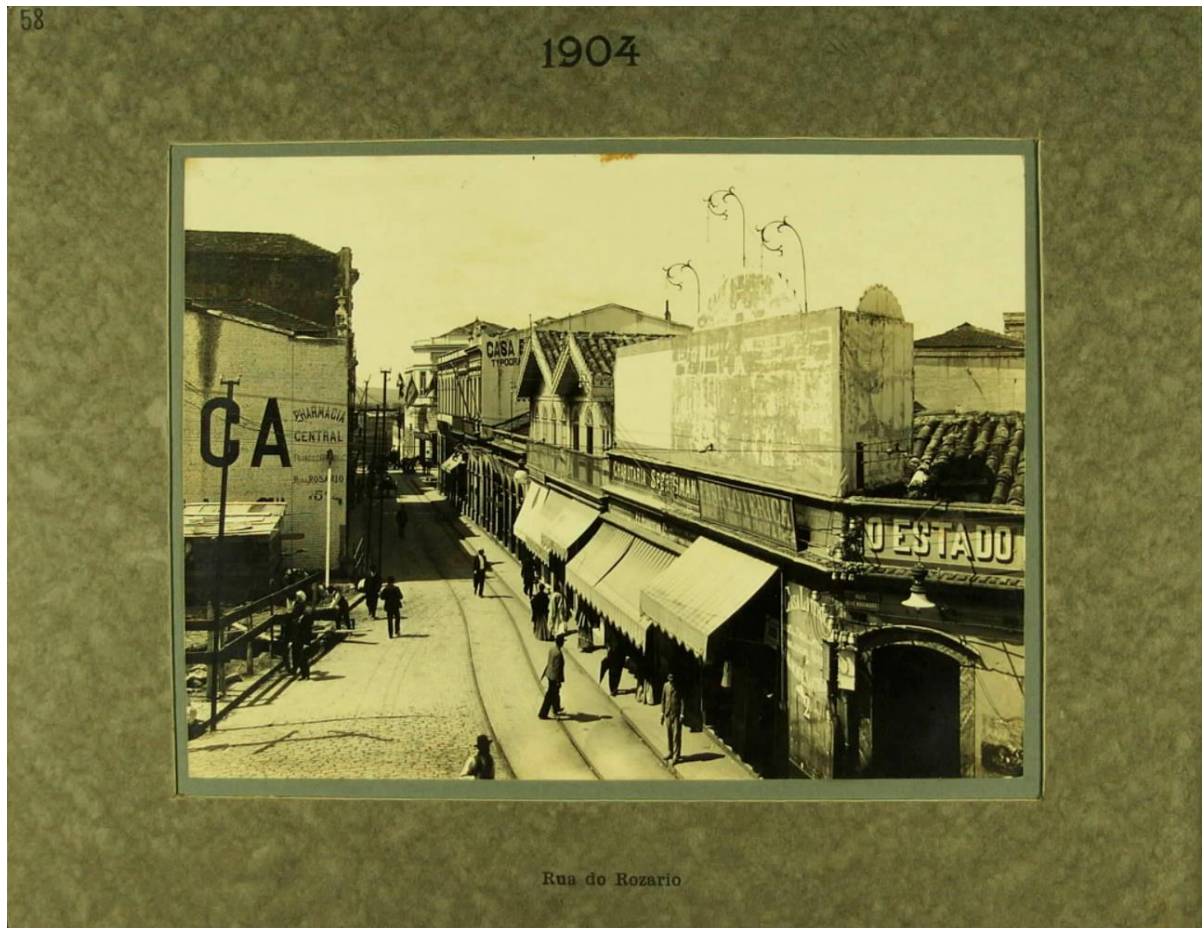


Fig. 31. Rua do Rosário em 1904. Em um ângulo diferente da imagem anterior, à esquerda, é possível identificar a demolição da Igreja do Rosário e do conjunto de sobrados que não compõem mais a paisagem da rua que segue em direção à ladeira Porto Geral. Deste ângulo é possível identificar também à direita alguns prédios comerciais no lado par da rua, onde foi o primeiro logradouro da *Azevedo, Bueno & Cia.* no antigo nº 10, em 1889. **Fonte:** Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo (1862-1910-1916) organizado pelo Dr. Washington Luiz Pereira de Souza. / Biblioteca Mário de Andrade.

Mônica Brito indica que F. P. Ramos de Azevedo teria feito parte da organização da *Companhia Paulista de Materiais para Construção*¹⁶ em 1890, empresa especializada na importação de materiais para construção civil, exploração de serrarias e olarias, em sociedade com Joaquim Franco de Camargo Jr., Candido Franco de Lacerda, Carlos de Campos, Antônio

¹⁵ Código Comercial do Império do Brasil. 3ª ed. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1878. Secção II. Art. 314, p. 152.

¹⁶ (DOESP, 15 de dezembro de 1912, p. 5247).

de Pais de Barros e Alexandre Siciliano (BRITO, 2008, pp. 40 e 88). O que nos leva a compreender uma tríade formada por projeto, fornecimento de materiais de construção e obras para aquecer o mercado imobiliário.

Paralelamente, a *Azevedo, Bueno & Cia.* foi estabelecida a fim de comercializar materiais para a construção civil e artigos para as residências, como ladrilhos, mosaicos, cimento, madeiras telhas etc. Destarte, pela falta de um catálogo dessa importadora, nos deparamos com propagandas e informes de produtos que chegavam ao porto de Santos, em periódicos consultados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, entre os anos de 1891 e 1899. Esse material foi sistematizado na tabela a seguir a fim de que pudéssemos ter uma referência dos produtos comercializados:

Quadro 1. Síntese dos anúncios e informes dos materiais comercializados pela *Azevedo, Bueno & Cia.* entre os anos de 1889 e 1899. Sistematização: Carlos Moura.¹⁷

PERIÓDICO	DATA	PRODUTOS ANUNCIADOS	FIRMA / ORIGEM
Correio Paulistano	30/08/1891	P. 3 - Telhas francesas e cimento Portland	Desconhecida
Correio Paulistano	25/11/1891	P. 3 - Cimento Portland, telhas, ladrilhos, balaústres, Port Bouteilles* e mosaicos	Outros: Desconhecido * Roux Frères / Marselha
Correio Paulistano	26/11/1891	P. 3 - Instrumentos de Engenharia – Transitos e níveis	Gurley Iroy / Nova York
Correio Paulistano	25/09/1892	P. 4 - Ladrilhos e cimento	Desconhecido
Correio Paulistano	07/07/1893	P. 3 – Cal* e Papelão	*Sorocaba
Correio Paulistano	20/08/1893	P. 4 – Aquecedor de Banho e Filtros sistema Pasteur	França
Correio Paulistano	30/08/1893	P. 3 – Pinho Sueco e Paraná.	Desconhecida
Correio Paulistano	05/10/1893	P. 2 – Pinho de riga, pinho de origem, pinho branco, pinho sueco, pinho do paraná, perola, imbuia, canela, cabreuva e outras madeiras.	Desconhecida
Correio Paulistano	20/03/1894	P. 4 – Telhas francesas, cal, cimento, gesso, ladrilhos*, mosaicos e azulejos finos.	*Marselha e Veneza
Correio Paulistano	08/05/1894	Telhas francesas e vigas de aço.	Desconhecida
O Comércio de São Paulo	12/06/1895	P. 4 – Ferragens.	Desconhecida / Hamburgo
O Comércio de São Paulo	31/07/1895	P. 4 – 59 barricas de telhas.	Desconhecida / Reino Unido
O Comércio de São Paulo	11/01/1896	P. 4 - 10 barricas de goma.	Desconhecida / Havre
O Comércio de São Paulo	01/02/1896	P. 2 – 2 Instrumentos de Desinfecção, marca P. 2.	Geneste & Herscher / Paris

¹⁷ Para esta tabela foi realizada pesquisa na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional, a partir da palavra chave “Azevedo, Bueno”, desconsiderando materiais da mesma tipologia que apareciam em outras datas.

O Comércio de São Paulo	25/02/1896	P. 4 – 1 lampião.	Desconhecida / Hamburgo
O Comércio de São Paulo	04/03/1896	P. 4 – gás e pertences.	Desconhecida / Hamburgo
O Comércio de São Paulo	18/06/1896	P. 2 – Cinco estufas	Desconhecida
O Comércio de São Paulo	23/07/1896	P. 2 – Ladrilhos	Desconhecida / Antuérpia
A Nação (SP)	21/09/1897	P. 3 - <i>Glaciere Sibérienne</i> – Única máquina prática para a fabricação de 1 a 2 quilos de gelo em 20 minutos. / Êxito garantido	Desconhecida
Lavoura e Comércio	10/02/1898	P. 4 – Níveis, Transitos, Bússolas, Cronômetros, Hodômetros, Miras, Balizas, Correntes	W. & E. L. Gurley / New York
A Nação (SP)	14/03/1898	P. 4 – Cloreto de Cal e Sulfato de Cobre	Desconhecida

Fonte: Correio Paulistano, de 1889 a 1903.

Nesta sistematização, é possível verificar que a *Azevedo, Bueno & Cia.* estava inserida em um círculo comercial que abrangia não somente materiais de construção, mas aparelhos que estavam relacionados às práticas dos profissionais de engenharia e da saúde, como F. P. Ramos de Azevedo e Francisco de Paula Souza, por exemplo.



Fig. 32. Filtro *Chamberland* – Sistema *Pasteur*. **Fonte:** *Bibliotheca Culinaria*. Disponível em: https://www.bibliothecaculinaria.it/libri_cucina/oggetti-vintage-antico/ceramica-e-terracotta/contenitore-in-ceramica-per-filtro-chamberland/

Dentre os produtos comercializados, os filtros de sistema *Pasteur* foi um dos anúncios que apareceu com frequência em nossas buscas. A compra desses filtros era incentivada pela Inspetoria de Obras – que fazia parte da Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas (BERNARDINI, 2008, p. 95) –, devido às péssimas condições da água que chegava em algumas porções da cidade pelos reservatórios da Cantareira, como pode ser percebida na notícia publicada pelo Correio Paulistano:

Água

Nos jornais destes últimos dias tem aparecido reclamações sobre água barrenta despejada pelas torneiras da Cantareira. É natural que assim seja por estar, a zelosa inspetoria de Obras Públicas, fazendo melhoramentos nos reservatórios e encanamentos para em muito breve dotar esta capital de água pura e abundante, mas, para evitar-se perigo, durante esse tempo de uma água impura e lodosa, deve-se adquirir um “Filtro Chamberland Sistema Pasteur” o qual é encontrado a venda em casa de Azevedo, Bueno & Comp. – 17 Rua do Rosário, 17. (Correio Paulistano, 1 de novembro de 1893, p. 2).

Ainda em notícia do jornal *O Comércio de São Paulo* de 1 de janeiro de 1896, o Governo do Estado de São Paulo solicitou “com urgência” à *Azevedo, Bueno & Cia.* a importação de dois aparelhos de desinfecção da firma *Geneste, Herscher & Cie.*¹⁸ Tratava-se de um período em que doenças como a cólera, a febre tifoide, a peste bubônica e a febre amarela atingiram o interior e a capital de São Paulo, e o papel do Instituto Bacteriológico, aliado ao Serviço Sanitário se demonstraram fundamentais (RIBEIRO, 1991, 29).

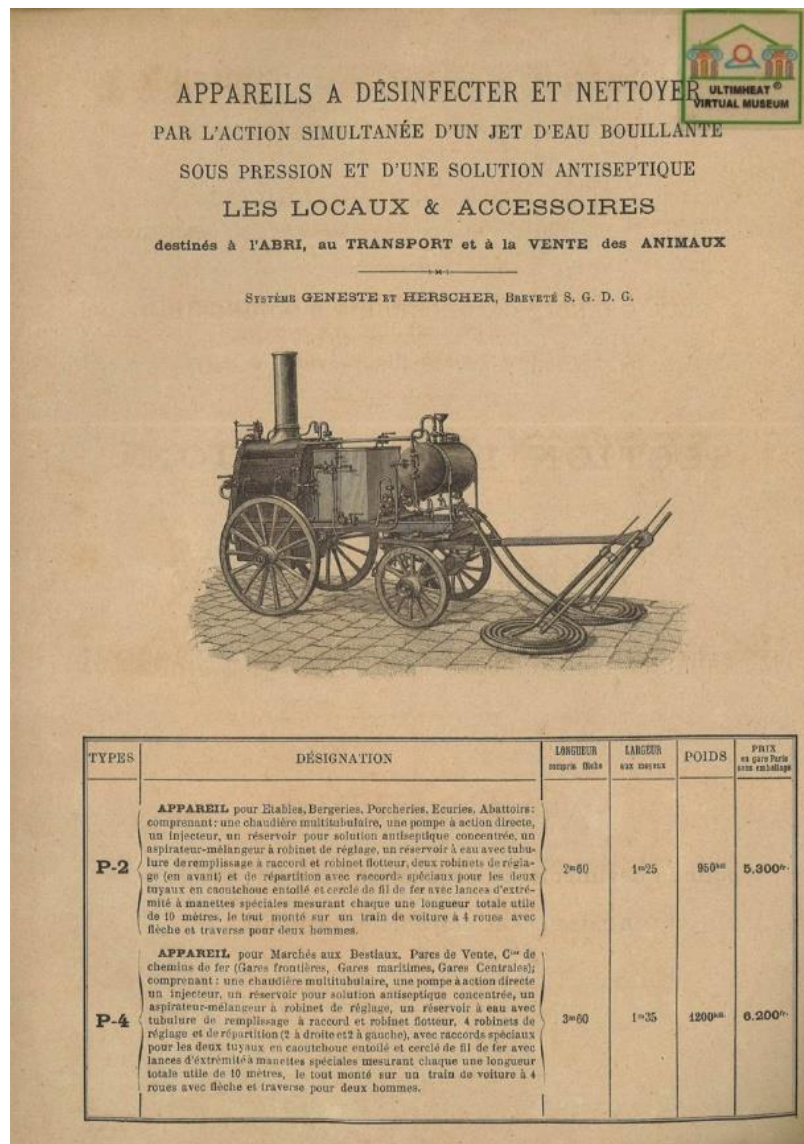


Fig. 33. Aparelho de desinfecção tipo P-2 importado da Geneste, Herscher & Cie. pela Azevedo, Bueno e Cia no ano de 1896. **Fonte:** Geneste, Herscher & Cie. *Applications du Génie Sanitaire*, 1896.

¹⁸ Esta empresa estava estabelecida em Paris, 40-42, Rue du Chemin-Vert de acordo com o catálogo “Applications du Génie Sanitaire” publicado em 1896, seguindo os parâmetros de saúde e higiene da Exposição Universal de Paris em 1889.

Vale ressaltar que a solicitação desses instrumentos pelo Serviço Sanitário do Estado de São Paulo à *Azevedo, Bueno & Cia.* indica um primeiro movimento de articulação dessa firma com o poder público. Esta relação se estendeu para outras parcerias a partir da Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas, tais como a participação dessa casa comercial em um conjunto de edifícios públicos e institucionais na cidade de São Paulo¹⁹ (Escola Normal, Laboratórios da Escola Politécnica, Quartel da Polícia, Secretaria do Estado, Secretaria de Polícia, Hospital dos Alienados) a cargo da administração do engenheiro-arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo e de seu escritório, como foi possível averiguar nas notas fiscais emitidas aos fornecedores dos materiais para a execução das obras²⁰.

¹⁹ A participação da *Azevedo, Bueno & Cia* aparece na documentação referente às despesas do engenheiro-arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo para o ano de 1896 frente às obras institucionais por ele administradas para o governo do Estado de São Paulo. Fonte: Folha de Pagamentos de Empregados e Empreitadas. 1896. Arquivo Público do Estado de São Paulo, Fundo Secretaria da Agricultura, Grupo 8G4-Obras Públicas, C 4189.

²⁰ Folha de Pagamentos de Empregados e Empreitadas. Fundo Secretaria de Obras Públicas. Grupo Obras Públicas. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

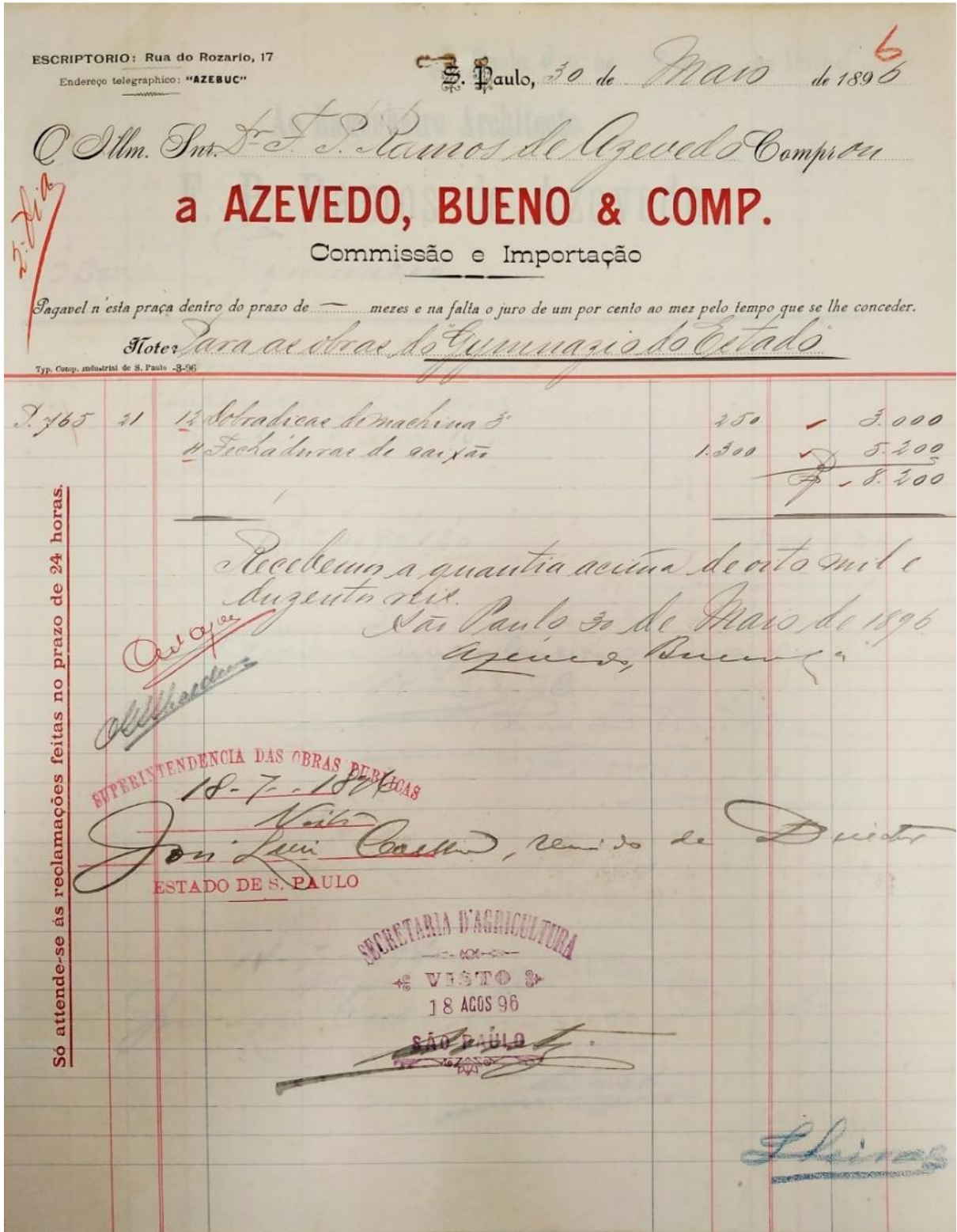


Fig. 34. Nota fiscal referente ao fornecimento de dobradiças e fechaduras para a obra do Ginásio do Estado, 1896. **Fonte:** Folha de Pagamentos de Empregados e Empreitadas. 1896. Arquivo Público do Estado de São Paulo, Fundo Secretaria da Agricultura, Grupo 8G4-Obras Públicas, C 4189.

A firma que também tinha Ramos de Azevedo como um dos sócios era ponto de referência para as atividades comerciais que praticava na cidade e interior. O destaque para a *Azevedo, Bueno & Cia.*, fica evidente quando da publicação da Planta da cidade de São Paulo

em 1895, editada por Hugo Bonvicini que elencou as casas comerciais e indústrias da cidade de São Paulo e os edifícios públicos que compunham o cenário daquele período.



Mapa 3. Pormenor da Planta da Cidade de São Paulo de 1895 com detalhe para a localização da firma *Azevedo, Bueno & Cia.* na antiga Rua do Rosário, região central da cidade. **Fonte:** Arquivo Público do Estado de São Paulo

Há de se notar que a planta não apresenta apenas a *Azevedo, Bueno & Cia.* como única importadora, mas também a *Cia. Mecânica e Importadora*, que já na segunda década do século XX foi responsável pela construção do Viaduto Boa Vista (SEGAWA, 2004). Até aqui, vemos que a *Azevedo, Bueno & Cia.* não só mantinha a compra e venda de produtos importados relacionados aos materiais de construção e instrumentos de áreas profissionais ligadas à cidade, como alguns estudos iniciais apontavam²¹, mas também toda a sorte de produtos perecíveis. Nas propagandas que apareciam desta empresa na seção de anúncios do *Correio Paulistano*, foi

²¹ LEMOS, 1993; BRITO, 2008; BUENO, 2016; MOURA, 2017.

constatado o da cerveja Javali, que salientava a exclusividade do produto importado pela *Azevedo, Bueno & Cia.*



Fig. 35. Propaganda da *Azevedo, Bueno & Cia.* anunciando a cerveja Javali. **Fonte:** Correio Paulistano, 7 de fevereiro de 1893, p. 3.

Em outra propaganda, datada de 1892, é possível listar a variedade de produtos que essa casa importadora comercializava, tais como, manteiga, sardinhas, tomates, trufas, espargos, *champagne* etc. de países como França e Alemanha:



Fig. 36. Anúncio produzido pela *Azevedo, Bueno & Cia.* descrevendo a lista de alimentos e bebidas para o atacado. **Fonte:** Correio Paulistano, 10 de agosto de 1892, p. 3.

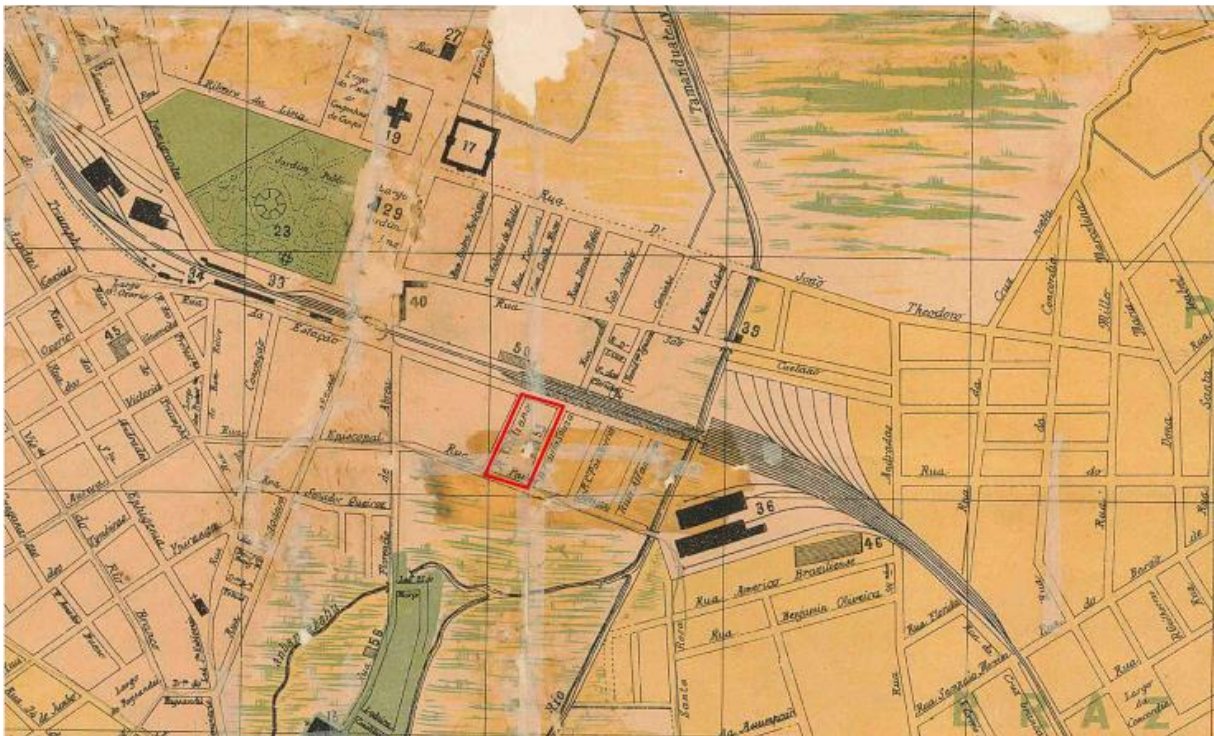
A empresa possuía uma extensão para suas outras atividades, isto é, outro estabelecimento, localizado na Rua Senador Queirós, nº 5 denominado de Serraria Central, (Correio Paulistano, 24 de setembro de 1892, p. 3) que funcionava como depósito para os diversos tipos de madeiras comercializadas, como listado anteriormente. Porém, em maio de 1893, a serraria foi transferida para o prolongamento da rua Episcopal, que na Planta da Cidade de São Paulo, de 1895, aparecia como Rua Paula Souza, “em frente ao armazém do Pari”

(Correio Paulistano, 17 de maio de 1893, p. 4). Ao que tudo indica, a serraria se estabeleceu no quarteirão que correspondia à Travessa Paula Souza e Rua Siciliano.

17. Quarel. 6. C. 14. id. Sorocabana. 5. D.

Referencias de Casas Commerciaes e Industriaes

44. Comp ^{ia} Mechanica - Armazens - R. 15 de Novembro 26 - Alameda 6. F	52. Azevedo Bueno & Cia. Ferragens e Mat. - R. de Rosario 7 - Quarta 6. F
45. id. id. id. - Oficinas - R. do Triunpho 37. B - 5. D	53. id. id. id. - Serraria Central - Trav ^{sa} Paula Souza - 7. D
46. id. id. id. - Depositos - R. Mons. Andrade - 8. E	54. Lidgerwood M. P. & C. Limited - Oficinas - R. da Flançada dos hydrades - 4. B
47. Banco Comercio e Industria - R. 15 de Novembro - 6. F	55. Antartica - Deposito e Escriptorio - R. Formosa 1 - 5. F
48. Casa Bancaria Diamontifca - R. S. Bento 23 - 6. F	56. Comp ^{ia} Arens - Armazens e Escriptorio - R. Florencio d'Alreu 21 - 6. E
49. Comp ^{ia} Navegao Paulista - R. Joao Alfredo 2 - 6. F	57. id. id. id. - Escriptorio - R. 15 de Novembro 3 - 7. F
50. id. id. id. - Melhoramentos do S. Paulo - Escriptorio e Deposito - Luz - 7. D	58. id. id. id. - Telephonica - R. S ^{ra} Theresa - 6. A
51. Fabrica Bascaeria de Corajo e Oleo - Alameda - 10. H	59. P. Steidel & Co. Estabelecimento Graphico - Largo Municipal 27 - 6. A



Mapa 4. Pormenor da Planta da Cidade de São Paulo de 1895 com destaque para a localização da Azevedo, Bueno & Cia. no número 53 da legenda da planta, pelas ruas da Alfândega e Paula Souza. **Fonte:** Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Estrategicamente, o novo logradouro da Azevedo, Bueno & Cia., estava alinhado aos armazéns da estação do Pari²², que mantinha na cidade um centro de distribuição dos produtos que chegavam pelo porto de Santos.

Em 1899, a empresa passaria por outra mudança em sua estrutura organizacional devido ao falecimento de um dos sócios solidários:

²² Sobre a importância da instalação da estação do Pari e o seu complexo de armazéns, como um entreposto comercial na região, ver a tese de doutorado de Diógenes Sousa, *Nas redes do Pari: os armazéns da São Paulo Railway no contexto urbanístico na cidade de São Paulo em fins do século XIX*, em desenvolvimento.

À Praça

Levamos ao conhecimento desta praça e de todas as outras, não só do país como do estrangeiro, com quem tem transações a firma AZEVEDO BUENO & C., dissolvida em virtude do falecimento de nosso socio e prezado amigo sr. João Azevedo, que nesta data organizamos, em sucessão àquela, uma sociedade que girará sob a razão de E. P. BUENO & C. da qual fazem parte como sócio comanditário o dr. Francisco de Paula Ramos de Azevedo e solidário, Eugenio Pereira Bueno, para continuação do mesmo ramo de negócio de ferragens e materiais para construção, a varejo e em grosso, comissões e importação, assumindo toda a responsabilidade do ativo e passivo da firma antecessora conforme o contrato arquivado na Junta Comercial. Nosso empregado, Francisco Augusto de Freitas, continua interessado e com poderes para assinar a firma por procuração. São Paulo, 1 de novembro de 1899. E. P. Bueno & C. (O Comércio de São Paulo, 5 de novembro de 1899, p. 2)

No ano seguinte, em 1900,²³ a firma aparecia no *Almanak Laemmert* sob nova razão social: *E. P. Bueno e Cia.*, cujo sócios eram Eugenio Pereira Bueno e Francisco de Paula Ramos de Azevedo (*Almanak Laemmert*, 1902, p. 1460). Era apresentado ao comércio nos anúncios impressos do *Correio Paulistano* pelos próximos três anos, chamadas da Companhia de Seguros Marítimos que tinham como seus representantes em São Paulo, a *Azevedo, Bueno & Cia.*

A firma, como descrito anteriormente, continuou no mesmo ramo de negócios por mais três anos. Não se sabe quais foram os motivos que levaram o sócio solidário, Eugênio Pereira Bueno, a deixar a sociedade em 1903, mas foi neste ano em que ocorreram profundas transformações na organização da casa comercial. O sócio comanditário, Francisco de Paula Ramos de Azevedo convidou seu genro, Ernesto Dias de Castro, para compor essa sociedade como sócio solidário e responsável pela direção da nova denominação social, *Ernesto de Castro & Cia.*

²³ De acordo com o Jornal Correio Paulistano na virada do ano de 1899 para 1900, a empresa que outrora aparecia como Azevedo, Bueno & Cia., começou a aparecer nos anúncios do jornal como E. P. Bueno & Cia. De acordo com nossas pesquisas, concluímos que o sócio solidário João Azevedo veio a falecer ou desfez a sociedade e, de acordo com o Manual Mercantil era preciso que a firma social fosse alterada: “Quando de uma sociedade comercial se retira um ou mais sócios ostensivos e solidários que davam nome ou nome à firma, esta não poderá continuar a vigorar para a sociedade que se organize em sucessão, com o novo ou os novos sócios ostensivos e solidários. Tal é o espírito do ar[t]. 9º da Lei de 24 de Outubro de 1890 preceituando que ‘dissolvida e liquidada uma sociedade comercial, a inscrição da firma será cancelada’.” (Manual Mercantil, 1909, p. 4).

2.2 *Ernesto de Castro & Cia.* - uma nova sociedade familiar

Estabelecida em 18 de janeiro de 1903²⁴, a sucessora da *E. P. Bueno & Cia.*, a *Ernesto de Castro & Cia.*, iniciou suas atividades sob a direção do engenheiro civil Ernesto Dias de Castro – sócio solidário – e Francisco de Paula Ramos de Azevedo – sócio comanditário – com investimento de 66:666\$67 e 133:333\$333 de cada sócio respectivamente. Não obstante, a firma seguiu o mesmo gênero de comércio, isto é, “ferragens, materiais para construções, por atacado e varejo, - comissões – importações – e outros negócios que convenham”, como consta na ficha de breve relato da Junta Comercial do Estado de São Paulo (JUCESP). No documento ainda aparecem o contrato social de 10 de março de 1903 e o registro da firma em 31 de março de 1903²⁵. Desta forma, no *Correio Paulistano*, em suas páginas voltadas para anúncios diversos, a nova firma anunciava os novos sócios, no mesmo gênero de negócio:

Ao comercio

Ernesto de Castro & Cia., sucessores de E. P. Bueno & cia., comunicam ao comércio em geral, que continuam explorando o mesmo ramo de negócio, assumindo a responsabilidade de todo o ativo e passivo da extinta firma.

S. Paulo, 10 de março de 1903.

(assinado) Ernesto de Castro & Cia. (*Correio Paulistano*, 11 de março de 1903, p. 4)

Como vemos, as datas coincidem com o registro da firma na Junta Comercial. Após o registro da firma no final do mês de março, os anúncios estiveram voltados para a propaganda da casa comercial, como pode ser visto a seguir:

²⁴ JUCESP, Ficha de Breve Relato, Ernesto de Castro & Cia., 1903.

²⁵ JUCESP, Ficha de Breve Relato, Ernesto de Castro & Cia., 1903, p. 1.

CIA McHARDY

MANUFACTUREIRA E IMPORTADORA DE MACHINAS PARA LAVOURA E INDUSTRIA

MACHINAS Economicas combinadas privilegiadas de beneficiar Café e de outros sistemas. VAPORES locomoveis e fixos ENGENHOS CENTRAES para fabricação de assucar e aguardente ENGENHOS de serras circulares e verticais VENTILADORES dobrados VENTILADORES singelos VENTILADORES de café em coco DESCASCADORES McHardy com gradação por fóra. Ultima palavra do genero VENTILADORES AMAO. CATADORES DUPLOS: especialidades VENTILADOR de aspiração VENTILADORES para malar formigas DEBULHADORES de milho e DESINTEGRADORES para moer milho com palha, sabugo e espigas TURBINAS, MOTORES de agua RODAS DE AGUA toda de ferro ENGENHADOS completos MOINHOS de fubó BOMBAS hydraulicas, simples e de pressão MOEDAS para moer canna, completas DESCASCADORES de arroz ALAMODONES CALDEIRAS E TURBINAS para assucar TRANSMISSOES: PÓLIAS e CORREIAS para rodas ARADOS, CARPIDEIRAS, TUBOS para encanamento de agua TORRENTINA

Agentes em S. Paulo:
Ernesto de Castro & Comp.
Sucessores de E. F. Bueno & Comp.
Importadores
Especialidade em ferragens, tintas e materias de construção, artigos para lavoura, industria e estradas de ferro.
Rua do Rosario, 17--S. Paulo. Endereço telegr.: "AZEBUC,"
Proprietarios do bom montado estabelecimento SERRARIA CENTRAL--Rua Paula Sousa

Fig. 37. Recorte da propaganda da Cia. Mc. Hardy anunciando a *Ernesto de Castro & Cia.* como um de seus agentes na cidade de São Paulo. **Fonte:** Correio Paulistano, 3 de maio de 1903, p. 4.

Nesta empresa, ao passo que mantinha o gênero comercial que a *Azevedo, Bueno & Cia.*, a relação dos produtos que comercializava era maior do que a de sua antecessora, como pode ser vista na transcrição de uma propaganda, cujo título em letras garrafais anunciava, “GRANDE REDUÇÃO”:

“Ferragens para construções e móveis, etc; artigos para lavoura, ferramentas, óleos lubrificantes e de linhaça, tintas e vernizes, brochas e pinceis, tubos e conexões de ferro galvanizado, aparelhos sanitários, caixas de descarga, máquinas para fazer gelo, encher garrafas, fazer cigarros, etc., Instrumentos de engenharia de Gurley (trânsitos, níveis, plachitas, clinômetros, hodômetros, bússolas, correntes, trenas, miras, balizas, etc) ladrilhos de cerâmica, de terra cota de cimento, azulejos, filtros Pasteur e seus acessórios, arame de ferro galvanizado, tela metálica, bancos e cadeiras de ferro para jardim, vasos de cerâmica, maquinas para fabricação de caixas de papelão, trilhos e vigas de aço em duplo T, cimento Portland, geleiras, moveis da Marcenaria Brasileira, etc. etc. (Correio Paulistano, 5 de abril de 1903, p. 4)

Ao iniciar as atividades com esta sorte de materiais disponíveis em sua loja, – conforme o anúncio, com preços reduzidos –, a firma se demonstrava como forte concorrente no comércio de materiais para a construção civil na cidade, levando consigo o legado da sua antecessora *Azevedo, Bueno & Cia.* e as redes traçadas por seus diretores, para as novas alianças no que diz respeito ao fornecimento de materiais para as obras no centro de São Paulo (CAMPOS, 2002).

Simultaneamente, ainda em 1903, teria início as obras do *Theatro Municipal* de São Paulo do outro lado do Vale do Anhangabaú. Em notícia do *Correio Paulistano* do dia 3 de dezembro de 1903, foram apresentadas propostas para uma série de serviços que seriam realizados pela Prefeitura de São Paulo. Dentre estes serviços, estavam disputando o fornecimento de andaimes para a construção do *Theatro Municipal*, os seguintes nomes: Gustavo Rathsam, *Ernesto de Castro & Cia.* e Rodrigues & Sousa. O resultado dos responsáveis foi noticiado pelo mesmo periódico em 12 de dezembro de 1903, em que a *Ernesto de Castro & Cia.* teve sua proposta aprovada²⁶.

²⁶ Em seu estudo sobre o *Theatro Municipal* de São Paulo, Richard Santiago Costa diz: “Ao findar o ano de 1903, a municipalidade já publicava edital para construção dos muros e abobadas do teatro a partir do plano do embasamento geral. Orçado em 135:025\$838, o serviço seria feito com andaimes e tijolos fornecidos pela prefeitura. Aqui, Ramos [de Azevedo] reporta que tais andaimes seriam fornecidos pela empresa do senhor Ernesto de Castro & Cia.[sic], que por sinal era seu genro e com o qual abriera tal negócio naquele mesmo ano” (2017, p. 114).

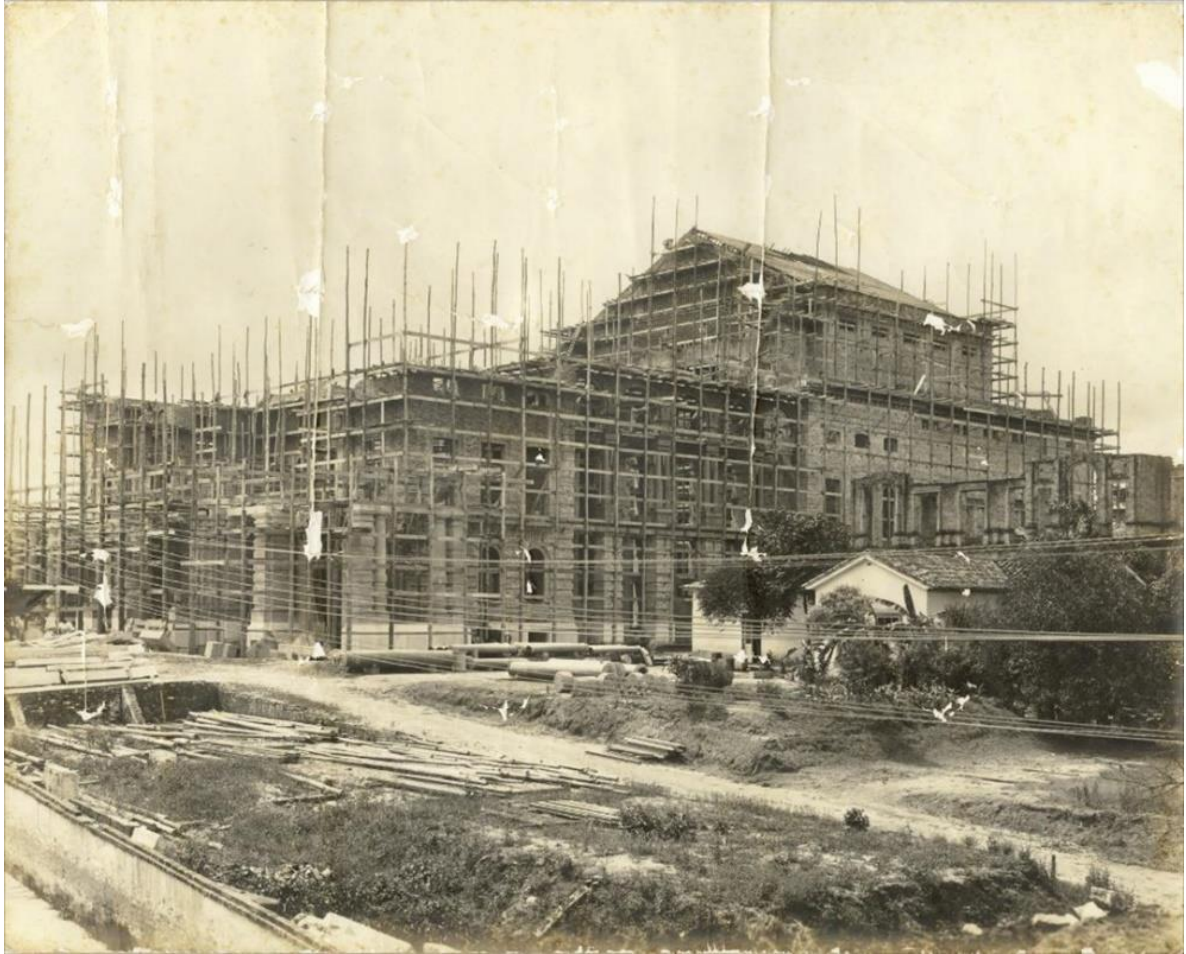


Fig. 38. Fotografia da construção do Theatro Municipal de São Paulo cercado pelos andaimes em 15 de março de 1905. **Fonte:** Coleção Família Passos. Museu da República / Reprodução: Brasiliana Fotográfica.

A remodelação do espaço do Vale do Anhangabaú também pode ser percebida na imagem acima, em que notamos a presença de casa térreas, o que na imagem a seguir, já configura um outro espaço totalmente remodelado:



Fig. 39. Fotografia do *Theatro Municipal* de São Paulo e o Vale do Anhangabaú, sem as moradias do início do século, c. de 1920-1930. **Fonte:** Arquivo Nacional. Fundo Fotografias Avulsas.

No processo de construção do Teatro Municipal, a *Ernesto de Castro & Cia.* participou efetivamente como fornecedora dos andaimes como vimos anteriormente. Os serviços prestados pela firma também foi objeto de notícia pela imprensa, em relação às obras realizadas pela cidade. O coreto do largo do Rosário, também foi outra obra do serviço municipal da qual a firma participou como fornecedora de materiais para a sua construção (*Correio Paulistano*, 12 de novembro de 1904). Nas obras iniciadas para a remodelação do Viaduto do Chá, a firma forneceu à prefeitura paralelepípedos de madeira, no valor de 714\$240, bem como adicionado a este valor pago, o serviço de macadamização de ruas (*Correio Paulistano*, 5 de novembro de 1905, p. 2).

Em outra empreitada, a *Ernesto de Castro & Cia.* forneceu materiais para o conserto de pontes Freguesia do Ó, Lapa, Vila Prudente e Rua Vinte e Cinco de Março (*Correio Paulistano*, 3 de janeiro de 1906, p. 4). Seguiram sendo noticiados “melhoramentos” nos cemitérios da Consolação e Araçá (*Correio Paulistano*, 17 de junho de 1906, p. 3). Na rua José Monteio, para a construção de galerias pluviais, a *Ernesto de Castro & Cia.*, ficou responsável pelo fornecimento de cimento e tubos de ferro galvanizado pelo serviço (*Correio Paulistano*, 08 de junho de 1907, p. 5)

Segundo a notícia do *Correio Paulistano*, “foi, finalmente, confiado ao dr. Ernesto de Castro a construção da torre d’água em frente à Escola Politécnica e o fornecimento das bombas elevatórias no extremo das linhas de distribuição” (19 de julho de 1907, p. 4).

A *Ernesto de Castro & Cia.*, também realizou a importação de um automóvel, modelo “Dion Bouton” à Diretoria de Viação da Secretaria de Agricultura (*Correio Paulistano*, 11 de julho de 1907, p. 4). Em outra notícia, sobre a retificação dos rios, especificamente a do Tamanduateí, lemos que pelo valor de “:220\$, a Ernesto de Castro & Comp.”, ficou incumbida de “todos por fornecimentos feitos às obras de construção do canal de Tamanduateí” (*Correio Paulistano*, 6 de agosto de 1911).

Neste contexto, foi possível identificar as redes presentes entre o diretor da casa comercial, EDC, a partir de sua atuação como um dos engenheiros fiscais da Diretoria de Obras, o que permitiu a esse profissional, inserido no comércio de materiais para construção, o conhecimento por de trás do balcão, em relação a requerimentos, licenças, leis e tantos outros processos que compunham a aprovação de orçamentos para obras pela capital. Em paralelo a isso, em 9 de junho de 1905, a *Ernesto de Castro & Cia.* solicitou à Prefeitura Municipal a construção de um pavimento aos fundos de seu escritório, na Rua do Rosário, 17, conforme podemos ver com mais detalhes na planta abaixo, anexada ao requerimento:

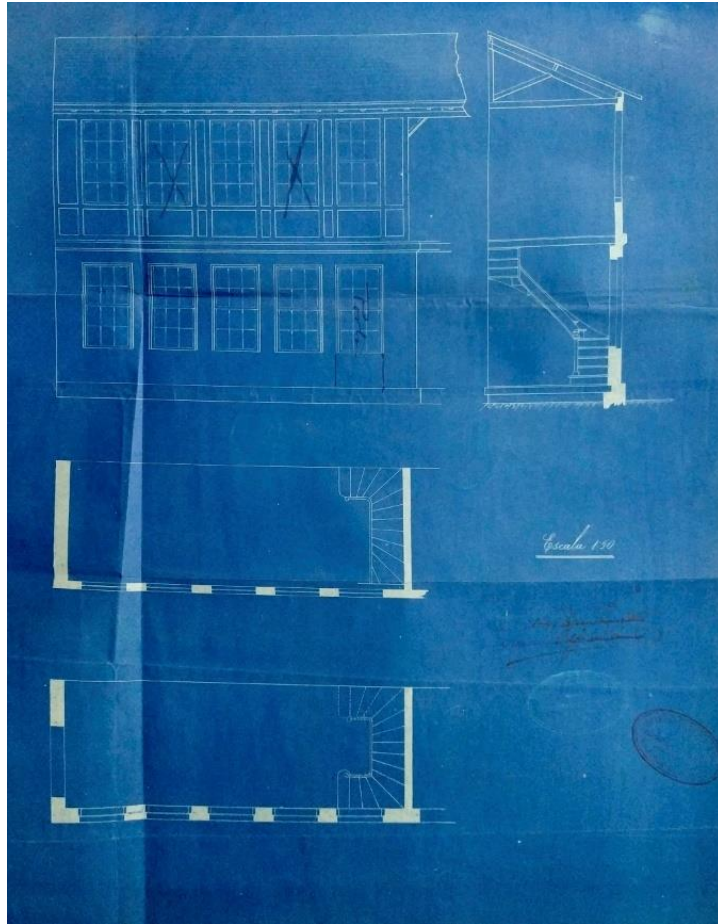


Fig. 40. Planta anexada ao requerimento de construção de pavimento aos fundos do prédio da *Ernesto de Castro & Cia.*, 17. **Fonte:** Fundo Prefeitura Municipal de São Paulo, Direção de Obras e Viação, Obras Particulares, 1905, Volume 421.

É possível identificar na imagem acima que se trata de um conjunto de sobrados, e que na planta há três intervenções que a alteram, com a exclusão de duas janelas e da alteração de uma janela no térreo em porta. A modificação no prédio não se trata da fachada, mas nos aponta o projeto para o aumento de mais um pavimento.

Em 13 de setembro 1907, segundo requerimento encaminhado à prefeitura, Ernesto Dias de Castro solicita a abertura de uma porta e duas janelas em sua serraria central, na Travessa Paula Souza.²⁷ Passados dois anos, o engenheiro solicitou mais uma modificação no edifício com o acréscimo de uma latrina para os operários.²⁸

Posteriormente, em 1910, é solicitado um pedido para construção de um prédio, endereçado à Rua Boa Vista, 26, de propriedade do Dr. Pádua Salles, e projetado pelo Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo. Esse mesmo prédio seria a futura instalação da *Ernesto de*

²⁷ Fundo Prefeitura Municipal de São Paulo. Direção de Obras e Viação. Obras Particulares. 1907. Caixa 26.

²⁸ Fundo Prefeitura Municipal de São Paulo. Direção de Obras e Viação. Obras Particulares. 1909. Caixa 70.

Castro & Cia. e da Companhia Iniciadora Predial, bem como do próprio escritório de Ramos de Azevedo.



Fig. 41. Edifício Dr. Pádua Salles. **Fonte:** Fundo Prefeitura Municipal de São Paulo, Direção de Obras e Viação, Obras Particulares, 1910, Caixa 82.

No acervo de negativos de vidro do Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo, sob guarda no acervo da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, identificamos em uma foto, o edifício que apresentamos na planta acima. Na imagem a seguir é possível identificar na fachada do edifício os letreiros das firmas Companhia Iniciadora Predial e *Ernesto de Castro & Cia.*:



Fig. 42. No térreo a casa comercial *Ernesto de Castro & Cia.* e no balaústre do segundo andar, placa da Companhia Iniciadora Predial. **Fonte:** Acervo da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.

Ainda que com o novo logradouro e edifício, a Serraria Central, extensão dos serviços ofertados pela *Ernesto de Castro & Cia.*, estava localizada em outra região da cidade, e cabe aqui destacarmos outra notícia que traça com detalhes sua instalação, já tratada aqui, quando esta serraria ainda fazia parte da *Azevedo, Bueno & Cia.*:

“meia quadra de terreno nesta Capital, freguesia de Santa Ifigênia, à travessa Paula Souza, esquina da rua Mauá, antiga da Estação, medindo na frente da Travessa Paula Souza, 73m e da frente ao fundo 40m, todo cercado de arame farpado, confrontando uma [sic] esquina com a dita rua Mauá e Travessa Paula Souza e pelo lado oposto com terreno ocupado pela Serraria Ernesto de Castro & Companhia, antiga Azevedo Bueno & Companhia e pelos fundos com terrenos de Alexandre Siciliano” (DOESP em 11 de fevereiro de 1908, p. 403).

Em 1912, foi possível verificar que a serraria ocupava um lote maior do que se tinha conhecimento, pois segundo um requerimento²⁹ municipal, a firma *Ernesto de Castro & Cia.* solicitou o fechamento de um portão com muro da Serraria Central, à rua Antônio Paes³⁰, que começa na Rua Paula Souza e termina na Rua Mauá.

Vigas de Aço duplo T

METAL DEPLOYE' para cimento armado

TELHAS ETERNIT (Suissas)

Ladrilhos de Ceramica (Extrangeiros)
AZULEJOS DE LOUÇA
AZULEJOS DE VIDRO OPALINA

Tintas Vernizes Pinceis
 Oleo de linhaça puro - Lustres para electricidade

Lamaadas "OSRAN" as mais economicas
 (75 oje de redução)

Instrumentos de engenharia de GURLEY e de SALMOIRAOHI

Material Decauville, Trilhos, wagonets, etc. - Filtros systema "Pasteur" com e sem pressão - Correias de couro e algodão - Oleo para lubrificação de MAQUINAS - Apparehos Sanitarios - Arigos para canalização de Agua - Aquecedores "FOROHER" a gas e a petroleo

Fogões Clark a gaz
 Os melhores e mais economicos

Pás, Picaretas, Marretas, Martellos, Carrinhos de mão, etc. Ferragens em geral para construcções; Madeiras serradas e aparelhadas

Unicos agentes dos elevadores **WAYGOOD**

Exclusivos importadores e depositarios do
CIMENTO "ALSEN,,
ERNESTO de CASTRO & C.
 Casa de materiais para construção á
RUA BOA VISTA N. 26
 Proprietario das :
SERRARIA CENTRAL
 á Travessa Paula Souza e
MOCCA á Travessa Piratininga

Fig. 43. Anúncio dos produtos comercializados pela *Ernesto de Castro & Cia.*, bem como a representação de suas marcas. Destacamos o final do anúncio com menção à Serraria central com dois endereços. **Fonte:** Correio Paulistano, 21 de fevereiro de 1914, p. 10.

Como podemos ver no anúncio acima, em 1914, a serraria desta empresa tinha seu endereço na Travessa Paula Souza e uma carpintaria na travessa Piratininga. Nesta travessa (atual Rua Ernesto de Castro) e na Rua André Leão, no Brás, foram construídos os armazéns da *Ernesto de Castro & Cia.*, projetados pelo Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo, em

²⁹ Fundo Prefeitura Municipal de São Paulo. Diretoria de Obras e Viação. Obras Particulares. 1912. Caixa 251.

³⁰ No Dicionário de Ruas, a Rua Antonio Pais, é oficializada pela lei nº 1.458 de 24/08/1911. Disponível em: <https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/logradouro/rua-antonio-pais>

1918, conforme requerimento apresentado à Diretoria de Obras e Viação da prefeitura de São Paulo:

Tendo os abaixo assinados sido encarregados pela firma Ernesto de Castro & Cia. de construir em terreno de seu depósito à Rua André Leão nº 26, dois barracões destinados a depósito de caixas e quartolas de óleos, tintas e vernizes vem por deste submeter à aprovação de V. Exa. os respectivos desenhos e requerer o alvará de licença.

São Paulo, 28 de maio de 1918

Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo & Cia. (AHSP, Fundo Prefeitura Municipal de São Paulo, Diretoria de Obras e Viação, Obras Particulares, Caixa A3, nº 2277, 1918).

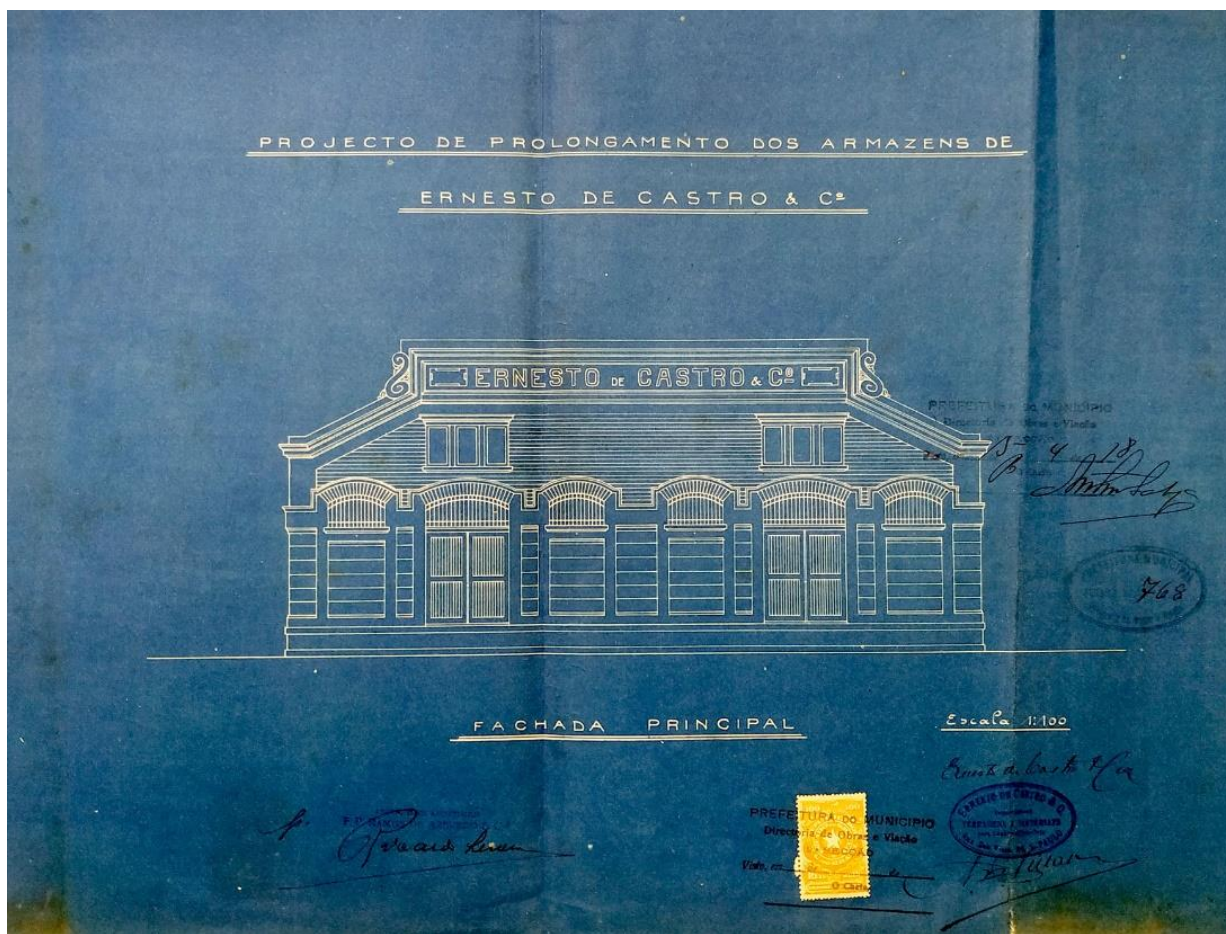


Fig. 44. Projeto de prolongamento dos Armazéns da *Ernesto de Castro & Cia.* **Fonte:** AHSP, Fundo Prefeitura Municipal de São Paulo, Diretoria de Obras e Viação, Obras Particulares, Caixa A3, nº 1417 1918.

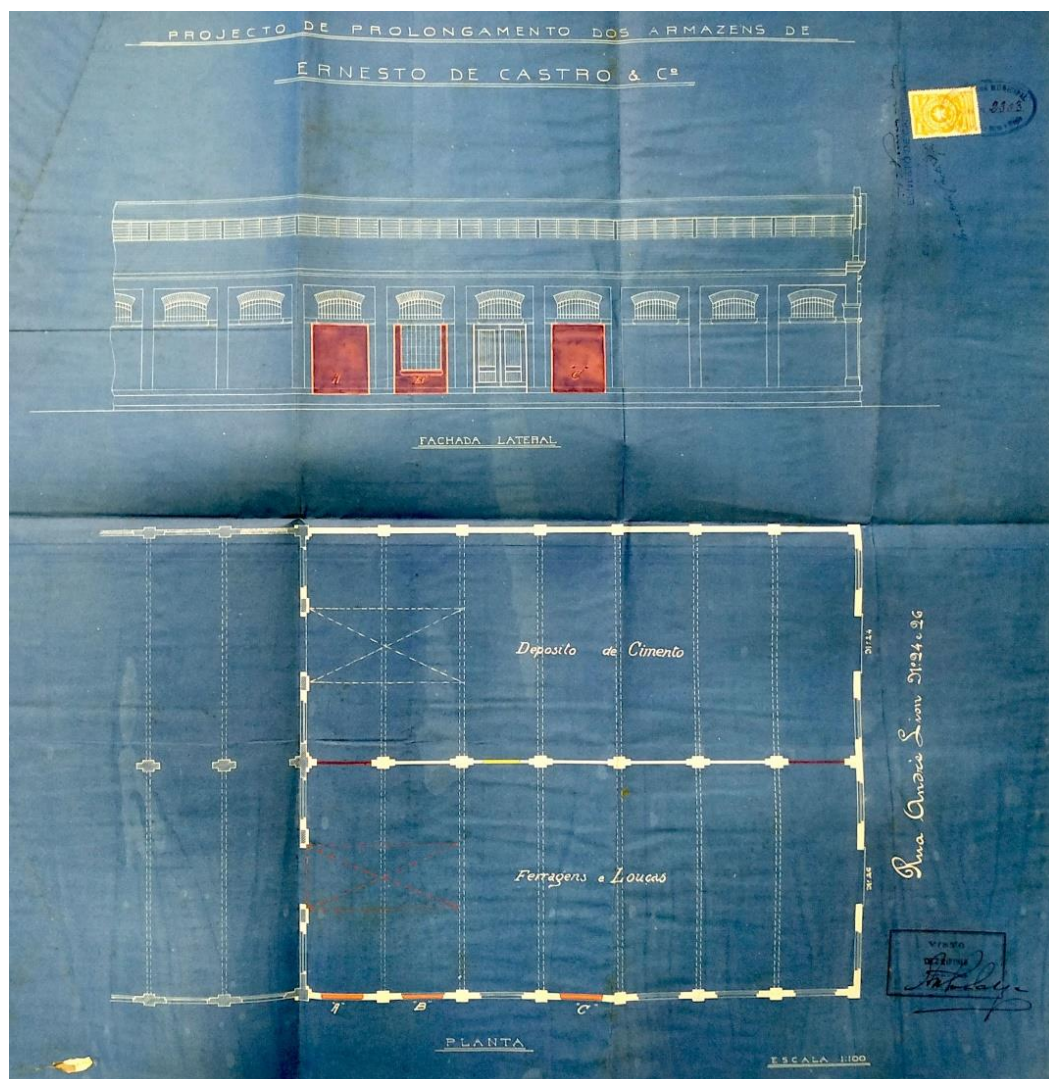


Fig. 45. Projeto de prolongamento dos Armazéns da *Ernesto de Castro & Cia.* **Fonte:** AHSP, Fundo Prefeitura Municipal de São Paulo, Diretoria de Obras e Viação, Obras Particulares, Caixa A3, nº 4593, 1918.

Foram realizadas ainda outras intervenções nos anos posteriores, sendo a primeira delas pelo Escritório Samuel da Neves³¹, realizado em junho de 1920 e pelo Escritório Técnico “Ramos de Azevedo” Severo & Villares, sem data.

Na região, atualmente, existe um condomínio de apartamentos que foi construído a partir da demolição de uma parte considerável desses armazéns, bem como de outras empresas. A seguir apresentamos algumas imagens da fachada do armazém da *Ernesto de Castro & Cia.*:

³¹ A relação da casa comercial Ernesto de Castro & Cia. com este escritório, também pode ser notada a partir das notas fiscais (ANEXO) de produtos para a obra do Edifício Sampaio Moreira emitidas pela firma (Acervo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, Fundo Samuel das Neves, Notas de despesas e serviços, pasta 3).

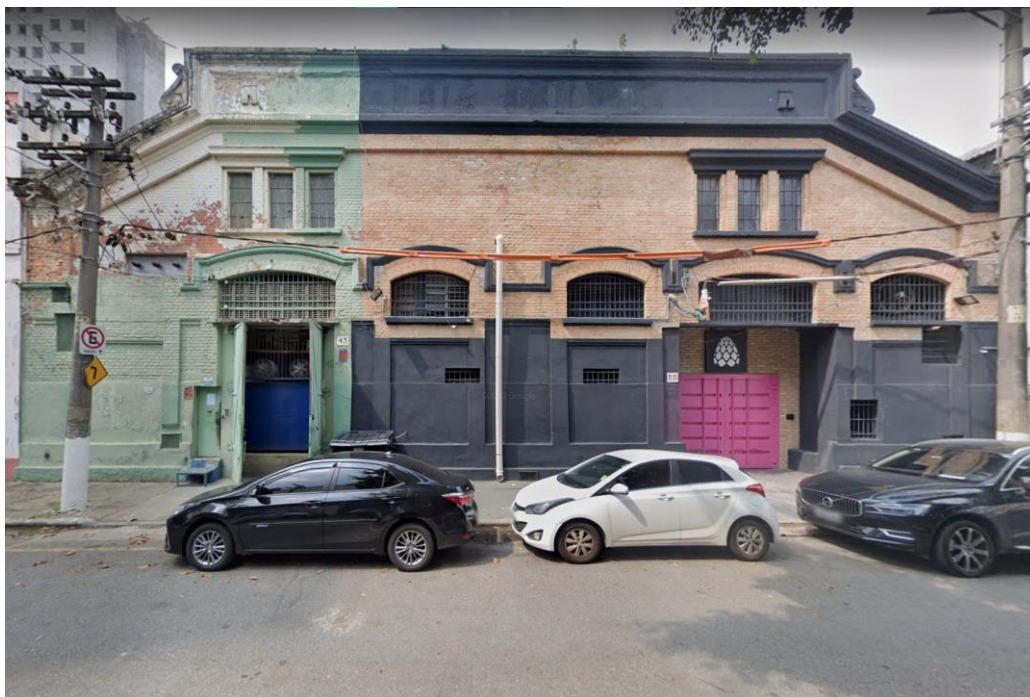


Fig. 46. Fachada atual dos antigos armazéns da *Ernesto de Castro & Cia.* **Fonte:** Google Maps, março de 2020.



Fig. 47. Vista aérea por satélite da região onde foi instalado os galpões da *Ernesto de Castro & Cia.*, com destaque para a marcação em vermelho da sua localização atual na região do Brás. **Fonte:** Google Maps, março de 2020.

Na região central da cidade, em 1922, foi inaugurado na rua Boa vista, 18, o edifício Casa Ramos de Azevedo que abrigou os escritórios centrais das companhias que Ramos de Azevedo, EDC e Arnaldo Dumont Villares administravam em sociedades com outros negociantes. Por ser o único entre os seus vizinhos com nove pavimentos (e dois subsolos que

serviam como depósitos para as mercadorias da *Ernesto de Castro & Cia.*), permitia que as empenas cegas³² servissem de outdoor para promover as empresas e produtos dos sócios. Elas anunciavam a casa importadora e os materiais que comercializavam, tal qual o cimento Canadá, cal, gesso, lustres e outros, como já mencionado:



Fig. 48. Edifício “Casa Ramos de Azevedo”, situado a Rua Boa Vista, com destaque para as propagandas da Casa de Importação *Ernesto de Castro & Cia.* na empena cega do prédio, c. 1922. **Fonte:** Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, Fundo Ramos de Azevedo, Acervo de Negativos de Vidro.

³² Também conhecidas por fachadas sem abertura.

A casa comercial e importadora, passou por algumas reestruturações, dentre elas, a partir de 1917, com sua diretoria formada pelos novos sócios, isto é, os cunhados Arnaldo Dumont Villares e Francisco de Paula Ramos de Azevedo Filho³³. No mesmo ano, F. P. Ramos de Azevedo se desvinculou da empresa, para então assumir o cargo de Diretor da Escola Politécnica de São Paulo, que era ocupado por Antônio Francisco de Paula Souza e faleceu naquele ano (CAMPOS, 2010). Em 1923, a denominação da empresa foi alterada para *Ernesto de Castro & Cia. Ltda.* e passou a funcionar por quotas.

Nos registros da Ficha de Breve Relato, datada de 29 de dezembro de 1953³⁴, a antiga denominação *Ernesto de Castro & Cia. Ltda.* foi alterada para *Ernesto de Castro S/A - Comercial e Importadora*, configurando uma nova diretoria, composta pelos seguintes sócios: Ernesto Dias de Castro (diretor presidente); Mario Dias de Castro (diretor vice-presidente); Carlos Eugênio Dias de Castro e Orlando Ferreira da Rosa (diretores dirigentes); Ernesto Dias de Castro Filho (diretor-secretário) e Moacyr Toledo das Dores (diretor adjunto). A seguir um trecho da escritura de transformação da sociedade:

Que a sociedade Dias de Castro S/A. – Comercial e Importadora, mantendo a mesma integridade e a mesma estrutura de sua antecessora, por isso conservará o mesmo objeto capital, sócios e negócios sem se verificar qualquer solução de continuidade, assim todos os seus móveis, dinheiro, contratos de qualquer natureza, ações, mercadorias, marcas patentes e mais haveres de direito e tudo mais constante da respectiva escrituração sem qualquer exceção de que a sociedade [...] Ernesto de Castro & Cia. Ltda. e tudo segundo os títulos que ora assenta o seu direito, quanto a ditos bens, por força desta transformação que ora se opera passam automaticamente, a constituir patrimônio da sociedade anônima que se denominará: Dias de Castro S/A. – Comercial e Importadora (DOESP, 1 de janeiro de 1954, p.33)

Em uma das assembleias da Dias de Castro S/A, Orlando Ferreira da Rosa, propôs que o estabelecimento fosse denominado por “Casa Ernesto de Castro”, que segundo ele, “essa denominação é[ra] conhecida na praça, e dado o grande conceito com que se formou e desenvolveu a sociedade, era, ainda uma homenagem a um dos seus fundadores e principal acionista” (DOESP, 9 de julho de 1954, p. 83). A proposta foi aprovada e autorizada para dar continuidade com os processos legais de registro nas instituições responsáveis.

³³ JUCESP, Ernesto de Castro & Cia., Ficha de Breve Relato, 1903, p. 2.

³⁴ JUCESP, Dias de Castro S/A. – Comercial e Importadora, Ficha de Breve Relato, 1953, p. 1.

Em 1954, o edifício da Rua Boa Vista, passou por um processo de reforma para abrigar um banco³⁵ e seus escritórios (DOESP, 12 de novembro de 1954, p. 73; AHSP, Reforma de Prédio, Rua Boa Vista, 128 e 136, Processo 0164039, 1954). No ano seguinte, a casa comercial, já constava em outro endereço, na Rua Barão de Limeira, 500³⁶, conforme ata da Assembleia. (DOESP, 19 de fevereiro de 1955).



Fig. 49. Propaganda da Ernesto de Castro S/A – Comercial e Importadora em uma caixa de fósforos. **Fonte:** Bortolan Leilões - Colecionáveis & Antiquidades. Disponível em: <<https://www.bortolanleiloes.com.br/peca.asp?ID=6079495#simple2>> Acesso em 10 de janeiro de 2021.

Com a morte de Ernesto Dias de Castro, em novembro de 1955, uma nova assembleia foi realizada, com alteração da denominação social da empresa para Ernesto de Castro S/A. Comercial e Importadora, bem como a sua diretoria, composta por Orlando Ferreira da Rosa, como presidente; Ernesto Dias de Castro Filho, como vice-presidente; Moacyr Toledo das Dores, como gerente; Alfredo Azevedo Villares, como adjunto e Carlos Alfredo Maia de Castro como auxiliar. Na reunião ainda foi aprovada a proposta de uma filial nos armazéns da empresa no Brás (DOESP, 14 de abril de 1956, p. 63). Em 1964, o cargo de presidente da casa comercial passou para o comando de Ernesto Dias de Castro Filho, após o falecimento do engenheiro Orlando Ferreira da Rosa. Em sessão da Assembleia Geral Ordinária, o presidente pediu a palavra para expressar o pesar pela morte de seu antecessor:

³⁵ O Banco Aliança de São Paulo foi instalado no lugar que comportava a Dias de Castro S/A. – Comercial e Importadora (DOESP, 22 de julho de 1955, p. 58).

³⁶ Infelizmente não foi possível averiguar no Arquivo Histórico de São Paulo, a planta do imóvel que foi instalada a Ernesto de Castro S/A. – Comercial e Importadora para esta época, devido ao fechamento das instituições de pesquisa no Brasil por decorrência da pandemia do novo Coronavírus, desde março de 2020. Contudo, temos a hipótese de que este edifício é o mesmo que hoje abriga um mercado, com arquitetura muito próxima de um galpão, no mesmo logradouro e numeração (ANEXO B).

Presidente da Sociedade, ocorrido a 22 de dezembro p.p., personalidade altamente conceituada nos meios financeiros e comerciais, elemento de relevo na sociedade paulistana, que dedicou à organização, durante largos anos, o maior carinho e interesse pelo seu desenvolvimento. A Sociedade guardará grata recordação de quem sempre lhe deu uma orientação sadia e profícua (DOESP, 30 de janeiro de 1964, p. 76).

Foi em 1966, que no Diário Oficial do Estado de São Paulo, a empresa convocou os acionistas para uma nova Assembleia Geral Extraordinária, na sede social situada à Rua André Leão, 43, que tinha o objetivo de dar início à discussão, conforme “deliberação de proposta da Diretoria, com parecer do Conselho Fiscal, para dissolução ou liquidação da Sociedade” (DOESP, 26 de abril de 1966, p. 35)

Na Assembleia do dia 1 de junho de 1966, a diretoria e os acionistas da casa comercial e importadora, se reuniram para tratar da dissolução da empresa. Da ata, destacamos a seguir alguns pontos apresentados pela diretoria, que impossibilitaram a continuidade da firma no mercado da construção civil:

a) O ritmo sempre crescente da desvalorização da moeda; b) o alto custo dos financiamentos e a as dificuldades vigente no mercado de capitais; c) os rigores da tributação fiscal e trabalhista; d) o alto custo de vida e redução consequente do poder aquisitivo em geral e do capital de giro em particular; e) a presença direta e frequente dos fabricantes no mercado consumidor, tornando cada vez mais precária a posição dos revendedores; conclui que estes fatores e situações anulam todos os esforços na execução dos programas da Sociedade quanto aos seus fins e objetivos estatutários. (DOESP, 2 de novembro de 1966, p. 3)

Sendo assim, a Ernesto de Castro S/A – Comercial e Importadora finalizou suas operações em 26 de dezembro de 1967³⁷, em assembleia realizada à Rua Marquês de Itu, 266. (DOESP, 12 de fevereiro de 1969, p. 18).

³⁷ JUCESP, Dias de Castro S/A. – Comercial e Importadora, Ficha de Breve Relato, 1953, p. 4.

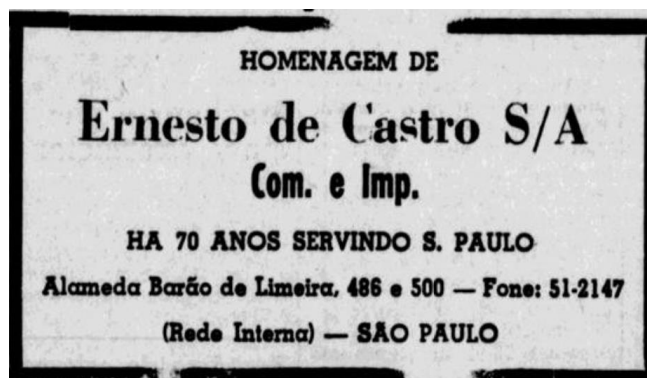


Fig. 50. Recorte da página de anúncios de Homenagem da Indústria e Comércio ao 1º de Maio. Fonte: Correio Paulistano, 01 de maio de 1962, p. 7.

2.3 “Conexões aparentes?”: Estratégias de importação e distribuição pela *Ernesto de Castro & Cia.*

A firma importa em grande escala todos os artigos para construção de edifícios, como ferragens, tintas, vigas de ferro, cerâmica, artigos sanitários, aparelhos para gás e eletricidade, tubos para água, óleos, cimento, madeiras, maquinismos para lavoura, indústrias, estradas de ferro etc. etc. Possui uma serraria, Serraria Central, a qual deve no ano corrente sofrer grande ampliação, e onde são manipulados mensalmente 800 a 1.000 metros cúbicos de madeiras de lei e pinho nacional, além do pinho de resina importado da América do Norte e pinho da Suécia, este em pequena escala. O armazém e escritório ocupam o vasto prédio de quatro pavimentos à Rua Boa Vista, 26; e o depósito fica à Rua Visconde de Parnaíba, 220, com uma área de cerca de 30.000 metros quadrados e um desvio duplo da São Paulo Railway, de 185 metros. A distribuição de mercadorias aos clientes é feita por 15 carroças, tendo a firma feito encomenda de alguns caminhões automóveis Orion, para ampliar os transportes.³⁸

Durante seu período de funcionamento, de 1903 a 1967³⁹, a *Ernesto de Castro & Cia.* enfrentou dificuldades no cenário mundial, como a Primeira Guerra Mundial, desacelerando as importações dos materiais de construção, assim como a crise econômica em 1930, em consequência da quebra da Bolsa de Valores de Nova York (1929), e nos anos seguintes com a Segunda Guerra Mundial. Nestes períodos, o mercado de construções em São Paulo sofreu uma baixa (LEMOS, 1989, pp. 164-165), mas impulsionou a indústria em São Paulo, de forma que viesse a abastecer o mercado interno com os produtos para este setor. Nesse contexto, podemos afirmar que EDC esteve à frente de outras sociedades, das quais foram responsáveis por manter

³⁸ *Société de publicite sud-américaine Monte Domecq et cie.* O Estado de São Paulo. Barcelona: Graphico Tomas, 1918.

³⁹ Ernesto de Castro S/A – Comercial e Importadora. 1953. Junta Comercial do Estado de São Paulo, Ficha de Breve Relato; DOESP, 26 de abril de 1966, p. 25.

o seu negócio principal, a *Ernesto de Castro & Cia.*, e que trataremos com mais detalhes no terceiro capítulo dessa dissertação.

Para tanto, o papel de importador da cidade de São Paulo, na virada do século XIX para o século XIX, representou o alicerce da indústria, e cabe aqui destacar como este estava inserido no comércio:

O importador era tão valioso para o fabricante em relação aos seus mercados quanto o era em relação ao crédito que poderia proporcionar-lhe. O fabricante nacional distribuía tipicamente seus produtos através de importadores, e não através de atacadistas. Ele não se achava em condições de oferecer aos atacadistas créditos a curto prazo de que estes precisavam para comprar-lhe as mercadorias; o importador podia fazê-lo e estava disposto a correr os riscos do negócio. Possuía fontes particulares de informações creditórias quando essa espécie de serviço comercial anda não existia. Além disso, algumas vezes, o importador se elevava, através do sistema de distribuição, de mascate a dono de loja no interior, de dono de loja a atacadista na capital e de atacadista a importador. Nesses casos, conhecia o negócio desde os seus alicerces. (DEAN, 1971, p. 28).

Conhecedor desses alicerces, como já pontuamos no primeiro capítulo, devido sua formação profissional, EDC estava mais que inserido nesse ramo de negócio, mostrando as redes nas quais este comerciante estava envolvido, atuação que melhor pode ser compreendida a partir de uma perspectiva transnacional. Por essa razão, o estudo das cidades e seus agentes por uma perspectiva transnacional não é baseado na máxima de um centro que *irradia* o conhecimento para pontos periféricos. Ao contrário, existe um caminho de mão dupla, em que tanto profissionais, ideias e instituições passam por recíprocas transformações ao estarem relacionados na dinâmica da produção do espaço urbano.

Neste contexto podemos perceber muitas transformações ancoradas no comércio internacional, que distribui produtos e problemas. Os historiadores A.K. Sandoval-Strausz e Nancy Kwak dizem, a este respeito que

As cidades também são moldadas pelo fluxo de investimentos e outras formas de dinheiro, que se movem com velocidade e volume sem precedentes, alterando mercados de alimentos, serviços e principalmente moradias - e, no processo, gerando maiores desigualdades de pessoa para pessoa e de lugar para lugar (STRAUSZ; KWAK, 2018, p.1).⁴⁰

⁴⁰ No original: “*Cities are also shaped by the flow of investments and other forms of money, which move with unprecedented speed and volume, changing markets for food, services, and especially housing – and in the process generating greater inequalities from person to person and place to place*” [Tradução minha].

Para o nosso caso em específico, abordar este comércio em perspectiva transnacional nos direciona para as transformações do espaço urbano alinhado ao uso de novas técnicas construtivas, assim como a operação de maquinário especializado

As cidades têm servido por muito tempo como espaços transnacionais críticos, funcionando como pontos-chave de articulação e entre diferentes povos, economias e culturas (STRAUSZ; KWAK, 2018, p.2).⁴¹

As cidades estão conectadas pelos fluxos comerciais como “pontos de intersecção” em uma rede em que independente dos limites geográficos, compromete-se com a diversidade da sociedade e possibilita inúmeras frentes de análises para os estudos urbanos:

Os historiadores reconhecem o processo transnacional como altamente contingente e plural, com múltiplas variantes moldadas pelo tempo e lugar de seus criadores. Além disso, entendemos que a globalização não envolveu fluxos e trocas persistentes; ele coexistiu com tendências profundamente locais, incorporadas, com muitas pessoas como suscetíveis de resistir ou rejeitar conexões externas como para estabelecê-las ou abraçá-las. Por estas razões, acreditamos que a combinação de história urbana e estudos transnacionais abrirá linhas de inquérito novas e generativas em um assunto que se mudou para o centro do debate público e acadêmico em todo o mundo (STRAUSZ; KWAK, 2018, p.2).⁴²

À vista disso, o emprego do transnacional para o estudo em questão, pontua o “encontro” (ATIQUE, 2019), como chave investigativa para as conexões comerciais entre Brasil e Estados Unidos, sobretudo pelas casas comerciais de construção civil na cidade de São Paulo. Posto isso, Barbara Weinstein nos diz que existem questões que transcendem as fronteiras nacionais e que porventura demonstram “a circulação de mercadorias, ideias e instituições” (WEINSTEIN, 2013).

Ainda sobre essa abordagem transnacional, Sebastian Conrad salienta que é “uma forma de análise histórica na qual fenômenos, eventos e processos são inseridos no contexto global” (CONRAD, 2016, p. 5, tradução minha). Sendo assim, tais estudos demonstram que as

⁴¹ No original: “*Cities have long served as critical transnational spaces, functioning as key points of articulation between and among different peoples, economies, and cultures*” [Tradução minha].

⁴² No original: “*Historians recognize transnational process as highly contingent and plural, with multiple variants shaped by their creators’ time and place. Furthermore, we understand that globalization has not involved persistent flows and exchanges; it has coexisted with profoundly local, embedded tendencies, with many people as likely to resist or reject outside connections as to establish or embrace them. For these reasons, we believe that the combination of urban history and transnational studies will open up new and generative lines of inquiry into a subject matter that has moved to the center of both public and scholarly debate throughout the world*” [Tradução minha].

sociedades estão em constante trocas simbólicas e materiais. Portanto, correspondem ao que temos trazido aqui para discussão, como a própria experiência do comércio pela via transacional, com as importações da casa comercial *Ernesto de Castro & Cia.* Desta forma, a seguir, veremos as negociações dessa firma pelas páginas da imprensa do período, uma vez que não foi possível identificar a existência de um livro de registros com essas transações.

Quadro 2. Sistematização dos informes do Correio Paulistano sobre os produtos importados pela *Ernesto de Castro & Cia.*

ANO	MATERIAL	ORIGEM
1907	Banheiras	Hamburgo
1907	Tintas	Antuérpia
1907	Ferro	Nova York
1907	Ferramentas	Liverpool
1907	Louças	Liverpool
1908	Ladrilhos	Sem indicação
1908	Ferramentas	Sem indicação
1908	Ladrilhos	Sem indicação
1909	Estruturas Metálicas	Holanda
1910	Azulejos	Sem indicação
1910	Cobre	Sem indicação
1910	Ferragens	Sem indicação
1911	Telhas	Sem indicação
1911	Cimento	Hamburgo
1912	Ferragens	Sem indicação
1912	Cobre	Sem indicação
1912	0	Bordeaux
1913	Artigos sanitários	Nova York
1913	Ferragens	Nova York
1913	Instrumentos	Londres
1913	Ferragens	Bremen
1913	Instrumentos	Londres
1915	Cobre	Nova York
1915	Azulejos	Amsterdã
1915	Louças	Amsterdã
1915	Tubos de vacina	Holanda
1915	Cimento	Genova
1915	Gesso	Genova
1915	Instrumentos	Nova York
1915	Artigos de Borracha	Nova York
1915	Louças	Liverpool
1915	Instrumentos	Liverpool
1915	Cobre	Nova York
1915	Tambores	Londres
1916	Ladrilhos	Marselha

1916	Ladrilhos	Manchester
1916	Instrumentos	Manchester
1916	Louças	Manchester
1919	Cimento	Nova York
1919	Ferragens	Nova York
1919	Aço	Nova York
1919	Cimento	Nova York
1919	Ferragens	Nova York
1919	Correias (?)	Liverpool
1919	Ferragens	Amsterdã
1919	Ferragens	Nova York
1919	Cimento	Nova York
1919	Aço	Nova York
1919	Ferragens	Nova York
1919	Artigos de Madeira	Nova York
1919	Instrumentos	Nova York
1919	Tubos Industriais	Nova York
1919	Aço	Liverpool
1919	Cimento	Marselha
1919	Gesso	Marselha
1919	Ladrilhos	Marselha
1920	Artigos de Latão	Amsterdã
1920	Escovas	Amsterdã
1920	Champagne	Havre
1920	Diversos	Nova York
1920	Ferragens	Nova York
1920	Ferragens	Amsterdã
1920	Tintas	Amsterdã
1920	Ferro	Antuérpia
1920	Matrizes	Havre
1920	Batina	Nova York
1920	Ferragens	Amsterdã
1920	Ladrilhos	Marselha
1920	Contato Carbono	Londres
1920	Motor	Londres
1920	Cobre	Nova York
1920	Algodão	Genova
1920	Ladrilhos	Antuérpia
1920	Ferragens	Hamburgo
1920	Estopa	Sem indicação
1920	Ferramentas	Liverpool
1920	Cimento	Genova
1920	Ladrilhos	Málaga
1920	Ladrilhos	Antuérpia
1920	Ferramentas	Liverpool
1920	Ladrilhos	Marselha

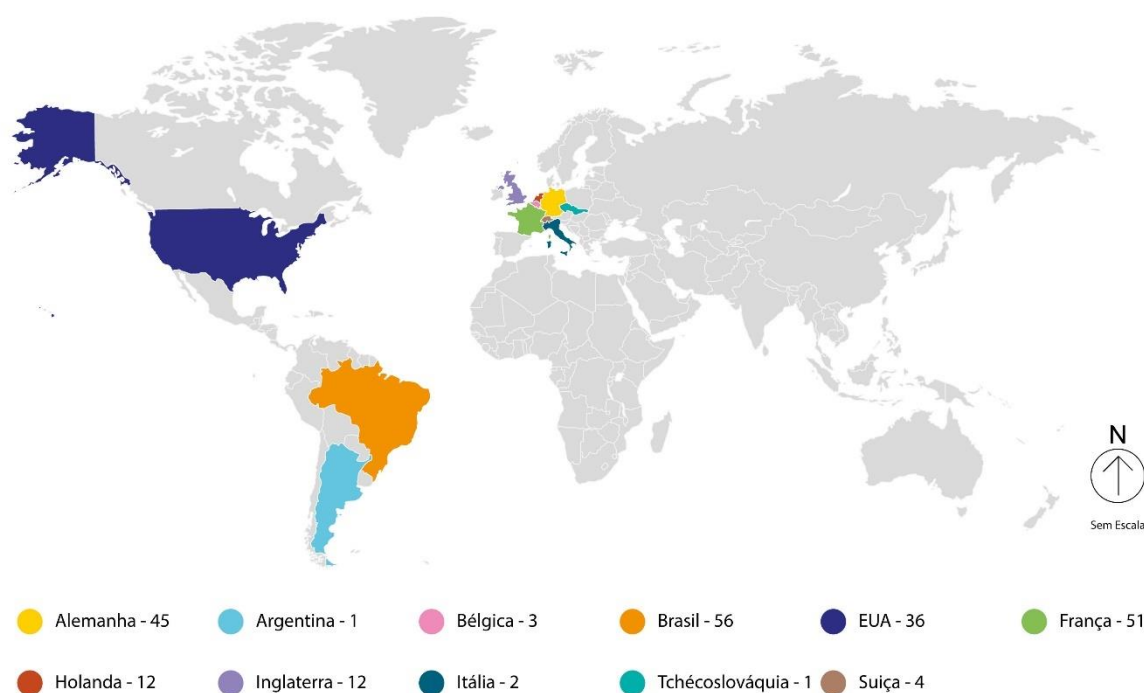
1920	Ferragens	Hamburgo
1920	Máquinas	Hamburgo
1920	Ferragens	Nova York
1920	Ferragens	Nova York
1920	Ladrilhos	Antuérpia
1920	Instrumentos	Londres
1920	Diversos	Nova York
1920	Ferramentas	Nova York
1920	Telhas	Nova York
1920	Esponjas	Sem indicação
1921	Ferramentas	Liverpool
1921	Papelão	Sem indicação
1921	Hidráulico - Pert. Tubos	Nova York
1921	Diversos	Nova York
1921	Ferro	Antuérpia
1921	Telhas	Hamburgo
1921	Tecidos	Southampton
1921	Ferro	Antuérpia
1921	Ferro	Antuérpia
1921	Ferro	Hamburgo
1921	Máquinas	Hamburgo
1921	Telhas	Hamburgo
1921	Estufa	Sem indicação
1922	Peças de Ferro	Sem indicação
1922	Ladrilhos	Sem indicação
1923	Azulejos	Sem indicação
1924	Ladrilho	Sem indicação
1924	Ferragens	Sem indicação
1925	Materiais de Laboratório	Sem indicação
1926	Peças de Ferro	Sem indicação
1926	Fogões de ferro	Sem indicação
1926	Artigos de ferro	Sem indicação
1927	Ladrilhos	Sem indicação
1928	Tubos de cimento	Sem indicação
1928	Ferro	Sem indicação
1928	Papelão	Sem indicação
1928	Restituições	Sem indicação
1928	Restituições	Sem indicação
1928	Peças de Ferro	Sem indicação
1928	Peças de Ferro	Sem indicação
1928	Restituições	Sem indicação

Fonte: Correio Paulistano, de 1907 a 1928.

A tabela apresenta as informações retiradas da coluna de *Importação* do jornal Correio Paulistano, sem qualquer menção às empresas que estavam do outro lado do balcão. Essa busca auxiliou para que pudessemos compreender os fluxos da empresa no comércio internacional de

consumo e demonstrar como era viabilizado o processo de expansão da construção civil na cidade. Para tanto, gostaríamos de destacar as entradas dos vapores estrangeiros e suas origens no porto de Santos, sendo: 30 de Nova York e um de Southampton (no mesmo Estado); nove da Alemanha (Hamburgo e Bremen); nove da Bélgica (Antuérpia); 18 da Inglaterra (Londres, Manchester e Liverpool); dez da Holanda (Amsterdã); nove da França (Marselha, Havre e Bordeaux); quatro da Itália (Genova) e Espanha (Málaga). Também foi possível averiguar por meio da Escola Politécnica de São Paulo – cliente que fazia parte do círculo privilegiado (STEVENS, 2003) da *Ernesto de Castro & Cia.* – as notas fiscais emitidas entre essas duas instituições (APÊNDICE C). Com isto, foi possível perceber um considerável volume de materiais que era importado para as instalações da instituição.

Uma parcela significativa de periódicos e literatura especializada na área de arquitetura e engenharia vinha dos Estados Unidos da América, assim como uma variedade de produtos químicos e aparelhos mecânicos. Este fluxo comercial entre Brasil e Estados Unidos também era formado por “produtos industrializados, alimentos e matérias-primas para a construção e indústria” (LUNA; KLEIN, 2019, p.271).



Mapa 5. Países que importavam pela *Ernesto de Castro & Cia.* à EPSP (1903 a 1933). **Fonte:** Sistematização realizada por Carlos Moura, por meio das notas fiscais do AHEPUSP entre os anos de 1903 e 1933.

No mapa acima, não constam 23 notas fiscais, pois não possuíam identificação das empresas ou a origem da transação comercial, embora um desses registros fizesse referência à América Latina, mas sem especificar qual país.

Ainda que França e Alemanha apareçam como dois dos principais países com maior fluxo de notas de importação, não podemos deixar de perceber a participação dos Estados Unidos nessas trocas comerciais. Cabe destacarmos como Fernando Atique (2007) indica uma aproximação dos EUA com o Brasil, colocando-se como uma via de modernização para o último país. Nesse sentido, Warren Dean, ao analisar os bens de consumo que ainda não se faziam presente na economia em São Paulo, aponta que as exportações do café trouxeram novas perspectivas para a economia, destacando a situação das importações que chegaram ao “zênite” e em ruas como a São Bento. De acordo com Dean “o paulista comprava todos os produtos da Europa e dos Estados Unidos, desde o mais básico até ao mais supérfluo” (DEAN, 1971, p. 25).

Retomando as notas fiscais da EPSP, também foi possível identificar um número considerável de empresas que mantinham negócios com a *Casa Ernesto de Castro*. Sendo assim, gostaríamos de destacar a *United States Steel Products Company*⁴³, que apareceu em um dos registros para o ano de 1923. No ano seguinte, o Indicador Profissional da revista *A Construção em São Paulo*⁴⁴, na seção de *Ferro para cimento armado*, a empresa estadunidense aparecia na lista de fornecedores do estabelecimento de EDC. Sua loja instalada no Rio de Janeiro à Rua Candelária, 42 (Almanak Laemmert, 1913), apontada como principal casa comercial, também era subsidiária da *United States Steel Corporation* e exportadora “dos produtos da Carnegie Steel Co., Illinois Steel Co., American Steel & Wire Co., American Sheet & Tin Plate Co., American Brigde Co., The Lorain Steel Co., National Tube Co., Shelby Steel Tube Co., Tennessee Coal, Iron & Railroad Co.” (Almanak Laemmert, 1929).

⁴³ No período de pesquisa na *University of Massachusetts Dartmouth* como *Visiting Scholar*, por intermédio da Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE), foi possível identificar em consulta ao acervo da instituição o *General Catalogue*, publicação da *United States Steel Products Company* especializado na apresentação de seus materiais e filiais em território estadunidense.

⁴⁴ *A Construção em São Paulo*. Indicador Profissional. São Paulo: janeiro de 1924.

Depositarios de PUDLO

**CIMENTO IMPERMEABILIZADOR PARA QUAESQUER
OBRAS QUE NECESSITEM
UM REVESTIMENTO IMPERMEAVEL**

CHAPAS ESPECIAES PARA CALHAS

As chapas de ferro com liga de cobre, galvanizadas, marca KEYSTONE, da United States Steel Products Company, custam quasi tanto como as communs e resistem aos acidos de 50 a 100 vezes mais do que as chapas de ferro galvanizado simples. Por esse motivo aconselhamos aos srs. constructores e proprietarios empregal-as em calhas e collectores de aguas pluvias, tanques, caixas para agua, etc.

CHAPAS CORRUGADAS

Egualmente fabricadas com liga de cobre, para cobertura de predios em sitios sujeitos a gazes corrosivos. Os fabricantes consideram-nas excellentes e aconselham francamente o seu emprego, principalmente para coberturas de engenhos de assucar e construcções a beira-mar

**MALHA TRIANGULAR DE AÇO ESTIRADO A FRIO
PARA REFORÇO DE CIMENTO ARMADO**

E' ACONSELHADA PARA PISOS E PAREDES — SUBSTITUE COM GRANDE VANTAGEM O FERRO EM BARRAS

	040	pesando	1.100	grs. por metro quadrado
	058	"	1.600	" " " "
	080	"	2.000	" " " "
	107	"	2.400	" " " "
	153	"	3.300	" " " "
	180	"	3.800	" " " "
	208	"	4.300	" " " "

Em peças de 200 x 56'

RESISTENCIA 70 A 85.000 LBS. por POLLEGADA QUADRADA

AGENTES DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

Ernesto de Castro & Cia. Ltd.

RUA BOA VISTA, N. 18 — CAIXA, 2666 — SAO PAULO

Fig. 51. Anúncio da *Ernesto de Castro & Cia.* com destaque para a *United States Steel Products Company*.
Fonte: Correio Paulistano, 01 de janeiro de 1926, p.11.

Ressaltamos que as casas importadoras também comercializavam produtos nacionais como podemos ver no trecho a seguir de Warren Dean:

Em face dos seus recursos e da sua experiência, era provável, portanto, que os importadores não deixassem escapar as oportunidades apresentadas pelo padrão mutável do comércio e eles mesmos passassem a estimular a manufatura nacional. Afinal de contas, os importadores eram simples negociantes; se compravam de franceses, alemães e ingleses, por que não comprariam de brasileiros? (DEAN, 1971, p. 29).

Frente a esta pergunta, nas notas fiscais da EPSP, a *Ernesto de Castro & Cia.* comercializava e revendia os produtos de outros negociantes e firmas nacionais. Neste caso,

cabe destacarmos a Casa da Boia⁴⁵ neste cenário de parcerias comerciais, pois no livro caixa⁴⁶ da empresa, constava as compras realizadas pela Ernesto de Castro & Cia. entre outubro de 1918 a julho de 1919.

Conforme apontamos, os vínculos internacionais da *Ernesto de Castro & Cia.* podem ser percebidos desde sua antecessora, a *Azevedo, Bueno & Cia.*, o que não a limitou comercializar com firmas nacionais. Essas relações que seu diretor, EDC, construiu em território paulista, o inseriu em outras sociedades como veremos no próximo capítulo.

⁴⁵ A “Casa da Boia” é um importante marco para o comércio da cidade de São Paulo, inaugurada no dia 20 de maio de 1898 como Rizkallah Jorge e Cia, a empresa centenária ganhou este nome, principalmente, após uma epidemia de febre amarela que se alastrou rapidamente pela cidade de São Paulo em virtude de suas condições sanitárias precárias. Neste período, os materiais hidráulicos ali comercializados foram utilizados tanto na criação de uma infraestrutura urbana para a cidade, com a instalação de rede de água e esgoto, quanto na ornamentação do espaço interno das residências. Seu proprietário, Rizkallah Jorge Tahan, um imigrante sírio que chegou na cidade de São Paulo no ano 1895, e, ao contrário da maioria de seus patrícios que inicialmente se envolviam com a comercialização de tecidos, procurou uma profissão que se adequasse à atividade que exercia em sua terra natal: a fundição de cobre (ALMEIDA, 2018).

⁴⁶ Fornecedores da Casa da Boia. Dados compilados sobre compras no livro-caixa n.4 entre outubro de 1918 e julho de 1919. **Fonte:** Acervo Casa da Boia.

Capítulo 3

Construção civil entre redes:

atores sociais e suas conexões no comércio de importação e distribuição de materiais de construção em São Paulo

**Aceitar o desafio de conhecer criticamente essa ampla circulação de ideias, modelos, tipologias e práticas bem ou mal sucedidas, constitui a base de nossas pesquisas e da leitura dos documentos produzidos em diferentes linguagens. Nosso intuito é não aprisionar a reflexão ou as respostas às questões levantadas a uma explicação ou interpretação a priori sempre apoiada em modelos facilitadores da análise. Quero propor a concepção de terem as noções e conceitos do urbanismo, não um lugar fisicamente definível – país, cidade, escritos de um profissional, livros, revistas, e demais suportes –, mas comporem um campo de conhecimento estruturado, embora não estável e cristalizado, e sim sujeito à transitoriedade das ideias, à contingência, à polissemia, aos embates de interesses de ordem variada. (BRESCIANI, 2012, p. 509)*

3.1 O complexo da construção civil pela via do comércio

Como já apresentado nos capítulos anteriores, a formação profissional de EDC, como engenheiro civil, a partir de uma instituição positivista, tal qual foi a Escola Politécnica para o período, o enveredou para uma carreira profissional entrelaçada ao comércio e à *indústria*. Os entrelaçamentos simbólicos de EDC ainda seriam produzidos por meio de seu matrimônio com Lúcia Lacaze Ramos de Azevedo, uma das herdeiras de uma das famílias mais importantes da história da engenharia e da arquitetura do período.

Ernesto Dias de Castro seguiria seu próprio caminho nos negócios da cidade, com outras empresas ligadas ao ramo da construção civil, conformando uma trama de atividades profissionais aplicada à urbanização. Utilizando o termo “complexo da construção civil”¹, o comércio se insere nesse conjunto por caminhos que estão nele imbricados: como o próprio intercâmbio de ideias – de suas redes de trocas nacionais e internacionais – que permite compreendermos o estabelecimento de novos saberes e produtos responsáveis pelo avanço da técnica construtiva no Brasil.

¹ Termo originário da obra de Maria Lúcia Caira Gitahy e Paulo Cesar Xavier Pereira, como organizadores em *O complexo industrial da construção e a habitação econômica moderna 1930-1964*. Esta expressão “complexo da construção” visa compreender a especialização e interdependência da técnica e do social para cada setor do ramo da construção civil, como um conjunto dessa produção.

Na historiografia, vale a pena ressaltar, o comércio não foi mobilizado como um dos ramos partícipes da urbanização da cidade de São Paulo. Houve, nos estudos sobre o tema, um direcionamento de todos os esforços e análises para a indústria, como exposto pela historiadora econômica Marisa Midori Deaecto:

foi a indústria e não a atividade comercial que mereceu maior destaque por parte dos estudiosos, fato que se justifica pela amplitude que este setor adquire no estado de São Paulo, ao lado da economia agroexportadora e, em linhas gerais, pelo caráter transformador da indústria na dinâmica do capital (DEAECTO, 2002, p. 63).

Defendemos, então, que o comércio deve ser visto como importante propulsor dos investimentos nacionais e internacionais, já que os recursos que criou aparelhou a produção do “complexo” da construção civil. O termo *complexo*, aqui designado para expressar o conjunto das atividades desse campo, fica mais claro com a citação a seguir:

Esse termo [complexo da construção] é proposto aqui em seu sentido mais amplo, para se referir ao conjunto diversificado das atividades de construção. Procura-se com ele abarcar todas as atividades relacionadas à construção, incluindo o comércio, a produção, os serviços e o financiamento dessas operações que viabilizam a provisão construtiva. Na denominação “complexo”, pretende-se deixar clara a forte interdependência das várias atividades. Tanto a suficiência técnica de cada segmento quanto a autonomia de cada um deles são relativizadas. Essa relativização da separação das diversas atividades da construção, como indústrias especializadas, isoladas em esferas setoriais ou subsetoriais, constitui o que chamamos aqui de “complexo da construção” (GITAHY; PEREIRA, 2002, p. 16).

A ideia de “complexo”, portanto, compreende uma série de atividades interligadas que acabam por constituir, para o nosso estudo em questão, o setor da construção civil. Visto por uma escala ainda menor, destacamos o comércio como elemento de ligação desse setor, responsável por fazer circular dentro desse conjunto os produtos necessários para cada subsetor.

Para este contexto, a Escola Politécnica se apresenta como importante colaboradora para o desenvolvimento desse campo. O estudo aplicado da racionalização no uso dos materiais para construção já fazia parte da grade curricular da Escola Politécnica na virada do século XIX para o XX (PEREIRA, 1984, p. 254). Sendo assim, em 1899, é desenvolvido Gabinete de Resistências do Materiais, que a princípio funcionava como um laboratório didático e, posteriormente, se tornou o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), associado à Escola Politécnica, em 1934 (GITAHY, 1994 e 2001).

Ex-aluno e diplomado engenheiro civil pela Escola Politécnica de São Paulo, EDC, na direção de uma casa comercial, a *Ernesto de Castro & Cia.*, tornou-se um dos principais

fornecedores dessa instituição². Nas notas fiscais que comprovam as transações comerciais entre as duas instituições, é possível verificar que a *Ernesto de Castro & Cia.* foi a responsável por importar muitos materiais utilizados nos cursos de formação da Politécnica, desde aparelhos mecânicos e químicos, e outros produtos como uma variedade de literatura especializada em arquitetura e engenharia, bem como viabilizar assinaturas de revistas da mesma área, em sua maioria, estadunidenses.

São Paulo, 18 de Janeiro de 1918

ERNESTO DE CASTRO & C.^{IA}
IMPORTADORES.
RUA BOA VISTA, 28

12

Factura para o Sr. Escola Polytechnica de São Paulo
de Livros que mandamos embarcar
por sua ordem, conta e risco a bordo do
de New York com destino a Santos.
Seguro effectuado

Vencimento

1	Cram, Farm Houses of Normandy	\$ 6.67	
1	Newall- French Chateaux	" 2.40	
1	Asher Benjamin- Country Builder's Ass.	" 8.33	
1	Meyer- Handbook of Ornament	" 2.40	
1	Modern Decorative Art	" 6.67	
1	Calasanti, Italian Ceilings	" 6.67	
1	Lowell, Smaller Italian Villas	" 13.33	
1	Renaissance in Italy	" 12.00	
1	Prentice, Renaissance in Spain	" 18.00	
1	Newcomb, Californian Missions	" 12.00	
1	La Beume, Mexico	" 8.00	\$ 96.47
	Frete e despesas		6.53
	Despesas de saque		8.30
	Despacho aduaneiro, etc.		4.00
	Nossas comissão		4.40
			\$ 119.70

Cento e dezenove dollares e setenta centimos

Av. Avl. Of. N.º _____ de _____ de 1918
Rz. Py. Uj. N.º 15 de 22 de Janeiro de 1918

Escola Polytechnica de S. Paulo
Exercicio de 190
Verba - DOTAÇÃO DA BIBLIOTHECA

Fig. 52. Nota fiscal da *Ernesto de Castro & Cia.* Fonte: AHEP - USP.

² No Arquivo Histórico da Escola Politécnica da USP consta as notas fiscais, duplicatas e recibos da *Ernesto de Castro & Cia.* informando os materiais fornecidos para professores, laboratórios e biblioteca da instituição.

Dentre as empresas que mantinham relações comerciais com a *Ernesto de Castro & Cia.*, por meio de seus representantes, temos a *G. Amsinch & Co.*, *Louisiana Planter & Sugar Manufacturer*, *Thomas Nelson & Sons*, *Th. Leeds & Northrup Co* e outros; e publicações como *Engineering Review Company*, *Bungalow Magazine*, *Improvements of Rivers* e *Public Water Suplies*. As investigações científicas também faziam parte da estrutura desses negócios ligados à construção civil. Ernesto Dias de Castro Filho foi um dos responsáveis pelo campo da pesquisa nessa rede, como é possível verificar:

Departamento Nacional de Produção Mineral / Rio, 12 (Asapress) - No Departamento Nacional de Produção Mineral deram entrada os seguintes pedidos de pesquisas: de Ernesto Dias Castro Filho, apatita, calcita e associados, em Jacupiranga; e Siderurgica Barra Mansa S/A., galena, pirita e associados, na fazenda de São Francisco, em Sorocaba, ambos no Estado de São Paulo. (Correio Paulistano, 13 de fevereiro de 1946, p. 3).

Postas estas considerações, a tarefa de equipar a Escola Politécnica e seu Gabinete de Resistências de Materiais, ficou à cargo da casa comercial *Ernesto de Castro & Cia.* Isto revela as conexões de um setor em desenvolvimento para a construção civil, com a racionalização dos materiais de construção e sua aplicação técnica nas obras de engenharia, arquitetura e urbanismo para o período, na cidade de São Paulo.

3.2 Espacializando empreendimentos: entrecruzamentos de comércio e construção por meio de Ernesto Dias de Castro

os empresários com os mais variados perfis se dedicavam seja à especulação com terrenos, seja a negócios com material de construção ou construção de casas de aluguel. Comerciantes, fazendeiros, industriais, banqueiros, políticos, ‘capitalistas’ aplicavam seus excedentes em atividades imobiliárias (SAMPAIO, 1994, p. 19)

Engenheiro, professor e comerciante seriam alguns títulos atribuídos a EDC para sua época. Na busca por compreender este multifacetado engenheiro, nos deparamos com uma documentação³ a respeito da mudança da capital federal na década de 1920, em que seu exercício na cidade de São Paulo ficou evidente:

³ Conferência dos Proprietários de Lotes Urbanos e Agrícolas no Distrito Federal. Rio de Janeiro, 25 de julho de 1989. *Arquivo Nacional*. Fundo: BR DFANBSB HL 0.0.0002 - Secretaria de Assessoramento da Defesa Nacional

Assim, em 1923, os príncipes do capitalismo paulista, Alvaro Macedo Guimarães, Conde Francesco Matarazzo, Comendador Carmo Campanella, Dr. Ernesto Dias de Castro, Matteo Bei, Comendador Vincenzo Frontini, Elia Belli, etc, etc, formaram uma S/A, denominada – PLANALTO CENTRAL DE GOIÁS – constituída em 20/12/1923, sociedade que comprou a fazenda SALVIA, do coronel Salviano Monteiro Guimarães e a loteou em porções agrícolas variáveis de 10.000 a 30.000 – m². quadrados cada, reservando, entretanto, grande extensão ao redor da pedra fundamental para oferecê-la à União (Arquivo Nacional, 25 de julho de 1989).

Nesta perspectiva, EDC se insere como um negociante na cidade, ao ponto de multiplicar seu capital em outras frentes, em outras empresas pertencentes ao círculo da construção civil. Como vimos, sua associação na *S/A Planalto Central*, o coloca ao lado de outros atores sociais cuja participação na história urbana da cidade de São Paulo já foi mais explorada, como o Conde Francisco Matarazzo. Sendo assim, o termo “capitalista”, empregado aqui o torna detentor de investimentos, isto é, um empreendedor, ao mesmo tempo em que:

a estrutura do comércio revela que o novo negociante, ou o burguês, não é apenas um receptor ou intermediário. Ele é um investidor. Compõe o conjunto das classes conservadoras, posto que não havia nenhuma diferença de autorrepresentação [sic] entre o alto comerciante e o industrial, em termos políticos (DEAECTO, 2002, p. 24).

Os investimentos de EDC estavam todos interconectados com a construção civil. E, neste sentido, ainda que possuísse terras de colonização para o cultivo do café⁴, seu capital não foi estabelecido por esta única atividade comercial. O mercado imobiliário na cidade de São Paulo se expande à medida que outros investimentos são aplicados na infraestruturação urbana, como é apontado a seguir:

É possível destacar as oportunidades que o período abriu para que vários tipos de empresas ligadas aos negócios da construção viessem a se constituir, dividindo atribuições. São os escritórios de engenharia e arquitetura, as construtoras que começam a operar em bases empresariais, um significativo comércio de importação de materiais de construção, bem como indústria e comércio locais de materiais de construção, que procuram substituí-los, sobretudo aos mais difíceis e caros de transportar. Constitui-se, assim, um conjunto de atividades empresariais da construção com três subsetores interligados: o que chamaremos aqui (com forte risco de anacronismo) de “construção pesada”, materiais de construção e edificações. Com a Primeira

da Presidência, p. 5. Disponível em < http://sian.an.gov.br/sianex/consulta/pagina_inicial.asp >. Acesso em 10 jun 2018.

⁴ Arquivo do Tribunal de Justiça, Ernesto Dias de Castro, Inventário, 6ª Vara da Família e Sucessões, Processo: 0817448-88.1956.8.26.0100, pp. 25 e 26.

Guerra Mundial avança a substituição de importações no campo dos materiais de construção (GITAHY; PEREIRA, 2002, p. 26).

Do conjunto exposto aqui, veremos mais adiante que EDC esteve alinhado aos três setores da construção civil, associado às empresas destinadas a produção diversificada de materiais para os interiores das residências, distribuição de materiais da construção (como importador de produtos nacionais e estrangeiros), e de negócios associados à habitação (e edificações no geral).

No contexto da Primeira Guerra (1914-1918), ainda que o fluxo de materiais tenha diminuído, isso proporcionou a entrada de outro país no comércio internacional de importação, os Estados Unidos:

A Guerra na Europa também ocasionou grande mudança nos países fornecedores de produtos importados para São Paulo e nos produtos que eles traziam para Santos. [...]Foram os Estados Unidos que substituíram esses países como principal fornecedor de produtos para São Paulo e, uma vez alcançada essa posição predominante, o país substituiu a Grã-Bretanha e a Alemanha como o principal fornecedor do mercado paulista mesmo depois de terminada a guerra (LUNA; KLEIN, 2019, p.275).

A partir da década de 1930, segundo Maria Lúcia Caira Gitahy e Paulo Cesar Xavier Pereira (2002, p. 17), “foi significativa, nesse período, a substituição de importações, com visível redução da importação de cimento, aparelhos sanitários e outros materiais e equipamentos da construção que passaram a ser produzidos no Brasil”, e que nos aproxima das estratégias da abertura de outras empresas por Ernesto Dias de Castro, para suprir esse mercado internamente. Após os anos sombrios da Segunda Guerra Mundial (1939-1945),

os países da Europa continental retornaram ao Porto de Santos e, lentamente, recuperaram sua posição anterior. Os Estados Unidos, que almejavam dominar os mercados locais em 1919, tiveram outro ano de resultados espetaculares em 1920, porém perderam sua fatia de mercado com o retorno de França e Alemanha e a expansão até mesmo das importações canadenses em meados da década. (LUNA; KLEIN, 2019, p.277).

Ainda que o ritmo das atividades do mercado imobiliário tenha desacelerado nessas fases que citamos, algumas empresas surgiram na época para justamente direcionar a força industrial nacional para o provimento interno do país. No estado de São Paulo não foi diferente. Atuando no mercado de construção civil da capital por alguns anos, EDC investiu seu patrimônio em outras empresas do mesmo ramo, com especialidades diferentes, construindo o que chamamos aqui de uma rede de empresas da construção civil.

Em um desses casos, após dois anos da inauguração da *Ernesto de Castro & Cia.*, em 1905, a expansão da via férrea tornou-se o principal fator que alavancou as empreitadas dos

cafeicultores na exploração do território para o oeste paulista. Com a chegada da ferrovia nesses lugares, núcleos coloniais foram sendo criados com o loteamento de terras ao longo da extensão das linhas da Companhia Paulista, por exemplo. Cristina de Campos apresenta a seguinte articulação:

Esta nova postura (exploração de terras pela agricultura) é reveladora do aparecimento de uma lógica de expansão das companhias ferroviárias, que passaram a enxergar o prolongamento de suas linhas em regiões desabitadas e cobertas por matas nativas como uma excelente oportunidade de ampliação de seus negócios, sobretudo, pela abertura de novas frentes produtoras e de núcleos urbanos que dependeriam da ferrovia para se conectar à rede urbana paulista já estabelecida (CAMPOS, 2011, p. 94).

É neste contexto que Dias de Castro apresenta um projeto ao governo do Estado para a construção de uma via ferroviária que teria como objetivo, escoar a produção agrícola para Iguape, como pode ser visto na seguinte notícia:

Os Drs. Flavio Uchóa, Edmundo Wright, Arnaldo Vieira de Carvalho e Ernesto Dias de Castro pediram ao Congresso concessão para construção de uma via-férrea da bitola de um metro, a qual, partindo da Sorocabana no município da capital, vá a Iguape (O País, 20 de setembro de 1905, p. 1).

O porto de Iguape, à época destinado para o escoamento da produção de arroz, sofria com o assoreamento do Mar Pequeno por conta do canal aberto em 1855 em terreno arenoso.⁵ Logo, este interesse na implantação de uma ferrovia por Ernesto Dias de Castro, como visto na notícia acima, podia estar alinhado ao comércio na região por outros investidores. O envolvimento de Dias de Castro com a ferrovia ficaria mais intenso quando passou a ter terras na cidade de Garça e ser o 4º maior produtor de café na região⁶.

Outros foram os investimentos que o engenheiro e comerciante esteve envolvido durante a primeira década do século XX. Muitos desses negócios estavam ligados diretamente à construção civil e mais especificamente ao setor de construção de habitações. A seguir apresentamos uma tabela com as empresas encontradas em alguns periódicos e no seu inventário *post mortem*, que destacam a presença de Dias de Castro em diferentes sociedades e investimentos.

⁵ Sobre os danos causados pelo assoreamento do canal, ver artigo publicado na Revista FAPESP, em 18 de dezembro de 2014, disponível em: < <https://revistapesquisa.fapesp.br/2014/12/18/valo-grande-cao-danos-no-litoral-de-sao-paulo/> >

⁶ Fichas do Fundo João Baptista Aguirra, Museu Paulista da USP; Arquivo do Tribunal de Justiça, Ernesto Dias de Castro, Inventário, 6ª Vara da Família e Sucessões, Processo: 0817448-88.1956.8.26.0100, pp. 16 e 23.

Quadro 3. Ernesto Dias de Castro e seus negócios entre 1900 e 1910.⁷

Ernesto de Castro & Cia.	Alfredo de Azevedo Villares Arnaldo Dumont Villares Braz Alerio Carlos Eugenio Dias de Castro Ernesto Dias de Castro Ernesto Dias de Castro Filho F. P. Ramos de Azevedo F. P. Ramos de Azevedo Filho Mário Dias de Castro Moacyr Toledo das Dores Orlando Ferreira da Rosa	Empresa de Melhoramentos Urbanos	Alberto de San Juan Ataliba Batista de Oliveira Valle Ernesto Dias de Castro Francisco Malta Cardoso F. P. Ramos de Azevedo José A. da Fonseca Rodrigues José Gomes Veiga José Virgílio Malta Cardoso
SP, 1903-1967		SP, 1908 - ?	
Empresa de Eletricidade de Avaré	Ataliba Batista de Oliveira Valle Ernesto Dias de Castro F. P. Ramos de Azevedo José A. da Fonseca Rodrigues José Gomes Veiga José Virgílio Malta Cardoso Roberto de Martino	Empresa de Eletricidade de Araraquara	Alberto de Mendonça Moreira Ataliba Batista de Oliveira Valle Bernardo de Magalhães Ernesto Dias de Castro F. P. Ramos de Azevedo Francisco Paes Leme Monlevada Joaquim da Fonseca Rodrigues José A. da Fonseca Rodrigues José Candido de Sousa <i>Société Financière at Commerciale France-Brézilianne</i> W. Smith Wilson
SP, 1908 - ?		SP, 1909 - ?	
Tranquilidade - Sociedade Mútua de Pecúlio e Garantia de Capital	Ernesto Dias de Castro F. P. Ramos de Azevedo Francisco Matarazzo & Cia. e outros.	Empresa Editora do "Comércio de São Paulo"	Antonio J. Cardoso de Almeida Antonio Veriano Pereira Caetano da Cunha Caldeira Ernesto de Dias de Castro Henrique de Paula Freitas Joaquim Morse José Cardoso de Almeida Urbano Azevedo Junior
SP, 1909 - ?		SP, 1910 - ?	
Companhia Progresso Industrial	Arnaldo Dumont Villares Arnaldo Vieira de Carvalho Arthur Carneiro Eduardo da Cunha e Canto Ernesto Dias de Castro F. P. Ramos de Azevedo José Giorgi José Virgílio Malta Cardoso Ricardo Severo	Empresa de Água e Esgotos de Mogi das Cruzes	Ataliba Batista de Oliveira Valle Emílio A. Ferreira Ernesto Dias de Castro F. P. Ramos de Azevedo José A. da Fonseca Rodrigues José Virgílio Malta Cardoso Leoncio Arouche de Toledo Mário Dias de Castro Miguel A. Rinaldi Uriel Gaspar dos Santos Pereira
SP, 1910 - ?		SP, 1910 - ?	
Companhia Agrícola e Industrial de Ubatuba	Alcides dos Santos Antonio Carlos de França Meirelles Ernesto Dias de Castro Eugenia Lacaze de Azevedo F. P. Ramos de Azevedo Henrique de Mendonça Moreira Lúcia Azevedo Dias de Castro Luiz Antonio Teixeira Leite Manoel Leopoldo de Oliveira Virginia Teixeira Leite		
SP, 1913 - 1921			

Fonte: DOU, DOESP, JUCESP, ATJSP, Correio Paulistano, Correio da Manhã, Correio de São Paulo, Relatórios do Ministério da Fazenda

Quadro 4. Ernesto Dias de Castro e seus negócios entre 1911 e 1920.

<p>Empresa de Eletricidade São Paulo e Rio</p> <p>SP, 1911 - ?</p>	<p>Ataliba Batista de Oliveira Valle Ernesto Dias de Castro F. P. Ramos de Azevedo F. P. Ramos de Azevedo Filho José A. da Fonseca Rodrigues José Virgílio Malta Cardoso Marcílio Malta Cardoso</p>	<p>Fábrica de Tecidos Santa Irinéa</p> <p>SP, 1912 - ?</p>	<p>Ataliba Batista de Oliveira Valle Ernesto Dias de Castro F. P. Ramos de Azevedo F. P. Ramos de Azevedo Filho José A. da Fonseca Rodrigues José Virgílio Malta Cardoso Marcílio Malta Cardoso</p>
<p>Companhia Força e Luz de Itápolis e Ibitinga</p> <p>SP, 1912 - ?</p>	<p>A. C. de França Meirelles Alvaro de Menezes Ernesto Dias de Castro Hedviges de Azambuja Duprat José Balbino de Siqueira Juvenal Ramos Luiz Antonio Teixeira Leite Raymundo Duprat Rodrigo Claudio da Silva Vicente Saliture</p>	<p>Companhia Suburbana Paulista</p> <p>SP, 1912 - ?</p>	<p>Adelaide Rossi Alexandre Siciliano Anna S. Ferreira Ramos Antonio Carlos da S. Telles Caio da Silva Prado Domiciano Rossi Ermelino Matarazzo Ernesto Dias de Castro Eugenia Lacaze Ramos de Azevedo F. P. Ramos de Azevedo Francisco Ferreira Ramos José Paulino Nogueira Laura Coelho Siciliano Lúcia de Azevedo Dias de Castro e outros.</p>
<p>Companhia Iniciadora Predial</p> <p>SP, 1908 - ?</p>	<p>A. de Lacerda Franco Antonio Carlos da S. Telles Arnaldo Vieira de Carvalho Domiziano Rossi Ernesto Dias de Castro F. P. Ramos de Azevedo F. P. Ramos de Azevedo Filho Guilherme de Andrade Villares Nicola Puglisi Paulo de A. Nogueira Ricardo Severo da Fonseca e outros.</p>	<p>Empresa Tração, Luz e Força da Paraíba do Norte</p> <p>SP, 1912 - ?</p>	<p>Julio Bandeira Villela ALberto de San Juan Thiago V. Monteiro Manoel Vieira Monteiro Alfredo R. Jordão João Brasiliense Leal da Costa Brasílio de Campos José Virgílio Malta Cardoso Ernesto Dias de Castro Mario Ayrosa Luiz Teixeira Leite</p>
<p>Banco de Crédito Popular, Agrícola e Pecuário</p> <p>SP, 1919 - ?</p>	<p>A. M. Mackenzie Arthur Diederichsen Ernesto Dias de Castro J. Wishart Mário Dias de Castro [...]</p>	<p>Companhia Engenho Central de Porto Real</p> <p>SP, 1920 - ?</p>	<p>Arnaldo Dummont Villares Ernesto Dias de Castro Fernando Dell'Aringa Luiz Favila Mário Dias de Castro Matteo Bei Favila Lombardi Pasquale Sbrana</p>

Fonte: DOU, DOESP, JUCESP, ATJSP, Correio Paulistano, Correio da Manhã, Correio de São Paulo, Relatórios do Ministério da Fazenda.

7 Esta sistematização foi elaborada a partir de notícias dos periódicos das empresas em que Ernesto Dias de Castro era membro, seja na diretoria, conselho fiscal ou como acionista. As informações do quadro indicam datas de constituição e de fechamento das empresas, quando encontrado, e quais eram seus acionistas.

Quadro 5. Ernesto Dias de Castro e seus negócios entre 1921 e 1930, parte I.

<p>Companhia Melhoramentos da Ilha do Governador</p> <p>RJ, 1921 - ?</p>	<p>Alberto de Andrade Figueira Alfredo Eugenio Vieira de Almeida Alfredo Maia Junior Arnaldo Dumont Villares Ernesto Dias de Castro Eugenio Mergulhão Pedro Benjamin Cerqueira Lima</p>	<p>Companhia Agrária Paulista</p> <p>SP, 1922- 1941</p>	<p>Alcides dos Santos Ernesto Dias de Castro Mário Dias de Castro Olimpio Rodrigues Pimentel Samuel Pozzetti Tancredo de Castro Assis</p>
<p>Armindo Cardoso & Cia.</p> <p>SP, ?</p>	<p>Ernesto Dias de Castro e outros</p>	<p>Empresa Luz e Força Elétrica de Tietê</p> <p>SP, 1909 - ?</p>	<p>A. de San Juan Ernesto Dias de Castro Heitor Severo de San Juan Mario de Campos Thiago Vieira Monteiro Wenceslau de San Juan e outros</p>
<p>Empresa Hidroelétrica da Serra da Bocaina</p> <p>SP, 1911 - ?</p>	<p>Ataliba Batista de Oliveira Valle Ernesto Dias de Castro F. P. Ramos de Azevedo José A. da Fonseca Rodrigues Mario Dias de Castro Raymundo Marebi</p>	<p>Empresa Territorial Paranaguá</p> <p>SP, 1923 - 1982</p>	<p>Amadeo Frugoli Benedicto Anselmo Pierotti Ernesto Dias de Castro João Urbani Mario Dias de Castro Matteo Bei Maurício Vernon Powell Pasquale Sbrana</p>
<p>S/A Planalto Central de Goiás</p> <p>SP, 1924 - ?</p>	<p>Alvaro Macedo Guimarães Amedeo Frugoli Banque Française e Italiano pour l'Amerique du Sud Carmo P. Campanella Elia Belli Ernesto Dias de Castro F. Matarazzo Junior Mário Dias de Castro Matteo Bei Orlando Ferreira da Rosa S/A Martinelli e outros</p>	<p>Companhia Territorial da Ilha do Governador</p> <p>SP, 1923 - 1951</p>	<p>A. C. de França Meirelles A. H. Bonnett Adolpho Nardy Filho Alfredo Aranha de Miranda Alfredo E. Vieira de Almeida Alfredo Maia Junior Ciro Romano Farina Ernesto Dias de Castro Gustavo Olintho de Aquino J. Paternot Leonidas Garcia da Rosa Mario Dias de Castro Matteo Bei Orlando Ferreira da Rosa T. C. Shaw</p>
<p>Sociedade Paulista de Cimentos Portland S/A</p> <p>SP, 1924 - ?</p>	<p>Alfredo Aranha de Miranda Arnaldo Dumont Villares Braz Alario Ernesto Dias de Castro F. P. Ramos de Azevedo Guilherme de Andrade Villares H. Gibbs John Schrader Mário Dias de Castro Orlando Ferreira da Rosa</p>	<p>Banco do Comércio e Indústria de São Paulo</p> <p>SP, 1889 - ?</p>	<p>Ernesto Dias de Castro F. P. Ramos de Azevedo e outros</p>
<p>Sociedade Civil Vila Taquara</p> <p>SP, 1926 - (?)</p>	<p>Ernesto Dias de Castro Luiz Antonio Teixeira Leite Luiz dos Santos Dumont Mário Dias de Castro</p>	<p>S/A Tecelagem Taubaté</p> <p>SP, 1925 - 1955</p>	<p>Adolpho Magalhães Normanha Ataliba Batista de Oliveira Valle Ernesto Dias de Castro F. P. Ramos de Azevedo José Antonio da Fonseca Rodrigues José Cesar de Oliveira Mário Aranha Mario de Albuquerque Salles Mario Dias de Castro R. Germano Pedreira e outros</p>

Fonte: DOU, DOESP, JUCESP, ATJSP, Correio Paulistano, Correio da Manhã, Correio de São Paulo, Relatórios do Ministério da Fazenda.

Quadro 6. Ernesto Dias de Castro e seus negócios entre 1921 e 1930, parte II.

Companhia Melhoramentos da Ilha do Governador	Alberto de Andrade Figueira Alfredo Eugenio Vieira de Almeida Alfredo Maia Junior Arnaldo Dumont Villares Ernesto Dias de Castro Eugenio Mergulhão Pedro Benjamin Cerqueira Lima	Companhia Agrária Paulista	Alcides dos Santos Ernesto Dias de Castro Mário Dias de Castro Olimpio Rodrigues Pimentel Samuel Pozzetti Tancredo de Castro Assis
RJ, 1921 - ?		SP, 1922- 1941	
Armindo Cardoso & Cia.	Ernesto Dias de Castro e outros	Empresa Luz e Força Elétrica de Tietê	A. de San Juan Ernesto Dias de Castro Heitor Severo de San Juan Mario de Campos Thiago Vieira Monteiro Wenceslau de San Juan e outros
SP, ?		SP, 1909 - ?	
Empresa Hidroelétrica da Serra da Bocaina	Ataliba Batista de Oliveira Valle Ernesto Dias de Castro F. P. Ramos de Azevedo José A. da Fonseca Rodrigues Mário Dias de Castro Raymundo Marebi	Empresa Territorial Paranaguá	Amadeo Frugoli Benedicto Anselmo Pierotti Ernesto Dias de Castro João Urbani Mário Dias de Castro Matteo Bei Mauricio Vernon Powell Pasquale Sbrana
SP, 1911 - ?		SP, 1923 - 1982	
S/A Planalto Central de Goiás	Alvaro Macedo Guimarães Amedeo Frugoli Banque Française e Italiano pour l'Amerique du Sud Carmo P. Campanella Elia Belli Ernesto Dias de Castro F. Matarazzo Junior Mário Dias de Castro Matteo Bei Orlando Ferreira da Rosa S/A Martinelli e outros	Companhia Territorial da Ilha do Governador	A. C. de França Meirelles A. H. Bonnett Adolpho Nardy Filho Alfredo Aranha de Miranda Alfredo E. Vieira de Almeida Alfredo Maia Junior Ciro Romano Farina Ernesto Dias de Castro Gustavo Olintho de Aquino J. Paternot Leonidas Garcia da Rosa Mário Dias de Castro Matteo Bei Orlando Ferreira da Rosa T. C. Shaw
SP, 1924 - ?		SP, 1923 - 1951	
Sociedade Paulista de Cimentos Portland S/A	Alfredo Aranha de Miranda Arnaldo Dumont Villares Braz Alario Ernesto Dias de Castro F. P. Ramos de Azevedo Guilherme de Andrade Villares H. Gibbs John Schrader Mário Dias de Castro Orlando Ferreira da Rosa	Banco do Comércio e Indústria de São Paulo	Ernesto Dias de Castro F. P. Ramos de Azevedo e outros
SP, 1924 - ?		SP, 1889 - ?	
Sociedade Civil Vila Taquara	Ernesto Dias de Castro Luiz Antonio Teixeira Leite Luiz dos Santos Dumont Mário Dias de Castro	S/A Tecelagem Taubaté	Adolpho Magalhães Normanha Ataliba Batista de Oliveira Valle Ernesto Dias de Castro F. P. Ramos de Azevedo José Antonio da Fonseca Rodrigues José Cesar de Oliveira Mario Aranha Mario de Albuquerque Salles Mário Dias de Castro R. Germano Pedreira e outros
SP, 1926 - (?)		SP, 1925 - 1955	

Fonte: DOU, DOESP, JUCESP, ATJSP, Correio Paulistano, Correio da Manhã, Correio de São Paulo, Relatórios do Ministério da Fazenda.

Quadro 7 *Ernesto Dias de Castro e seus negócios entre 1931 e 1940.*



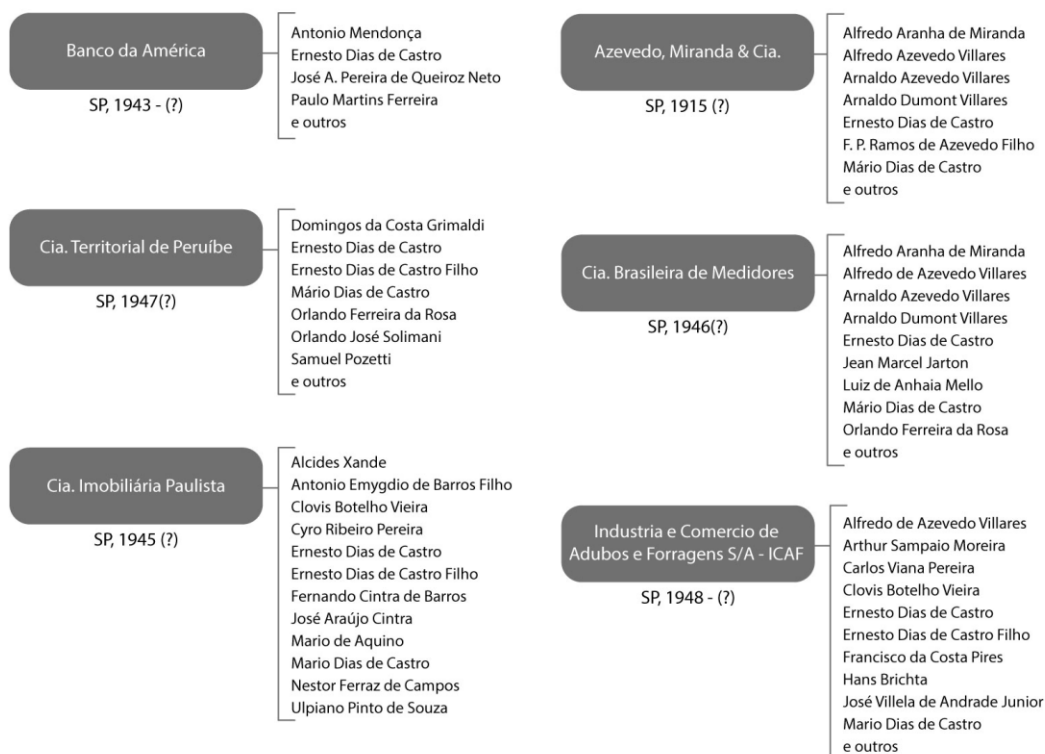
Fonte: DOU, DOESP, JUCESP, ATJSP, Correio Paulistano, Correio da Manhã, Correio de São Paulo, Relatórios do Ministério da Fazenda.

Quadro 8. Ernesto Dias de Castro e seus negócios entre 1941 e 1950, parte I.

<p>Banco Comercial do Estado de São Paulo</p> <p>SP, 1912 - (?)</p>	<p>Anesio Augusto do Amaral Erasmio Teixeira de Assumpção Ernesto Dias de Castro F. P. Ramos de Azevedo Filho Joaquim Correa de Moraes Abreu José Maria Whitaker Lucia Azevedo Dias de Castro e outros</p>	<p>Banco de Itu S/A</p> <p>SP, 1924 - 1944</p>	<p>Alcides da Costa Vidigal Antonio Aymoré Pereira Lima Ernesto Dias de Castro Gastão Vidigal J. J. Cardozo de Mello Neto José Colagrossi Luiz Gonzaga Bicurdo Marcio Bueno Paulo Machado Campos</p>
<p>Cia. Territorial de Osasco</p> <p>SP, 1926 - 1964</p>	<p>Alvaro Soares de Sampaio Antonio C. Costa Braulio de Mendonça Filho Ernesto Dias de Castro João Teixeira Soares Junior Jules Verelst Miguel Pinoni Pedro Giorgi e outros</p>	<p>Cia. Siderúrgica Nacional</p> <p>SP, 1941 - (atual)</p>	<p>Daniel Serapião de Carvalho Ernesto Dias de Castro Ernesto G. Fontes Gastão Vidigal Guilherme Guinle Marques dos Reis Oswaldo Magalhães Trajano Furtado Reis e outras</p>
<p>Cia. Auxiliar da Lavoura e Comércio</p> <p>SP, 1939 - 1945</p>	<p>Ernesto Dias de Castro Fábio da Silva Prado Gustavo Avelino Correa Henrique da Motta Ferraz Samuel Junqueira Franco Thadeu Nogueira e outros</p>	<p>Liceu de Artes e Ofícios</p> <p>SP, 1873 - (atual)</p>	<p>Arnaldo Dumont Villares Ernesto Dias de Castro F. P. Ramos de Azevedo Goffredo T. da Silva Telles Luiz Scattolin Mário Dias de Castro Ricardo Severo da Fonseca Victor da Silva Freire e outros</p>
<p>Banco Paulista do Comércio S/A</p> <p>SP, 1942 - (?)</p>	<p>Antonio Francisco Fleury Armando Álvares Penteadó Ernesto Dias de Castro Francisco Matarazzo Sobrinho Francisco Teixeira da Silva Telles Joaquim Bento Alves de Lima Lauro Cardoso de Almeida Mário Dias de Castro e outros</p>	<p>Cia. Brasileira de Material Ferroviário</p> <p>SP, 1944 - (?)</p>	<p>Amadeu Gomes de Souza Carlos Reis de Magalhães Cássio Vidigal Ernesto Dias de Castro Gastão Vidigal Henrique Dumont Villares L. D. Villares e outros</p>
<p>Cia. Agrária do Oeste</p> <p>SP, 1944 - 1951</p>	<p>Clovis Botelho Vieira Ernesto Dias de Castro Ernesto Dias de Castro Filho Mário Dias de Castro e outros</p>	<p>Cia. Mogiana de Estradas de Ferro</p> <p>SP, 1872 - (?)</p>	<p>Aldo Mario de Azevedo Arnaldo Dumont Villares Ernesto Dias de Castro Fábio da Silva Prado Francisco Matarazzo Junior Gastão Vidigal Henrique Dumont Villares e outros</p>

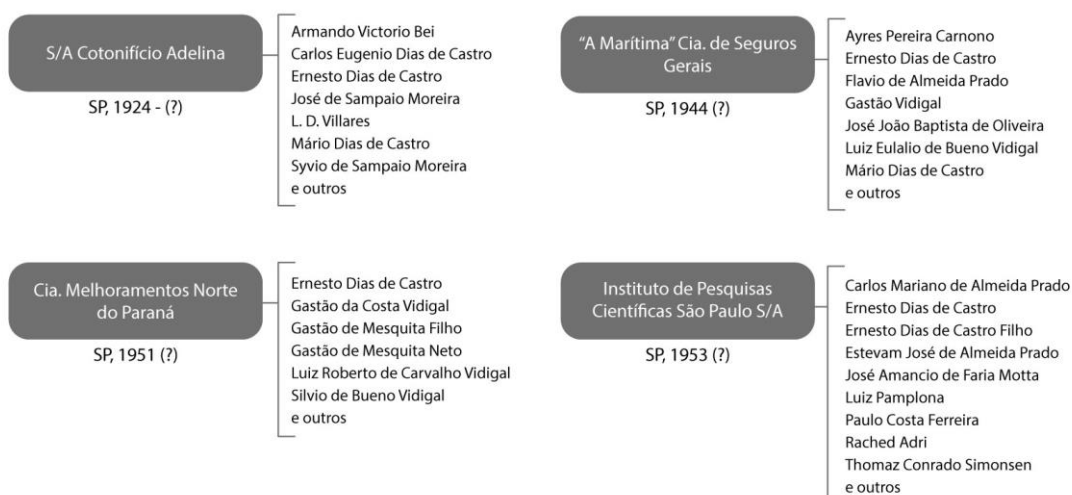
Fonte: DOU, DOESP, JUCESP, ATJSP, Correio Paulistano, Correio da Manhã, Correio de São Paulo, Relatórios do Ministério da Fazenda.

Quadro 9. Ernesto Dias de Castro e seus negócios entre 1941 e 1950, parte II



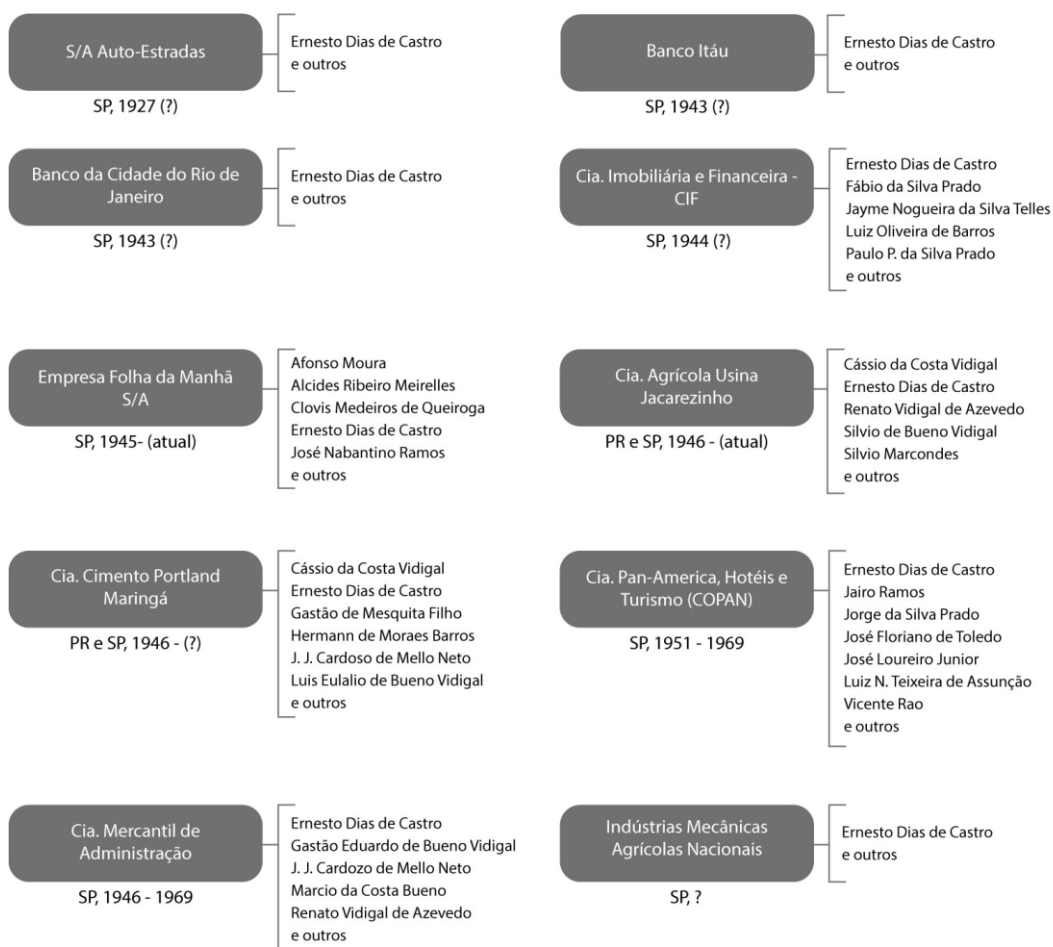
Fonte: DOU, DOESP, JUCESP, ATJSP, Correio Paulistano, Correio da Manhã, Correio de São Paulo, Relatórios do Ministério da Fazenda.

Quadro 10. Ernesto Dias de Castro e seus negócios entre 1951 e 1955



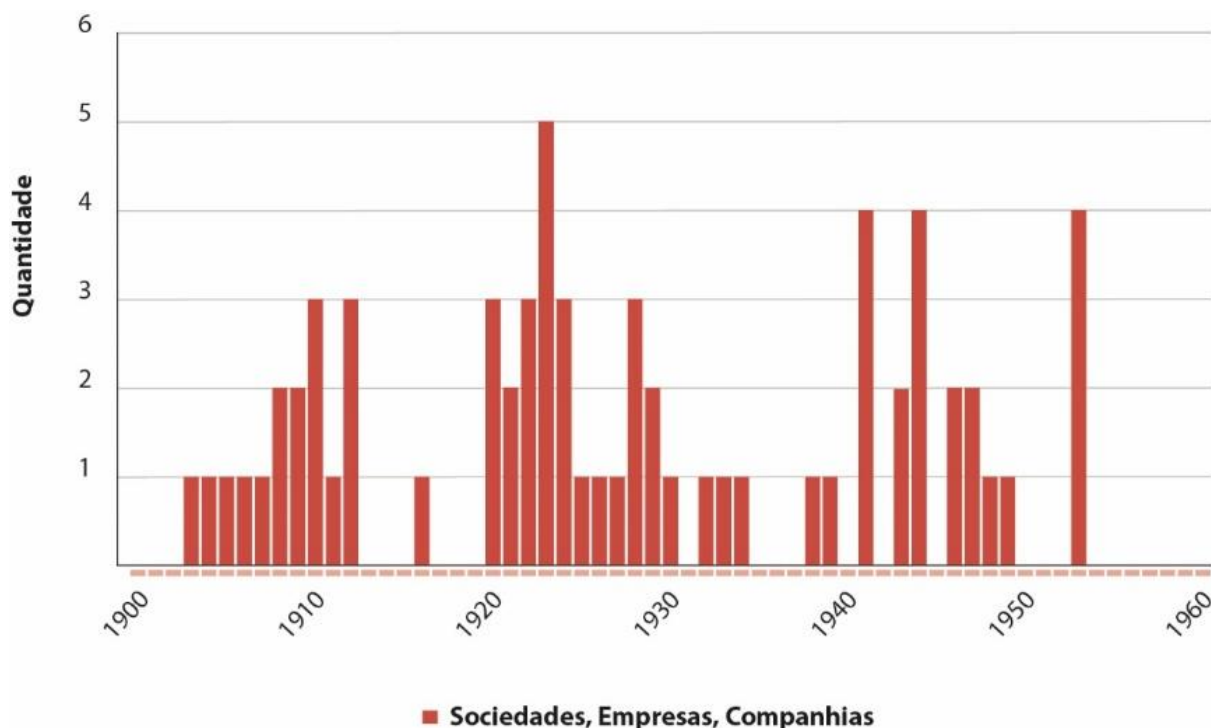
Fonte: DOU, DOESP, JUCESP, ATJSP, Correio Paulistano, Correio da Manhã, Correio de São Paulo, Relatórios do Ministério da Fazenda.

Quadro 11. Ernesto Dias de Castro e seus negócios sem data de sua entrada.



Fonte: DOU, DOESP, JUCESP, ATJSP, Correio Paulistano, Correio da Manhã, Correio de São Paulo, Relatórios do Ministério da Fazenda.

A seguir apresentamos um gráfico que permite visualizar em décadas o número de empresas a que EDC se associou:

Gráfico 1. Sociedades comerciais de Ernesto Dias de Castro¹

Fonte: Notas fiscais do AHEPUSP.

O Gráfico 1 contabilizou o número de empresas que Ernesto Dias de Castro firmou sociedade por ano. Ao todo, foram 72 sociedades em que seu nome aparecia entre acionistas ou em cargos de diretoria e, desse total, dez não constavam a data de sua entrada como sócios nessas, o que nos obrigou a trabalhar com o número de 63 empresas representadas². Além da presença do nome de Ernesto Dias de Castro nessas empresas, foi possível identificar alguns dos membros de sua família, como Ramos de Azevedo, Arnaldo Dumont Villares, Mário Dias de Castro e Lúcia Azevedo Dias de Castro etc.

Para este levantamento, gostaríamos de chamar atenção aos dois períodos das Guerras Mundiais, em que no primeiro conflito (1914-1917), o número de parcerias comerciais era de

¹ Esta sistematização foi elaborada a partir de informações obtidas pelos periódicos: *Correio Paulistano*, *O País*, *Jornal do Comércio*, *Diário de Pernambuco*, *Jornal de Notícias*, *Diário Oficial da União*, *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, *Relatórios do Ministério da Fazenda* e de outras fontes, tais como, as *Fichas de Breve Relato da Junta Comercial do Estado de São Paulo* e o *Inventário de Ernesto Dias de Castro*, que indicaram as empresas relacionadas ao engenheiro Ernesto Dias de Castro, seja ocupando cargo na diretoria, no conselho ou como acionista, considerando o ano de ingresso para cada uma.

² Da mesma forma, salientamos que os registros que apontam o ano da participação de Dias de Castro nesses negócios, podem variar, pois a busca, sobretudo no Diário Oficial do Estado, contou com o recurso de buscas do periódico em base digital, pela ferramenta OCR (*Optical Character Recognition*), que não apresenta exatidão de leitura das palavras-chaves em seus registros. Sendo assim, a possibilidade de sua inserção em um ano anterior à uma empresa específica é provável, porém não foi encontrado o registro no DOESP.

apenas um, enquanto no segundo conflito mundial (1939-1945), aumenta para onze. Como há mencionado, há, portanto, uma mudança de postura frente aos negócios agora voltados para uma malha maior de atividades comerciais. Na maioria dessas sociedades, nomes como os de Ramos de Azevedo, Ataliba Batista de Oliveira Valle, Arnaldo Dumont Villares e seu irmão Mário Dias de Castro aparecem nos quadros de sócios. Neste levantamento, notamos a trama sendo construída em torno do território paulista, mas se estendendo para outros estados também. Sobre o fornecimento de cal, a *Ernesto de Castro & Cia.* era distribuidora como pode ser visualizado na propaganda a seguir:

CAL DE LILILAND

VIRGEM E EXTINGTA

Fabricada por SACCHETA & C.^{ia}

A MELHOR E MAIS RENDOSA DO MERCADO

◆ PÊSO EXACTO ◆

ENCOMMENDAS A

<p>ERNESTO DE CASTRO & COMP. Casa de materiais de construção N. 26, Rua da Boa Vista, N. 26 S. PAULO</p>		<p>A. R. PEREIRA Rua 15 de Novembro N. 36 A Sala n. 5 S. PAULO</p>
--	--	--

Fig. 53. Propaganda sobre o Cal de Lililand. **Fonte:** Correio Paulistano, 03 de maio de 1913, p. 5.

É interessante é notar que em 1933 no Lançamento de Indústrias e Profissões do 1º Distrito da capital de São Paulo³, uma Fábrica de Cal foi listada no endereço referente à instalação da *Ernesto de Castro & Cia.* na Rua Boa Vista, 2. Para tanto, uma planta da Fazenda Lililand, sem data, nos faz ter como hipótese que esta casa comercial absorveu as ações da empresa Saccheta & Cia., continuando com seus negócios.

³ Lançamento de Indústrias e Profissões do 1º Distrito, Arquivo Histórico de São Paulo, 1933.



Fig. 54. Planta da Bacia Calcária da Fazenda Lilyland. Propriedade dos Drs. F. P. Ramos de Azevedo e Ernesto de Castro. **Fonte:** Biblioteca Florestan Fernandes da USP.

Sendo assim, dos 11 empreendimentos voltados para abastecimento de água e geração de energia elétrica, gostaríamos de destacar que a maioria deles tinha Ataliba Batista de Oliveira Valle como o seu principal sócio. Para a Empresa de Eletricidade São Paulo e Rio, situada a Rua Xavier de Toledo, 23, 2º andar, a diretoria era composta por Ataliba Batista de Oliveira Valle, José Antônio da Fonseca Rodrigues e José Virgílio Malta Cardozo⁴ e seus sócios que participaram da sua constituição em 17 de julho de 1911, como Ernesto Dias de Castro, Ramos de Azevedo, Francisco de Paula Ramos [de Azevedo Filho] (DOESP, 31 de agosto de 1911, p. 3364).

⁴ Empresa de Eletricidade São Paulo e Rio. JUCESP. Ficha de Breve Relato. 1911, p. 1.



Fig. 55. Anúncio de abertura da Empresa de Eletricidade São Paulo e Rio. **Fonte:** Correio Paulistano, 14 de julho de 1911, p. 3.

Outro empreendimento desse mesmo gênero foi a Empresa Tração, Luz e Força da Paraíba do Norte, constituída em 29 de janeiro de 1912, que tinha o objetivo de explorar os serviços de “tração, luz e força na capital da Paraíba do Norte de acordo com o contrato assinado a 3 de outubro de 1910 com o governo do Estado e os concessionários A. de San Juan, Thiago Vieira Monteiro e Júlio Bandeira Vilella” (STIEL, 1984, p. 156). Valdemar Correia Stiel acrescenta que para a “eletrificação das linhas” na capital, “a companhia construiu duas usinas, duas estações, um depósito de bondes, um almoxarifado,” e ainda “possuía [...] um depósito de locomotivas (da linha de Tambaú) e um depósito de carros” (STIEL, 1984, p. 156).

Em relação às instituições financeiras, EDC esteve como acionista em bancos voltados para o crédito ao comércio e à indústria, tais como o Banco Mercantil de São Paulo, o Banco de Crédito Popular Agrícola e Pecuário, o Banco do Comércio e Indústria de São Paulo, o Banco Comercial do Estado de São Paulo, o Banco de Itu S. A., o Banco Paulista do Comércio S. A., o Banco da América, o Banco Itaú (Banco Central de Crédito S.A.) e o Banco da Cidade do Rio de Janeiro.

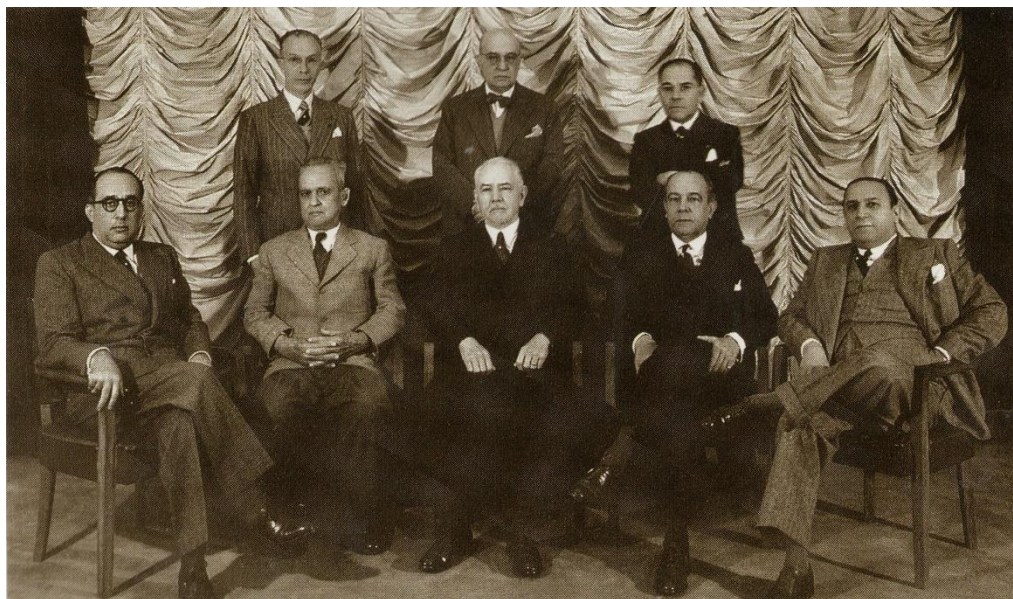


Fig. 56. 1º Conselho de Administração do Banco Mercantil de São Paulo. De pé da esquerda para a direita: Márcio da Vosta Bueno, J. J. Cardoso de Mello Neto, Gastão Vidigal. Sentados: Lauro Cardoso de Almeida, Antonio Aymoré Pereira Lima, Ernesto Dias de Castro, Olavo Egydio de Souza Aranha e Fábio Prado, c. 1938.
Fonte: FONTOURA, Walter. O Banco, São Paulo e o Brasil. São Paulo: Ventura Cultural, Banco Mercantil Finasa S. A., 1999, p. 31.

A presença de EDC, enquanto comerciante na cidade do Rio de Janeiro, pode ser analisada pela abertura das seguintes firmas: Companhia Engenho Central de Porto Real, Companhia Melhoramentos da Ilha do Governador e Companhia Territorial da Ilha do Governador (O Jornal, 13 de abril de 1927, p. 10).

Como já apontado no capítulo 2 dessa dissertação, a Serraria Central, de propriedade da *Ernesto de Castro & Cia.* passou a ter nova denominação social – Azevedo, Miranda & Cia – e a funcionar ainda como empreendimento a parte da casa comercial. No entanto, isso não significa que a empresa tenha deixado de ser dirigida pela família Dias de Castro.

Azevedo, Miranda & Cia.

Serraria Central

Travessa Ernesto de Castro, 3 ☒ Telephone, 258 - Braz

Madeiras serradas, aparelhadas e em toros
Peroba, Cedro, Cabreuva, Imbuva, Jacarandá, Jacarandá da Bahia, etc.
Grande deposito de Pinho do Paraná
Pinho de "Riga" em pranchas de 3" x 9"

CARPINTARIA - Caixilhos, Persianas, Portas, Marcos, etc.
FABRICA DE PORTAS - Stock permanente de portas - dimensões
normaes: 0,80 x 2,20, 0,80 x 2,50 e 1,00 x 3,00.
Podemos fornecer estas portas por preços vantajosos por serem feitas em serie
e mecanicamente. — Fornecemos desenhos e preços

Fig. 57. Anúncio da Azevedo, Miranda & Cia., na Revista "A Construção em São Paulo, junho de 1924. **Fonte:** Acervo de Obras Raras da Biblioteca Mário de Andrade.

Outra frente dos empreendimentos de EDC foi a Lar Nacional S/A, inaugurada em 3 de julho de 1933, que "se propõe a fomentar a expansão de construções prediais, inegavelmente, um dos fatores de maior importância do nosso crescente progresso e evolução econômica [...] um grande passo para nossa vida social de povo laborioso e produtivo". (Correio de São Paulo, 8 de julho de 1933, p. 1).



Fig. 58. Inauguração da Lar Nacional. **Fonte:** Correio de São Paulo, 8 de julho de 1933, p. 1

Entre os seus associados, além de EDC, estavam: Bei e Filho, Eurico Montenegro, Estevam Margutti, Esaú Silveira, Ludovico Cimieri, José V. Lassala Freire e Matteo Bei⁵.

“MINHA CASA E’ MINHA FORTALEZA”

LAR NACIONAL S/A
construtor de cidades

O LAR NACIONAL S/A, em um anno, construiu e está construindo vivendas, palacios, officinas, hospitaes, casas de Misericordia, installações bancarias e casas residenciaes, nesta capital, em Rio Preto, Lins, Araçatuba, Baurú, Botucatu, Catanduva, Marilia, Tanaby, Nipuan, Getulina, Avaré, Pirajú, Uberaba (Minas) e outras localidades neste Estado e Sul de Minas.

O LAR NACIONAL S/A acaba de contratar com o governo do Estado de Goyaz, a immediata construção de

**CIDADE ADMINISTRATIVA DE
SUA NOVA CAPITAL**

O LAR NACIONAL S/A, além disso, installou a sua

CARTEIRA PREDIAL SEM JUROS

Autorisada e fiscalisada pelo Governo Federal, para empréstimos destinados a rapida aquisição da casa propria.

“Um Lar Para Cada Cidadão e Cada Cidadão Em Seu Lar” pela Carteira Predial Sem Juros do Lar Nacional S/A.

Sede em S. Paulo — Rua Senador Feijó, 22-A.
Telephones: 2-8494 e 2-7484.

Inspectorias em todas as cidades do Estado.

SUCCURSAES nos Estados de Minas Geraes, Paraná, Goyaz, Rio de Janeiro e outros Estados.

**CONSULTE NA SUA CIDADE o nosso REPRESENTANTE.
PEÇA INFORMAÇÕES em Nossos Escriptorios**

Fig. 59. Anúncio da Lar Nacional S/A. Fonte: O Estado de São Paulo, 04 de agosto de 1935.

As sociedades das quais EDC participava, relacionadas muitas vezes a um grupo seleto de comerciantes e industriais, também circulava em revista especializada e direcionada para o a construção civil. É nesse sentido, que a revista “A Construção em São Paulo”, de Barros,

⁵ Matteo Bei, nasceu em 30 de julho de 1880 em Montenegro, Itália, filho de Salvado Bei e Catarina Barsotti. Instalou-se em São Paulo 1909, onde exerceu suas atividades no mercado imobiliário. Segundo o Dicionário de Ruas da Prefeitura de São Paulo, “loteou diversos terrenos em diversos bairros da capital, inclusive criando alguns e levando o desenvolvimento para outros”. Faleceu em 11 de maio de 1946, em São Paulo. Atualmente sua memória está registrada, na Avenida Mateo Bei, em São Mateus. (Dicionário de Ruas – História das Ruas da Cidade de São Paulo. Avenida Mateo Bei. Disponível em: <<https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/logradouro/avenida-mateo-bei>>. Acesso em: 12 de março de 2021.)

Ekman & Cia. circulou na capital entre os anos de 1923 e 1926, com um total de 20 números distribuídos. Nestes volumes, a *Ernesto de Castro & Cia.*, apareceu no Indicador Profissional em todas as edições para a seção de Fornecedores nas seguintes categorias: *Aparelhos de Iluminação, Aparelhos Sanitários, Azulejos, Cal, Cimento, Elevadores⁶, Ferragens, Ferro para cimento armado, Serrarias e depósitos de madeira, Telhas e Ladrilhos de vidro e Vigas de Aço.* Neste indicador, apareceram as empresas em que também eram sócios, como a *Serraria Central*, a *Cerâmica Vila Prudente*, na categoria de *Cerâmica* e a *Companhia Iniciadora em Companhias Construtoras.*

⁶ O último anúncio nessa seção foi na edição n. 10, publicada em janeiro de 1925.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que velado pela historiografia, Ernesto Dias de Castro como apontado aqui, apresenta uma série de atividades desenvolvidas no Estado do Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro. Mesmo que o comércio de importação de materiais para a construção civil na capital, seja uma via pouca explorada em relação aos processos de urbanização da cidade, evidenciamos que seu estudo se mostrou fundamental para alinhar as obras realizadas à transformação da paisagem urbana paulistana.

Neste sentido a atuação de Ernesto Dias de Castro na cidade de São Paulo, compreendida no seu estudo biográfico, intentou apresentar algumas frentes desse ator social, tais como a carreira militar, a formação em engenharia civil, a atuação profissional, seja pelo funcionalismo público ou pela iniciativa privada, em perspectiva histórica. A construção de sua biografia é de substancial importância para os estudos de História Urbana, uma vez que ao direcionarmos o nosso olhar para um indivíduo (recorte), as questões desenvolvidas a partir deste, nos permite compreender de forma ampla as conexões existentes na cidade de São Paulo do início do século XX.

Folhear as páginas das fontes documentais relacionadas à presença de Ernesto Dias de Castro nos arquivos públicos da cidade, com o objetivo de escrever sua biografia, se mostrou uma atividade desafiadora. Compreender a relação deste indivíduo na sociedade paulistana e reconhecer que sua atuação foi consideravelmente marcante para o comércio de sua época, nos indicou a possibilidade de um exercício de apagamento da sua história, seja por uma questão familiar, em que os estudiosos da área não dissociavam sua imagem à de F. P. Ramos de Azevedo; ou pelo fato de EDC carregar a imagem do migrante e, portanto, não ser considerado paulista.

A compreensão de sua trajetória no ramo da construção civil demonstra que sua formação como engenheiro, lhe garantiu habilidades para se inserir nesse ramo, estando apto para lidar com a diversidade de materiais deste comércio. Mesmo que sua passagem na elaboração de projetos tenha sido rápida, seu investimento em uma casa comercial de importação, se configurou enquanto uma frente de atuação do profissional de engenharia, e que se distinguiu por ser conhecedor da demanda e das necessidades dos projetos de cada um de seus clientes.

Cabe destacar que procuramos analisar a história da construção civil a partir das práticas comerciais, sobretudo com a *Ernesto de Castro & Cia*, que esteve inserida nos processos de

urbanização da cidade de São Paulo. Cada fio traçado para compor esta rede de negócios, revelou a atuação social, comercial e profissional de EDC em um cenário economicamente instável, porém oportuno para o avanço da construção na cidade. Integrante de uma das famílias mais reconhecidas nos negócios da arquitetura e engenharia, a inserção de EDC neste círculo privilegiado das “engenharias” comerciais, representa os múltiplos caminhos que a formação de engenheiro lhe proporcionou, inserido, portanto, no *hall* dos “príncipes capitalistas”.

Mesmo indicando a participação de EDC em uma parcela significativa de sociedades, cabe ressaltar que algumas diretorias eram formadas por sócios que já mantinham alianças com o engenheiro. Posto isso, o estudo da história do comércio, sobretudo o da construção civil, apresenta inúmeras potencialidades em relação aos enlaces políticos, sociais e culturais que nos encaminham a pensar e articular novas reflexões sobre a história urbana. Desse modo, os negócios em São Paulo na primeira metade do século XX, estavam ligados diretamente aos processos de urbanização e a uma trama de agentes do comércio e da indústria, que nos permitiu chegar às atividades empresariais e urbanas de Ernesto Dias de Castro.

Ao situar a casa importadora *Ernesto de Castro & Cia.* neste contexto, entendemos que o campo da construção civil se insere em um mercado mundial, em que a urbanização se faz inerente aos projetos de modernidade. A chave interpretativa dessas conexões, sob uma perspectiva transnacional configura uma análise voltada para a circulação de ideias e pessoas, em seus territórios por uma via de mão dupla, em que os aspectos culturais, sociais e políticos estão imbricados nas ações dos indivíduos.

Em relação ao campo da memória, os indícios da atuação de Ernesto Dias de Castro e da casa comercial homônima, ainda estão presentes na cidade de forma material, mas são pouco evidenciados. À época da construção dos armazéns da empresa (1910-1920), a antiga Travessa Piratininga, foi renomeada para Rua Ernesto de Castro. No final dessa rua, começava a Rua André Leão, logradouro do edifício até hoje. Como visto no segundo capítulo, os antigos edifícios dos armazéns da empresa estão localizados em uma região de crescente especulação imobiliária, o que culminou na demolição de uma parcela significativa desse patrimônio industrial na cidade.



Fig. 60. Rua Ernesto de Castro. **Fonte:** Acervo do autor, 2017.

Na Avenida Paulista, nº 37, atual endereço para o Museu Casa das Rosas – Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura, o espaço reservado à memória de EDC vive em constante conflito com a de seu sogro, Ramos de Azevedo. A residência que pertenceu ao comerciante e engenheiro, é direcionada a memória do pai de sua esposa. No jardim, centro da atenção do público, para quem observar com atenção poderá perceber a indicação em uma placa a seguinte inscrição: Parque Engenheiro Ernesto Dias de Castro.

Portanto, ao refletirmos sobre os usos de sua memória, seja ela na cidade ou nas entrelinhas da historiografia, as imbricações do agente histórico Ernesto Dias de Castro e da casa comercial *Ernesto de Castro & Cia.* passam veladas pelo tempo. A abordagem desses dois objetos investigativos, nesta dissertação, levou-nos a tecer considerações e a procurar compreender teoricamente os procedimentos da biografia e da história institucional. Desta maneira, nos propusemos a apresentar reflexões pertinentes aos três atos da vida do nosso biografado: o social, o comercial e o profissional. Destes, resultou a análise histórica que procurou tecer pontos de intersecção desta rede relacional de EDC. Dentre as muitas possíveis, destacamos o clã constituído por seu sogro, F. P. Ramos de Azevedo e Arnaldo Dumont Villares, ávidos nas atividades e negócios da cidade nas primeiras décadas do século XX.

Portanto, neste trabalho histórico-biográfico, pode-se notar que o indivíduo se entrelaça às ações enfiadas em sua instituição. Ernesto Dias de Castro se revela como um condensador das ações que articulou, pessoais e comerciais, e indica novos caminhos e perspectivas para os estudos de História Urbana, pois uma biografia nunca é o fim, mas o começo para diversas frentes e relações possíveis.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO; Zahar, 1987.
- ALMEIDA, Renata Geraissati C. de. *Um artífice na urbanização paulistana: Rizkallah Jorge Tahan (1895 – 1949)*. São Paulo: Annablume, 2018.
- ARASAWA, Cláudio Hiro. *Engenharia e Poder: construtores da nova ordem em São Paulo (1890-1940)*. São Paulo: Alameda, 2008.
- ASSUNÇÃO, Paulo de; GHOBRI, Carlos. *Associação Comercial de São Paulo 120 Anos (1894 -2014)*. São Paulo: Associação Comercial, 2014.
- ATIQUE, F. *Intercambiando Pessoas e Conhecimentos: a Biblioteca "Americana" do Clube de Engenharia*. Nova York: NYU – FAPESP. Paper inédito, 2016.
- ATIQUE, Fernando. A historiografia da arquitetura e das cidades, de fato, “importa”? um balanço sobre algumas histórias transnacionais do espaço construído. *América – Revista da Pós-Graduação da Escola da Cidade*, nº 2, 2019.
- ATIQUE, Fernando. *Arquitetando a “Boa Vizinhança”*: arquitetura, cidade e cultura nas relações Brasil-Estados Unidos – 1876-1945. São Paulo: Pontes Editores, 2010.
- ATIQUE, Fernando. Conrado Jacob de Niemeyer e a organização de uma rede de interesses e de atuações profissionais por meio do Clube de Engenharia do Rio de Janeiro. In: 34th International Congress of the Latin American Studies Association - LASA 50 years, 2016, New York. Proceedings of the 34th LASA - 50th Anniversary, 2016. v. 1. p. 1-17.
- ATIQUE, Fernando. *Estantes em Inglês*: levantamento e discussão de algumas obras de procedência norte-americana, presentes e, instituições de ensino de São Paulo e Rio de Janeiro, formadoras de engenheiros e arquitetos, na primeira metade do século XX. São Paulo: 2005, Terceiro Trabalho Programado para o Doutorado em História e Fundamentos Sociais na FAU-USP.
- ATIQUE, Fernando; CAMPOS, Cristina de; DANTAS, George A. F. (orgs.). *Profissionais, práticas e representações da construção da cidade e do território*. São Paulo: Alameda, 2013.

AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). *Grafia da vida: Reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

BARBUY, Heloisa Maria S. *Cidade-Exposição: comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914*. São Paulo: EDUSP, 2006.

BARBUY, Heloisa. Comércio francês e cultura material em São Paulo na segunda metade do século XIX. In: VIDAL, Laurent e LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *Franceses no Brasil: século XIX-XX*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

BERNARDINI, Sidney Piochi. *Construindo infra-estruturas, planejando territórios: a Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Governo Estadual Paulista (1892-1926)*. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2008.

BERTUCCI, L. M. *Influenza, a medicina enferma*. Ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola. 1. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2004.

BIONDI, Luigi. *Classe e Nação: Trabalhadores e Socialistas Italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas: Editora UNICAMP, 2011.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BORGES, Vavy Pacheco. “Desafios da memória e da biografia: Gabrille Brune-Siel, uma vida (1870-1940)”. In: BRESCIANI, Maria Stella M.; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

BORGES, Vavy Pacheco. “Grandezas e misérias da biografia”. In: PINSKY, Jaime (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2011.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica, in: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.

BRASIL, Eric; NASCIMENTO, L. F. História Digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e o uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. *Estudos Históricos*, v. 33, p. 196-219, 2020.

BRASIL, Bruno. *Correio Paulistano*. 2015. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/correio-paulistano/>. Acesso em: 28 abr. 2021.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. Da cidade e do urbano: experiências, sensibilidade, projetos. São Paulo: Alameda, 2018.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. Estudo da trajetória profissional do engenheiro-arquiteto Luiz de Anhaia Mello. In: Salgado, Ivone; Bertoni, Angelo. (Org.). *Da Construção do Território ao Planejamento das Cidades: competências técnicas e saberes profissionais na Europa e nas Américas*. São Carlos: RiMa, 2010, v. 1, p. 149-170

BRITO, Mônica Silveira. *A participação da iniciativa privada na produção do espaço urbano: São Paulo 1890-1911*. São Paulo: FAUUSP/FAPESP, 2008.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Aspectos do mercado imobiliário em perspectiva histórica*. São Paulo (1809-1950). 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2016.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Desenho e desígnio*. O Brasil dos engenheiros militares (1500-1822). São Paulo, EDUSP, FAPESP, 2011.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. Escritório Técnico Ramos de Azevedo, Severo & Villares: longevidade, pluralidade e modernidade (1886-1980). *Revista CPC (USP)*, v. 1, p. 194-204, 2015.

CAMPOS, Candido Malta. *Os Rumos da Cidade: Urbanismo e Modernização em São Paulo*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.

CAMPOS, Cristina. *Ferrovias e Saneamento em São Paulo*. O engenheiro Antonio Francisco de Paula Souza e a construção da rede de infraestrutura territorial e urbana paulista, 1870-1893. Campinas: Editora Pontes, 2010

CAMPOS, Cristina. *São Paulo pela lente da higiene: As propostas de Geraldo de Paula Souza para a cidade (1925-1945)*. São Carlos: RiMa Editora, 2002.

CAMPOS, Cristina de. Ferrovias e urbanização. O processo de urbanização da zona pioneira da "Alta Paulista" (1905-1962). In: Maria Lucia Caira Gitahy; Eduardo Romero de Oliveira; Cristina de Campos. (Org.). *Território e cidades*. Projetos e representações, 1870-1970. São Paulo: Alameda Editorial, 2011, p. 93-112.

CARPINTÉRO, Marisa Varanda Teixeira; CERASOLI, Josianne Francia. A cidade como história. *História: Questões & Debates*, [S.l.], v. 50, n. 1, oct. 2009

CARPITÉRO, Marisa. *A construção de um sonho: os engenheiros-arquitetos e a formulação da política habitacional no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

CARVALHO, Clara C. V. A. de. *Cenas de uma capital em expansão*. Aspectos da urbanização da Vila Mariana em São Paulo (1890-1914) São Paulo: Editora UNIFESP, 2019.

CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. *Ramos de Azevedo*. São Paulo: EDUSP, 2000.

CERASOLI, J. F. Modernização no Plural: obras públicas, tensões sociais e cidadania em São Paulo na passagem do século XIX para o XX. (Tese de Doutorado). São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2004.

CERASOLI, Josianne Francia. A Grande Cruzada: os engenheiros e as engenharias de poder na Primeira República. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 1998.

COELHO, Edmundo Campos. As profissões Imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930. Rio de Janeiro: Record, 1999.

CONRAD, Sebastian. *What is global history*. Princeton: Princeton University Press, 2016.

COSTA, L. A. M. Victor da Silva Freire: A Vida, as Ideias e as Ações de um Urbanista Paulistano de Primeira Hora - 1869 - 1951. *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo* (Mackenzie. Online), v. 11, p. 01, 2012.

COSTA, Luiz Augusto Maia. *O ideário urbano paulista na virada do século*. O engenheiro Theodoro Sampaio e as questões territoriais e urbanas modernas (1886-1903). São Carlos: RiMa / FAPESP, 2003.

COSTA, Richard Santiago. *Parnaso Paulistano: história, arquitetura e decoração do Teatro Municipal de Paulo*. (Tese de doutoramento). São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2017, p.114.

DAECTO, Marisa Midori. *Comércio e vida urbana na cidade de São Paulo (1889-1930)*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.

DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo 1880 -1945*. Editora Difel, 1971.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EdUSP, 2009.

FARIA, Rodrigo de. *O Urbanista e o Rio de Janeiro - José de Oliveira Reis, uma biografia profissional*. São Paulo: Alameda / FAPESP, 2013.

FARIA, Rodrigo de; CERASOLI, Josianne; LIRA, Flaviana (Orgs.). *Urbanistas e urbanismo no Brasil: entre trajetórias e biografias*. São Paulo: Alameda, 2014.

FERNANDES JUNIOR, Rubens. *Militão Augusto de Azevedo*. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2012.

FERREIRA, Barros. *O nobre e antigo bairro da Sé*. São Paulo: Prefeitura Municipal, 1971.

FICHER, Sylvia. *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: FAPESP: EDUSP, 2005.

FLEXOR, Maria H. O. Inventários e Testamentos como Fontes de Pesquisa. In: CASIMIRO, Ana P. B.S.; LOMBARDI, José C.; MAGALHÃES, Lívia D. R. (orgs.). *A Pesquisa e a preservação de arquivos e fontes para a educação, cultura e memória*. Campinas: Editora Alínea, 2009.

FREHSE, Fraya. *Ô da Rua: o transeunte e o advento da modernidade em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 2011.

FREITAS, Maria Luiza de. *Modernidade concreta: as grandes construtoras e o concreto armado no Brasil, 1920 a 1940*. 2011. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

- GAMA, Ruy. História da técnica e da tecnologia: textos básicos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1985.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- GITAHY, M. L. C. *Ventos do Mar: Trabalhadores do Porto, Movimento Operário e Cultura Urbana Em Santos, 1889-1914*. São Paulo: UNESP, 1992.
- GITAHY, Maria Lúcia Caira; PEREIRA, Paulo Cesar Xavier (org.). *O complexo industrial da construção e a habitação econômica moderna 1930-1964*. São Carlos: RiMa, 2002.
- GLEZER, Raquel. *Chão de terra e outros ensaios sobre São Paulo*. São Paulo: Alameda, 2007.
- IPHAE. Instituto do Patrimônio Histórico e artístico do Estado da Secretaria da Cultura do Rio Grande do Sul. *Patrimônio Ferroviário no Rio Grande do Sul: Inventário das Estações, 1874-1959*. Porto Alegre: Pallotti, 2002.
- JORGE, Janes. *Tietê, o rio que a cidade perdeu: o Tietê em São Paulo 1890-1940*. São Paulo: Alameda, 2006.
- LANNA, Ana Lúcia Duarte. *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda, 2011.
- LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição Santos: 1870-1913*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- LEMOS, Carlos. *Ramos de Azevedo e seu escritório*. São Paulo: Editora Pini, 1993
- LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. *A escrita da história*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia, in: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.
- LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

Lloyd, Reginald (dir.) *Impressões do Brasil no século Vinte: Sua História, Seu Povo, Comércio, Industrias e Recursos*. Londres, Lloyd's Greater Britain Publishing Company, 1913.

LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte, Autêntica, 2011.

LOVE, Joseph. O Rio Grande do Sul como fator de instabilidade na República Velha. In: CARDOSO, Fernando Henrique, et al. *O Brasil Republicano*, v. 8: Estrutura de poder e economia (1889-1930). 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p. 115. (História geral da civilização brasileira, t. III, vol. 8)

MARINS, Paulo C. G. Imigrante de capital migrante - Frederico Glette entre Rio de Janeiro e São Paulo. In: FERNANDA, Fernandes; LEME, Maria Cristina da Silva; MARINS, Paulo César Garcez; FELDMAN, Sarah. (Org.). *Deslocamentos - estrangeiros em São Paulo*. São Paulo: Alameda, 2016, p. 125-144.

MEDEIROS, Laudelino T. *Escola Militar de Porto Alegre (1853-1911)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.

MEHRTENS, Cristina Peixoto. *Urban Space and National Identity in Early Twentieth Century São Paulo, Brazil: crafting Modernity*. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

MELLO, Joana. *Ricardo Severo: da arqueologia portuguesa à arquitetura brasileira*. São Paulo: Annablume, 2006.

MENDONÇA, Thaís Carneiro de. *Técnica e construção em Ramos de Azevedo: a construção civil em Campinas*. Dissertação de Mestrado (Arquitetura, Urbanismo e Tecnologia). Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2010.

MONTE DOMECCQ' & Cia. *O Estado do Rio Grande do Sul*. Barcelona: Thomas, 1916

MORAES, Luis F. S. Usos, costumes e disciplina espacial no Campos Elíseos paulistano (séculos XIX e XX). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de São Paulo, 2014.

MORAES, Luís Fernando Simões. *Negociando (em) São Paulo: A ação de Friedrich Glette e Victor Nothmann na urbanização paulistana, em finais do século XIX*. Projeto de Mestrado -

Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2019.

MOURA, Carlos T. *Ramos de Azevedo e Ernesto Dias de Castro: Alianças domésticas e espaciais em São Paulo*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado e Licenciatura em História) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2017

NADAI, Elza. *Ideologia do progresso e ensino superior* (São Paulo, 1891 – 1934). São Paulo: Editora Loyola, 1987.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1955.

PADILHA, Márcia. *A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20*. São Paulo: Annablume Editorial, 2001.

PEDRO, Carina Marcondes Ferreira. *Casas importadoras de Santos e seus agentes: comércio e cultura material (1870-1900)*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2015.

PEREIRA, Paulo Cesar Xavier. *São Paulo – a construção da cidade – 1872-1914*. São Carlos: RiMa, 2004.

PESAVENTO, S. J. *A Revolução Federalista*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PESAVENTO, S. J. *História do Rio Grande do Sul*. 9ª ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2014.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Aspectos da História da Engenharia Civil em São Paulo: 1860-1960*. São Paulo: CBPO-Kosmos, 1989.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Dois séculos de projetos no estado de São Paulo: grandes obras e urbanização 1800-2000*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010. 3 vols.

REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RIBEIRO, M. A. R.; CAETANO, C. G.; GITAHY, M. L. C. *Trabalhadores Urbanos e Ensino Profissional*. Campinas: UNICAMP, 1986.

SALGADO, Ivone. Atuação profissional de Carl Friederich Joseph Rath e as ciências naturais na primeira metade do século XIX. *Esboços (UFSC)*, v. 17, p. 247-257, 2010

SALVADORE, Waldir. *Italiano e nosso: Felisberto Ranzini e o “estilo florentino”*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. O papel da iniciativa privada na formação da periferia paulistana. In: *Espaço e Debates*, nº 37, ano XIV, 1994, p. 19-33.

SANDOVAL-STRAUSZ, A. K.; KWAK, Nancy H. (orgs). *Making cities global: the transnational turn in urban history*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2018.

SCHMIDT, Benito; AVELAR, Alexandre de As. *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

SCHMIDT, Benito Bisso (org.). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e biografia. In: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro Flamarion (orgs.). *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 2011.

SCHMIDT, Benito. Biografia e regimes de historicidade. *Métis (UCS)*, Caxias do Sul, v. 2, n.3, p. 57-72, 2003.

SEGAWA, Hugo. *Prelúdio da metrópole*. Arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX. 2ª ed. Ateliê Editorial: São Paulo, 2004.

SEGAWA, Hugo. *Jayme C. Fonseca Rodrigues*. Arquiteto. São Paulo: Editora Bei, 2016.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SEVERO, Ricardo. *Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo: Histórico, Estatutos, Regulamentos, Programas, Diplomas. 1873-1934*. São Paulo: Liceu de Artes e Ofícios, 1934.

SILVA, Izabel Priscila Pimentel da. *Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República e Dicionário da Política Republicana do Rio de Janeiro* - total de 100 verbetes biográficos redigidos. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2011.

SILVA, Gustavo Pereira da. *Uma dinastia do capital nacional: A formação da Riqueza dos Lacerda Franco e a diversificação na economia cafeeira paulista (1803-1987)*. 2011. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

STEVENS, Gary. *O círculo privilegiado: fundamentos sociais da distinção arquitetônica*. Brasília: UNB, 2003.

STIEL, Valdemar Correia. *História dos Transportes Coletivos em São Paulo*. São Paulo: edusp, 1984.

TELLES, Pedro Carlos da Silva. *História da Engenharia no Brasil*. Rio de Janeiro: Clavero, 1994. 2v.

TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo: três cidades em um século*. 3 ed. rev. e ampl. São Paulo: Cosac & Naify, Duas Cidades, 2004.

TOPALOV, Christian; BRESCIANI, Stella; COUDROY DE LILLE, Laurent; RIVIÈRE D'ARC, Hélène (Orgs.). *A aventura das palavras da cidade*. Através dos tempos, das línguas e das sociedades. São Paulo, Romano Guerra, 2014.

TOPIK, Steven C. *Comércio e canhoneiras: Brasil e Estados Unidos na Era dos Impérios (1889-97)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TURAZZI, Maria Inez. *A euforia do progresso e a imposição da ordem: a engenharia, a indústria e a organização do trabalho na virada do século XIX ao XX*. São Paulo e Rio de Janeiro: Marco Zero e UFRJ, 1989.

WEINSTEIN, Barbara. *Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional*. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 14, Jan.-Jun. de 2013.

WOODARD, James P. *Um lugar na política: republicanismo e regionalismo em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 2019.

WORCMAN, Karen e KESSEL, Carlos (Orgs.). *Um Balcão na capital*. Memória do Comércio na Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: SESC RJ, Editora SENAC RJ, 2003.

ARQUIVOS E ACERVOS

- Arquivo do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo
- Arquivo Histórico da Escola Politécnica – Universidade de São Paulo
- Arquivo Histórico Municipal de São Paulo
- Arquivo Metropolitano de São Paulo
- Arquivo Nacional
- Arquivo Público do Estado de São Paulo
- Associação Comercial do Estado de São Paulo
- Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Universidade de São Paulo
- Biblioteca Florestan Fernandes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo
- Biblioteca Mário de Andrade - São Paulo
- Casa da Boia Cultural
- *Claire T. Carney Library*
- Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo
- Departamento do Patrimônio Histórico - Prefeitura Municipal de São Paulo
- Junta Comercial do Estado de São Paulo
- Museu Paulista – Universidade de São Paulo

CARTOGRAFIA

- Mapa esquemático. Malha Ferroviária do Rio Grande do Sul. **Fonte:** IPHAE, 2002.
- Mapa Topográfico do Município de São Paulo, executado pela empresa SARA Brasil S/A. Folha 52-21, 1930. **Fonte:** Arquivo Histórico Municipal de São Paulo.
- Planta da Cidade de São Paulo, 1895, editada por Hugo Bonvicini. Escala 1:10.000. **Fonte:** Arquivo Público do Estado de São Paulo

JORNAIS E PERIÓDICOS

- Correio Paulistano

- Diário de Pernambuco
- Diário Oficial da União
- Diário Oficial do Estado de São Paulo
- Jornal de Notícias
- Jornal do Comércio
- O Jornal
- O País
- A Federação
- Almanak Laemmert
- A Construção em São Paulo
- O Estado de São Paulo
- Correio da Manhã
- O Commercio de São Paulo
- A Gazeta
- Almanak do Estado de São Paulo: Administrativo, Commercial e Profissional

OBRAS SOBRE O COMÉRCIO

- COSTA, Salustiano Orlando de Araújo. *Código Comercial do Império do Brazil*. 3 ed. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laermmert, 1878.
- CARVALHO, Veridiano. *Manual Mercantil: Encyclopedia Elementar do Commercio Brasileiro*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Companhia Tipografica do Brasil, 1909.

SITES

BIBLIOTHECA CULINARIA. Disponível em: https://www.bibliothecaculinaria.it/libri_cucina/oggetti-vintage-antico/ceramica-e-terracotta/contenitore-in-ceramica-per-filtro-chamberland/> Acesso em 10 de jan de 2021.

BORTOLAN LEILÕES - COLECIONÁVEIS & ANTIGUIDADES. Disponível em: <<https://www.bortolanleiloes.com.br/peca.asp?ID=6079495#simple2>> Acesso em 10 de jan de 2021

DICIONÁRIO DE RUAS. Disponível em: <<https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/logradouro/rua-quinze-de-novembro>> Acesso em 21 de jan de 2021.

FACEBOOK RIO – CASAS & PRÉDIOS ANTIGOS. Disponível em: <<https://www.facebook.com/RioCasasePrediosAntigos/posts/1823417337805438>> Acesso em 15 de jul de 2020.

FAMILYSEARCH. Disponível em <https://www.familysearch.org/photos/artifacts/106997030?cid=mem_copy> Acesso em 20 de jan de 2021.

GAENSLY, GUILHERME (1843-1928). Lembranças de São Paulo. c. 1902, sob guarda da Biblioteca Nacional. Disponível em <http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=39888> Acesso em 7 de out de 2021.

HEMEROTECA DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/artigos/correio-paulistano/>> Acesso em 28 de abr de 2018.

IBGE. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=440956>> Acesso em 21 de jan de 2021.

MUSEU DOM DIOGO DE SOUZA, Diários da Revolução de 1893 Vol.1. Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:1893trincheira.jpg#filehistory>> Acesso em 15 de mar de 2020.

ENTREVISTA

GORDO, José-Adolpho. Entrevista. WhatsApp. 17 de outubro de 2020. 18h09. Mensagem de WhatsApp.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Cronologia de Ernesto Dias de Castro

- 1873** ➤ Em 13 de março de 1873, nasceu em Bagé, cidade do Rio Grande do Sul, Ernesto Dias de Castro, filho de Pedro e Elíbia Maciel Dias de Castro.
- 1890** ➤ É concedida licença para EDC se matricular na Escola Militar do Rio Grande do Sul, com a patente de soldado do 4º regimento de artilharia.
- 1891** ➤ Aprovação nas disciplinas de aritmética, alemão, geografia e inglês.
➤ Patente de Ernesto Dias de Castro como 2º Sargento do 4º regimento, solicitando nova matrícula para a Escola Militar do Rio Grande do Sul.
- 1892** ➤ Ernesto Dias de Castro como 2º tenente do 4º regimento do Rio Grande do Sul.
- 1893** ➤ Ernesto Dias de Castro aprovado com distinção no primeiro e segundo períodos do primeiro ano do curso geral, a partir dos resultados noticiados dos exames finais de geometria analítica, geometria descritiva e cálculo.
- 1895** ➤ Em fevereiro é expedido um telegrama de Montevideú solicitando a repatriação de Ernesto Dias de Castro e de outros alunos militares a pedido do Dr. Victorino Monteiro próximo do fim da Revolução Federalista.
➤ Em agosto, Ernesto Dias de Castro é convocado para realizar prova oral do primeiro ano do curso geral da Escola Politécnica de São Paulo e aprovado plenamente.
➤ Em outubro, Ernesto Dias de Castro, fez parte dos técnicos responsáveis da Comissão de Saneamento do Estado de São Paulo, pela Secretaria de Agricultura, como engenheiro condutor, ao lado de Manoel Barros de Carvalho, Frederico Ferreira da Silva Santos, Joaquim Leocadio Freire e Haus Ravache; e na de auxiliares, os srs. Rodolpho Concourde, Manoel do Amaral Lopes de Oliveira, estavam Duarte Lisboa e Joaquim de Queiroz Cattoni.

- 1899**
- Em junho, realizada formatura da primeira turma de engenheiros civis da Escola Politécnica de São Paulo composta pelos seguintes nomes: Carlos Kiehl, Francisco Paula Ramos, Ernesto Dias de Castro, Antônio Cerqueira Cesar, Mario Campos, Eduardo Kiehl, Francisco Godoy Moreira Costa, Aureliano Ignacio Botelho e Francisco Octaviano Teixeira de Almeida, e o de arquiteto o sr. João Moreira Maciel.
 - Cerimônia de casamento realizada em 16 de dezembro entre Ernesto Dias de Castro e Lúcia Lacaze Ramos de Azevedo.
- 1900**
- No dia 19 de outubro nasce sua filha primogênita Laura de Azevedo Castro.
 - Em dezembro, atuou como segundo engenheiro na Diretoria de Obras, sob o comando de Victor da Silva Freire.
- 1901**
- Integra o quadro de professores do ginásio da capital. Apenas no Almanak Laemmert de 1905, o endereço de cada professor é exibido, e para este ano, o logradouro de Ernesto Dias de Castro era a Rua Pirapitingui, 15. Foi vizinho de seu sogro e cunhada, Ramos de Azevedo e Laura Lacaze Ramos de Azevedo, respectivamente.
- 1903**
- Registro de funcionamento a partir de 1 de janeiro para a *Ernesto de Castro & Cia.*, na Rua do Rosário, 17.
 - Em 1 de agosto, nasce o seu filho caçula, Ernesto Dias de Castro Filho.
- 1905**
- Ernesto Dias de Castro, Flávio Uchóa, Edmundo Wright e Arnaldo Vieira de Carvalho solicitam ao congresso do Estado de São Paulo, concessão para construção de uma via férrea, partindo da Sorocabana (no município da capital) com destino à Iguape.
- 1907**
- Em junho, fundação da empresa *Melhoramentos Urbanos*, que tinha por objetivo a “exploração dos serviços de águas, esgotos. Luz, força, construções e explorações industriais em diversas localidades do Estado”, tendo como fundadores e acionistas: Francisco Marcilio, José Virgílio Malta Cardoso e Ataliba Batista de Oliveira Valle, José Gomes Veiga, Ernesto Dias de Castro,

José Antonio da Fonseca Rodrigues, Francisco de Paula Ramos e Alberto San Juan.

➤ No mês de setembro, em Araraquara, o prefeito autorizou o contrato de iluminação elétrica de acordo com a proposta dos Srs. Ernesto Dias de Castro e José Candido de Sousa, que disputavam ao lado das propostas de A. J. Byington e Companhia Paulista de Eletricidade.

1908 ➤ Em outubro, Ernesto Dias de Castro visita seu irmão Mário Dias de Castro na cidade de Porto Alegre, onde também era um profissional do comércio. Mário Dias de Castro foi funcionário da João Aydos & Cia, uma casa comercial da cidade.

1910 ➤ No mês de maio, nos relatórios do Ministério da Fazenda, aparece a associação de Ernesto Dias de Castro com uma sociedade mútua de pecúlio e garantia de capital, denominada *Tranquilidade*.

➤ Em julho é fundada a empresa Progresso Industrial, que tinha por objetivo explorar a indústria de vitrificação e congêneres, tendo com fundadores: Ramos Azevedo, Ernesto Dias Castro, Arnaldo Vieira Carvalho, José Maria Cardoso, Eduardo Conto, Ricardo Severo e Arnaldo Velloso, e os empreiteiros José Giorgi e Arthur Carneiro.

1911 ➤ Para o Primeiro *Congresso de Instrução Secundária*, foi realizada uma visita pelos edifícios do Ginásio do Estado, do Liceu de Artes e Ofícios, da Pinacoteca e do Jardim Público aos congressistas dos diversos estados da federação e de cidades do interior do Estado de São Paulo. As visitas ao Liceu e a Pinacoteca foram realizadas por Ernesto Dias de Castro, nas palavras do jornal: “representando” Ramos de Azevedo, diretor das duas instituições.

➤ Petição de Ernesto Dias de Castro e Armando Rosa Pereira para a abertura de uma fábrica de cimento.

1912 ➤ Petição e Plantas apresentadas ao Ministro da Agricultura, no serviço do Povoamento, pelos engenheiros Ernesto Dias de Castro e Luiz Antonio Teixeira Leite, para a construção de uma estrada de ferro.

1914 ➤ Acionista na empresa Eletricidade de S. Paulo e Rio.

- 1917**
- Membro do Conselho superior da Associação Brasileira de Escoteiros.
 - Eleito Presidente da Associação Comercial do Estado de São Paulo.
 - Participação do Congresso da Mocidade como vice-presidente de honra do congresso ao lado dos demais, Herculano de Freitas, Ramos de Azevedo e Arnaldo Vieira de Carvalho.
- 1918**
- Fiscal da Empresa Tração, Força e Luz de Natal, ao lado de Manuel Vieira Monteiro e Arthur Diederichsen.
- 1919**
- Compra de terreno na Rua Boa Vista, com outros sócios, provavelmente para a construção do edifício “Casa Ramos de Azevedo” (1922), que viria a ser a sede das empresas da família Ramos de Azevedo.
 - No Clube Comercial era um dos 174 membros que fazia parte dessa associação, situado a Rua São Bento, 60, nos andares superiores do edifício da Bolsa de Valores, cujo projeto para este clube ficou a cargo do Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo.
 - Membro do Conselho administrativo do Banco de Crédito Popular Agrícola e Pecuário.
- 1920**
- Eleito para o segundo mandato como presidente na Associação Comercial de São Paulo.
 - Organização da Companhia Engenho Central de Porto Real.
- 1921**
- Diretor do Almoarifado Central da Secretaria de Estado dos Negócios das Obras Públicas do Rio Grande do Sul.
- 1923**
- Ernesto Dias de Castro se aposenta do cargo de professor no Ginásio da Capital.
- 1924**
- No Almanak Laemmert aparece o novo endereço do edifício Casa Ramos de Azevedo, na Rua Boa Vista, 16.
 - Compôs a diretoria da S/A. Planalto Central como vice-presidente, ao lado de Álvaro Macedo Guimarães (presidente), Matteo Bei (Diretor Gerente) e o Conde Francisco Matarazzo Jr., Comendador Vincenzo Frontini (Diretor geral da banca francesa e italiana para a América do Sul), Carmo Campanella, Dr. Orlando Ferreira da Rosa, Ella Bell e Mário Dias de Castro.

- 1925** ➤ Participante de uma associação para a criação de um Autódromo em São Paulo, na região do Butantã.
- 1926** ➤ Participou da cerimônia de casamento do sobrinho, Carlos Dias de Castro, como padrinho do noivo.
- 1927** ➤ Diretor da Companhia Melhoramentos da Ilha do Governador / Companhia Territorial da Ilha do Governador.
- 1928** ➤ Propriedade de Ernesto Dias de Castro, no Rio de Janeiro, situado à Avenida Atlântica.
- 2º procurador na Associação dos Funcionário da Inspetoria de Veículos do Rio de Janeiro para atuar durante os anos de 1928 a 1929, de acordo com a nova diretoria eleita.
- 1932** ➤ Participação na campanha “O Ouro para a Vitória”, doando cerca de 10:000\$.
- 1933** ➤ Inauguração da Lar Nacional S/A, tendo como membro da diretoria, Ernesto Dias de Castro, Bei e Filho, Eurico Montenegro, Estevam Margutti, Esaú Silveira, Ludovico Cimieri, José V. Lassala Freire e Matteo Bei.
- 1935** ➤ Conclusão das obras na nova residência, situada à Avenida Paulista, 182 (Atual 37).
- 1935** ➤ Aparece como credor no município de Garça, na Câmara de Reajustamento Econômico.
- 1938** ➤ Fundador do Banco Mercantil de São Paulo, ao lado de Antonio Aymoré Pereira Lima, Fabio da Silva Prado, Gastão Vidigal, J. J. Cardoso de Mello Neto, Lauro Cardoso de Almeida, Marcio da Costa Bueno, Olavo Egydio de Sousa Aranha.
- 1941** ➤ Donativos para a Catedral da Sé, no valor de 5:000\$.
- Membro da Sociedade Riograndense de São Paulo e donativos enviados para os atingidos das enchentes do período, no valor de 2:500\$.
- Acionista da Companhia Siderúrgica Nacional.

- 1944** ➤ Ações aplicadas na Companhia Brasileira de Materiais Ferroviários.
- 1945** ➤ Presidente da Companhia Agrária do Oeste.
➤ Presidente da Companhia Territorial de Osasco, ao lado da diretoria Jules Verelst, Trajano de Miranda Valverde.
- 1947** ➤ Acionista na Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, ainda que saibamos que possivelmente sua associação tenha sido anterior a esta data, temos apenas o registro do Jornal Correio Paulistano que apresentar o corpo de acionistas dessa instituição.
➤ Acionista do lado do irmão Mario Dias de Castro na S/A Imobiliária Paulista - Construtora e Comercial.
- 1948** ➤ Companhia Brasileira de Concreto Centrifugado "HUME", tendo como Presidente, Mario Dias de Castro e Ernesto Dias de Castro como acionista.
- 1949** ➤ Empresa Luz e Força Elétrica de Tiete S/A. como membro efetivo da Assembleia.
➤ Companhia Luz e Força Tatuí como membro efetivo da Assembleia.
- 1955** ➤ Falecimento na cidade de São Paulo em 15 de novembro e sepultado no Cemitério da Consolação.

APÊNDICE B – Quadro descritivo dos relatórios de prefeito do Arquivo Histórico de São Paulo.

Sistematização: Carlos Thaniel Moura

Prefeitura Municipal. Secção de Obras. *Mapa das obras contratadas*. Ano 1899.

#	Natureza da Obra	Nome do Engenheiro Fiscal	Nome do contratante	Importância paga	Observações
40	Modificações no edifício da Câmara Municipal	Ernesto D. Castro	N. Frediani	4:000\$	Contrato de 7 de junho

Prefeitura Municipal. Secção de Obras. *Mapa das obras executadas por portarias*. Ano 1899.

#	Natureza da Obra	Nome do Engenheiro Fiscal	Nome do contratante	Importâncias Pagas	Observações
10	Construção de duas bocas de lobo na rua Cons. Ramalho	J. O. Nebias	Ernesto D. Castro	2:069\$340	Portaria n. 129
220	Galeria em frente n. 10 da Avenida Intendência	E. D. Castro	Camargo Rangel	48\$000	Portaria n. 827

Prefeitura Municipal. Secção de Obras. *Mapa das obras orçadas e não executadas*. Ano 1889.

#	Natureza da Obra	Nome do Engenheiro Fiscal	Nome do contratante	Importâncias orçada	Observações
137	Calçamento do largo da Pólvora	Ernesto D. Castro	-	30:141\$100	Não autorizada
138	Calçamento da rua Corrêa	Ernesto D. Castro	-	13:449\$150	Não autorizada
140	Calçamento do largo da Pólvora e Américo de Campos	Ernesto D. Castro	-	32:555\$921	Não autorizada
141	Calçamento da rua Corrêa	Ernesto D. Castro	-	11:733\$975	Não autorizada
164	Macadamização das ruas Vergueiro e Domingos de Moraes	Ernesto D. Castro	-	130:237\$791	Não autorizada
171	Consolidação das ruas Pirapitingui e Taguá	Ernesto D. Castro	-	1:797\$840	Não autorizada
200	Melhoramentos da rua Santa Cruz da Figueira	Ernesto D. Castro	-	11:875\$032	Não autorizada

Prefeitura Municipal. Secção de Obras. *Mapa das obras executadas por portarias*. Ano 1900.

#	Natureza da Obra	Nome do Engenheiro Fiscal	Nome do contratante	Importâncias Pagas	Observações
16	Melhoramentos na Rua Pirapitingui	E. Castro	Camargo Rangel	1:773\$200	Portaria n. 213
18	Reparos na Rua Pirapitingui e largo do Braz	E. Castro	Luiz Hypólito	1:264\$201	Portaria n. 241

30	Escoamento de águas na Avenida Rangel Pestana	E. Castro	Carlos Muro	1:259\$255	Portaria n. 384
32	Abastecimento d'água no Cemitério do Braz	E. Castro	Luiz Hypólito	888\$400	Portaria n. 382
36	Reparos no pontilhão da rua Cantareira	E. Castro	Rocco Rienzi	67\$600	Portaria n. 475
48	Melhoramentos na rua Taguá	E. Castro	Carlos Muro	698\$800	Portaria 596
52	Construção de um pontilhão na Alameda Olga	E. Castro	Carlos Muro	438\$810	Portaria n. 649
60	Coletor de águas pluviais na rua Pedroso	E. Castro	Rocco Rienzi	428\$626	Portaria n. 746
85	Construção de uma boca de lobo na rua Pedroso	E. Castro	R. Fecundo	310\$559	Portaria n. 1108
86	Reconstrução de um pontilhão na Alameda Olga	E. Castro	R. Fecundo	228\$350	Portaria n. 1133
106	Arborização das margens do Rio Tamanduaté	E. Castro	Etzel	750\$000	Portaria n. [-]

Prefeitura Municipal. Secção de Obras. *Mapa das obras contratadas*. Ano 1900.

#	Natureza da Obra	Nome do Engenheiro Fiscal	Nome do contratante	Importâncias Pagas	Observações
9	Escoamento d'água na rua Brigadeiro Machado	E. Castro	J. Gallo	2:276\$200	-
10	Calçamentos a paralelepípedos de parte da rua Vergueiro	E. Castro	Pucci e Micheli	-	Parte paga pela Light (contrato Micheli)
11	Escoamento de águas a rua Barão de Itapetininga	E. Castro	J. Gallo	1:085\$064	-
13	Construção de um bueiro na rua Santa Cruz da Figueira	E. Castro	R. Fecundo	1:965\$312	-
15	Construção de sarjetas na travessa Cons. Furtado	E. Castro	J. Longo	2:367\$280	-
27	Construção de Sarjetas e alargamento de passeios da rua Conselheiro Furtado	E. Castro	R. Fecundo	2:417\$877	-
29	Assentamento de guias e construção de sarjetas na Avenida Luiz Antônio	E. Castro	Husson	3:172\$333	-
30	Escoamento de águas pluviais na rua da Consolação	E. Castro	R. Fecundo	1:149\$006	-
31	Melhoramentos no largo da Pólvora	E. Castro	Fl. Beneducci	-	Em execução

Prefeitura Municipal. Secção de Obras. *Mapa das obras orçadas e não executadas*. Ano 1900.

	Natureza da Obra	Nome do Engenheiro Fiscal	Importâncias orçadas	Observações
3	Calçamento do largo General Ozorio	E. Castro	8:135\$259	-
13	Limpeza da vala da rua Major Octaviano	E. Castro	528\$550	-
28	Largo projetado no cruzamento das ruas Visconde Parnaíba e Carneiro Leão	E. Castro	119:579\$961	-

29	Desapropriação de terrenos e prédios entre as ruas Visconde de Parnaíba, Carneiro Leão, Mooca e Mendes de Sá	E. Castro	180:002\$750	-
38	Macadamização da rua Bresser	E. Castro	60:814\$260	-
39	Construção de sarjetas na rua das Palmeiras	E. Castro	2:940\$525	-
44	Fecho de terreno do Coronel Rodovalho na rua Pedroso	E. Castro	2:027\$282	-
45	Construção de passeios na rua Major Sertório	E. Castro	197\$945	-
46	Melhoramentos na rua Gomes Cardim	E. Castro	32:128\$500	-
53	Regularização da rua Santa Magdalena	E. Castro	2:500\$685	-
58	Escoamento das águas pluviais em terrenos marginais em terrenos marginais da rua Rego Freitas	E. Castro	1:282\$004	-
59	Concertos na[<i>sic</i>] leite da Avenida Brigadeiros Luiz Antônio	E. Castro	836\$198	-
75	Abertura da vala da rua Major Octaviano	E. Castro	593\$450	-

Prefeitura Municipal. Secção de Obras. *Mapa das obras contratadas*. Ano 1901.

	Natureza da Obra	Nomes		Importâncias		Observações
		Nome do Engenheiro Fiscal	Nome do contratante	Autorizadas	Pagas	
15	Calçamento do largo da Pólvara e ruas Américo de Campos e Corrêa	E. Castro	Fl. Beneducci	19:694\$381	18:024\$943	Lei 449
17	Calçamento da rua Barra Funda (entre Lopes de Oliveira e Brotero)	E. Castro	José Longo	7:050\$000	6:257\$591	Contrato – Portaria 197
21	Construção de sarjetas no Jardim Publico	E. Castro	José Longo	9:450\$000	8:933\$930	Contrato – Portaria 469 e 888
35	Sarjetas e cruzamentos da rua Corrêa de Andrade	E. Castro	J. Longo	5:214\$240	5:100\$335	Contrato – Portaria 509

Prefeitura Municipal. Secção de Obras. *Mapa das obras executadas por portarias* Ano 1901.

	Natureza da Obra	Nomes		Importâncias		Observações
		Nome do Engenheiro Fiscal	Nome do contratante	Autorizadas	Pagas	
1	Escoamento de águas pluviais na rua da Consolação	E. Castro	R. Ficondo	1:386\$325	1:149\$006	Portaria nº 1330
2	Regularização do leito da rua Santa Magdalena	E. Castro	Bueno Gonçalves	2:500\$685	2:273\$350	Portaria nº 20
3	Macadamização do aterrado do Gasômetro	E. Castro	Administração	63:906\$533	17:525\$189	Lei 437 – Portaria 21
6	Escoamento de águas no cruzamento da rua Riachuelo com Avenida Brigadeiro Luiz Antônio	E. Castro	R. Ficondo	836\$198	664\$054	Portaria nº 385

19	Macadamização da rua Barra Funda e outros melhoramentos	E. Castro	Administração	31:516\$463	13:452\$775	Portaria nº 89, etc.
20	Macadamização da rua Correa de Andrade	E. Castro	Administração	15:731\$000	5:100\$335	Portaria nº 510 e 511
21	Regularização da rua Arthur Prado	E. Castro	Bueno Gonçalves	1:958\$000	1:958\$000	Portaria nº 96
44	Construção de sarjetas na alameda Barão de Piracicaba (entre Duque de Caxias e Nothmann)	E. Castro	Administração	11:610\$775	11:610\$775	Portaria nº 502,503,619
55	Pontilhão na alameda Olga	E. Castro	R. Ficondo	1:299\$409	985\$961	Portaria nº 568
83	Sarjetas e guias do Jardim Publico	E. Castro	José Longo	596\$720	596\$720	Portaria nº 888
85	Macadamização de várias ruas do Jardim Publico	E. Castro	Administração	17:948\$000	14:667\$056	Portaria nº 918 e 917
89	Calçamento das embocaduras da rua Pedroso	E. Castro	B. Gonçalves	2:158\$640	2:085\$292	Portaria nº 973
96	Macadamização da rua central do Jardim Publico	E. Castro	Administração	7:645\$750	6:713\$276	Portaria nº 470
97	Macadamização da alameda Barão de Piracicaba	E. Castro	Administração	27:715\$000	20:530\$748	Portaria nº 378,417, etc.
98	Macadamização da avenida Brigadeiro	E. Castro	Administração	31:360\$000	26:191\$242	Portaria nº 1329, etc.
105	Macadamização de parte da rua Helvetia	E. Castro	Administração	9:100\$000	7:374\$477	Portaria nº 889
116	Construção de 2 bocas de lobo e sarjeta coberta na rua S. Bento	E. Castro	R. Ficondo	538\$838	538\$838	Portaria nº 1237
120	Revestimento dos passeios do largo do Rosario	E. Castro	M. Senatore	2:590\$00	2:590\$00	Portaria em execução
121	Escoamento de águas fluviais na rua 15 de Novembro, travessa do Commercio e largo do Rosario	E. Castro	R. Ficondo	3:200\$800	-	Portaria em execução
122	Assentamento de 2 gárgulas no aterrado das Palmeiras	E. Castro	R. Ficondo	56\$760	56\$760	Sem portaria
123	Substituição de pranchões de peroba no Viaduto	E. Castro	L. Hypólito	1:030\$656	665\$160	Portaria nº 1383
125	Aquisição de 2 chapas para bocas de lobo na rua S. bento e 2 gárgulas na rua das Palmeiras	E. Castro	R. Ficondo	189\$000	189\$000	Portaria nº 1349

131	Construção de 2 poços de visita e 1 boca de lobo na rua do Rosario	E. Castro	R. Ficondo	586\$101	586\$101	Portaria nº 1573
140	Serviços de macadamização de diversas ruas	E. Castro	M. Garrido	214\$062	214\$062	Portaria nº 1329 e 1881
141	Serviços no aterrado do Gasômetro	E. Castro	L. Hypólito	999\$900	999\$900	Portaria nº 21
142	Escoamento de águas entre trilhos na avenida Brigadeiro Luiz Antônio	E. Castro	R. Ficondo	267\$324	267\$324	Portaria nº 1329
144	Aquisição de 10.000 paralelepípedos para o aterrado do Gasômetro	E. Castro	L. Hypólito	1:500\$000	1:344\$000	Portaria nº 1384

Prefeitura Municipal. Secção de Obras. *Mapa das obras orçadas e não executadas*. Ano 1901.

#	Natureza da Obra	Nome do Engenheiro Fiscal	Importâncias orçadas	Observações
10	Macadamização da rua João Theodoro (entre avenida Tiradentes e Monsenhor Andrade)	E. Castro	69:251\$600	-
16	Macadamização da rua Sampaio Moreira	E. Castro	13:588\$300	-
18	Construção de sarjetas e assentamento de guias na avenida Burchard	E. Castro	12:093\$702	-
23	Macadamização da rua Arthur Prado	E. Castro	20:536\$000	-
31	Calçamento da Alameda Barão de Piracicaba (entre Ribeiro da Silva e Antônio Prado)	E. Castro	11:507\$210	-
33	Calçamento a paralelepípedos da rua Júlio Conceição	E. Castro	31:683\$685	-
37	Alargamento de sarjetas na Avenida Intendência	E. Castro	3:387\$252	-
50	Macadamização da rua Bresser	E. Castro	53:124\$380	-
54	Melhoramentos provisórios das ruas Anhanguera, Bosque, Bernardino de Campos e Garibaldi	E. Castro	3:085\$412	-
57	Macadamização da rua Santo Amaro (entre as Avenidas B. L. Antônia e Paulista).	E. Castro	165:000\$000	-
62	Construção do passeio em frente ao nº10 da rua Correia	E. Castro	223\$300	-
71	Calçamento do largo da Pólvora e ruas Américo de Campos e Corrêa	E. Castro	44:289\$896	-
72	Concertos do macadame da rua Caetano Pinto	E. Castro	2:779\$930	-

Prefeitura Municipal. Secção de Obras. Ano 1902.

#	Natureza da Obra	Nome do Engenheiro Fiscal	Nome do contratante	Importâncias orçadas	Importâncias pagas	Observações
4	Calçamento da Rua Guaianazes entre alamedas Nothmann e Antônio Prado	E. D. Castro	-	22.348\$084	-	-
18	Construção de uma boca de lobo, na rua do Rosario, [ilegível] da rua Boa Vista	Ernesto Dias de Castro	Raphael Ficondo	51\$392	51\$392	Portaria 175

22	Calçamento da rua Vieira de Carvalho, entre o Largo da República e rua Aurora	E. D. de Castro	Luiz Carbone	3:141\$600	2:824\$826	Portaria 198
24	Macadamização de um trecho da Avenida 5 de Outubro, entre Av. Antártica e Parque da Antarctica	E. Dias de Castro	-	13:151\$600	-	-
25	Alargamento de sarjetas rua Consolação	E. D. Castro	-	2:019\$600	-	-
27	Assentamento de guias e construção de sarjetas nas ruas Maestro Cardin e Magdalena	E. D. Castro	Luiz Hypólito	12:778\$040	6:468\$880	Um pagamento anterior = 4:350\$000
29	Obras executadas na rua Paraíso	Ernesto Dias Castro	Raphael Ficondo	1:621\$675	1:621\$675	Portaria 1269
30	Melhoramentos da rua Passos, regularização de guias e sarjetas	E. D. de Castro	-	9:120\$980	-	-

Prefeitura Municipal. Secção de Obras. *Mapa dos orçamentos organizados durante o ano.* Ano 1903.

	Natureza da Obra	Engenheiros	Importâncias orçadas	Observações
25	Calçamento das ruas Vergueiro e Domingos de Moraes	E. D. de Castro	214:028\$220	-
32	Construção de sarjetas e assentamento de guias na rua Voluntários da Pátria	E. D. de Castro	3:669\$600	-
34	Macadamização da Alameda Barão de Piracicaba (entre as Alamedas Ribeiro da Silva e Antônio Prado)	E. D. de Castro	11:461\$340	-

Prefeitura Municipal. Secção de Obras. *Mapa das obras executadas por portarias* Ano 1903.

#	Natureza da Obra	Nomes		Importâncias		Observações
		Nome do Engenheiro Fiscal	Nome do contratante	Autorizadas	Pagas	
106	Fornecimento de 1.000 grades de proteção para arvores	Diretoria de Obras	Ernesto de Castro	7:500\$000	5:321\$200	Portaria 896
141	Aquisição de 1.000 grades de madeira para arborização	Diretoria de Obras	Ernesto de Castro	5:300\$000	3:692\$640	Portaria 1362

APÊNDICE C - Sistematização das Notas Fiscais emitidas à Escola Politécnica de São

Paulo.

Fonte: AHEPUSP

ANO	PAÍS	EMPRESA
1903	Brasil	Ernesto de Castro & Cia.
1904	Brasil	Ernesto de Castro & Cia.
1905	Brasil	Ernesto de Castro & Cia.
1906	França	A. Dupelle
1906	Alemanha	Herren Laué & Troschel
1906	Estados Unidos da América	Sem identificação
1906	Alemanha	Herren Laué & Troschel
1906	Alemanha	Herren Laué & Troschel
1906	Alemanha	Herren Laué & Troschel
1906	Alemanha	Herren Laué & Troschel
1906	Alemanha	John Heckemann
1906	Suíça / Inglaterra	C. M. Ebell (Buch- & Kunsthandlung / Dulau & Co.
1906	Alemanha	Peters & Bruel
1906	Alemanha	Herren Laué & Troschel
1906	França	Sem identificação
1906	Alemanha	Sem identificação
1906	Alemanha	Peters & Bruel
1906	França	A. Dupelle
1907	França	E. Krauss
1907	Suíça	Casa Kern
1908	França	Trois Coisses Instruments de Precision
1908	França	Sem identificação
1908	França	Sem identificação
1908	Estados Unidos da América	Sem identificação
1908	Alemanha	Sem identificação
1908	Alemanha	Chauvin & Arnoux
1908	Alemanha	Bruel & Co.
1908	República Tcheca	Sem identificação
1908	Sem identificação	Sem identificação
1908	Inglaterra / França	Dulau & Co. / Aillaud & Co.
1908	Holanda	Bruel & Co.
1908	Sem identificação	Aillaud & Co. / Gustavo Fock
1908	Alemanha	Bruel & Co.
1908	Brasil	Zerrener, Bulow & Co.
1909	Alemanha	Bruel & Co.
1909	Holanda	Sem identificação
1909	Holanda	A. Trommel & Co.
1909	Estados Unidos da América	Enginnering Riview Company
1909	Inglaterra	Dulau & Co.
1909	Estados Unidos da América	A. A. Corrigan
1909	França	Bruel & Co.
1909	França	E. Aduet

1909	Holanda	Sem identificação
1909	Alemanha	Bruel & Co.
1909	Sem identificação	Instituto Italiano d'Arti Grafiche
1909	Holanda	Sem identificação
1910	Alemanha	Burel H e Carl Zeiss
1910	Alemanha	Bruel & Co.
1910	Sem identificação	Vários
1910	Holanda	E. Leybold's Nachfolger
1910	Holanda	Bruel & Co.
1910	Holanda	Bruel & Co.
1911	Alemanha	C.A.F. Kahlbaum
1911	Suíça	C. M. Ebell
1911	Alemanha / França	Bruel & Co. / Otto [n.e][n.e] / Alfredo Campor, Augusto Lenghe Comp./ M ^a . E. Hucretol Constucteus/ E. Leybold's Nachfolgen
1911	Holanda	J. Amsler Laffon & Fils
1911	Sem identificação	Sem identificação
1911	Holanda	Amsler Laffon & Fils
1911	Bélgica	Bruel & Co
1911	Holanda	Leybold's
1911	França	F. Ducretet & E. Roger
1912	Brasil	B. Ernesto Guimarães & Co.
1912	Alemanha	Bruel & Co / Vereinigte Fabriken
1912	Alemanha	Sem identificação
1912	Alemanha	Bruel & Co.
1912	Alemanha	Bruel & Co.
1912	Alemanha	Bruel & Co.
1912	Alemanha	Bruel & Co.
1912	Brasil	Sem identificação
1912	Alemanha	Gustav Fock
1912	Brasil	C. Hildebrand & co.
1912	França	Levy Weill & Cia
1912	Alemanha	E. Leybold's / Carl Zeiss / G. Massiot / Pathpe Frères
1912	Alemanha	Bruel & Co.
1912	Alemanha	Bruel & Co.
1912	Alemanha	Sem identificação
1912	Alemanha	Bruel & Co.
1912	Alemanha	C.A.F. Kahlbaum
1912	Holanda	J. Amsler Laffon & Fils
1912	Alemanha	Sem identificação
1912	Alemanha	Bruel & Co.
1912	Alemanha	Bruel & Co.
1912	Alemanha	Paul Altmann M.
1913	França	Etablissements Poulenc Frères
1913	Alemanha	E. Leybold's
1913	Suíça	C. M. Ebell
1913	França	Levy Weill & Cia
1913	Alemanha	C.A.F. Kahlbaum
1913	Inglaterra	F. E. Becker & Cia.
1913	Sem identificação	Sem identificação

1913	Alemanha	C.A.F. Kahlbaum / Bruel & co
1913	Bélgica	Leybold's
1913	França	Lercy & Cia
1913	Bélgica	E. Leybold's
1913	Sem identificação	E. Leybold's
1913	Sem identificação	Lumiere & Lougla
1919	Sem identificação	Emile Blanchard
1919	Inglaterra	Waterlow Bro.s & Layton, C.r Limited
1919	França	Livraria Ch. Delagrave
1919	Sem identificação	Weston Electrical Instrumento Company
1919	França	J. Dreyfus & Flachefeld
1919	Sem identificação	Sem identificação
1919	Sem identificação	Emile Blanchard
1919	Estados Unidos da América	G. Amsinck & Co.
1919	Estados Unidos da América	G. P. Putnam's Sons
1919	França	J. Dreyfus & Flachefeld
1919	Estados Unidos da América	G. Amsinck & Co.
1920	Brasil	W. B. Hale
1920	França	Emile Blanchard
1920	Inglaterra	W.A. Mansell & Co.
1920	Brasil	Byington & Co
1920	França	J. Dreyfus & Flachefeld
1920	França	Sem identificação
1920	França	J. Dreyfus & Flachefeld
1920	Estados Unidos da América	Arthur H. Thomas Company
1920	França	Sem identificação
1920	Estados Unidos da América	Sem identificação
1920	Estados Unidos da América	Arthur H. Thomas Company
1920	França	Gauthier-Villares & Cia
1920	Estados Unidos da América	Arthur H. Thomas Company
1920	França	Sem identificação
1920	Estados Unidos da América	Spon & Chamberlain
1920	Estados Unidos da América	Sem identificação
1920	Estados Unidos da América	G. Amsinck & Co.
1920	Alemanha	Max Kohl
1920	Argentina	Sem identificação
1921	França	Emile Blanchard
1921	França	Emile Blanchard
1921	França	Bruel & Co.
1921	Estados Unidos da América	Sem identificação
1921	França	Emile Blanchard
1921	Alemanha	Bruel & Co.
1921	Estados Unidos da América	The General Electric Company
1922	França	Casa Dunod
1922	Inglaterra	Cook, Traughton & Simms
1922	França	J. Dreyfus & Flachefeld
1922	Estados Unidos da América	Superintendent of Documents Government Printing Office of Washington
1922	Alemanha	Bruel & Co.

1922	Brasil / USA	Byington & Cia / General Electric Cia
1922	Itália	F. Frisoni
1922	Estados Unidos da América	G. Amsinck & Co.
1922	França	Emile Blanchard
1922	França	Emile Blanchard
1922	Estados Unidos da América	G. Amsinck & Co.
1922	França	Sem identificação
1922	Itália	F. Frisoni
1922	França	Bruel & Co.
1922	França	J. Carpentier
1923	Estados Unidos da América	<u>United States Steel Products Company</u>
1923	França	Casa Dunod
1923	Inglaterra	Cook[e], Traughton & Simms
1923	França	J. Dreyfus & Flachefeld
1923	Alemanha	Bruel & Co.
1923	Brasil / USA	Byington & Cia / General Electric Cia
1923	Brasil	Pestana & Cia
1923	Inglaterra	Cook, Traughton & Simms
1923	Inglaterra	Cook, Traughton & Simms
1923	França	Emile Blanchard
1924	Brasil	Ignácio Mesquita
1924	França / Inglaterra	Emile Blanchard / Cook, Throughton & Simms Ltd
1924	Estados Unidos da América	The W. S. Tyler Co.
1924	Inglaterra	Cooke, Troughton & Simms Ltd
1924	França	Emile Blanchard
1924	Brasil	Companhia Brasileira de Electricidade Siemens - Schuckert S. A.
1924	Brasil	Cesar Lacerda
1924	França	Emile Blanchard
1925	Estados Unidos da América	W. S. Tyler Co.
1925	Sem identificação	Eduardo Berringner
1925	Brasil	Rita de Miranda
1925	França	Emile Blanchard
1925	Brasil	B. Silva do Valle
1925	França	Casa Ph. Pellin & Fils
1925	Brasil	Aladino Divani
1925	São Paulo	Emile Blanchard
1925	Estados Unidos da América	Antônio Carlos Cardoso (solicitante)
1926	Sem identificação	José Galeani
1926	Sem identificação	Victorino Aquilini
1926	Estados Unidos da América	The Chase National Bank
1926	Brasil	Aurelio Becherini
1926	França	J. Dreyfus & Flachefeld
1926	Brasil	Sociedade Com. E Ind. Suissa no Brasil
1926	Brasil	J. Vaz Guimarães
1926	Estados Unidos da América	Leeds & Northruo Co.
1926	Estados Unidos da América	Ultramares Corporation de New York
1926	Brasil	Sociedade Com. E Ind. Suissa no Brasil
1926	Estados Unidos da América	Weston Electrical Instrument Corp.

1926	Brasil	J. Vaz Guimarães & Comp.
1926	Sem identificação	Esther Dobici
1926	Estados Unidos da América	The H. W. Wilson Company / General Electric Review / Thomas Nelson & Sons
1926	Brasil	Sociedade Com. E Ind. Suissa no Brasil
1926	Brasil	J. Vaz Guimaraes & Cia.
1926	Brasil	J. Vaz Guimaraes & Cia.
1926	América do Sul	Sem identificação
1926	Estados Unidos da América	Sem identificação
1927	Brasil	J. Vaz Guimarães & Cia.
1927	Brasil	J. Vaz Guimaraes & Cia.
1927	Estados Unidos da América	International General Electric Company
1927	França	A. da Cruz
1927	Brasil	J. Vaz Guimarães & Cia.
1927	Brasil	Sociedade Com. E Ind. Suissa no Brasil
1927	França	Louis Blanchard
1927	Brasil	Sem identificação
1927	Estados Unidos da América	Superintendent of Documents-Bureau of Standards
1927	Estados Unidos da América	The N. S. Tyler Company
1927	Brasil	Sociedade Com. E Ind. Suissa no Brasil
1927	Brasil	Sem identificação
1927	Sem identificação	The W. S. Tyler Co.
1927	França	Louis Blanchard
1927	Brasil	J. Vaz Guimarães & Cia.
1927	Brasil	J. Vaz Guimarães & Cia.
1927	Brasil	J. Vaz Guimarães & Cia.
1927	Brasil	J. Vaz Guimarães & Cia.
1927	Brasil	J. Vaz Guimarães & Cia.
1927	Brasil	J. Vaz Guimarães & Cia.
1927	Brasil	J. Vaz Guimaraes & Cia.
1927	Brasil	J. Vaz Guimaraes & Cia.
1927	Brasil	La Filotechnica Salmoirachi
1928	Sem identificação	Sem identificação
1928	Brasil	Dr. A. Luis dos Santos
1928	Brasil	Devamber
1928	França	Louis Blanchard
1928	Brasil	São Paulo Railway Cia
1928	Alemanha	Jacky, Maeder & Co. / Alfred J. Amsler & Co.
1928	Sem identificação	Cartas
1929	Sem identificação	Rita de Miranda
1929	Brasil	EDC
1929	França	Louis Blanchard
1929	Sem identificação	Sem identificação
1930	Brasil	Fábrica de Cal
1930	Brasil	Ernesto de Castro & Cia.
1930	Sem identificação	International General Electric
1930	Estados Unidos da América	The National City Bank of New York
1931	Brasil	Fábrica de Cal
1931	Brasil	J. Vaz Guimarães
1931	Brasil	Fábrica de Cal

1932	Brasil	Fábrica de Cal
1932	Brasil	Fábrica de Cal
1932	Brasil	Engenheiro Hacker & Cia.
1933	Estados Unidos da América	McGraw-Hill Publishing Co., Inc.
1933	Brasil	Fábrica de Cal
1933	Brasil	Fábrica de Cal

**APÊNDICE C - Sistematização das Atas de constituição das empresas relacionadas a Ernesto
Dias de Castro**

Fonte: DOU, DOESP, JUCESP, ATJSP, Correio Paulistano, Correio da Manhã, Correio de São Paulo, Relatórios do Ministério da Fazenda.

EMPRESA/ CIA.	ABERTURA	INGRESSO	CARGOS OCUPADOS	FONTE
Ernesto de Castro & Cia.	1903	1903	Diretoria	JUCESP
Empresa de Melhoramentos Urbanos	1908	1908	Acionista	DOESP
Empresa de Eletricidade de Avaré / Valle Castro & Comp.	1908	1908	Diretor	DOESP
Empresa de Força e Luz de Araraquara	1909	1909	Acionista	DOESP
Tranquilidade Sociedade Mútua de Pecúlio e Garantia de Capital	1909	1909	Acionista	Relatórios do Ministério da Fazenda
Empresa Editora do "Comercio de São Paulo"	1910	1910	Acionista	DOESP
Companhia Progresso Industrial	1910	1910	Diretor	DOESP
Empresa de Águas e Esgotos de Mogi das Cruzes	1910	1910	Acionista	DOESP
Empresa de Eletricidade São Paulo e Rio	1911	1911	Acionista	DOESP/JUCESP
Fábrica de Tecidos Santa Irinéa	1912	1912	Acionista	DOESP
Companhia Força e Luz de Itápolis e Ibitinga / Companhia Paulista de Energia Elétrica	1912	1912	Vice-presidente	DOESP
Companhia Suburbana Paulista	1912	1912	Acionista	DOESP/JUCESP
Companhia Agrícola e Industrial de Ubatuba	1913	1913	Diretor	DOESP
Companhia Iniciadora Predial	1908	1916	Acionista	Inventário/DOESP/JUCESP
Empresa Tração, Luz e Força da Paraíba do Norte	1912	1920	Acionista	DOESP
Banco de Crédito Popular Agrícola e Pecuário	1919	1920	Acionista	DOESP/JUCESP
Companhia Engenho Central de Porto Real	1920	1920	Acionista	DOU/Correio Paulistano
Companhia Melhoramentos da Ilha do Governador	1921	1921	Conselho	DOU/Correio da Manhã
Companhia Agrária Paulista	1922	1922	Presidente	DOESP/JUCESP
Armando Cardoso & Comp.	Não identificado	1922	Sócio	DOESP
Empresa Luz e Força Elétrica de Tietê	1909	1923	Conselho Fiscal	DOESP
Empresa Hidroelétrica da Serra da Bocaina	1911	1923	Acionista	DOESP/JUCESP

Empresa Territorial Paranaguá	1923	1923	Conselho Fiscal	DOESP/JUCESP
Sociedade Anônima Planalto Central de Goiás	1924	1923	Vice-presidente	DOESP/Correio Paulistano
Companhia Territorial da Ilha do Governador	1923	1923	Presidente	DOU
Sociedade Paulista de Cimentos Portland S/A	1924	1924	Acionista	DOESP
Banco do Comércio e Indústria de São Paulo	1889*	1924	Acionista	DOESP/ Inventario
Sociedade Anônima Tecelagem Taubaté	1925	1925	Acionista	DOESP/JUCESP
Sociedade Civil Vila Taquara	1926	1926	Acionista	DOESP
Sociedade Civil Parque São Vicente	1927	1927	Diretoria	DOESP
Empresa Luz e Força de Capivari	1910	1928	Conselho Fiscal	DOESP/JUCESP
Companhia Brasileira de Concreto Centrifugado - "Hume"	1928	1928	Diretor	DOESP/JUCESP
Empresa de Água e Esgotos de Rio Claro	1901*	1928	Conselho Fiscal	DOESP
Companhia Cerâmica Vila Prudente	1910	1929	Acionista	DOESP/JUCESP
Sociedade Anônima Imobiliária Ramos de Azevedo	1929	1929	Diretoria	DOESP/JUCESP
Sociedade Anônima Tecelagem de Seda Ítalo Brasileira	1907	1930	Acionista	DOESP
Companhia Luz e Força Tatuí	1915	1932	Conselho Fiscal	DOESP/JUCESP
Lar Nacional S.A.	1933	1933	Diretoria	DOESP/ Correio de São Paulo/ JUCESP
Companhia Paulista de Seguros Marítimos e Terrestres / Companhia Paulista de Seguros	1906	1934	Conselho Fiscal	Inventário/DOESP
Banco Mercantil S.A.	1938	1938	Diretor	JUCESP / Inventário
Armazéns Gerais Santa Cruz S.A.	1939	1939	Acionista	JUCESP / Inventário
Banco Comercial do Estado de São Paulo	1912	1941	Acionista	Inventário/DOESP/JUCESP
Banco de Itu S.A.	1924	1941	Conselho Fiscal	DOESP/JUCESP
Companhia Territorial de Osasco	1926	1941	Presidente	DOESP/JUCESP
Companhia Siderúrgica Nacional	1941	1941	Acionista	DOU
Companhia Auxiliar da Lavoura e Comercio	1939	1943	Acionista	DOESP/JUCESP
Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo	1873	1943	Acionista	DOESP
Banco Paulista do Comercio S.A.	1942	1944	Acionista	Inventário / DOESP/ JUCESP

Companhia Brasileira de Material Ferroviário	1944	1944	Acionista	DOESP/Correio Paulistano
Companhia Agrária do Oeste	1944	1944	Presidente	DOESP/JUCESP
Companhia Mogiana de Estradas de Ferro	1872	1946	Acionista	DOESP
Banco da América	1943	1946	Acionista	JUCESP / Inventário
Azevedo, Miranda & Cia.*	1947	1947	Acionista	DOESP
Companhia Territorial de Peruíbe	1947	1947	Presidente	DOESP/JUCESP
Companhia Brasileira de Medidores	1946	1948	Acionista	DOESP/JUCESP
Companhia Imobiliária Paulista	1945	1949	Acionista	Inventário/ JUCESP/ DOESP
Industria e Comercio de Adubos e Forragens SA ICAF	1948	1949	Acionista	DOESP/JUCESP
Sociedade Anônima Cotonifício Adelina	1924	1953	Acionista	DOESP/JUCESP
"A Marítima" Companhia de Seguros Gerais	1944	1953	Acionista	Inventário/JUCESP/ DOESP
Companhia Melhoramentos Norte do Paraná	1951	1953	Acionista	Inventário / DOESP
Instituto de Pesquisas Científicas São Paulo S/A	1953	1953	Acionista	DOESP/JUCESP
Cia. S/A Auto-Estradas	1927	Não Identificado	Acionista	Inventário/ DOESP
Banco Itaú / Banco Central de Crédito S.A.	1943	Não Identificado	Acionista	Inventário
Banco da Cidade do Rio de Janeiro	1943	Não Identificado	Acionista	Inventário/ Correio da Manhã
Companhia Imobiliária e Financeira - CIF	1944	Não Identificado	Acionista	Inventário/JUCESP
Empresa Folha da Manhã	1945	Não Identificado	Acionista	Inventário/JUCESP
Companhia Agrícola Usina Jacarezinho	1946	Não Identificado	Acionista	InventárioJUCESP
Companhia de Cimento Portland Maringá	1946	Não Identificado	Acionista	Inventário/JUCESP
Companhia Pan-América, Hotéis e Turismo (COPAN)	1951	Não Identificado	Acionista	Inventário/JUCESP
Companhia Mercantil de Administração	1952	Não Identificado	Acionista	Inventário/DOESP/JUCESP
Indústrias Mecânicas Agrícolas Nacionais - IMAN	Não identificado	Não Identificado	Acionista	Correio Paulistano

ANEXO(S)

ANEXO A – Escritura da Residência situada a Avenida Paulista, 37.

Fonte: 11º Tabelião de Notas de São Paulo – SP.

Página 1 de 4

11º TABELIÃO DE NOTAS
SÃO PAULO - SP
COMARCA DE SÃO PAULO
PAULO AUGUSTO RODRIGUES CRUZ

11º TABELIÃO
SÃO PAULO
Paulo Augusto Rodrigues Cruz
Tabelião
Everaldo Cruz Luz
Ricardo de Menezes Vigiário
Substitutos

C=E=R=T=I=D=Ã=O

O Doutor Paulo Augusto Rodrigues Cruz, Tabelião do 11º Cartório de Notas desta Cidade e Comarca de São Paulo, Capital do Estado do mesmo nome, da República Federativa do Brasil, na forma da Lei, certifica a pedido de parte interessada, que revendo no cartório a seu cargo os livros de notas nele existentes, deles no de número, **006** às folhas, **047 verso** verificou constar à escritura do teor seguinte: **ESCRITURA DE VENDA E COMPRA. Rs. 50:000\$000.**

SAIBAM quantos esta escriptura virem que no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil novecentos e trese , aos oito dias do mez de Abril, nesta Cidade de São Paulo, em meu Cartório, perante mim Tabellião, compareceram partes entre si justas e contractadas a saber:- como outorgantes vendedores Doutor FRANCISCO DE PAULA RAMOS DE AZEVEDO e sua mulher Dona EUGENIA LACAZE DE AZEVEDO, proprietários, com annuencia de seus filhos e como FRANCISCO DE PAULA RAMOS DE AZEVEDO FILHO, solteiro, Dona LAURA DE AZEVEDO VILLARES, casada com o Doutor OSVALDO DUMONT VILLARES, todos maiores, e como outorgado comprador o Doutor ERNESTO PIAS DE CASTRO, proprietários e domiciliados nesta Capital, meus conhecidos e das testemunhas adiante nomeadas e assignadas; do que dou fé. E, em presença das testemunhas, pelos outorgantes Doutor Francisco de Paula Ramos de Azevedo e sua mulher me foi dito que mediante a quantia certa e ajustada de cinquenta contos de reis (Rs. 50:000\$000) que de seu genro o outorgado, neste acto recebeu em moeda corrente nacional, contaram e verificaram a sua exatidão, pelo que lhe dão plena e geral quitação de pagos e satisfeitos para não mais repetirem com fundamento nesta escriptura, pela presente vendem, como effectivamente vendido tem ao dito outorgado Doutor Ernesto Pias de Castro, livre e desembaraçado de quaisquer ônus ou Hypothecas mesmo legaes um terreno sito á **AVENIDA PAULISTA**, próximo ao Largo Rio Branco, Freguesia da Consolação, desta Cidade e Comarca, medindo de frente cinquenta metros (50ms) por cento e vinte (120) ditos da frente aos fundos, confinando de um lado com propriedades que é ou foi de Eugenio Corrêa Galvão, de outro com immovel que foi do Doutor Margarido e pelos fundos com a rua Quarta firmada na planta dos terrenos, archivada na Cartório do terceiro tabellião desta Capital, e os outorgantes houveram dito terreno por compra a Paulo Pias de Azevedo e sua mulher, conforme escriptura

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
VALIDO EM TODOS TERRITÓRIOS NACIONAIS - QUALQUER AUTENTICAÇÃO, FASSICA OU ELETRONICA - VALIDADA ESTE DOCUMENTO

Brasão Nacional
Instituto Interamericano de Registro de Imóveis
Fundado em 1958

R Domingos De Moraes 1062 VI Mariana - São Paulo - SP
Fone: 11-5085-5755 Fax: 11-5575-5672




REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
Estado de São Paulo



Página 2 de 4


lavrada em notas do Quarto tabellião desta Cidade, a onze de novembro de mil novecentos e sete e devidamente transcripto no Registro Hypothecario competente, sob numero de ordem 47.156; que, desde já cedem e transferem ao comprador, toda posse, jus, domínio, direitos e acções que exerciam sobre o terreno descripto e ora vendido para que delle passa o outorgado usar, gosar ou livremente dispor como seu que fica sendo de hoje para sempre, obrigando-se elles outorgantes por si seus herdeiros ou sucessores a em todo o tempo que duvida haja, fazer boa, firme e valiosa a presente venda respondendo pela evicção quando chamados a autoria. Presentes a este acto Francisco de Paula Ramos de Azevedo Filho e Dona Laura de Azevedo Villares, assistida de seu marido Doutor Arnaldo Dumont Villares, filhos e genro dos outorgantes, meus conhecidos e das testemunhas adiante nomeadas perante as quaes, por eles me foi dito que consentem na venda feita pelos outorgantes Doutor Francisco de Paula Ramos de Azevedo e sua mulher, seus paes e sogros promettendo a todo tempo de sua parte fazer boa, firme e valiosa a presente escriptura de venda e compra desistindo como desistem de quaisquer direitos relativos ao imóvel vendido. Pelo comprador foi dito ante as testemunhas, que aceitava esta escriptura em seus expressos termos e apresentou-me o conhecimento fiscal seguinte:- Nº 62. Estado de São Paulo. Exercício de 1913. Imposto de transmissão e transcrição. Rs. 3:355\$000. A fls. Do Livro Caixa, fica debitado o Administrador Thesoureiro desta Recebedoria pela quantia de Rs. 3:355\$000 recebida do Dr. Ernesto Pias de Castro, 6% de adicional e 1/10% de adicional, sobre Rs. 50:000\$000 para compra de Dr. Francisco de Paula Ramos de Azevedo e sua mulher, um terreno a Avenida Paulista medindo 50ms de frente, Capital. 11º Tabellião. Recebedoria de Rendas da Capital do Estado de São Paulo, 7 de Abril de 1913. Pelo Administrador Thesoureiro, A. J. Tavares Rodovalho. O Escripturario, Jorge Azevedo. De como assim disseram, dou fé; pediram-me e eu lhes lavrei esta escriptura a mim distribuída, a qual feita, lhes li e as testemunhas presentes acceitaram por achala conforme, outorgaram e assignam com essas testemunhas que são:- Adamastor de Lacerda Ortiz e Fernando da Silveira Mello, reconhecidos de mim Tabellião. Eu, Julio da Conceição Bastos, ajudante habilitado, que a escrevi. Eu, A. Gabriel da Veiga, tabellião a subscrevo. **(ass:)**
/// /// FRANCISCO DE PAULA RAMOS DE AZEVEDO /// /// EUGENIA LACAZE DE AZEVEDO /// /// FRANCISCO DE PAULA RAMOS DE AZEVEDO FILHO /// /// LAURA DE AZEVEDO VILLARES /// /// OSVALDO DUMONT VILLARES /// /// ERNESTO PIAS DE CASTRO /// /// ADAMASTOR DE LACERDA ORTIZ /// /// FERNANDO DA SILVEIRA MELLO /// ///. Emolumentos Desta, R\$42,17; ao Estado, R\$11,98; Carteira das Serventias, R\$8,20; Registro Civil, R\$2,22; Tribunal de Justiça, R\$2,89; Santa Casa, R\$0,42; Ministério Público, R\$2,02; Imposto do Município, R\$0,90; Total, R\$70,80. Devidamente selada. Nada mais. Era o que se continha em dita



Página 3 de 4

**11º TABELIÃO DE NOTAS
SÃO PAULO - SP
COMARCA DE SÃO PAULO
PAULO AUGUSTO RODRIGUES CRUZ**



escritura, da qual bem e fielmente fiz extrair a presente certidão, que vai a tudo conforme ao seu próprio original, ao qual me reporto e dou fé. **SÃO PAULO, 16 DE FEVEREIRO DE 2021.** Eu,  **(VAGNER CARRETERO)**, escrevente, a datilografei e conferi. Eu, Ricardo de Medeiros Vigário Substituto subscrevo e assino.





Código do Selo Digital: 1144541CE000150950001P21N

R\$ 70,80

Para conferir a procedência deste documento efetue a leitura do QR Code impresso ou acesse o endereço eletrônico <https://selodigital.tjsp.jus.br>

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

VALIDO EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL - QUALQUER AÇÃO, PRESSUPOSTO OU FUNDADA, INCLUSIVE ESTE DOCUMENTO



União Interacional
de Notários Latino
Americanos (União em 1940)



R Domingos De Moraes 1062 VI Mariana - São Paulo - SP
Fone: 11-5085-5755 Fax: 11-5575-5672

ANEXO B - Imóvel situada a Alameda Barão de Limeira, 486 e 500, provável localização da Ernesto de Castro S/A. – Comercial e Importadora após transferência da Rua Boa Vista.

Fonte: Google Maps, 2010.

